

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Vander Vieira de Resende

EM BUSCA DE UM LUGAR: narrativas de deslocamentos e re-localizações, nos romances *Rakushisha*, *Azul corvo* e *Hanói*, de Adriana Lisboa

Belo Horizonte/MG
2020

VANDER VIEIRA DE RESENDE

EM BUSCA DE UM LUGAR: narrativas de deslocamentos e re-localizações, nos romances *Rakushisha*, *Azul corvo* e *Hanói*, de Adriana Lisboa

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de Concentração: Literatura Brasileira

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Zilda Ferreira Cury

Belo Horizonte/MG
2020

Resende, Vander Vieira de.

L769r.Yr-e Em busca de um lugar [manuscrito] : narrativas de deslocamentos e re-localizações, nos romances *Rakushisha*, *Azul corvo* e *Hanói*, de Adriana Lisboa / Vander Vieira de Resende. – 2020.

192 f., enc.

Orientadora: Maria Zilda Ferreira Cury.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 169-188.

Anexos: f. 189-191.

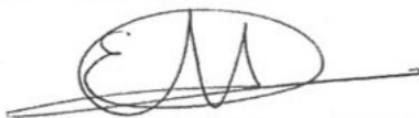
1. Lisboa, Adriana, 1970- – *Rakushisha* – Crítica e interpretação – Teses. 2. Lisboa, Adriana, 1970- – *Azul corvo* – Crítica e interpretação – Teses. 3. Lisboa, Adriana, 1970- – *Hanói* – Crítica e interpretação – Teses. 4. Ficção brasileira – História e crítica – Teses. 5. Diáspora na literatura – Teses. 6. Espaço e tempo na literatura – Teses. I. Cury, Maria Zilda Ferreira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

Tese intitulada *Em busca de um lugar: narrativas de deslocamentos e re-localizações, nos romances Rakushiba, Azul corvo e Hanói, de Adriana Lisboa*, de autoria do Doutorando VANDER VIEIRA DE RESENDE, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, via videoconferência, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras: Estudos Literários.

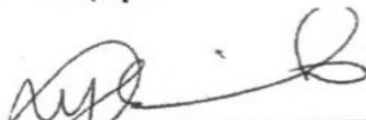
Área de Concentração: Literatura Brasileira/Doutorado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

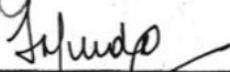
Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



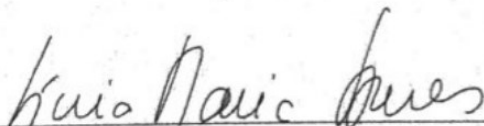
Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen (Representante da orientadora) - FALE/UFMG



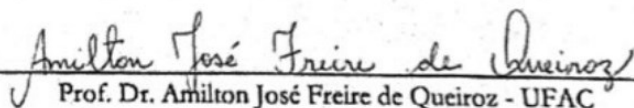
Prof. Dra. Ryslei de Souza Nascimento - FALE/UFMG



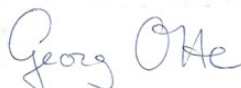
Prof. Dra. Sandra Regina Goulart Almeida - FALE/UFMG



Prof. Dra. Gínia Maria de Oliveira Gomes - UFRGS



Prof. Dr. Amilton José Freire de Queiroz - UFAC



Prof. Dr. Georg Otte

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 21 de agosto de 2020.

À Mirian Cristina Santos,
À Dona Alzira e ao Seu Mateus (*in memoriam*)
Ao Gabriel

AGRADECIMENTOS

À Maria Zilda Ferreira Cury, por toda a paciência, orientação e incentivo;

Aos colegas e professores do Pós-Lit;

À Lyslei de Souza Nascimento e ao Amilton José Freire de Queiroz, pela participação na Banca de Qualificação e por tantos conselhos essenciais;

Aos amigos e companheiros que ganhei e, principalmente, perdi;

Aos meus pais que aceitaram o deslocamento, mesmo que não;

À Mirian, sobretudo, que, quase sempre, fez de conta que compreendia a insônia, o mau humor, o não querer falar ou conversar a respeito.

Ora, se Lévi-Strauss, melhor do que qualquer outro, fez aparecer o jogo da repetição e a repetição do jogo, nem por isso se deixa de perceber nele uma espécie de ética da presença, de nostalgia da origem, da inocência arcaica e natural, de uma pureza da presença e da presença a si na palavra; ética, nostalgia e mesmo remorso que muitas vezes apresenta como a motivação do projeto etnológico quando se dirige a sociedades arcaicas, isto é, a seus olhos, exemplares. Esses textos são bem conhecidos (Jacques Derrida, “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”).

No quarto escuro, Celina via pela janela o céu cada vez mais escuro, lembrava-se de um poema de que falava de azul-corvo, essa cor que agora parecia ganhar em veludo o céu do último dia. Apocalipse prescindindo de cavaleiros, de qualquer grandiosidade bíblica (Adriana Lisboa, *Rakushisha*, 2007).

Life is good.

Enquanto isso, os moluscos do mar de Copacabana silenciavam o mundo dentro de suas conchas azul corvo. E os corvos sobrevoavam a cidade de Lakewood, Colorado. Os corvos azul concha (Adriana Lisboa, *Azul corvo*, 2010, grifos da autora).

Um dos poemas de Marianne Moore me sugeriu o título. Depois, certas coisas no romance se encaixaram em torno dele. Os corvos são uma marca do lugar e há conchas da cor dos corvos no mar de Copacabana. São dois símbolos que fazem a ponte afetiva de Vanja entre um ponto e outro. Fala-se também dos corvos da ditadura, e o fato de o corvo andar ou não em bando, dependendo da espécie, reflete como os personagens se relacionam. O título faz uma costura sutil do romance (Adriana Lisboa, 2011).

David iniciou, nessa viagem, uma coleção de conchas que não iria para a frente. Sempre que olhava para as conchas nos anos seguintes, aquela coleção guardada num vidro transparente lhe parecia uma tentativa de começar a ser algo inteiramente contrário à sua natureza ou as possibilidades da sua vida. Era um blefe. Mas as conchas mesmo assim eram bonitas. Aquelas genuínas conchas do mar. Mesmo que no fundo contassem mentiras [...], em meio a outros refugos do seu passado (Adriana Lisboa, *Hanói*, 2013).

Resumo

Deslocamentos para fora da nação têm representado uma temática constante na literatura brasileira. Ampliada nas duas primeiras décadas do século XXI, a representação de partidas do Brasil tem se relacionado ao recrudescimento da globalização, à crise da nação, à fragmentação de identidades e aos descentramentos de subjetividades. Para analisar a complexidade de tal vertente da literatura brasileira, nesta tese escolheram-se narrativas da escritora contemporânea Adriana Lisboa – *Rakushisha* (2007), *Azul corvo* (2010), *Hanói* (2013). O objetivo é investigar peculiaridades desses três romances quanto à representação de personagens a vivenciar deslocamentos espaciais, nacionais, linguísticos, identitários, culturais, sociais, subjetivos, afetivos, temas caros aos chamados estudos culturais, com atenção em teóricos como Sandra Almeida, Zygmunt Bauman, Homi Bhabha, Maria Zilda Cury, Stuart Hall, Gilles Lipovetsky, Silviano Santiago e outros. Destaque-se a originalidade da produção de Adriana Lisboa no tratamento dado a essas narrativas de deslocamentos: a permanência da nação em um tempo tido como pós-nacional; a presença de fronteiras geoculturais em um pretense *mundo sem fronteiras*; a hostilidade em relação a sujeitos deslocados; a resistência à hibridação cultural; os trânsitos preferenciais para cidades não-globais; a hospitalidade, solidariedade e amizade entre deslocados, em contexto de hiper-individualismo; o anseio pelo retorno a uma família nuclear; e a reiterada busca de um lugar. Em meio a esses aspectos ambivalentes, considera-se que, embora essas sejam narrativas de descentramentos e deslocamentos, elas são, ao mesmo tempo, narrativas de *re-centramentos* e de *re-localizações*. Em um contexto globalizado, considerado como instável, líquido, de esvaziamento de sentidos e de perdas de referências, *Rakushisha*, *Azul corvo* e *Hanói* configuram uma poética de deslocamentos e *re-localizações* em que personagens deslocadas na nação (de) partida buscam um lugar de estabilidade e segurança para se *re-localizarem*.

Palavras-Chave: Adriana Lisboa, Deslocamentos, *Re-localizações*, Nação, Literatura Brasileira

Abstract

Displacements outside of the nation have represented a constant theme in Brazilian literature. Expanded in the first two decades of the 21st century, the representation of departures from Brazil has been related to the recrudescence of globalization, the crisis of the nation, the fragmentation of identities and the decentering of subjectivities. To analyze the complexity of such a strand of Brazilian literature, in this thesis were chosen narratives by contemporary writer Adriana Lisboa – *Rakushisha* (2007), *Azul corvo* (2010), *Hanoi* (2013). The objective is to investigate the peculiarities of these three novels regarding the representation of characters experiencing spatial, national, linguistic, identity, cultural, social, subjective, affective, displacements, themes dear to the so-called cultural studies, privileging theorists such as Sandra Almeida, Zygmunt Bauman, Homi Bhabha, Maria Zilda Cury, Stuart Hall, Gilles Lipovetsky, Silviano Santiago and others. We highlight the originality of Adriana Lisboa's production in the treatment given to these displacements narratives: the permanence of the nation in a time considered to be post-national; the presence of geocultural borders in a so-called *world without borders*; hostility towards displaced subjects; resistance to cultural hybridity; preferential transit to non-global cities; hospitality, solidarity and friendship among displaced subjects, in a context of hyper-individualism; the yearning for a return to a nuclear family; and the reiterated search for a place. In the midst of these ambivalent aspects, it is considered that although these are narratives of de-centering and displacements, they are, at the same time, narratives of *re-centerings* and *re-placements*. In a globalized context, considered as unstable, liquid, of emptying of meanings and loss of references, *Rakushisha*, *Azul Corvo* and *Hanói* configure a poetics of dislocation and *re-locations* in which characters dislocated in the departed nation seek a place of stability and security to *re-placed* themselves.

Keywords: Adriana Lisboa, Displacements, *Re-placements*, Nation, Brazilian Literature

SUMÁRIO

1 – DESLOCADOS EM BUSCA DE UM LUGAR.....	10
1.1 Uma biografia em construção	12
1.2 Fortuna crítica em deslocamento.....	14
2 – NARRATIVAS DE DESLOCAMENTOS E A NAÇÃO (DE) PARTIDA.....	27
2.1 Deslocamentos e a série literária.....	33
2.2 Nação de partida.....	43
2.3 Nação partida	60
2.4 A permanência da nação em um tempo pós-nacional	80
3 – UM LUGAR ENTRE IGUAIS: FRONTEIRAS E RE-LOCALIZAÇÕES.....	83
3.1 Um mundo “com” fronteiras	84
3.2 De <i>lugar nenhum</i> para um <i>novo lugar</i> : re-localizações culturais.....	95
3.3 Um lugar entre iguais: resistência aos deslocados e à hibridação	114
4 – UM LUGAR ENTRE DIFERENTES: CIDADE NÃO-GLOBAL E REDES AFETIVAS.....	123
4.1 Sujeitos em deslocamentos e em re-localizações	123
4.2 Cidade não-global e a busca de um lugar.....	127
4.3 Famílias heterodoxas e redes afetivas: um lugar entre diferentes	137
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS: NARRATIVAS DE DESLOCAMENTOS E RE-LOCALIZAÇÕES.....	155
REFERÊNCIAS	169
Referências Literárias: Adriana Lisboa.....	169
Referências Literárias: Outras	169
Referências Gerais	172
Outras referências.....	182
Referências: Fortuna Crítica sobre Adriana Lisboa	183
ANEXOS	189
Anexo A: Referências de Entrevistas de Adriana Lisboa	189
Anexo B: Referências - Resenhas críticas não-especializadas, blogs e apresentações	191

1 – DESLOCADOS EM BUSCA DE UM LUGAR

[...] viajam em busca de um lugar que não existe (PIRES, 2014, p. 400).

Uma crítica não consiste em dizer que as coisas não são bem como são. Ela consiste em ver em que tipos de evidências, de familiaridades, de modos de pensamentos adquiridos e não refletidos repousam as práticas que aceitamos (FOUCAULT apud SANTOS, 2016).

A representação de deslocamentos para fora da nação tem sido uma constante na literatura brasileira. Tais representações podem ser identificadas em menor grau desde séculos passados, em romances de escritores românticos como José de Alencar, naturalistas como Aluísio de Azevedo, realistas como Machado de Assis, modernistas como Oswald de Andrade. Elas ampliam-se nas narrativas dos anos 1970 e explodem em grande número na ficção contemporânea. Nessas obras, personagens se deslocam como viajantes, estudantes (tantos deles herdeiros perdulários de famílias de cabedais), turistas, exilados, emigrantes, expatriados, cosmopolitas ricos e até mesmo, nas últimas décadas, pobres. Consequentemente, distinguem-se, nesses deslocamentos peculiaridades de contextos históricos, ideológicos e culturais, conforme tipos diversos de mobilidades internacionais.

Nas duas primeiras décadas do século XXI, houve uma ampliação quantitativa bastante expressiva da representação de trânsitos associados ao recrudescimento da globalização, à crise da nação, à fragmentação das identidades culturais e aos descentramentos de sujeitos. Conforme Zolin (2018), entre 88 romances escritos por mulheres¹, de 2000 a 2015, nada menos que 21 deles, ou seja quase 25%, representavam personagens, sobretudo femininas, a deslocar-se para fora das fronteiras nacionais. São tantas essas narrativas que muitos críticos chegam a definir as representações de personagens brasileiras deslocadas pelo globo como uma nova vertente da literatura brasileira, então denominada, *narrativas de deslocamento* (BRASILEIRO, 2014) ou, até mesmo, como *literatura de emigração* (PIRES, 2014). Assim, mesmo que encontrados desde o século XIX, houve um aumento considerável do número de representações de deslocamentos para fora do Brasil nas últimas décadas, como serão analisados nos próximos capítulos.

¹ Embora extenso, Zolin restringe seu *corpus* a romances publicados, apenas, em três grandes editoras: Cia das Letras, Rocco e Record.

Quanto a análises dessas narrativas, baseiam-se em uma pluralidade de conceitos como sujeitos descentrados, identidades culturais fragmentadas, condição pós-moderna, globalização, mundo sem fronteiras, zonas de contato, cosmopolitismo do pobre, elogio da hibridação e da tradução cultural, diáspora, não-lugares e cidades-globais, hiperindividualismo contemporâneo, *liquidez* nas relações afetivas. Caros aos estudos literários e à literatura comparada, esses conceitos têm sido empregados massivamente para analisar narrativas brasileiras contemporâneas com base em teóricos como Sandra Almeida, Marc Augé, Zygmunt Bauman Homi Bhabha, Avtar Brah, Nestor Garcia-Canclini, Maria Zilda Cury, Stuart Hall, David Harvey, Gilles Lipovetsky, Mary Louise Pratt, Silviano Santiago, Saskia Sassen, que, há décadas, ponderam acerca de paradoxos da contemporaneidade.

Diante de tantas possibilidades, recorre-se, nesta tese, aos seguintes romances da escritora contemporânea Adriana Lisboa: *Rakushisha* (2014 [2007])²; *Azul corvo* (2014 [2010]); *Hanói* (2013). Essas narrativas possibilitam analisar representações de consequências sociais e culturais, tantas vezes nefastas, das mobilidades e trânsitos globais contemporâneos, em termos tanto subjetivos, quanto identitários. Ademais, de modos diversos, essas narrativas podem flagrar complexos processos de deslocamentos (espaciais, identitários, afetivos) e tipos (viagem, turismo, exílio, expatriação, emigração), em múltiplos espaços, tempos e vozes. Além do mais, elas representam personagens que, inicialmente, seriam paradigmáticos da condição contemporânea expressa naquelas denominadas *narrativas de deslocamento*: sujeitos deslocados fora de suas nações, vivenciando, tantas vezes, a falência das relações familiares e comunitárias, em meio a conflitos subjetivos e identitários.

No entanto, há alguns aspectos diferenciais que nem sempre têm sido considerados pela maior parte de uma cada vez mais extensa fortuna crítica concernente aos romances de Adriana Lisboa, que constituiriam a originalidade da escritora no modo de lidar com deslocamentos e, sobretudo, com re-localizações. Daí a relevância de se empreender uma análise contrapontística desses romances de Lisboa que, acredita-se, destoarão de muitas leituras de teorias críticas e culturais hegemônicas na contemporaneidade.

² A primeira data diz respeito ao ano de publicação da versão analisada, enquanto a data entre colchetes refere-se ao ano da primeira edição da obra. Esse padrão será adotado, também, em relação a outros romances e textos acadêmicos, quando se julgar pertinente a referência ao ano da primeira edição.

Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo é investigar peculiaridades desses três romances em relação ao modo como representam as personagens a vivenciar deslocamentos espaciais, identitários, sociais, culturais, subjetivos e afetivos. Para isso, têm-se como objetivos específicos: analisar a permanência da nação, em um tempo tido como pós-nacional; investigar o reerguimento de fronteiras geográficas e culturais, em um pretense *mundo sem fronteiras*; examinar, em sociedades multiculturais, a intensificação da hostilidade quanto aos deslocados internacionais; averiguar qual o sentido de tantos deslocamentos rumo a cidades não-globais; escrutinar, em uma época em que tanto se destaca o hiperindividualismo narcisista, a ênfase na solidariedade entre deslocados; explorar o anseio por uma família nuclear tradicional, modelo há tanto tempo e tão recorrentemente dessacralizado. Cada um desses aspectos, articulados na tese, possibilita elaborar uma análise complexa da diferença dessas e nessas narrativas de Adriana Lisboa, em sua virada transnacional.

Assim, ao considerar-se os aspectos supracitados, pretende-se mostrar nesta tese que *Rakushisha*, *Azul corvo* e *Hanói* seriam narrativas de deslocamentos e de re-localizações em que personagens deslocadas na nação (de) partida estariam em busca de um lugar para se re-localizar.

1.1 Uma biografia em construção

Adriana Lisboa nasceu no Rio de Janeiro, em 1970³. Aos 18 anos, foi para a França, onde trabalhou como cantora de MPB. De volta ao Brasil, graduou-se em Música, pela Uni-Rio. Nos anos subsequentes, redirecionou sua carreira para o campo literário, como tradutora, ficcionista, acadêmica, professora e poeta.

De Emile Brontë, Margaret Atwood, José Lezama Lima e Maurice Blanchot, traduziu para o português romances, contos, poemas e textos teóricos. Iniciou-se na carreira de romancista em 1999, com *Os fios da Memória*. Dois anos depois, veio a lume *Sinfonia em Branco* (2001), com o qual foi aclamada, em 2003, com o conceituado Prêmio Saramago – um prêmio para jovens escritores, com menos de 35 anos, de países lusófonos (JOSESARAMAGO.ORG, 2019)⁴.

³ As informações dessa nota biográfica são provenientes, sobretudo, do site oficial da escritora: adrianalisboa.com, a não ser quando especificada outra fonte, proveniente de entrevistas, resenhas, análises críticas, sites de divulgação).

⁴ Prêmio concedido pela Fundação José Saramago.

Paralelamente às carreiras literária e de tradutora, fez mestrado em Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), defendendo, em 2002, a dissertação *Um beijo de colombina: diálogo com a poesia de Manuel Bandeira* (BRAUCKS, 2015, p. 17). Na verdade, um trabalho de ficção (LISBOA, 2011), que foi para o prelo como seu terceiro romance: *Um Beijo de Colombina* (2003). Em 2004, publicou o livro de minicontos *Caligrafias* e um conto homônimo na coletânea *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2004), organizada por Luiz Ruffato. Em 2005, lançou seu primeiro livro infanto-juvenil, *Língua de Trapo*, com o qual conquistou o prêmio de *autor revelação* da Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil (FNLIJ), que, desde 1968, laureia os principais autores da literatura infanto-juvenil brasileira (FNLIJ, 2006). No mesmo ano também recebeu o Prêmio Moinho Santista, pelo conjunto de sua produção romanesca. Posteriormente, recebeu uma bolsa de pesquisa pela Fundação Japão, que culminou em uma viagem de um mês naquele país e na tese de doutorado em Literatura Comparada, também pela UERJ, intitulada *O viajante – o diário de viagem Oku no Honomichi, de Matsuo Bashô* (BRAUCKS, op. cit.), de que emergiu *Rakushisha* (2007), outro trabalho acadêmico em forma de escrita criativa (LISBOA, 2011a). Destaque-se que tanto *Um Beijo de Colombina* quanto *Rakushisha* foram finalistas do prêmio Jabuti, na categoria romance (BRUNO, 2019b). Ainda em 2007, lançou dois outros livros: um infanto-juvenil, *Contos populares japoneses* (2007), e uma novela, *O coração para de bater* (2007). Três anos depois, publicou outro livro infanto-juvenil, *A sereia e o caçador de borboletas* (2010), e *Azul corvo* (2010), que foi finalista tanto do Prêmio São Paulo de Literatura quanto do Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura (AGÊNCIARIFF, 2011).

Além dos prêmios literários, ao longo de sua carreira, Lisboa recebeu bolsas de pesquisa e criação pela Fundação Biblioteca Nacional e Fundação Japão, no Brasil, Centre National du Livre, na França, e Nichinbunken, em Kioto (AGÊNCIARIFF, 2011). Ademais, desde que se tornou uma expatriada brasileira nos Estados Unidos (EUA), trabalhou como pesquisadora visitante na Universidade do Novo México e professora dos departamentos de português e espanhol da Universidade do Texas, em Austin, bem como escritora residente na Universidade de Chicago e na Universidade de Berkeley, na Califórnia.

Em meio a tantos deslocamentos, desde 2013, surgiram três livros de poesia, *Parte da Paisagem* (2014), *Pequena Música* (2018) e *Deriva* (2019), seu segundo livro de

contos, *O Sucesso* (2016), e, ainda, outro livro infanto-juvenil, *Um rei sem majestade* (2018), além de mais dois romances: *Hanói* (2013) e *Todos os Santos* (2019).

1.2 Fortuna crítica em deslocamento

A obra de Adriana Lisboa exibe uma extensa fortuna crítica, com dezenas de artigos, dissertações e teses, sobretudo a respeito de seus romances. Uma parte dessas análises será considerada neste trabalho, com foco nos romances *Rakushisha*, *Azul corvo* e *Hanói*, além de referências a outros de seus romances.

Maria Zilda Cury (2012a), por exemplo, em uma leitura comparativa de *Rakushisha* e *Tsubame*, da escritora canadense Aki Shimazaki, discute como a literatura migrante contemporânea se constitui como “expressão potente e [...] complexa de um Imaginário Movente” (CURY, 2012a, p. 20). Com ênfase em mobilidades e deslocamentos, Cury articula leituras de Marc Augé, Arjun Appadurai, Simon Harel, Doreen Massey, Avtar Brah, Walter Moser, e outros, para considerar o modo como a literatura migrante torna-se um espaço notável de *ficcionalizações identitárias*, mobilidades culturais e *transações da memória*. Tal literatura abarcaria, sobretudo, produções encenadas fora do país de origem das escritoras; temática centrada em questões relativas à imigração; encenação de processos complexos de desterritorialização. Assim, a partir dos romances *Rakushisha* e *Tsubame*, Cury teoriza uma literatura e uma *língua traduzida* que expressariam “espaços de interconexão e de aporias identitárias” (Op. Cit, p. 27).

Em uma reflexão específica acerca de *Rakushisha*, Ana Amélia Costa se propõe a empreender uma *leitura espacial* do romance. A autora se baseia em teorias desenvolvidas por Michel Foucault (conceitos como utopia, heterotopia⁵ e heterocronia), Michel De Certeau (*Invenção do cotidiano*), Marc Augé (supermodernidade, não-lugar e lugar antropológico – identitário, relacional e histórico⁶). Sobretudo ao baser-se em Augé,

⁵ A partir de Foucault, segundo Costa, seria a “utopia (modelo ideal) e a heterotopia (modelo real)” (COSTA, 2014, p. 352). Nesse sentido, a “heterotopia tem o poder de justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis” (FOUCAULT, 2006, p. 418, *apud* COSTA, 2014, p. 352).

⁶ Ainda segundo Costa: “Marc Augé explicita que emprega o termo ‘lugar’ não por oposição ao termo ‘espaço’, como o faz de Certeau, mas como “o lugar do sentido inscrito e simbolizado, o lugar antropológico” (AUGÉ, 1994, p. 76). Paralelamente, para Augé, “o termo ‘espaço’, em si mesmo, é mais

pretende fazer uma leitura que demonstre como os não-lugares em que transitam as personagens do romance possibilitariam, por meio da viagem e da escrita, a *reconstrução identitária* (COSTA, 2014, p. 356) da protagonista, mesmo que em condição de anonimato, solidão, silêncio.

Já Alessandra Valério e Regina Coeli Silva (2013) analisam uma seleção de quatro romances brasileiros contemporâneos que enfatizam mobilidades. Dois que se voltam às *raízes viajantes* para fora da nação, *Rakushisha* e *A chave de casa*, este, de Tatiana Salem Levy (2007). Os últimos que representam um *nomadismo imobilizador* dentro da nação. Assim, *O passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo (2011) passa-se em um bairro periférico de uma metrópole brasileira, e *Outra vida*, de Rodrigo Lacerda (2009), em uma rodoviária. Quanto à *Rakushisha* e *A chave de casa*, as autoras destacam que os ascendentes das protagonistas se deslocam em busca de melhores condições de vida e sobrevivência (imigração e exílio, respectivamente); já as protagonistas viajariam devido a perdas emocionais, crises identitárias e existenciais. Através da análise comparativa desses romances e da leitura de textos seminiais de Stuart Hall, Homi Bhabha e James Clifford, as autoras buscam “compreender a cultura contemporânea agenciada pelas perspectivas pós-coloniais e multiculturais” (VALÉRIO e SILVA, 2013, p. 101). Com base nessas perspectivas, as pesquisadoras concluem que os teóricos referenciados apontam uma interação produtiva “entre o *morar* e o *viajar*, entre as relações de trânsito e as permanências” (Op. cit., p. 119, grifos das autoras). Contudo, para as analistas, as quatro narrativas enfatizariam *apenas* os deslocamentos, tanto reais quanto metafóricos, sem uma devida atenção a questões relativas à fixidez, à moradia e ao enraizamento.

Em uma pesquisa de fôlego, Lúcia Zolin analisou 88 romances produzidos por mulheres no Brasil, entre 2000 e 2015. Em *Estratégias de subjetivação na ficção brasileira de mulheres* (2018), a pesquisadora examina como em 21 desses romances, entre os quais *Rakushisha* e *Azul corvo*, tematizam-se questões relacionadas a exílios, migrações e outros tipos de deslocamentos. Para isso, recorre a teóricos como Alexis Nouss, para investigar uma *condição exílica*, ou seja, a “sensação de estar fora do lugar, pisando com receio, muitas vezes, com assombro o território do ‘Outro’” (ZOLIN, 2018, p. 1, grifo da autora), e a Michel Maffezoli, para interpretar uma *pulsão da errância*⁷ (Op.

abstrato do que o de ‘lugar’, por cujo emprego referimo-nos, pelo menos, a um acontecimento (que ocorreu), a um mito (lugar-dito) ou a uma história (lugar histórico)” (1994, p. 77) (COSTA, 2014, p. 355, grifos do autor).

⁷ Segundo Zolin, em relação aos romances analisados, a “pulsão de errância, aqui tomada nos termos de

cit., p. 3). Zolin diferencia, então, romances produzidos por mulheres nos anos 1970 e 1990 dos publicados posteriormente ao ano 2000. Destaca que naqueles haveria uma representação heterogênea da condição oprimida da mulher e uma crítica da dominação masculina, com personagens femininas, na maioria das vezes, submissas e subservientes. Já na literatura mais recente, sobretudo naquela em que as personagens se deslocam para fora das fronteiras nacionais, na representação das mulheres a

pulsão de errância funciona como estratégia de afirmação de si como sujeitos de suas histórias, de modo que o deslocar-se nos parece sinalizar autonomia, agência, bem como capacidade de repudiar os confinamentos compulsórios de certos sistemas políticos, ideológicos e/ou familiares que aprisionam em nome de seus valores e de seus afetos (Op. cit., p. 3).

E diante do exposto, a autora considera que tanto Lisboa, em *Rakushisha*, quanto Tatiana Salem Levy, em *A chave de casa* (2007) representariam protagonistas femininas que, ao deslocarem-se, lançam-se “no mundo despersonalizado das metrópoles das multidões, da fragmentação e da descontinuidade [...]” (Op. cit., p. 9) e “acabam imersas em questionamentos acerca de si, de seus lugares e papéis no mundo” (Op. cit., p. 6). Nesse sentido, Zolin considera que desse contexto decorreria uma consciência ontológica, de ordem existencial, da *pulsão da errância* e da *condição exílica*. Algo que proporcionaria oportunidades de (re)construção identitária das personagens mediante estratégias de subjetivação marcadas pela autonomia e agência feminina.

Em uma perspectiva similar, Geniane Ferreira (2018) focaliza especificamente a representação de personagens femininas em *Azul corvo* e inclui Lisboa em uma *quarta onda* do movimento feminista no Brasil – isso a partir de teorizações, sobretudo, de Constância Lima Duarte. Na visão de Ferreira, um dos aspectos de destaque de *Azul corvo* seria que Adriana Lisboa não representa as mulheres a lutar contra a *dominação masculina*, mas em um contexto já dado de desconstrução de modelos binários e hierárquicos de gênero. Na sequência desse raciocínio, destaca que enquanto *atrizes de (suas) histórias* os conflitos que permeiam as experiências das personagens femininas na narrativa não seriam devido às suas condições de gênero, mas, sim, as “crises de identidade de nossa época (...) [e dos] sujeitos em si” (FERREIRA, 2018, p. 40), pois a ampla maioria das mulheres do romance construiriam seus próprios caminhos, ao

Michel Maffesoli (2001), é representada, com maior recorrência, como parte de um esforço de (re)construção identitária de suas protagonistas, flagradas em momentos de crise em que problematizam os valores estabelecidos, de ordem genealógica e/ou nacional, recebidos como espécies de heranças compulsórias que, embora de uma maneira ou de outra lhes pesassem como fardos às costas, nunca puderam renegar” (ZOLIN, 2018, p. 3).

vivenciar experiências de liberdade, agência, emancipação, controle sobre o corpo e sobre os movimentos.

Ao considerar também *Azul corvo* – ao lado de narrativas de Eliane Brum e Conceição Evaristo – Zilá Bernd e Tanira Soares (2016) investigam o modo como a narrativa de Adriana Lisboa seria privilegiada para refletir sobre as *transmissões intergeracionais* mediante as memórias. Ao diferenciar subgêneros de romances, como *genealógico*, ou *saga*, *familiar*, *memorial* ou *de filiação*, as autoras se questionam qual seria a abordagem mais apropriada para definir as narrativas femininas contemporâneas em análise. Sintetizando, o *romance genealógico* teria aspectos preponderantes do romance realista clássico que não estariam presentes em *Azul corvo*, como narrador onisciente em 3ª pessoa, linearidade dos acontecimentos, ordem cronológica e foco nas “transformações ocorridas em diversas gerações” (BERND e SOARES, 2016, p. 417). Já o termo *romance familiar* se associaria, preponderantemente, aos conceitos psicanalíticos desenvolvidos por Sigmund Freud. Quanto aos outros subgêneros, no *romance memorial*, o narrador recorre à memória de seus ascendentes para narrar sua própria história e preservar a *memória cultural* de outras épocas, constitui-se enquanto *herdeiro* que dá continuidade à ancestralidade ou rompe com ela. Já no *romance de filiação* haveria um herdeiro problemático “que investiga a vida de seus ascendentes” (Op. cit., p. 409) para repensar sua própria identidade, compreender suas origens e se autoconhecer. Entre todas essas definições, para as pesquisadoras, *Azul corvo* seguiria uma perspectiva contemporânea que intercalaria características do “romance memorial e de filiação” (Op. cit., p. 416). Além das características anteriores associadas a esses subgêneros, estariam presentes na narrativa aspectos formais como: narrador em primeira pessoa, não-linearidade dos acontecimentos, desordem cronológica e foco tanto na *anterioridade*, quanto na interioridade da narradora (com uma “mescla, em seus mosaicos memoriais” (*idem*), de informações íntimas, próprias e de familiares, e informações históricas). Nesse sentido, por meio do recurso à memória individual, familiar e cultural, a narradora se posicionaria no mundo.

Marina Reis (2015) também se debruça sobre *Azul corvo* para refletir sobre questões da contemporaneidade, como identidade e pertencimento. Reis investiga como a migração transforma, de modo dinâmico, a vida do deslocado, ao articular as reflexões acerca de *Homem desenraizado*, de Tzvetan Todorov, e de *Estrangeiros para nós mesmos*, de Julia Kristeva. Para isso, considera o sentimento de deslocamento inicial, com o “desenvolvimento de novas formas de pertencimento” (REIS, 2015, p. 6), mediante

descobertas e aprendizados tantas vezes inesperados de que decorrem novos pontos de identificação e de referência. Reis conclui que personagens migrantes passariam, então, por alterações em suas percepções, comportamentos e pontos de vista, devido aos seus novos pertencimentos. Nesse sentido, com foco na percepção das diferenças entre lugares, sociedades e culturas, haveria uma ênfase na saída da *zona de conforto* (Op. cit., p. 12), na entrada em uma condição de permanente comparação e em um constante estado de deslocamento. Com o questionamento, por exemplo, de estereótipos e de identidades fixas, tal processo possibilitaria a pluralização de noções fixas de pertencimento e identidade. Assim, as personagens se constituiriam em híbridas culturais que viveriam em condição de pertencimentos múltiplos, que, no entanto, não corresponderiam nem a processos de *desculturação*, nem de *aculturação*, mas de *transculturação* (Op. cit., p. 16).

Sheila Caixeta (2014) também analisa *Azul corvo*, com ênfase na articulação entre tempo, memória, narrativa e identidade, em um contexto de processos migratórios. Recorre a Paul Ricouer, para destacar a relevância da memória na construção da identidade e da busca de “dar sentido aos acontecimentos de uma vida que é feita de experiências fragmentadas” (CAIXETA, 2014, p. 36). Diante do exposto, a pesquisadora analisa como os sujeitos *re-constroem* suas identidades por meio da narração de memórias próprias e de pessoas próximas, bem como da relação com o tempo. Nesse sentido, precede a necessidade presente de narração das memórias uma atenção a “memórias individuais e de grupo” (Op. cit., p. 4). Isso possibilitaria uma interpretação de si e de sua formação identitária.

Já Braucks (2015), na leitura de *Azul corvo*, a partir da perspectiva da *bricolagem*, entrelaça diáspora, identidade e mobilidade cultural latino-americanas, para analisar vidas instáveis em condições, muitas vezes, precárias de imigrantes latino-americanos nos EUA. Ressalta-se que, para a pesquisadora, uma atitude poética (BRAUCKS, 2015, p. 102) atravessaria a narrativa e possibilitaria a expressão de uma *reflexão de cunho existencialista* em um contexto de *diáspora interamericana* e de busca de identidade. Nesse sentido, *Azul corvo* expressaria um “olhar cuidadoso, no qual sentimentos e reflexões acerca da existência perpassam as mais variadas experiências das personagens” (Op. cit., p. 95) diaspóricas. Contrapõe o romance clássico, em que haveria a busca de autoconhecimento e de aperfeiçoamento do sujeito, ao romance contemporâneo em que personagens se aprofundariam no “conhecimento do ‘outro’ para a construção identitária” (Op. cit., p. 14, grifos da autora), assim como mergulhariam “no propriamente humano, através de uma reflexão existencialista” (Op. cit., p. 105). No romance contemporâneo,

então, a exemplo de *Azul corvo*, haveria uma permanente indagação não tanto sobre a questão clássica a respeito do *como* viver no mundo, mas sobre uma questão existencial contemporânea “que procura a resposta para o *porquê* e para o *para que* do homem no mundo” (CORTÁZAR *apud* BRAUCKS, p. 106, grifos do autor). Ao enfatizar a reflexão existencial, a autora assinala que a *via poética* que permeia *Azul corvo* possibilitaria observar o humano a partir das relações do sujeito como *outro*, com atenção a traumas, esperanças e melancolia.

Em outra análise de *Azul corvo*, Renata Ribeiro (2019) considera as articulações entre representação e realidade, segundo as teorizações de Karl Schøllhammer acerca do *Realismo Afetivo*. De acordo com a autora, diferentemente da crítica literária que focaliza aspectos como violência, marginalidade, ferocidade e brutalidade para caracterizar o realismo no contexto brasileiro, conforme a concepção de *Realismo Afetivo*, Schøllhammer enfatizaria sobretudo questões como sensualidade (em termos de despertar e atrair os sentidos) e afetividade (em termos de afetar e atingir algo ou alguém). Ribeiro, ao articular ética e estética, interpreta que a perspectiva do realismo afetivo se configuraria no romance mediante a concretude de objetos a afetar os sentidos e as experiências; e os traumas a afetar os percursos das personagens. Haveria, assim, um *preenchimento deliberado da memória* através de uma realidade construída, sem “necessidade de aderência da memória ao ‘real’, ao que de fato aconteceu” (RIBEIRO, 2019, p. 128, grifos da autora). Desse modo, em *Azul corvo*, Ribeiro não remete a um realismo vinculado à verossimilhança, mas a um realismo afetivo que ressalta as “fronteiras entre realidade e representação” (Op. Cit., p. 121) e como esses limites são *borrados* pelos afetos e sentidos.

Embora com menor incidência do que em relação a *Azul corvo* e *Rakushisha*, analistas se debruçam, também, sobre *Hanói*. Por exemplo, Diego Fascina e Wilma Coqueiro (2016) destacam como na narrativa proliferam identidades móveis e híbridas, em meio aos trânsitos contemporâneos. Para os autores, ao basear-se em Marc Augé, Maria Zilda Cury, Edward Said e Stuart Hall, haveria, no romance, uma representação de “espaços desterritorializados, no qual a viagem aparece, não raras vezes, como experiência formadora” (FASCINA e COQUEIRO, 2016, p. 123). Migrantes, exilados, refugiados e viajantes são representados em trânsitos linguísticos e culturais, bem como em convivências e interações conflituosas. Para os pesquisadores, correlacionadas às migrações externas e internas, temas traumáticos como morte são representados “com leveza e sobriedade, sem cair nos lugares comuns de narrativas sobre o tema” (Op. cit.,

p. 131). Dessa forma, metáforas como a da morte, ao serem associadas aos deslocamentos, expressariam uma busca de aprendizado, de formação e de sentido, além de que se constituiriam enquanto *experiências de estranhamento*, para além do senso comum, com a reconfiguração das identidades das personagens.

Já Julia Neves (2015) discute *Hanói* como uma narrativa em que se articulam aspectos de diversos gêneros literários, como literatura de viagem, romance psicológico e crônica, e, ainda, representar a inter-relação entre o espaço urbano, os deslocamentos, as memórias e reflexões das protagonistas. Nesse sentido, Chicago, uma cidade cosmopolita, serviria como artefato para representação do “tempo do cotidiano da cidade em contraste com o tempo mental dos personagens” (NEVES, 2015, p. 141). A partir de uma leitura interseccional pelo viés dos Estudos Pós-Coloniais (Paul Gilroy e Sarah Ahmed) e dos Estudos de Gênero (Judith Butler e Sandra Almeida), a autora elabora uma crítica bastante severa ao romance. Para Neves, em meio à sofisticação estilística na representação da articulação do espaço urbano com o tempo mental, Adriana Lisboa não explicitaria problemas associados ao multiculturalismo e à diversidade cultural nos EUA, como racismo, xenofobia, questões de classe e de gênero. Além disso, as protagonistas seriam personagens planos, “passivos e subservientes (Op. cit, p. 139), em um romance que, inclusive, “reverbera estereótipos e preconceitos” (Op. cit, p. 155), ao representar melancolia, isolamento, alienação social e falta de agência de descendentes de migrantes mediante perspectivas subjetivas, em detrimento da contextualização das relações sociais de poder.

Além dessas teses, dissertações e artigos que analisam romances específicos de Lisboa, quer seja isoladamente ou em comparação com obras de outros escritores, há outras análises que comparam os três romances que constituem o *corpus* principal desta tese. Citam-se, por exemplo, reflexões de Mirian Silva e Lúcia Zolin (2018) a respeito dos romances *Hanói* e *Rakushisha*, caracterizado como romances contemporâneos privilegiados para análise dos processos de fragmentação identitária de personagens e estrutural de narrativas. Nesse sentido, situam as narrativas em um contexto da pós-modernidade, em que sujeitos descentrados vivenciam “realidades frágeis e transitórias da viagem, do exílio, da solidão em meio à multidão e da contemplação de si” (SILVA e ZOLIN, 2018, p. 151), correlacionadas com aspectos estruturais do romance. Nessa caracterização, as autoras destacam diferenças e semelhanças entre essas narrativas e o romance tradicional, e revisitam reflexões de Lukács, Benjamin, Adorno, Bakhtin e Norman Friedman. Por fim, acrescentam que as narrativas impõem “dificuldades às

classificações tradicionais” (Op. Cit., p. 159) ao analisar, por exemplo, a frequência com que Lisboa se vale de narradores híbridos, onisciência seletiva e relativa, fluxo de consciência, fragmentações espaciais, temporais e estruturais e experimentações formais.

Ao analisar *Azul corvo* e *Hanói*, sobretudo, Leonardo Santos (2015) empreende uma reflexão concernente à figuração da morte. Em termos teóricos, baseia-se em Maurice Blanchot, Paul Ricoeur, Norbert Elias e Maria Rita Kehl, entre outros, e associa o tema da finitude a um aspecto bastante recorrente em críticas, resenhas e entrevistas de Lisboa – a questão da delicadeza e da leveza. Ao questionar o uso muitas vezes superficial de tais termos, o pesquisador problematiza em que sentido a *escrita lisboana* (SANTOS, 2015, p. 26) poderia ser definida a partir de tais conceitos analíticos. Santos ressalta, ainda, o caráter metafórico da morte, mas como sugestão da “morte do modelo familiar tradicional e do surgimento de modelos alternativos que, apesar de cada vez mais usuais, muitas vezes são percebidos como lacunares, incompletos” (Op. cit., p. 10). Há, inclusive, que se enfatizar o seguinte questionamento: “Será que cultivar o desapego material não seria um exercício para a própria morte, ou melhor, para uma vida mais significativa?” (Op. cit., p. 147). Nessa perspectiva, a metaforização da morte estaria relacionada à reflexão acerca do desapego e desprendimento material de várias personagens na obra de Lisboa que se contraporiam aos excessos do consumismo capitalista.

Adriana Armony, ao considerar *Rakushisha*, *Azul Corvo* e *Hanói*, também analisa como a morte, o luto e a melancolia atravessariam os espaços em que se movem as personagens. Delineando, brevemente, algumas transformações na literatura brasileira, ela realça a experiência do exílio, em sentido amplo, “desviando-se da tradição dos nacionalismos literários que costuma orientar a construção do cânone” (ARMONY, 2018, p. 317). Ao articular Homi Bhabha, Mary Louise Pratt, Silviano Santiago e Janet Paterson, a pesquisadora questiona como transformações, zonas de contato e transnacionalidade seriam aspectos constitutivos de uma literatura-mundo contemporânea que representaria sujeitos transnacionais em condição de luto, melancolia e estranhamento, como nos representativos romances de Lisboa. Destaque-se que Armony questiona o modo como os estranhamentos e promessas dessa literatura-mundo transnacional ocorreriam, em um contexto global no qual promessas do *novo multiculturalismo*, do transnacionalismo, da “desnacionalização do espaço urbano e [da] desnacionalização da política” (Op. cit., p. 321) parecem utópicas, até mesmo suspeitas, em um “mundo [que] permanece extremamente desigual, marcado cada vez mais, pelo fechamento de fronteiras, pela xenofobia e processos de exclusão” (Op. cit., p. 325).

Já Karl Schollhammer, em uma leitura dos quatro primeiros romances de Lisboa, *Fios da Memória* (1999), *Sinfonia em Branco* (2001), *Um Beijo de Colombina* (2003) e *Rakushisha* (2007), e do livro de minicontos *Caligrafias* (2004), considera a escritora como *diferente* entre os mais relevantes nomes da *Ficção Brasileira Contemporânea* (2009). O autor diferencia duas vertentes narrativas que predominariam na contemporaneidade em termos de uma *demandada de presença* que

para alguns — Marcelino Freire, Luiz Ruffato, Marçal Aquino, Nelson de Oliveira, Fernando Bonassi, entre outros —, se evidencia na perspectiva de uma reinvenção do realismo, à procura de um impacto numa determinada realidade social, ou na busca de se refazer a relação de responsabilidade e solidariedade com os problemas sociais e culturais de seu tempo. Para outros — Rubens Figueiredo, Adriana Lisboa, Michel Laub e João Anzanello Carrascoza —, evocar e lidar com a presença toma-se sinônimo de consciência subjetiva e de uma aproximação literária ao mais cotidiano, autobiográfico e banal, estofo material da vida ordinária em seus detalhes mínimos (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 15).

Essas vertentes não seriam dicotômicas ou exclusivas, pois, por exemplo, em Adriana Lisboa, haveria o predomínio da dimensão subjetiva e íntima que, no entanto, não excluiria a representação de problemas sociais e suas *turbulências*. Schollhammer enfatiza, então, a estetização da realidade e das memórias, a metaliteratura e a reescritura, a relação do romance com a poesia e outras artes, como música e pintura. Além disso, na construção das obras, o autor ressalta a “competência artesanal e a densidade descritiva” (Op. cit., p. 136) de Lisboa. Mesmo assim, é bastante ácido, ao considerar o texto de Lisboa como *promessa de transcendência*, bem como na *reescritura* da literatura arriscar-se a fazer uma “brincadeira intelectual de professores de literatura com ambições criativas” em um *bordado domesticado*, que, ao não “questionar as próprias premissas”, não demonstraria “vontade iconoclasta e profanadora” da tradição e, com isso, recorreria à “sacralização do literário, ou pior, o apelo emocional e o lugar comum” (Op. cit., pp. 135 a 139). Vale salientar que Adriana Lisboa talvez seja, no livro de Schollhammer, a única ficcionista criticada em termos tão demolidores e, em certo sentido, surpreendentes, já que, curiosamente, muitos dos aspectos tão execrados pelo crítico são, justamente, aqueles tão exaltados pela ampla maioria dos outros analistas das obras de Lisboa, como, parcialmente, se considerou anteriormente nesta revisão de fortuna crítica.

Cabe, nesse ponto, relembrar alguns desses aspectos, já destacados em revisão da fortuna crítica empreendida por Neila Bruno (2019a). Em relação à crítica não-especializada, Bruno ressalta a atenção geral às tramas, bem como a ampla cobertura em várias mídias, o que contribui para a profissionalização e divulgação da obra e da imagem

pública da escritora. Já quanto a crítica especializada, a pesquisadora observa a valorização, nos romances de Lisboa, de uma profícua articulação intertextual com outros gêneros literários e outras mídias, a *leveza*, o cosmopolitismo e a ênfase na diversidade cultural, expressos mediante a representação de experiências cotidianas, de diálogos intergeracionais e de viagens e deslocamentos. Enfatiza, também, as reflexões existenciais e a construção de memórias e identidades híbridas e diaspóricas de sujeitos contemporâneos. Diante do exposto e das teorizações de Pierre Bourdieu, a autora defende que tem ocorrido um “processo de legitimação da escritora e de sua produção no campo literário” (BRUNO, 2019a, p. 302), com a inclusão de Lisboa no *campo erudito*, em certa contraposição ao *campo da indústria cultural*.

Além dessa revisão, Bruno defende que a produção literária de Lisboa é simbólica da *Profissão Escritor* (2019b). Entre os principais fatores relacionados à profissionalização da escritora estariam, o processo de internacionalização da carreira, as premiações ou indicações como finalista de diversos prêmios internacionais e nacionais, as traduções de suas obras para vários idiomas, as participações em eventos internacionais e a atuação como tradutora e professora visitante e escritora residente em diversas universidades fora do Brasil (BRUNO, 2018 e 2019b). Desse modo, “sua figura pública foi conquistando paulatinamente mais capital cultural e simbólico” (BRUNO, 2019b, p. 108), o que ampliaria a atenção crítica e legitimaria, ainda mais, sua produção literária.

Ademais, vale apontar, mais brevemente, outras críticas referentes à Lisboa que analisam: à articulação entre memória e segredo para enfrentar o presente (AZEVEDO, 2004); à contribuição da representação de gênero para a conscientização feminista (LEAL, 2008); ao acesso à memória de outros para a reconstrução/invenção da identidade de protagonistas (CASTRO, 2011); ao des-equilíbrio entre identidade, alteridade e exotismo em narrativas do século XXI (COSTA, 2011); à metaficção que articula romance e poesia (DIAS, 2011); ao desvendar gradativo de traumas por meio da relação entre a literatura e outras artes (FÉLIX, 2011); à (re)construção identitária em contextos de mobilidades, por narradores nômades nas metrópoles (SILVA, 2017); à reconfiguração metonímica entre família e nação em relação a formas de pertencimento (OLIVEIRA, 2017); ao nexos simbólico entre luto e viagem (ARRUDA, 2018); à representação da violência contra a mulher (DUTRA, 2019); ao sentido de lugar em termos de deslocamento e (não-)pertencimento (HARRISON, 2019); à constituição da identidade mediante busca da origem familiar em meio a deslocamentos geográficos e culturais, que possibilita a re-construção do passado e a resignificação do presente (SOARES, 2019).

Como se vê, a produção literária de Lisboa despertou o interesse de vários pesquisadores em analisar a obra da autora. Por exemplo: pesquisas de mestrado e de doutorado, bem como artigos publicados em periódicos e apresentações em congressos, que tem interpretado a produção de Adriana Lisboa ao longo das últimas duas décadas. Mesmo que não exaustivo, esse levantamento da fortuna crítica possibilita observar a diversidade e, ao mesmo tempo, a recorrência de conceitos teóricos e questões críticas empregadas para analisar as narrativas de Adriana Lisboa.

Contudo, há algumas questões ainda não abordadas pela fortuna crítica, que se pretende problematizar, como serem *Narrativas de deslocamentos e re-localizações*. Mais especificamente, almeja-se (re)combinar alguns desses conceitos, para propor interpretações alternativas. Assim, acredita-se que o diferencial deste trabalho diz respeito à atenção a problemas nas travessias de fronteiras geográficas e culturais e nos processos de adaptação cultural e integração social, em locais de chegada ou de passagem nos quais se re-localizam as personagens.

Nesse sentido, entre os vários conceitos que serão analisados e articulados ao longo desta tese, privilegiam-se os de mobilidades e deslocamentos. Quanto à concepção de mobilidade, importante neste trabalho são as reflexões de Zila Bernd:

Partimos do princípio de que as diferentes formas de mobilidade podem ocorrer: no espaço (viagens, deambulações, deslocamentos, *flâneries*); no tempo (ocorrências de grandes saltos temporais em obras ficcionais e poéticas); no nível do discurso (mudanças de vozes narrativas, múltiplos enunciadores que transferem a posição de enunciador de um sujeito a outro); no nível da linguagem (pela utilização de metáforas e outras figuras de retórica que deslocam o sentido primeiro das palavras), etc (BERND, 2010, p. 12).

Além dessa concepção acerca das mobilidade subjetivas e espaciais, o termo deslocamento leva Elena Palmero González a defender a seguinte ideia:

Pensar a noção de deslocamento [...] significa remeter a diferentes formas de mobilidade, física, espiritual, linguística; a diversas práticas de emigração, exílio, diáspora, êxodos, nomadismos, circulações humanas; é pensar em traslado e em trânsitos de todo o tipo, em políticas do movimento e em economias da viagem (GONZÁLES, 2010, p. 109).

E a multiplicidade de sentidos desse termo requer o desenvolvimento de uma “visão do deslocamento, como evento que não funciona de forma unitária e que, conseqüentemente, não pode ser estudado como vivência homogênea” (Op. cit. p. 112). Ao considerar a

heterogeneidade de acepções, Marcos Brasileiro⁸ enfatiza que o deslocamento emerge como uma metáfora que expressa um “gesto de confronto de formações autoritárias, de identidade cultural e de sistema político” (BRASILEIRO, 2014, s.p.). Já para Ricardo Piglia, o deslocamento possibilita “ver as coisas de um lugar ligeiramente marginal”⁹ (PIGLIA, 2001), como uma das propostas para a literatura no novo século XXI.

Posto isso, para analisar tais mobilidades e deslocamentos, o foco principal desta tese será observar a representação da sua heterogeneidade na contemporaneidade. Assim, em momentos específicos serão traçadas algumas semelhanças e diferenças entre os romances em questão e outras narrativas de deslocamentos presentes na literatura brasileira contemporânea. Também, serão investigados, pontualmente, rearticulações de tropos e temas associados à longa tradição de deslocamentos na série literária brasileira.

Assim, em meio a uma cada vez mais plural literatura brasileira, essa tese focaliza narrativas de Adriana Lisboa, para refletir acerca de narrativas de deslocamentos e re-localizações. Para isso, relê, à luz de teorias críticas e de estudos culturais, conceitos e temas tradicionais e contemporâneos como deslocamentos, nação, *mundo sem fronteiras*, hibridação e tradução cultural, cidades globais, descentramentos de sujeitos, família, hospitalidade e solidariedade. Almeja-se interpretar a produção literária de Adriana Lisboa mediante essas e outras concepções teóricas do ponto de vista dos processos de deslocamentos e re-localizações, descentramentos e re-centramentos, experimentados por sujeitos contemporâneos em trânsito.

Ressalta-se, porém, que essa leitura ampla, não tem a pretensão de ser uma leitura totalizante, pois sempre será possível recorrer a outros conceitos e teorias para interpretar a produção narrativa de Lisboa. A própria amplitude das abordagens referenciadas são prova de que os conceitos e teorias utilizados não esgotam leituras críticas e teóricas sobre uma obra que, cada vez mais, se mostra semanticamente aberta a uma pluralidade de interpretações.

Desse modo, o capítulo II trata da multiplicidade dos deslocamentos globais (com ênfase em viagens, exílios, migrações e expatriações) em tempos de globalização assimétrica. Apresenta, também, um levantamento de obras que representam

⁸ Marcos Brasileiro desenvolve suas reflexões a partir, predominantemente, da leitura de romances de João Gilberto Noll.

⁹ Assim como nesta tradução, quando não houver referências específicas, as traduções são do autor da tese: *Mirar las cosas desde un lugar levemente marginal*.

deslocamentos da nação (de) partida¹⁰ na série literária brasileira. A seguir, são apontadas razões para deslocamentos da *nação de partida*, por motivos subjetivos; e da *nação partida*, por conflitos ideológicos e políticos. Conclui-se o capítulo com uma discussão a respeito da paradoxal permanência da representação da nação, em um tempo tido como pós-nacional.

O capítulo III reflete sobre as dificuldades associadas aos deslocamentos contemporâneos: primeiro no tocante às barreiras que problematizam um pretense *mundo sem fronteiras*; depois, no que concerne a dificuldades para re-localização e a constituição de um lugar para personagens deslocadas, nos EUA; e, por último, no que diz respeito às resistências quanto aos deslocamentos e, sobretudo, quanto à hibridação cultural.

Já o capítulo IV desenvolve reflexões acerca do descentramento do sujeito contemporâneo, correlacionado-o ao deslocamento para cidades não-globais que se constituem como lugares de chegada e de re-localizações. Em seguida, discute-se a questão do hiperindividualismo contemporâneo em relação à constituição de um novo lugar comum e solidário, por meio de redes afetivas. Finaliza-se o capítulo demonstrando como as romances de Adriana Lisboa representam um paradoxal anseio pela família tradicional que, mesmo tantas vezes caracterizada em crise profunda, emerge enquanto aspecto necessário ao re-centramento de sujeitos deslocados.

Com efeito, em meio a um processo *disjuntural* global, pleno de deslocamentos físicos e subjetivos, permeado por tensões entre o local, o nacional e o global, considera-se, nas obras a representação de sujeitos que, em meio a vidas deslocadas, emergiriam, paradoxalmente, em busca de um lugar.

¹⁰ O conceito de nação (de) partida será desenvolvido, sobretudo, no capítulo II. Antecipe-se, contudo, que: *nação partida*, se deve aos conflitos causados por perseguições político-ideológicas e outras formas de violência estrutural, em que sujeitos deslocados não percebem mais a nação de nascimento ou adoção enquanto comunidade imaginada; *nação de partida*, decorre da saída para fora das fronteiras nacionais de personagens em crises subjetivas e afetivas, que os levam a um intenso sentimento de desespero, desamparo ou melancolia.

2 – NARRATIVAS DE DESLOCAMENTOS E A NAÇÃO (DE) PARTIDA

não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua. Daí todo um sistema de reterritorializações horizontais e complementares, entre a mão e a ferramenta, a boca e o seio (Deleuze e Guatarri, 1996, p. 41).

No final das contas, nossas viagens eram opostas (Paloma Vida, *Mar Azul*).

Deslocados para além das fronteiras da nação (de) partida, viajantes, exilados, migrantes e expatriados marcam presença em uma longa tradição da história e da literatura brasileira. No contexto contemporâneo, caracterizado pela ampliação da globalização e desconstrução das nações, cada vez mais narrativas literárias tematizam deslocamentos e representam trânsitos internacionais e transnacionais. Tal vertente de *narrativas de deslocamentos* é enformada por tensas relações locais, nacionais e globais, colocando, em cena, nações em crise, identidades coletivas em processo de fragmentação, subjetividades descentradas e cindidas.

Os romances *Rakushisha*, *Azul corvo* e *Hanói* exemplificariam, de modo paradigmático, tal vertente. Contudo, antes de analisar mais detalhadamente as narrativas, uma revisão teórica de diversos tipos de deslocamentos para fora da nação e dos seus motivos impõe-se. Inclusive uma revisão da produção crítica sobre essas narrativas e o delineamento dos elementos recorrentes na série literária brasileira são necessários. Pretende-se assim observar as semelhanças e diferenças desses três romances de Adriana Lisboa, não apenas entre si, mas também em relação a outros. Além disso, busca-se destacar suas peculiaridades enquanto *narrativas de re-localização*.

Observa-se, em cada uma dessas narrativas, a explicitação de motivos para a mobilidade espacial das personagens, de seus familiares e amigos. Isto é, aludem tais romances a razões para as saídas para fora de nações, em resumo: a busca de melhores oportunidades de trabalho e de estudos, a perda de vínculos com a terra em que nasceram (ou cresceram), e/ou a procura por constituir novos laços. Contudo, esses não são os únicos motivos para os deslocamentos internacionais, como mostra a análise dos romances.

Com efeito, os grandes fluxos de deslocamentos ampliaram, sobremaneira, a partir da Europa, dos séculos XVI ao XIX, para os *Novos Mundos* (Américas e Oceania), *terras de oportunidades* a serem *desbravadas* por conquistadores, *propagadores da fé*,

colonizadores, viajantes-exploradores e aventureiros ou, ainda, por perseguidos políticos ou religiosos. É o que destaca Silvano Santiago em “Por quê e para que viaja o europeu?” (2002). Ao longo do século XIX e, principalmente, da primeira parte do XX, também migrantes europeus sem cabedais partiram para as Américas e Oceania em busca de melhores condições de vida. Mas, na metade do século XX e início do XXI, ocorre uma inversão desse fluxo, pois refugiados e migrantes de países periféricos se arriscam rumo à América anglo-saxônica, predominantemente, e à Europa Ocidental (nas antigas sedes de impérios coloniais).

No início do século XXI, Zygmunt Bauman já aludia à heterogeneidade dos deslocamentos contemporâneos em que “(o)s refugiados, os deslocados, as pessoas em busca de asilo, os migrantes, os *sans papiers* constituem o refugio da globalização” (BAUMAN, 2005a, p. 76). Tal eclético e heterogêneo elenco faria parte do que Saskia Sassen declara ser, na contemporaneidade, uma força de trabalho deslocada globalmente, na maioria das vezes desvalorizada se comparada à sobrevalorização do capital financeiro global (SASSEN, 2004).

Em *Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios*, Edward Said descreve, resumidamente, alguns dos tipos mais recorrentes de deslocamentos:

O exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro. Por outro lado, os refugiados são uma criação do Estado do século XX. A palavra “refugiado” tornou-se política: ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnorteada que precisa de ajuda internacional. [...] Os expatriados moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais. [...] Eles podem sentir a mesma solidão e alienação do exilado, mas não sofrem com suas rígidas interdições. Os emigrados gozam de uma situação ambígua. Do ponto de vista técnico, trata-se de alguém que emigra para um outro país. Claro, há sempre uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar (SAID, 2003, p. 54, grifos do autor).

Em adição, recorre-se à práxis de Edward Said – um paradigmático exilado da segunda metade do século XX – para uma descrição inicial da multiplicidade e heterogeneidade das mobilidades contemporâneas. Said viveu uma vida deslocada *exemplar*. Refugiado da Palestina ocupada, juntamente com sua família, foi educado em Jerusalém, Cairo e Princeton, sucessivamente, e tornou-se professor nos EUA e viajou pelo mundo. Em seus escritos e palestras refletiu de modo crítico e criativo acerca da questão dos deslocamentos e exílio. Segundo ele, esses deslocamentos ampliaram-se, significativamente, nas últimas décadas.

Por sua vez, Ingrid Van Rompay-Bartels, após realizar uma extensa pesquisa bibliográfica entre historiadores e sociólogos que se dedicaram ao tema, aponta uma série de motivos catalizadores das *migrações* como:

a perda de riqueza, leis opressivas, temor de perseguição política, falta de perspectiva de trabalho, tributação excessiva, etc. [...] uma perspectiva de progresso do bem-estar, dando melhores perspectivas de trabalho, educação, segurança, clima, etc.; [...] desenvolvimento tecnológico, como os dos meios de comunicação e locomoção, [...] motivação econômica de uma vida melhor (VAN ROMPAY-BARTELS, 2015, p. 24).

Mais adiante, a pesquisadora apresenta, ainda, outros fatores que, historicamente, motivaram migrações como “crescimento populacional, perseguição religiosa, perseguição política, exploração e abuso das mulheres, pobreza, [...] desastres da natureza (a), como secas, furacões, terremotos, enchentes, assim como os desastres causados pelo ser humano (b), tais como terrorismo, acidentes nucleares, poluição, guerra, lixo atômico” (Op. Cit., p. 26-7). Considera, pois, o termo *migração* em sentido amplo, uma vez que esse levantamento poderia ser relacionado a tipos mais específicos de deslocados como exilados, refugiados e expatriados.

Vários outros pensadores se debruçam sobre conceitos associados aos deslocamentos e suas nuances e destacam a polissemia dos termos. Jaime Ginzburg, por exemplo, ao discutir a representação do exílio na literatura brasileira contemporânea, com atenção às novas configurações de narrador, argumenta que haveria

não necessariamente um exílio geopolítico, mas um exílio do sujeito com relação a si mesmo, descentrado de suas referências, cindido, exposto, por exemplo, às situações do confinamento, da perseguição, do controle disciplinar, da repressão abusiva. Um sujeito que não pode, ao menos no horizonte imediato, contar com autonomia, liberdade ou condição de superação de suas limitações (GINZBURG, 2012, p. 200).

Núbia Hanciau também considera o sentido polissêmico do conceito, ao distinguir dois tipos: “de um lado o ‘exílio exterior’, a ruptura com o território da origem e as dificuldades da integração em uma civilização diferente, encarnada na figura do estrangeiro, do outro, o ‘exílio interior’, ou interno (psíquico e físico)” (HANCIAU, 2009, p. 269, grifos da autora). No *exílio interior*, Hanciau destaca o plano do imaginário, já no *exílio exterior*, o plano espacial, em sentido geocultural.

Contudo, embora haja essa polissemia, neste estudo, o termo será empregado predominantemente em um sentido mais estrito, isto é, se referirá, ao que Hanciau caracteriza como *exílio exterior*, e Ginzburg define como *exílio geopolítico*. Nesse sentido, o termo exílio será empregado para descrever a condição de deslocamento

daquele que abandona *sua* nação devido à necessidade premente de fuga por perseguições políticas, religiosas e/ou ideológicas.

Ainda quanto às diferenciações entre tipos de deslocamentos, Gínia Gomes (2015) aponta uma relevante diferença entre *migração* e *exílio*, ligada à possibilidade de o primeiro ser voluntário e o segundo, involuntário. Problematiza tal diferenciação, porém, ao afirmar que não haveria uma “separação tão estanque” (GOMES, 2015, p. 2) já que, na migração, seria “a questão econômica a causa determinante, [em que] aqueles que decidem pela partida não o fazem senão pela falta de perspectivas no país em que vivem” (GOMES, *idem*).

Embora haja um aspecto predominantemente voluntário, também enfatizado por Edward Said (2003), na migração, não deixa de haver, em muitos casos, uma coerção decorrente do fator econômico. De modo semelhante, segundo Denise Rollemberg, nas motivações para as migrações, múltiplas formas de “violências estão presentes onde há pobreza, miséria e desemprego, fatores que motivam os processos migratórios” (ROLLEMBERG, 1999, p. 43). A coerção econômica é, pois, uma forte limitação no caráter voluntário da migração. Assim, se poderia considerar que os migrantes estariam sujeitos inclusive a violências simbólicas¹¹.

Já o termo *expatriação* será, a princípio, empregado em uma perspectiva contemporânea na qual se enfatiza ainda seu caráter voluntário. Nancy Green (2009), ao analisar a transformação do conceito ao longo dos últimos séculos, salienta algumas acepções que relacionam o termo a estrangeiros que eram *recebidos* nos Estados Unidos (EUA), no século XIX. Já no início do século XX, o termo torna-se associado a estadunidenses que abdicaram ou foram privados de direitos de cidadania, como mulheres que se casaram com estrangeiros, ou empresários que viveram muito tempo fora do país. Green destaca, até mesmo, o caso dos intelectuais e escritores estadunidenses que se expatriaram na Europa no início do século XX, como Gertrude Stein, Zelda e F. Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway e outros. Intelectuais considerados expatriados, embora não em termos legais, mas que, por uma série de questões conflituosas com a nação natal, passaram a viver em ambientes cosmopolitas, como em Paris, nos anos 1920, nem sempre deixaram de lado os vínculos e direitos de cidadania com sua nação de nascimento. A partir da metade do século XX, *expatriação* passou a referir-se, sobretudo, a

¹¹ Lembrando Pierre Bourdieu, violência simbólica seria “a forma suave, invisível da violência, que nunca é reconhecida, a violência do crédito, confiança, obrigação, lealdade pessoal, hospitalidade, presentes, gratidão, piedade” (BOURDIEU, 1996, p. 192)

estadunidenses que trabalhavam para empresas multinacionais ou transnacionais, ou organismos supranacionais.

Em meio a essa diversidade de sentidos relativos à *expatriação*, considera-se aqui o mais recente, que se articula à globalização econômica e cultural, intensificada a partir dos anos 1960. Encontra-se associada a sujeitos que se deslocam de seus países, geralmente para cidades globais, já com empregos assegurados, em trabalhos qualificados e especializados, para empresas multinacionais ou corporações transnacionais. Expatriados que mantêm uma gama ampla de direitos associados à cidadania. Nessa acepção contemporânea, *expatriados*, embora possam passar por uma série de conflitos subjetivos e psicológicos, não sofreriam as *rígidas interdições* (SAID, 2003, p. 54) legais e de cidadania às quais estariam sujeitos aqueles expatriados em outros momentos históricos, ou mesmo os emigrantes, refugiados ou exilados contemporâneos.

Esses vários processos de deslocamentos, ao mesmo tempo em que podem estar articulados a questões nacionais conflituosas, relacionam-se às consequências nefastas de um processo de globalização assimétrica que se associa a deslocamentos humanos em escala mundial. Segundo números levantados pela Organização das Nações Unidas (ONU), o total de *migrantes* internacionais alcançou a cifra de 285 milhões, em 2019. Entre esses, a Agência de Refugiados da ONU (UNHCR, 2019) destaca a ampliação do número de *deslocados forçados*¹² ao redor do mundo, nas últimas 3 décadas. Em 1997, o número já era elevado, aproximadamente 35 milhões, mas se manteve relativamente estável, ao variar de 35 para 45 milhões entre 1997 e 2011. Contudo, houve uma elevação significativa de deslocamentos forçados pós-2011, quando ocorreu um surto de guerras civis, associadas a *revoluções coloridas*, em países como Líbia e Sudão do Sul, na África; Ucrânia, no Leste Europeu; e Síria, no Oriente Médio. Em decorrência desses e de outros conflitos, no início de 2019, o número de deslocados forçados alcançou o recorde de 68,5 milhões em todo o mundo, dos quais 25,4 milhões eram refugiados e 10 milhões *peessoas sem estado*¹³. Detalhe: “85% das pessoas deslocadas estão em países em desenvolvimento” (Op. cit.).

Tantos deslocamentos seriam decorrentes da expansão da globalização ao redor do mundo, com diferenças conjunturais – ou *disjunturais* – na expressão empregada por Arjun Appadurai (2005). O termo é usado pelo pensador para caracterizar as rupturas da conjuntura mundial em tempos de globalização e ampliação de interações em larga escala,

¹² *Forcibly displaced people*, no original em inglês.

¹³ *Stateless people*, no original em inglês.

que ocasionam reconfigurações significativas na economia, sociedade e cultura estadunidense e de nações europeias ocidentais, bem como de tantas outras nações ao redor do mundo, como a brasileira.

Em relação ao Brasil, essas ondas de deslocamentos têm sido bastante fortes. Por exemplo, uma pesquisa do Instituto de Pesquisa Datafolha, em 2018, apontou: “62% dos brasileiros entre 16 e 24 anos gostariam de sair do país” (PAMPLONA, 2018). Em adição, destaque-se que o número de brasileiros a viver no exterior seria de quase 3,1 milhões, em 2016, conforme dados fornecidos pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, segundo Isadora Pamplona (2018). No entanto, esses dados foram contestados por especialistas (MAXIME MARGOLIS apud PAMPLONA, op. cit), que, com base no relatório oficial da ONU acerca de migrações internacionais, declara que em torno de 1,6 milhão de brasileiros vivem no exterior, em 2017. Quer sejam 3,1 ou 1,6 milhão, os números são expressivos.

Ademais, na contemporaneidade, o espectro do exílio volta a assombrar a nação. Vale lembrar, 40 anos depois da Lei da Anistia de 1979 que possibilitou o retorno de muitos militantes, intelectuais e políticos que haviam saído do Brasil após 1964, e 35 anos depois do fim da ditadura militar em 1984. Um exemplo recente, em 24 de janeiro de 2019, Jean Wyllys, ativista pelos direitos humanos, defensor da comunidade LGBTQTS, professor universitário, formado em Jornalismo, com Mestrado em Letras e Linguística pela UFBA, vencedor da 5ª edição do *Big Brother* da Rede Globo, Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, desde 2010, anuncia que não assumiria seu 3º mandato legislativo e que não voltaria ao Brasil, depois de uma viagem à Alemanha, para se proteger e a sua família. A justificativa para o autoexílio seriam as várias ameaças que sofreria, há alguns anos, que se agravaram após o assassinato da vereadora Marielle Franco, no Rio de Janeiro, em janeiro de 2018, e o atentado contra um então candidato a presidente, durante o processo eleitoral do mesmo ano (BARROS, 2019). Assim sendo, o Brasil tem cada vez mais se constituído como um país de emigração, em contraponto a uma longa história anterior, de ser um local de chegada preferencial de imigrantes.

Trata-se de um truísmo dizer que o Brasil é país construído por imigrantes e por escravos. De fato, durante séculos, milhões de estrangeiros foram deslocados ou se deslocaram para o Brasil, país visto como uma *Terra de Oportunidades*. Entretanto, por razões diversas, nas últimas décadas, tem havido uma inversão do movimento migratório, e milhões de brasileiros têm deixado o país, por se sentirem deslocados, desvalorizados ou mesmo em risco. Principalmente após os anos 1960, além dos EUA, as nações da

Europa Ocidental, destino da maioria dos deslocados brasileiros – tanto em termos demográficos (cf. PAMPLONA, 2018), quanto ficcionais (cf. DOLLE, 2018) –, deixaram de ser nações em crise, que expeliam emigrantes para o mundo, e passaram, cada vez mais, a ser locais de passagem, ou de chegada¹⁴ preferencial de deslocados.

Todavia, não se pretende nesta tese uma tipologia exaustiva dos deslocamentos, o que demandaria analisar, de forma mais detalhada, outros tipos de mobilidades, como viagens, turismo, nomadismos, deambulações, errâncias etc. Assim, nas próximas páginas, realiza-se um levantamento seletivo de romances, na série literária brasileira, que representam deslocamentos ou temas correlatos.

2.1 Deslocamentos e a série literária

Ao mundo racional, ordenado do viajante-naturalista, ao doce mundo das viagens do personagem jovem e mundano do século XIX, ao mundo sacrificado e laboral do imigrante do início do século XX, contrapõe-se a figura contemporânea do viajante fora das regras, libertário e muitas vezes anônimo da literatura brasileira contemporânea (PIRES, 2014, p. 391).

No Brasil, em meio a um intrincado contexto histórico, nas últimas décadas, estudos e narrativas literárias de deslocamentos têm proliferado como resposta a rearranjos de fatores econômicos, culturais, literários, bem como *sobredeterminações* (HALL, 2003b) de categorias identitárias, sociais e políticas. Isto é, há uma profícua produção de teorizações que têm enfatizado a crise contemporânea e o descentramento de paradigmas de nação e de subjetividades, a partir das mais diversas perspectivas. Nesse sentido, antes de prosseguir na análise dos deslocamentos nos três romances escolhidos, atenta-se para alguns aspectos relativos a esses descentramentos.

Na modernidade tardia, tais descentramentos se intensificaram e são apreendidos, especialmente, pela teoria da des-construção da metafísica ocidental (DERRIDA, 2016 [1967]); pelos questionamentos de narrativas mestras totalizantes (LYOTARD, 1988 [1979]); pela complexificação do ritmo das alterações estruturais e culturais no capitalismo tardio (JAMESON, 1991); pelas rearticulações das noções de espaço e de

¹⁴ Considera-se como *local de passagem*, aqueles relacionados a deslocamentos por viajantes, turistas, estudantes e expatriados, em períodos curtos ou médios; e *locais de chegada*, os que se relacionam a deslocamentos por refugiados, exilados e migrantes, que **nem sempre** retornam a nação (de) partida, de modo definitivo.

tempo no estágio atual de globalização (HARVEY, 2006). Há teóricos que elaboram reflexões acerca desse contexto em termos de *disjunturas* e hibridações como Arjun Appadurai, Sandra Regina Almeida, Homi Bhabha, Maria Zilda Cury, Stuart Hall, Neil Lazarus, Benita Parri, Silviano Santiago, Boaventura de Souza Santos, Milton Santos, Gayatri Spivak.

Emergem, também, diversas abordagens críticas que anseiam por sistematizar e delimitar uma heterogênea série literária brasileira contemporânea (CARNEIRO, 2005; CURY, 2007; RESENDE, 2008; SCHOLLHAMMER, 2009; DALCASTAGNÈ, 2012). Maria Zilda F. Cury (2007), por exemplo, considera a literatura brasileira contemporânea a partir das inter-relações entre o local e o global. Em uma das muitas questões colocadas, interpela: “Que visões apresentam [novos ficcionistas brasileiros] [...] da tensão entre o local e o global?” (CURY, 2007). Nessa abordagem, Cury apresenta questões relativas a vertentes literárias em que se situariam romances brasileiros nas últimas décadas do século XX e nas primeiras do XXI.

Em uma linha semelhante e em instigante análise concernente à prosa brasileira contemporânea, Beatriz Resende ressalta três tendências dominantes e “uma multiplicidade de possibilidades de narrar” (RESENDE, 2010). Entre as tendências a autora destaca narrativas que revisitam *a formação do Brasil*, nas quais se figuram a decadência nacional, *narrativas de desenraizamento*, com intenso *combate entre o real e o ficcional*, e a representação da violência na *escrita realista das grandes cidades contemporâneas*. Atente-se para um detalhe: dentre os cinco romances considerados mais detalhadamente por Resende, dois apresentam personagens que se deslocaram para fora do Brasil. E dos cinco autores analisados por ela, à exceção de Paulo Lins, nas últimas décadas, quatro publicaram romances em que representaram deslocamentos para fora do Brasil: Chico Buarque, Silviano Santiago, Milton Hatoum, Bernardo Carvalho.

Além dessas perspectivas mais abrangentes, em um momento histórico e cultural no qual se rearticulam os estudos literários quanto a análises de tropos e modos de representações, há uma multiplicidade de estudos culturais e literários mais específicos que têm lançado novas luzes sobre a série literária brasileira. Citam-se, por exemplo, análises sobre a *prosa negro-brasileira contemporânea* (SANTOS, 2018); reflexões a respeito da emergência de múltiplas *vozes de contestação* (LEHNEN, 2013); proliferação de *poéticas da precariedade* (CURY, 2013); rearticulações de narradores contemporâneos (GINZBURG, 2012); entrada em cena de culturas da periferia e da

literatura marginal (NASCIMENTO, 2006); e o esgarçamento das *fronteiras internas da nação* (MIRANDA, 1995).

Além disso, cânones literários são problematizados por releituras de narrativas de esquecidos e silenciados (SCHMIDT, 2002) ou revalorizados por defensores de parâmetros mais tradicionais (PERRONE-MOISÉS, 1997). Nesse, tantas vezes, *campo contestado* da crítica literária e cultural, observam-se estudos que analisam representações de deslocamentos da nação, de identidades e de subjetividades. Cada uma dessas perspectivas críticas, a partir de epistemologias por vezes dissonantes, portanto, provoca deslocamentos no próprio campo literário brasileiro, em que, nas últimas décadas, se tem enfatizado sua multiplicidade discursiva.

Entretanto, muitas dessas análises não abordam explicitamente o tema dos deslocamentos internacionais. Permitem, contudo, que se amplie o entendimento de quais seriam os motivos de tantos deslocamentos, ao exporem conflitos subjetivos, identitários, sociais e culturais. Trata-se de perspectivas críticas que, explícita ou implicitamente, questionam a narração hegemônica da nação e expressam um intenso descentramento de identidades sociais, étnicas, *gendradas* e da identidade nacional. São estudos que analisam formas complexas de representação, apontando, também, para uma quase impossibilidade: representar a identidade nacional e cultural brasileira como única, em um tempo homogêneo e linear, a ocupar um território delimitado por fronteiras nacionais rigidamente definidas. Dessa forma, substitui-se o singular totalizante da expressão *identidade nacional brasileira* pelo plural *identidades*.

Saliente-se que descentramentos e deslocamentos não são processos recentes, mas tem ocorrido mesmo antes de o Brasil se tornar uma nação. A contar do século XVI, tais processos se deixam perceber desde a *Carta* de Pero Vaz Caminha, nos primeiros cronistas, a exemplo de Antonil, e em poetas, como Gregório de Matos e Thomas Antônio Gonzaga. Já a partir do século XIX, historiadores, estudiosos e escritores da literatura passaram a refletir e representar, mais diretamente, a condição deslocada de brasileiros na própria nação.

Desses deslocados, já de longa data, não faltam amostras. Em carta de 1845, Gonçalves Dias expressaria seu estranhamento em terras brasileiras, depois de seu retorno: “Aqui estou como Gulliver quando acordou na terra dos Pigmeus” (1971 [1845]). Isso apenas dois anos após publicar *Canção do Exílio*. Em *Minha Formação*, de 1899, Joaquim Nabuco destacaria a sensação dúbia de sentir-se deslocado nas capitais europeias, e também, no Brasil: “De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do

outro, a ausência do país” (1989 [1899]). Em *Os Sertões*, de 1902, Euclides da Cunha analisaria o *exilado na terra*. E em *Raízes do Brasil*, de 1936, cuja escrita teria começado enquanto expatriado na Alemanha, Sérgio Buarque de Holanda afirmaria que “somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra” (1995 [1936]). Já em “As ideias fora de lugar”, de 1973, Roberto Schwarz (1981 [1973]) discutiria a condição deslocada das ideias, na formação cultural e política brasileira. Em *Viagem ao México*, de 1995, Silviano Santiago ficcionalizaria uma viagem com o escritor Antonin Artaud, passada em 1936, em que *transcreve* um diálogo com o artista francês, em que esse último declararia serem os latino-americanos, incluindo o narrador brasileiro, *uns infelizes em desterrados* (1995), e o próprio narrador corroboraria tal perspectiva ao afirmar serem os latino-americanos “uma coletividade de exilados na própria terra” (Op. Cit.).

Tais casos, colhidos meio aleatoriamente, fazem parte de um amplo acervo de narrativas, cartas, autobiografias e textos críticos que aludem à inadequação e a deslocamentos metafóricos de brasileiros na própria nação. Desse modo, a partir de distintas disciplinas e, por vezes, segundo perspectivas ideológicas nem sempre convergentes, tantos intelectuais brasileiros refletiram acerca da condição deslocada de brasileiros no Brasil: desterrados, exilados, com *ideias fora do lugar*, ou no *entre lugar*. Isso, sem contar tantos brasileiros que, social e culturalmente marginalizados, são quase estrangeiros na própria nação.

Além dessas amostras, a série literária brasileira também se encontra repleta de representações de personagens que partem de vários pontos do globo com destino ao Brasil, constituindo uma *literatura imigrante*. Uma vertente literária que dá destaque à vinda para o Brasil de grupos de diferentes nacionalidades: portugueses, espanhóis, italianos, alemães, árabes, russos, judeus, japoneses (vide os levantamentos de OLIVEIRA, 2006; CURY e ALMEIDA, 2018).

Nessa literatura, a migração dos *turcos* (muitas vezes, de fato, libaneses que viajavam com passaporte turco) já havia sido narrada por autores como Jorge Amado, por exemplo, nas narrativas de seu *ciclo do cacau* e em seu último livro: *A descoberta da América pelos Turcos* (1992). Nas últimas décadas, entre outros romances que focalizaram essa corrente migratória, destacaram-se *Relato de um certo Oriente* (2008 [1989]) e *Dois Irmãos* (2000), de Milton Hatoum; *Amrik* (1997), de Ana Miranda; *Nur na escuridão* (2000), de Salim Miguel.

Já a diáspora judaica no Brasil foi representada em livros como *Contos do Imigrante* (1956), de Samuel Rawet; *A majestade do Xingu* (1997), de Moacyr Scliar e

em vários outros romances e contos desse último autor; *A chave de casa* (2007), de Tatiana Salem Levy; *Diário da Queda* (2011), de Michel Laub; *Amanhã não tem ninguém* (2013), de Flávio Izhaki; *Desterro* (2011), *Deserto* (2013) e *Bazar Paraná* (2015), de Luis S. Krausz. Quer seja de judeus alemães, poloneses, russos ou de turco-judeus, a diáspora judaica tem sido representada em uma série prolífica de narrativas, que negociam – de forma quase sempre problemática – com a herança da *judeidade* (FIGUEIREDO, 2013).

Quanto à imigração japonesa, migrantes e seus descendentes, em papéis principais ou secundários, estão presentes em *Cinzas do Norte* (2005), de Milton Hatoum; *O Sol se Põe em São Paulo* (2007), de Bernardo Carvalho; *Rakushisha* (2009), de Adriana Lisboa; *Nihonjin* (2011), de Oscar Nakasato. Romances que representam migrantes japoneses em vários locais do Brasil, do interior da Amazônia aos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. Personagens que tantas vezes desconectaram-se das tradições e da língua japonesa.

Em meio a muitos outros exemplos, esse elenco inicial permite atestar a multiplicidade de narrativas da *literatura imigrante*, com a representação também, ou principalmente, de seus descendentes já nascidos no Brasil, que experimentam uma condição recorrente de serem deslocados na nação, vivenciando conflitos relacionados a processos de adaptação cultural e integração social à identidade brasileira.

Na série literária proliferam, também, personagens que se deslocam para fora do Brasil. No século XIX e primeira metade do século XX, era predominante o destino ao *Velho Mundo*. Dessa forma, *desventuras* de deslocados brasileiros aparecem em narrativas de autores já consagrados no cânone literário, como Machado de Assis, que apresenta várias dessas personagens, sobretudo que estiveram na Europa, a exemplo de Capitu e Ezequiel, em *Dom Casmurro* (1899) e dos narradores de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). Há, inclusive, referências a personagens em trânsito em romances tão diversos como *Lucíola* (1862), de José de Alencar; *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães; *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo; *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro; *A Falência* (1901), de Julia Lopes de Almeida; as *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924), de Oswald de Andrade, entre tantos outros.

Cada um desses deslocados foi à Europa, um *local de passagem* preferencial, como viajantes, turistas, estudantes ou expatriados, por períodos curtos ou médios. Desse modo, diversamente de muitas narrativas contemporâneas, as representações de

experiências vividas para além das fronteiras nacionais, em momentos anteriores aos anos 1970, eram, em grande parte, *provisórias*, com prazo muitas vezes definido, e representadas, majoritariamente, *en passant*, ou meramente referenciadas como parte da contextualização inicial de personagens tantas vezes problemáticas.

Nas últimas décadas, amplia-se essa vertente da série literária, pois se publicam muitos romances que colocam em cena deslocamentos ao redor do mundo. Sem a pretensão de um levantamento exaustivo, como exemplo, foram publicados, nas duas primeiras décadas do século XXI: *Todos os Santos* (2019), Adriana Lisboa; *Com armas sonolentas* (2018), de Carola Saavedra; *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* (2016), de Elvira Vigna; *Flores Artificiais* (2014), de Luis Ruffato; *Vidas Provisórias* (2013), de Edney Silvestre; *Dois Rios* (2011), de Tatiana Salem Levy; *Amores exilados* (2011), de Oliveira Neto; *Toda Terça* (2007), de Carola Saavedra; *Cinzas do Norte* (2005), de Milton Hatoum; *Até o dia em que o cão morreu* (2007 [2003]), de Daniel Galera; *Mongólia* (2003), de Bernardo Carvalho; *Budapeste* (2003), de Chico Buarque.

Em sintonia com essa linha de publicações, a editora Companhia das Letras lançou o projeto multimeios *Amores Expressos*. A editora enviou 16 escritores brasileiros para 16 países diferentes para criarem histórias que neles se passassem. Entre as narrativas do projeto, algumas das mais analisadas pela crítica literária foram: *Cordilheira* (2008), de Daniel Galera; *O filho da Mãe* (2009), de Bernardo Carvalho; *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato; *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*, de João Paulo Cuenca (2010); *O livro de Praga* (2011), de Sergio Sant'Anna. Na maioria desses romances, foram narradas experiências amorosas e de trânsitos de personagens brasileiras, em complexos contatos transculturais. Nesse sentido, a coleção *Amores Expressos* tornou-se exemplar da representação das mobilidades globais de brasileiros, o que atesta, além de valores literários, culturais, performáticos, o seu valor mercadológico.

A Europa, como local de passagem preferencial de brasileiros em trânsito, foi destacada por Verena Dolle (2018), em sua análise de *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009). A crítica literária afirma que a Europa se constituiu, nos anos 2000, um *sonho europeu*, em certa contraposição ao *sonho americano* de tempos anteriores. Entretanto, em meio a multiplicidade de narrativas de deslocamentos para fora do Brasil, há que se considerar que a Europa era um destino preferencial e, no presente, outros locais menos usuais têm sido cada vez mais frequentes, como pode ser percebido nos romances destacados. Isto é, embora nações europeias continuem a ser local de passagem ou de

chegada dos mais recorrentemente representados, nas últimas décadas já se torna perceptível que não há apenas um *sonho europeu*, ou *sonho americano*, pois se intensifica o ocorrido no século XIX e na primeira metade do século XX, ao representar-se trânsitos contemporâneas que alcançam os *quatro cantos* do mundo.

Entre os estudos literários brasileiros que abordam essas narrativas, distinguem-se trabalhos que analisam romances produzidos por brasileiros residentes no Brasil, mas escrevem transnacionais *narrativas de deslocamento* (Cf. BRASILEIRO, 2014); residentes nos EUA e produzem *narrativas brazuca* (Cf. IRISH, 2016); e, ainda, escritores brasileiros que residem em vários lugares do mundo e elaboram uma *literatura da diáspora brasileira* (Cf. VIEIRA, 2015).

Nessas narrativas de deslocamento representam-se trânsitos de personagens de classe média ou média-alta, e, até mesmo, baixa, de personagens mais ou menos cosmopolitas que partem do Brasil por curto, médio ou longo prazos, ou, até, *definitivamente*. Dessa vertente, fazem parte romances em que cidades estrangeiras são constituídas como locais de passagem para turistas ou viajantes: *Sinfonia em Branco* (2001), de Adriana Lisboa; *Berkeley in Bellagio*, de João Gilberto Noll (2002); *Cordilheira*, de Daniel Galera (2008); *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque; *Mar Azul* (2012), de Paloma Vidal; *Enigmas da Primavera* (2015), de João Almino; *Deserto* (2016), de Luis S. Krausz. Há, ainda, expatriados, por questões de trabalho e/ou estudo, em *Toda Terça* (2007), de Carola Saavedra; *Algum Lugar* (2009), de Paloma Vidal; *Nada a dizer* (2010), de Elvira Vigna; *Amanhã não tem ninguém* (2013), de Flávio Izhaki; *A maçã envenenada* (2013), de Michel Laub; *O irmão alemão* (2014), de Chico Buarque.

A busca por outras terras também surge em narrativas cujas nações estrangeiras são construídas como locais de chegada, onde os deslocados buscam reconstituir suas vidas fora da nação de partida. E, por uma série de desventuras, acabam por se fixar indefinidamente no estrangeiro e tornam-se emigrantes, devido às crises subjetivas e à desilusão com o Brasil. Isso ocorre, por exemplo, em *Lorde* (2004), de João Gilberto Noll; *Azul corvo* (2014 [2010]) e *Hanoi* (2013), de Adriana Lisboa; e *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato. Há, inclusive, romances que representam brasileiros que tentam sair do Brasil, mas não conseguem, como em *Reprodução* (2013), de Bernardo Carvalho.

Atente-se, contudo, para a representação traumática do exílio. Vieira (2016), por exemplo, consideraria que o termo, em sentido amplo, se traduziria em um “fenômeno evocado na literatura relativamente recente, emergindo na década de 1990, até nossos

dias” (VIEIRA, 2016, p. 49). Em sentido estrito, porém, o *exílio* político-ideológico foi configurado em romances tão diversos como *As Meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles; *O Que é isso companheiro?* (2009 [1979]), de Fernando Gabeira; *Stella Manhattan* (2017 [1985]), de Silviano Santiago; *Tropical sol da liberdade* (1988), de Ana Maria Machado. Narrativas em que o exílio é visto, geralmente, como uma experiência traumática, por meio de memórias marcantes e angustiantes.

Nas últimas décadas, tais figurações de exilados têm se ampliado, a partir de narrativas tão díspares quanto *Cinzas do Norte* (2005), de Milton Hatoum; *Samba Dreamers* (2006), de Kathleen de Azevedo; *O filho da mãe* (2009), de Bernardo Carvalho; *Azul Corvo* (2010), de Adriana Lisboa; *Vidas provisórias* (2013), de Edney Silvestre; *Flores Artificiais* (2014), de Luis Ruffato; *O inventário das coisas ausentes* (2014), de Carola Saavedra; *Paraíso* (2014), de Tatiana Salem Levy; *A resistência* (2015), de Julian Fuks, *A noite mais escura* (2017), de Milton Hatoum. Essas são narrativas perpassadas por deslocamentos traumáticos em que personagens saem do Brasil, ou de outras nações, por uma necessidade premente. Figuram identidades em conflito e representam um trabalho de memória sempre contraditório, em um tempo heterogêneo e em um espaço transnacional e interconectado. A esses aspectos associa-se a problematização dos processos transculturais, decorrentes de múltiplos contatos e da necessidade de negociação, adaptação cultural e integração social aos locais de chegada.

Vale detalhar alguns romances contemporâneos que situam brasileiros pelo *mundo, vasto mundo* – para utilizar o verso de Drummond – representando, às vezes, na mesma narrativa, tipos diversos de deslocamentos via turismo, expatriações, imigrações, emigrações e exílios, além de diversos locais de passagem e/ou de chegada, e em múltiplas temporalidades. Assim, em *Relato de um certo Oriente* (2008 [1989]), de Milton Hatoum, a narradora – agregada a uma família de imigrantes libaneses em Manaus – escreve ao irmão, que vive expatriado na Espanha, relatos sobre vários membros e amigos da família estendida, busca compreender os traumas e conflitos familiares. E, em *A Majestade do Xingu* (1997), de Moacyr Scliar, o narrador-personagem – imigrante judeu-russo – ficcionaliza a história de um compatriota (que o acompanhara na viagem de imigração ao Brasil), para o filho expatriado na França. Em *O sol se põe em São Paulo* (2007), de Bernardo Carvalho, o narrador – descendente de imigrantes japoneses – viaja para o Japão (onde encontra sua irmã que trabalha como *dekassegui* em uma grande fábrica), em busca de solucionar uma história obscura ocorrida no Japão do pós-guerra, que lhe fora contada por uma japonesa que imigrara para o Brasil nos anos 1960. Já em

A maçã envenenada, de Michel Laub (2013), o narrador – residente em São Paulo, que na juventude saíra de Porto Alegre e vivera na Inglaterra – articula as histórias da morte de sua primeira namorada, do suicídio do roqueiro internacional Kurt Cobain e de superação de Imaculeè Ilibagiza (ruandesa da étnica tutsi, refugiada nos EUA, que viaja pelo mundo a narrar histórias de traumas decorrentes do genocídio dos tutsis pelos hutus). Então, muitos são romances que representam deslocamentos contemporâneos diversos, em tempos múltiplos e para locais de chegada ou de passagem variados.

Merecem destaque, ainda, duas outras narrativas que representam, de forma detalhada, em um mesmo romance, vários trânsitos contemporâneos através de gerações. São eles: *A chave de casa* (2007), de Tatiana Salem Levy, e *Flores Artificiais* (2014), de Luiz Ruffato. No romance de Levy, narram-se deslocamentos da narradora e de sua progênie: o exílio de antepassados judeus da Espanha para a Turquia, no século XVIII, devido à perseguição religiosa; a imigração da Turquia para o Brasil, pelo avô que escapa de alistamento militar obrigatório e busca melhores condições de vida; o exílio político dos pais motivado por perseguição da ditadura militar brasileira, nos anos 1970, para Portugal, onde nasce a narradora; o retorno empolgado do pai e reticente da mãe para o Brasil, após a Lei da Anistia, em 1979; a viagem da narradora-protagonista, nos anos 2000, para Istambul, e seu *re-encontro* com parentes distantes, em Esmirna, interior da Turquia; bem como uma aventura romântica na cidade de Lisboa, sua terra natal (Cf. CURY, 2017).

Já *Flores Artificiais* (2014) representa um amplo elenco constituído de mais de uma trintena de deslocados transnacionais. Em cada uma das oito narrativas que constituem o romance, há, pelo menos, três personagens que transitam entre fronteiras nacionais e que entram em contato direto ou indireto com o narrador Dório Finetto. Descendente de italianos que imigraram para o Brasil no século XIX, Finetto dividia sua residência, desde os anos 1980, entre o Rio de Janeiro e Nova Iorque, devido à consultoria de projetos do Banco Mundial – trabalho que o levou a deslocar-se pelo mundo por quase 30 anos. Além dos trânsitos do expatriado Dório, o romance narra histórias de vários personagens que se movem através de fronteiras nacionais. O inglês expatriado Bobby, de “Uma história Inverossímil”, que lutou como soldado do exército imperial inglês e como mercenário na África, radicou-se no Brasil. O exilado argentino Marcelo, de “Comer Sushi em Beirute”, residente em Toulouse, França, dava aulas em Beirute. Já a luso-moçambicana Susana, da narrativa homônima, *retornada*, se formou em Letras em Portugal, e ministrou aulas em várias ex-colônias portuguesas, até desaparecer

misteriosamente no Timor Leste. Um aragonês não-nomeado, em “Presente Absoluto”, que lutara na guerra civil espanhola dos anos 1930, exilara-se na Argentina e não retorna para a Espanha. Um turista/viajante estadunidense, também não-nomeado, em “O homem que não tinha onde cair morto”, lutara na guerra do Vietnã e se encontra com Finetto em San Juan, Porto Rico. Como se vê, esses personagens experimentaram uma gama variada de deslocamentos no espaço e no tempo.

Alguns aspectos são recorrentes nessas narrativas. Várias representam, de forma agônica, relações globais-nacionais-locais e explicitam interseções entre a nação (de) partida e o mundo globalizado, no qual o estado-nacional se insere marginal e assimetricamente. Assim, esses textos literários figuram distopias marcadas por crises não só subjetivas, mas também nacionais, de que decorrem a fuga traumática por desespero, ou saída por desilusão e desamparo. Em meio a essas experiências distópicas, representa-se a partida de tantos personagens frustrados, desiludidos em relação a nações e a estados. De onde partem, sofrem devido a crises subjetivas, poucas possibilidades de ascensão social, fuga de violência do estado ou estrutural, ou, em vários casos, de exílio decorrente da repressão política e do medo da tortura física e psicológica, representado nas ficções que se passam durante a ditadura militar.

O estudo dos romances supracitados possibilita que se observem alterações de temas, tipos e motivos nas narrativas de deslocamentos. Assim, pode-se considerar que houve uma ampliação dos modos de narrar mobilidades contemporâneas, a partir, principalmente, dos anos 1960, intimamente associada à expansão da globalização e a problemas políticos e econômicos intestinos no Brasil e em outras nações. Nesse sentido, em muitas narrativas, embora apresentem ainda diversos viajantes mundanos (PIRES, 2014) e personagens que atravessam fronteiras como parte de um processo de formação cultural, a representação dos trânsitos estaria, cada vez mais, recorrentemente, associada à busca de um lugar de refúgio.

Assim, em um contexto de intensos trânsitos internacionais, muitas narrativas abordam a proliferação de descentramentos com a problematizações de fronteiras, em decorrência da globalização contemporânea, de questionamentos quanto à nação, de cisões de sujeitos e fragmentação de identidades, como já se aludiu e, nos próximos capítulos, analisa-se mais detalhadamente.

2.2 Nação de partida

Férias no estrangeiro, por exemplo. Como diabos eram aquelas férias, nos perguntávamos nas manhãs de praia no Leme a que se reduziam as nossas. Indagávamos avião e *Disneyworld* (diabo de palavra difícil de pronunciar, aquele *rl* que não cabia na nossa boca) aos nossos racionados picolés Concorde, às nossas bicicletas surradas (*Todos os Santos*, Adriana Lisboa grifos da autora).

Rakushisha, *Azul corvo* e *Hanói*¹⁵ são romances contemporâneos paradigmáticos entre as narrativas brasileiras contemporâneas que abordam deslocamentos. Cada um, a seu modo, apresenta múltiplos tipos e experiências de mobilidades. Assim, este estudo será realizado em etapas. Então, em um primeiro momento, focam-se os deslocamentos vivenciados nos anos 2000, na perspectiva das *nações de partida*, pelos brasileiros Haruki e Celina (*Rakushisha*); pela estadunidense-brasileira Vanja, pelo estadunidense Nick e pelo salvadorenho Carlos (*Azul corvo*); e, também, pelo chicano-brasileiro David e pela vietnamita-americana Alex (*Hanói*). A seguir, salientam-se várias nuances relativas à desconstrução da narrativa da nação brasileira, sobretudo em *Azul corvo*, por meio de releitura pontual da História oficial brasileira, por Vanja, e mediante a representação de problemas associados ao projeto de crescimento nacional e de apropriação simbólica de produções esportivas e culturais. Atenta-se, sobremaneira, à contraposição entre um discurso nacional-ufanista e um contradiscurso dissidente. Por último, considera-se o deslocamento em relação às *nações partidas*, principalmente, nos anos 1970, pelo exilado Fernando (*Azul corvo*) e pelos refugiados Trung, Linh e Huong (*Hanói*). Especialmente em *Azul corvo*, observa-se a permanência da nação, em uma clave antinacional, em um tempo tido como pós-nacional.

Antes porém, de mergulhar na leitura desses três romances, transita-se por *Sinfonia em Branco* (2013 [2001]), segundo romance de Adriana Lisboa, distinguido com o prêmio José Saramago de Literatura, em 2003. A história se passa, principalmente, no Rio de Janeiro e na pequena Jaboticabais, onde nasceram Maria Inês e Clarice, e onde vivia, no tempo da narrativa, o pintor carioca Tomás (ex-namorado de Maria Inês e grande amigo de Clarice). Ao longo da narrativa, há dezenas de referências a deslocamentos

¹⁵ A análise segue, no geral, a sequência cronológica da publicação da primeira edição das obras, embora se utilizem as edições mais recentes. *Rakushisha* foi publicado originalmente em 2007, pela Editora Rocco, com nova edição em 2014, pelo selo Alfaguara, da editora Objetiva. A primeira edição de *Azul corvo* saiu em 2010, já pela Objetiva, e também a segunda edição, de 2014. Quanto a *Hanói*, foi publicado em 2013, também pelo selo Alfaguara.

internacionais, como o de Maria Inês e João Miguel, que seguem para os Estados Unidos em lua de mel, financiada pelo *vecchio* Azzopardi, pai do noivo, que deu:

[...] passagens aéreas para Nova York, onde havia um quarto de hotel no Upper East Side reservado para eles por uma semana. E deu um punhado de dólares para que gastassem por lá, nos musicais, nas peças de teatro, nos restaurantes, nas lojas da Fifth Avenue (*Sinfonia em Branco*¹⁶, LISBOA, 2013, p. 244).

Esse é um dos deslocamentos internacionais representados em *Sinfonia em Branco*, entre outros que também são, no geral, referidos de modo bastante rápido. Nova York e outras cidades da Europa surgem como locais de passagem de viajantes mundanos (PIRES, 2014), turistas e artistas (como o cantor internacional Bernardo Águas, amante de Maria Inês) que retornam ao Brasil (à exceção do *vecchio* Azzopardi que, aposentado, vai viver em sua *villa* na Toscana). Nesse sentido, *Sinfonia em Branco* permite um vislumbre da rota tradicional dos deslocamentos para fora da nação na série literária brasileira: mundanidade, formação cultural, demonstração de *status* social. Esses aspectos não estão tão presentes em *Rakushisha*, *Azul corvo* e *Hanói*. O *corpus* principal desta tese refere-se a deslocamentos que não são tratados *em passant*, mas que afetam, de modo intenso, as subjetividades em questão.

Rakushisha (2014 [2007]), por exemplo, é composto por histórias paralelas, em espiral, de dois brasileiros deslocados, Haruki e Celina, que dialogam com a filosofia do poeta japonês Bashô. Suas histórias são mediadas por um narrador em 3ª pessoa, intercaladas com passagens de fluxo de consciência de Celina e de Haruki, bem como por textos transcritos do diário de viagem da primeira. O romance é atravessado pelas experiências de deslocamentos, no século XVII, de Matsuo Bashô, mediante transcrições de entradas traduzidas do *Diário de Saga* e de *haicais* do poeta-samurai. Várias outras personagens em deslocamento são mencionadas, mas o foco incide, especialmente, nas histórias dos dois brasileiros, durante a maior parte da narrativa, num amplo leque de movimentações físicas, culturais, subjetivas e afetivas.

Haruki Ishikawa nasceu no Brasil, neto de imigrantes japoneses, vivia no Rio de Janeiro. Há poucas informações sobre seu pai e sua mãe. Solteiro, idade em torno de 40 anos, com exceção de acontecimentos específicos, viveu sem maiores contatos com as tradições e a língua japonesa. De fato, até o presente da narrativa não estabelecera “[n]enhum vínculo com o país de seus antepassados. Nada. Nenhuma informação,

¹⁶ *Sinfonia em Branco*, doravante, SB nas citações, seguido do número da página.

nenhuma curiosidade” (LISBOA, 2014, p. 35¹⁷) por um “Japão ignorado por quarenta anos” (Rak, p. 16). Mesmo assim, foi contratado para ilustrar a tradução para o português do *Diário de Saga* (1694), de Bashô (1644-1694), que fora traduzida por Yukiko Sakade, sua ex-amante. Diferentemente dele, Yukiko tinha forte conexão com o Japão, inclusive estudou em Tóquio.

Quando surge na narrativa, Haruki está no Consulado japonês no Rio de Janeiro, onde tira um visto para visitar, pela primeira vez, o Japão – onde realizará pesquisa para seu trabalho. Oficialmente, Haruki seria um turista da *categoria G: atividades culturais* (Rak, p. 15). Entretanto, sua viagem não se resume ao turismo. Suas *atividades* são referentes a sua profissão de ilustrador, viajando com as passagens pagas pela editora. E é nessa condição dupla que visitará uma série de centros culturais, templos, mercados e outros locais históricos, relacionados ou não ao poeta Bashô, tanto em Quioto – onde fica cerca de uma semana, acompanhado pela brasileira Celina –, quanto em Tóquio.

Ao planejar a viagem, Haruki declara que pretendia

[ir] colhendo pelo caminho as imagens com os olhos, sua melhor câmera fotográfica (mas tinha uma outra, pelo sim, pelo não). Ir deixando que a terra de Bashô fosse entrando nele pelos cinco sentidos, se aninhasse em seus pulmões, ficasse impressa em suas digitais, ondulasse em chá verde sobre sua língua (mesmo que acompanhada de donuts), tocasse em seus tímpanos um grande sino de templo zen, mesmo que embaraçado em timbres distintos e profundos de telefones celulares (Rak, p. 51).

O deslocamento físico e cultural de Haruki o levará a uma viagem sinestésica, que impacta os cinco sentidos: visão, olfato, tato, paladar, audição. Destaca-se que media a *reativação* desses sentidos um diálogo friccional com um Japão cuja hipermodernidade (câmera fotográfica, donuts, telefones celulares) emerge constantemente atravessada pela tradição (chá verde, sinos, templos).

Curiosamente, mesmo que haja uma vasta referência aos impactos culturais e sociais da viagem a uma sociedade e cultura *desconhecidas* e cheias de peculiaridades e possibilidades, o viajante mantém a atenção na sua relação afetiva pregressa com a tradutora Yukiko. De fato, o narrador apresenta, recorrente e exaustivamente, as memórias obsessivas de Haruki a respeito de Yukiko e do relacionamento que se rompera

¹⁷ Doravante, mesmo ciente das regras da ABNT relativas às referências de romances (AUTOR, ano, página), devido a extensa quantidade de referências aos romances de Adriana Lisboa, para facilitar a fluidez da leitura, após a primeira citação, nas subseqüentes, se utilizará de abreviações ou acrônimos, para cada um dos romances: Rak (*Rakushisha*), Ac (*Azul corvo*), Han (*Hanói*), seguido do número da página.

um ano antes da viagem. A relevância do relacionamento não superado fica explícita quando se contrasta com as primeiras impressões sobre Bashô.

Um antigo poeta do Japão. Nada que interessasse particularmente a Haruki: apenas na medida em que tudo o que interessava a essa mulher era mais urgente do que a fome, do que a sede, do que o sono, do que as catástrofes naturais, globais, planetárias, interplanetárias, cósmicas. Sua pequena catástrofe particular (Rak, p. 89).

Assim como nessa passagem, outras memórias associadas a Yukiko atravessam a narrativa e expressam que o deslocamento espacial e cultural seria menos intenso do que o sinestésico e afetivo. Essas memórias seriam tão relevantes que o levariam a deixar de lado uma resistência atávica à cultura e sociedade japonesa, a aceitar o trabalho de ilustrador do *Diário de Saga* e a viajar para o Japão.

Essa situação que, ao final da narrativa, leva-o a se conectar com o Japão e a se reconectar com Yukiko pela mediação de Celina, que informa a tradutora a respeito da viagem. Yukiko, então, envia uma mensagem de *e-mail*: “Que surpresa, Haruki, você no Japão” (Rak, p. 169). A viagem abre possibilidades de os amantes reatorem laços. Assim declara Haruki, logo após receber a mensagem de Yukiko: “Você me faz falta. Você me fez falta antes que eu te conhecesse. Você me faz falta agora” (Rak, p. 169). Desse modo, pode-se considerar que, embora a ida ao Japão seja explicitamente associada ao trabalho, a saída do Brasil teria forte relação com a crise subjetiva e afetiva da personagem e sua busca por reajustar sua vida.

A outra protagonista do romance, Celina, também é uma deslocada afetiva. Nascida e criada no Recife, ainda jovem migrou para o Rio de Janeiro. Após alguns anos, casa-se com Marco, com quem tem uma filha. Quando Alice tinha sete anos, morre em um acidente de carro nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. Marco dirigia. Devido ao trauma decorrente da morte da filha, Celina entra em crise profunda, abandona o marido e isola-se. Ao se iniciar a narrativa, mesmo após anos, Celina ainda vive com intensidade o luto e a dor pela perda traumática.

Celina é uma companheira de viagem bastante insólita, pois, uma semana antes de partir para o Japão, nem sequer conhecia Haruki. Durante uma viagem de metrô, no Rio de Janeiro, ela observa um descendente de asiáticos a ler um livro em uma língua oriental. No momento em que, por acaso, saíam juntos da estação, não consegue se conter e pergunta: “desculpa, mas é que fiquei tão curiosa. Isso aí que você lia é japonês ou chinês?” (Rak, p. 25; p. 32). Após uma breve conversa e a ida a uma cafeteria, ao se despedir de Celina, Haruki, intempestivamente, faz um convite inusitado: “Você podia ir

para o Japão comigo” (Rak, p. 40). Surpreendentemente, Celina aceita. A situação que o próprio Haruki considera como *estapafúrdia* leva Celina, alguns dias depois, a uma viagem para o outro lado do mundo, com um homem relativamente desconhecido.

A viagem é tão relevante para ela que o romance se inicia com sua caminhada pelas ruas de Quioto, onde Celina ficará sozinha após alguns dias, enquanto Haruki visita Tóquio. Na narrativa, a antiga capital do Japão constitui-se como um cidade marcada pela solidariedade e hospitalidade em relação aos turistas e visitantes estrangeiros, em contraponto à frieza da atual capital japonesa. Durante a estadia, ela inicia a escrita de seu próprio diário pessoal, visita biblioteca, livrarias e uma infinidade de templos, lê a tradução do *Diário de Saga*, haicais e outros textos. Além de conhecer a *Rakushisha – cabana dos caquis caídos –*, local onde Bashô escrevera, mais de três séculos antes, o *Diário de Saga*, narrando, também, a visita à cidade de Quioto e a casa de um de seus discípulos.

Viajante, turista, andarilha, *flâneuse*, mas, acima de tudo, deslocada e estrangeira, Celina observa Quioto com um *olhar estrangeiro*. Um olhar talvez semelhante àquele que Nelson Brissac Peixoto destaca como sendo característico de quem vem de fora e observa uma cultura e sociedade diversas das suas. Segundo o pensador,

aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele resgata o significado que tinha aquela mitologia. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais (PEIXOTO, 1988, p. 363).

Com esse olhar estrangeiro, ela anda pelas ruas, observa jovens e velhos, visita templos e se fascina pelos paradoxos da, simultaneamente, hipermoderna e tradicional cultura japonesa.

Mais ainda, o deslocamento espacial e cultural parece possibilitar a Celina lançar um *olhar estrangeiro* até para si mesma. Dessa forma, durante os dias passados em Quioto, por meio de leituras e da escrita, Celina entra em um intenso processo introspectivo. Relembra, com intensidade, do relacionamento com seu ex-marido e do nascimento, vida e morte de sua filha. Ao final da narrativa e próximo do momento de retorno ao Brasil, ao mesmo tempo em que, através de uma troca de *e-mails*, reconecta Haruki à Yukiko, inicia a superação do trauma, inclusive enviando uma carta ao ex-marido e

[...] escreve o nome de Marco. Pega uma folha do caderno que lhe serve de diário e escreve: me desculpa. Embrulha com a folha de delicado papel japonês o último poema escrito por Bashô na *Rakushisha* (Rak, p. 186).

E então, com efeito, a viagem e a imersão na diferença da cultura e da sociedade japonesa auxiliam Celina a enfrentar o deslocamento afetivo vivido no Brasil.

Contrariamente ao que se esperaria se a história estivesse sendo contada em um romance menos sofisticado, durante a viagem não haveria um relacionamento sexual entre Haruki e Celina. Contudo, eles se tornam íntimos enquanto companheiros de uma viagem em que cada um, a seu modo, busca recordar e ressignificar as experiências e retomar o controle de suas vidas em crise no Brasil.

No entanto, embora com aprofundamento maior da crise subjetiva das personagens, em *Rakushisha*, os deslocados internacionais não são distintos de tantos outros anteriores na série literária brasileira. Haruki, sobretudo, viaja com um fim bastante definido e tradicional: conhecer o Japão e uma outra cultura. Isto é, sua viagem é rumo a um local de passagem, com o objetivo inicial de conhecer aspectos históricos, culturais e sociais de que possa se apropriar para produzir suas ilustrações. Nesse sentido, seu deslocamento espacial, ainda que leve a uma mudança interior e a uma reorganização de sua subjetividade deslocada, ocorre, aparentemente, devido à reconexão com Yukiko.

Já Celina, mesmo que visite diversos templos e outros pontos turísticos, é, e não é, uma viajante *tradicional* e uma turista contemporânea (como outros estrangeiros no romance). Em meio a suas leituras, escritas e passeios vivencia intensamente a experiência do deslocamento, não apenas conhecendo outra cultura, mas sobremaneira se re-conhecendo e buscando reencontrar um caminho em sua vida. Para tanto, é importante a constante referência a Bashô, poeta e mestre itinerante, que ensina enquanto caminha, como uma metáfora da construção de um conhecimento móvel de si e do outro (CURY, 2012a). Isso no sentido de que, como reitera Celina no último parágrafo de seu diário de viagem:

A viagem nos ensina algumas coisas. Que a vida é o caminho e não o ponto fixo no espaço. [...] e aquilo que possuímos de fato, nosso único bem, é a capacidade de locomoção, é o talento para viajar (Rak, p. 14; p. 187).

Desse modo, Haruki e Celina assemelham-se a tantos viajantes descritos na literatura brasileira, cujos deslocamentos internacionais seriam narrados como possibilidades de aprendizado, quer seja cultural, quer seja subjetivo.

Contudo, em *Rakushisha*, esses dois deslocados, ainda que vivenciem a viagem de formas distintas, dela haurem uma forma de introspecção no caminho do conhecimento de si e aceitação do outro. Mesmo que se transformem com a viagem e enfrentem seus conflitos subjetivos e afetivos e reorganizem suas vidas a partir de um *olhar estrangeiro*,

Haruki e Celina vivenciam nações estrangeiras como locais de passagem e, ao final, retornam ao Brasil.

Já os deslocamentos representados em *Azul corvo* (LISBOA, 2014 [2010]), publicado em primeira edição três anos após *Rakushisha*, são bem mais diversificados e muitos são os deslocados representados ao longo do romance, em que a narradora Vanja intercala a sua história pessoal de mobilidade com a de familiares, amigos e colegas – personagens que tiveram como local de chegada, principalmente, os Estados Unidos (EUA). As histórias contadas por ela dizem respeito a uma gama alargada de personagens que contam eles também histórias de outros deslocados. É o que ocorre, por exemplo, com a história da guerrilheira Manuela e dos avós da narradora. A maioria das personagens deslocou-se de suas nações de nascimento ou de criação.

As tantas histórias articulam-se em uma espiral em meio à própria história da narradora:

Num saquinho de papel se embaralham nomes e palavras: *Albuquerque, Copacabana, Londres, Araguaia, LIFE. IS. GOOD. Amazônia Colorado Guerrilha. Texas. Namorado Americano Lugar Nenhum*. Algumas das palavras dizem respeito ao presente, outras vêm do passado, outras podem pertencer a algum futuro. Estão ali, confundidas (Ac, p. 71, grifos da autora).

Ao ouvir narrativas de parentes, amigos e conhecidos, a jovem rearticula memórias de personagens que experimentaram vidas deslocadas e as narra em espiral, de forma não linear, relativamente fragmentada.

Entre os diversos deslocamentos representados, o da própria narradora é um dos mais detalhadamente narrados. Ela nasceu nos Estados Unidos e foi trazida para o Brasil no início dos anos 1990, aos dois anos, por sua mãe, a brasileira-estadunidense Suzana. Um ano depois da morte da mãe, Vanja, aos 13 anos, *retorna* ao país em que nascera, em busca de Daniel, seu pai biológico. Nos EUA, vai morar com o brasileiro Fernando, em Lakewood, uma cidade no subúrbio de Denver, Colorado. Nos anos 1980, Fernando fora casado com Suzana e, embora já separados por alguns anos, quando Vanja nasceu ele a registrara como sua filha.

Ao longo de *Azul corvo*, Vanja narra histórias de seus múltiplos deslocamentos espaciais. Dá maior atenção à saída do Brasil e a uma viagem pelo interior dos EUA. Nessa viagem, em que buscava seu *verdadeiro* pai, ao lado de Fernando e de Carlos, a narradora descobre que Daniel mudara-se para Abidjan, na Costa do Marfim. A partir daí, até seus vinte e dois anos, reside e estuda em Lakewood, trabalha como bibliotecária em

Denver e desloca-se para Abidjan para conhecer Daniel, sua madrasta e meios-irmãos, e para o Rio de Janeiro para rever amigas e sua tia Eliza, irmã adotiva de sua mãe.

Mesmo registrada por um brasileiro, em seus primeiros anos de vida, seria uma estadunidense, em função do seu local de nascimento. Também seria, nos EUA, uma *criança de imigrantes* e, em certo sentido, uma *criança imigrante* (cf. PORTES, 1996, IX-X). E ainda poderia ser considerada *imigrante de segunda geração* (por mais que a expressão seja uma *figura absurda*, como criticada por Paul Gilroy (2005)), ou uma brasileira, mesmo que nascida nos EUA, pois filha de uma brasileira-estadunidense, retornada ao Brasil, e de um brasileiro não-naturalizado, que residia nos EUA. Já ao sair dos EUA e chegar ao Brasil, era uma brasileira retornada, nascida nos EUA, que era, ao mesmo tempo, uma imigrante estadunidense no Brasil. Já aos treze anos, quando volta aos EUA, torna-se uma imigrante brasileira e, concomitantemente, uma *nativa* estadunidense. Durante suas visitas a Daniel na Costa do Marfim, ou a sua tia no Brasil, Vanja seria, ainda, uma viajante internacional e, simultaneamente, expressaria algumas marcas de ser uma deslocada transnacional.

Desse modo, quando assume a narrativa, Vanja já vivenciara múltiplas experiências de trânsitos para além de fronteiras nacionais, com destaque para aquela para os EUA em busca do pai. Também vivenciara diversos contatos culturais. Ao narrar sua história pessoal e esses contatos, foca sua atenção em seu deslocamento e re-localização nos EUA, mas, ao longo da narrativa, faz várias alusões aos deslocamentos, sobretudo afetivos, vivenciados no Brasil e aos motivos que a levaram a partir, sendo o mais relevante a morte da mãe.

Suzana, por outro lado, fizera um percurso inverso. Nascida no Brasil, de mãe e pai brasileiros, no final dos anos 1970, após a morte da mãe, com apenas nove anos, foi levada para os EUA por seu pai, Abner. Nas palavras de Vanja: “Aos nove anos de idade minha mãe já não tinha mais mãe, e foi para o Texas com o pai geólogo [...]. Minha mãe cresceu no Texas” (Ac, p. 36). De modo semelhante a muitas outras crianças imigrantes – inclusive personagens de *Azul corvo*, como Carlos – Suzana não teve liberdade de escolha.

Tornou-se adulta nos EUA, tendo se naturalizado estadunidense, onde foi professora particular de línguas espanhola e portuguesa, conviveu com estadunidenses, brasileiros e latinos, e fez viagens intercontinentais, como aquela em que conheceu Fernando, em Londres, nos anos 1980. Em seus 41 anos de vida, com sua dupla cidadania, foi uma criança imigrante, uma turista internacional e uma ex-emigrante brasileira

retornada dos EUA, o que torna difícil definir – assim como em relação a sua filha – um tipo específico de deslocamento que a caracterizaria.

Suzana relata a Vanja várias histórias, entre as quais a relativa ao pai biológico estadunidense e ao pai legal brasileiro. Conta à filha sobre a doença incurável que a acometia e histórias a respeito da vida migrante nos EUA, onde viveu dos 8 anos até aproximadamente os 30 anos.

É um saquinho de papel que Vanja vai levar, sem saber, na mala com as coisas importantes, quando fizer sua viagem de volta ao país onde nasceu e onde o grito de ordem a-vida-é-bom se escreve assim: *life is good*. As palavras e os nomes dentro do saquinho aos poucos se destacam de Suzana, lhe pertencem cada vez menos. Tanto que ela nem as menciona, embora saiba que estão ali.

A coisa importante que ela precisa contar à filha é a única inteiramente previsível, só que vai acontecer um pouco antes da hora. Ela explica. Fala. Depois ouve. Responde a todas as perguntas. As perguntas não acabam, até que acabam. E com elas a tarde cartão-postal e a necessidade de respostas (Ac, p. 71, grifos da autora).

O cuidado ao relatar a doença aproxima mãe e filha, através da narração de histórias que incluíam não só momentos felizes, mas também dificuldades, conflitos, além de curiosidades sobre a *terra estrangeira* em que Vanja nascera. Conversas e diálogos, o compartilhamento de histórias, o aviso da morte iminente e as respostas a *todas as perguntas* não implicam, por certo, a aceitação da perda, nem a amenização ou contenção de uma intensa dor, de sofrimentos e de angústias.

Durante o luto, Vanja vivenciou traumas e dores que a transformaram. Nesse sentido, após a morte da mãe, ela passa por intensa crise subjetiva, com um descolamento em relação à realidade vivida por uma, até então, extrovertida adolescente. No processo de elaboração do luto, o apoio de sua tia Elisa revela-se na paciência e no cuidado. E as experiências não foram poucas, nem simples, incluindo isolamento social em relação aos amigos e colegas de escola, indícios de anorexia nervosa e sinais de depressão.

Relevante considerar a dissonância narrativa na longa citação anterior. Com poucas exceções, o romance é narrado em primeira pessoa por Vanja, mas, quando se refere à morte da mãe recorre à terceira pessoa: “Vanja vai levar”; “a coisa importante que ela [Susana] precisa contar à filha [Vanja]” (Ac, p. 71). Essa dissonância simboliza um aspecto significativo do processo de deslocamento subjetivo e afetivo da jovem, demonstrando que quase dez anos depois, no tempo da narração, ainda há dificuldades para falar sobre o trauma.

Após a elaboração inicial do luto e o isolamento, a jovem resolve partir em busca de um novo lugar. Pode-se considerar que seu deslocamento se associa à perda de vínculos e à busca de suprir um vazio existencial, derivado do sofrimento com a ausência da mãe e a procura por constituir novos laços afetivos. Nesse sentido, a viagem para fora do Brasil, em busca do pai desconhecido expressaria uma tentativa, embora relativamente fracassada, de centramento, pela re-construção de laços familiares mais estáveis, baseados em modelo tradicional de família.

Desse modo, o processo de luto culmina com a viagem aos EUA, a busca pelo pai e a jornada de emancipação, adaptação e amadurecimento. Esses seriam os aspectos clássicos associados aos romances de formação, *Bildungsroman* (Cf. LUKÁCS, 2000 [1965]; SCHWANTES, 2010; COQUEIRO, 2013), mas, em *Azul corvo* emergem a partir de uma chave pós-moderna, em meio a uma narrativa não linear, que permite vislumbrar o desconforto e a instabilidade de uma subjetividade contemporânea que, descentrada, busca um lugar para se re-localizar.

Em meio a seus muitos trânsitos, seria difícil estabelecer um tipo específico de deslocamento para definir a recorrente condição deslocada de Vanja. Em relação aos EUA, como já se falou, ela seria uma *imigrante de segunda geração*, nativa, *expatriada*, emigrante, repatriada; já quanto ao Brasil, seria uma *brasileira nascida no exterior*, imigrante, retornada, emigrante, *expatriada*, viajante. *Per si*, cada um de seus deslocamentos – aos quais se poderiam adicionar outros, como brasileira diaspórica e turista, por exemplo – relaciona-se a peculiaridades em termos de subjetividade e identidade em trânsito.

Assim, devido a tantos contextos e experiências de deslocamentos, cada papel identitário no qual se situa, ainda que provisoriamente, não parece dar conta de defini-la, uma vez que sua condição é frequentemente eivada de contradições e ambiguidades. Ela ocupa, a cada momento e experiência, uma identidade provisória, por ser uma subjetividade em trânsito, híbrida, hifenizada, no entre-lugar.

Outra personagem importante de *Azul corvo* é Fernando. Nascido e criado em Goiás, no final dos anos 1960, ingressou na Universidade de Brasília e em um movimento de dissidência ao regime militar brasileiro. Nessa época, viajou para a China comunista, onde treinou técnicas de guerrilha e de insurgência. De volta ao Brasil, morou algum tempo no interior da Bahia e depois rumou para o Pará, onde participou da Guerrilha do Araguaia – movimento revolucionário que se insurgiu contra o governo militar brasileiro nos anos 1970. Após participar de algumas ações menores, quando as intervenções

subversivas começaram a ficar mais arriscadas e ousadas, fugiu da luta armada, abandonou os companheiros e se exilou na Inglaterra. Estabeleceu-se por alguns anos em Londres, até se apaixonar por Suzana. Então emigrou para os EUA, onde se casaram. Mesmo após o fim do casamento, permaneceu nos EUA, até sua morte, no final dos anos 2000. Curiosamente, embora tivesse direito, jamais requisitou a cidadania estadunidense.

Vanja, ao longo da narrativa, também conta detalhes dispersos a respeito de Daniel, seu pai biológico, mas sem preocupar-se com o aprofundamento em termos de subjetivação. Mesmo assim, sabe-se que o pai viveu uma intensa vida deslocada. Filho da estadunidense Florence e do mexicano Jesus, nasceu na Costa do Marfim, onde residiu seus primeiros anos, antes do retorno da família aos EUA. Durante os anos que passou nos EUA, morou em Albuquerque, onde teve um breve relacionamento com Suzana. Viveu em cidades como San Antonio, no Texas, e, depois, retornou à Abidjan, capital da Costa do Marfim, sua terra natal. Ali, se casou e teve filhos. Ele não soube que tivera uma filha com Suzana, até que Vanja lhe contou. Após receber a visita da filha duas vezes em Abidjan, Daniel a visita nos EUA, durante uma viagem a trabalho. As referências aos deslocamentos de Daniel possibilitam que se observe mais uma personagem em uma vida deslocada, assim como tantas outras de *Azul corvo*.

Outra personagem de destaque no romance é Carlos. Proveniente de El-Salvador, chegou aos Estados Unidos ainda criança. Quando conhece Vanja está com aproximadamente oito anos e, como a narradora, passaria por um processo de formação. Na narrativa, não há muitos detalhes a respeito da vida de Carlos e de seus familiares em sua terra natal, nem tampouco se explicitam os motivos que os levaram a migrar para os EUA, para além da questão da busca de oportunidades de trabalho para o pai e de educação para Carlos e sua irmã Dolores, que “trabalhava como camareira em um *tech center* [enquanto sonhava em] estudar medicina em Harvard” (Ac, p. 138, grifos da autora).

Vanja narra diversos aspectos da história pessoal de Carlos nos EUA, intercalados a sua própria e a de outras personagens. A jovem brasileira auxiliou o salvadorenho no processo de letramento cultural, nas atividades escolares e no aprendizado da leitura e da fala em inglês. A comunicação inicial entre ambos ocorreu, sobretudo, em espanhol, língua que Vanja aprendera com a mãe. Por uma série de fatores, o processo de deslocamento e re-localização de Carlos foi bem mais inseguro e desconfortável do que o da narradora, pois ele e seus familiares entraram nos EUA com vistos de turista, mas, após expirarem, tornaram-se migrantes ilegais, *sin papeles*.

Como já considerado, a maioria dos deslocados de *Azul corvo* são emigrantes, exilados ou expatriados nos EUA. Uma das poucas exceções é Nick, namorado de Vanja, quando estudavam na mesma escola em Lakewood. A respeito do qual não há referências quanto às origens migrantes ou condição hifenizada própria ou de seus ascendentes. Assim como as de outras personagens, as referências a Nick estão dispersas ao longo da narrativa. Embora viva no país em que nasceu, em uma de suas conversas com Vanja, deixa explícita sua condição deslocada.

Detesto este lugar, Nick me disse uma vez.
 Que lugar? A escola?
 O Colorado.
 Detesta? Por quê?
 Você anda e não tem nada. Você anda horas e mais horas de carro e não tem nada. Só uns arbustos no chão. Queria morar num lugar onde houvesse árvores.
 Tem as montanhas, eu ponderei.
 As montanhas, ele disse. Um monte de pinheiros e estações de esqui. Mansões de gente rica imitando chalés suíços. Não, obrigado.
 Anotei mentalmente que Nick não tinha interesse por pinheiros, por estações de esqui nem por mansões de gente rica imitando chalés suíços.
 Estava tudo debaixo d'água, eu comentei, feliz com meu conhecimento recém-adquirido no Museu de Ciência. Você sabe, milênios atrás. Era tudo mar.
 Por mim podia continuar sendo, ele disse (Ac, p. 199).

Seu deslocamento subjetivo ocorre em relação ao meio-ambiente, ao território, à classe social. Nick está no lugar para o qual tantos almejam emigrar, em busca da realização do *sonho americano*. Todavia, as considerações sobre seu local de nascimento e criação expressam seu deslocamento subjetivo e afetivo em sua própria terra.

O não menos curioso dos aspectos relativos às conversas dele com Vanja seria que ele se declara inicialmente um *ecoanarquista* (Ac, p. 141). Um *eco* que tem uma posição, no mínimo, paradoxal, pois demonstra intensa negatividade em relação à natureza do Colorado. Destaque-se que enquanto Carlos conecta-se intensamente com a natureza local e ama as montanhas, o *nativo* Nick não se identificava em nada, muito menos com as montanhas que tanto fascinavam o estrangeiro salvadorenho.

Isabel e June são outras personagens deslocadas. A porto-riquenha Isabel foi amiga próxima de Suzana, quando a mãe de Vanja viveu nos EUA. Isabel nasceu e cresceu em Porto Rico e residia, há tempos, em Albuquerque, Novo México, mas frequentemente retornava a Porto Rico: “Eu vim para cá aos dezoito anos, disse Isabel. Depois voltei para San Juan. Depois vim de novo. Comecei a trabalhar, conheci meu marido, parei de trabalhar” (Ac, p. 275). Esse trecho expressa a reprodução de um comportamento bastante recorrente, o qual Sônia Torres define como “migração circular

porto-riquenha (também conhecida como *vá y vén*, ou *vaivén*)” (TORRES, 2001, p. 14, grifos da autora). Assim, Isabel experimenta uma vida deslocada, nesse constante ir e voltar de Porto-Rico para os EUA. Sem uma profissão definida, tornou-se dançarina de *strip-tease*, até se unir com um estadunidense, com o qual viveu por algum tempo. Separada, mas dependente do ex-companheiro, teve um breve relacionamento com Fernando, enquanto ajudavam Vanja a encontrar Daniel.

June também foi amiga de Suzanna e auxilia Vanja na busca pelo pai. Nascida nos EUA, e criada na Inglaterra, retornou aos EUA na idade adulta. Filha de um índio da nação Zuni, e de uma inglesa, especialista em línguas indígenas norte-americanas, a zuni-estadunidense-britânica trabalhava como professora de piano e residia, quando Vanja a conheceu, em Santa Fé, no Novo México.

Desse modo, em *Azul corvo* representa-se mais de uma dezena de personagens, cujas experiências de migração, exílio e expatriação delineiam deslocamentos que transformam os deslocados em termos não apenas subjetivos, mas, também, identitários. Diferentemente de *Sinfonia em Branco* e *Rakushisha*, em *Azul corvo* os deslocados não estão apenas de passagem por outros países, mas buscam reconstruir suas vidas por meio de deslocamentos para locais de chegada onde, em muitos casos, se estabelecerão pelo resto de suas vidas.

Assim como os outros romances tratados até aqui, *Hanoi* (2013) também se configura pela alternância de focos narrativos nas histórias de Alex e de David. Além desses, representam-se refugiados, como a mãe, a avó e o patrão de Alex e, ainda, os emigrantes Luiz e Guadalupe, pai e mãe de David. Alex era filha de uma refugiada vietnamita, Huong, com um estadunidense, Benjamin. A mãe era vietnamita-estadunidense, nascida durante a guerra do Vietnã de um relacionamento de Linh com um soldado estadunidense. Após a guerra, Huong e Linh exilaram-se na Malásia e depois refugiaram-se nos EUA. Elas se estabeleceram em Chicago, sem contato com o pai de Huong.

No tempo da narrativa, Alex estudava na faculdade pela manhã, trabalhava à tarde como caixa em um mercado e, ainda, cuidava de Bruno, seu filho pequeno. O menino nascera de uma relação de Alex, quando tinha 17 anos, com Max, o treinador de um time de basquete, que era casado e já tinha outros filhos. Embora Max se proponha a contar à esposa sobre o filho, Alex não aceita e assume o filho sozinha e cria-o com a ajuda da mãe Huong e da avó Linh.

As condições precárias de vida de Alex tornam-se ainda mais difíceis quando a mãe e a avó decidem se mudar para uma cidade do interior, para se afastar de Chicago, pois mesmo depois de mais de duas décadas não haviam se adaptado e sentiam-se *confusas* (Han, p. 16) na cidade cosmopolita. Para se manter e cuidar do filho, Alex começa a trabalhar durante meio expediente no mercado étnico de Trung, amigo da mãe e da avó desde os tempos em que refugiaram-se na Malásia.

E a vida já atribulada de Alex complica-se ainda mais a partir do momento em que ela conhece David. Músico amador e trabalhador no comércio, ele nasceu em Chicago, filho único de emigrantes: o brasileiro Luiz e a mexicana Guadalupe. A mãe deixou a família quando David ainda era criança e o pai, embora não haja informações explícitas no romance, morreu. Enfrentando o fim de uma relação com a estadunidense Lisa, trabalhando em um serviço no comércio que apenas pagava as contas, frustrado por não ter conseguido fazer deslanchar sua profissão de trompetista de jazz e sem contato com parentes, ele descobre que tem mais um problema: poucos meses de vida.

Aliás, a narrativa se inicia com David saindo do hospital onde fora informado do diagnóstico: tinha um câncer terminal. Perdido e em choque, vaga solitário pelas ruas de Chicago, pede demissão do emprego e toma uma decisão radical: “partir rumo ao desconhecido” (Han, p. 168), para passar os últimos meses de vida. David era, sobretudo, um deslocado afetivo, em vários sentidos, e que, ao planejar seu último deslocamento, busca se afastar mais ainda dos poucos contatos com conhecidos e colegas, para encontrar, nas palavras de Alex: “uma espécie de cemitério de elefantes. E para o cemitério os elefantes vão sozinhos. As pessoas vão sozinhas para a sua própria morte. Ninguém morre acompanhado” (Han, p. 193). Entre possibilidades aventadas e descartadas estava a ida para Capitão Andrade, no estado de Minas Gerais, onde seu pai nascera.

Contudo, quando começa a colocar em prática seu projeto de isolamento e auto-exílio, conhece Alex. Após algumas conversas iniciais, avança no projeto de partir de Chicago para um lugar qualquer. Então, informa a Alex que iria se mudar e faria doação da maioria dos móveis e utensílios de seu apartamento. Observa-se que simboliza o deslocamento afetivo de David, de forma candente, a doação de seus bens materiais, à exceção do trompete, de um aparelho eletrônico para tocar músicas e de algumas mudas de roupas, finalizando com um aviso na portaria do prédio de que abriria a casa para um *saque* consentido.

No entanto, durante esse processo preparatório para partida para um lugar ainda indefinido, aos poucos, se aproxima de Alex. E, em um primeiro jantar, quando ela fala da origem de sua mãe e avó, David define qual seria seu destino final. Ele decide ir morrer em Hanói, capital do Vietnã. No entanto, seus planos de partida começam a se desfazer ao iniciar um relacionamento íntimo bastante intenso com Alex. Enquanto avança a doença, ela o convence a morar com ela nos seus últimos meses de vida. E, em certo sentido, a construção da intimidade com Alex e seu filho leva David a se encontrar em um *lugar* desconhecido, sobretudo em termos afetivos.

Em síntese, quanto a Alex, marcavam sua vida precária as dificuldades financeiras, o trabalho mal remunerado, a maternidade solo e, também, os estudos em um curso superior bastante difícil. A precariedade de sua vida é simbolizada por *laptop* antigo, em que fazia os trabalhos da faculdade. Não podia esquecer de salvar os dados constantemente, pois o aparelho desligava sozinho. Agrava ainda mais sua situação, pois, mesmo sabendo da doença terminal de David, a jovem, afetivamente carente, torna-se emocionalmente envolvida e assume mais uma responsabilidade: cuidar do solitário brasileiro-mexicano-estadunidense em seus últimos meses de vida.

Em certo sentido, de várias formas, muitas das atitudes de Alex expressam sacrifícios de projetos pessoais, para cuidar de outros, em meio a “surpresas, tapetes fugindo de baixo dos nossos pés, e a gente achando que tudo seguia alguma ordem” (Han, p. 156). *Surpresas* recorrentes na vida de Alex: a gravidez e a maternidade solo, o envolvimento e auxílio a David, a administração do mercado de Trung (após este ter um problema cardíaco). Suas experiências expressam abnegação de si e de projetos pessoais, algo que demonstra intensa vinculação a um estereótipo de mulher como cuidadora e forte, que, pelo bem de outros, sacrifica ou adia sonhos e desejos pessoais de estudo e de superação de sua condição social precária.

Entretanto, outra *surpresa* ainda ocorre ao final da narrativa. Embora várias vezes, quanto à avó e a David, Alex tenha questionado a condição de Hanói ser uma *cidade imaginada*, ela surge a caminhar pelas ruas da capital vietnamita. Dessa forma, algum tempo após a morte de David, vai conhecer a cidade onde nascera sua avó e prestar uma espécie de tributo ao companheiro.

O vietnamita Trung é mais um deslocado, nesse caso, refugiado, exilado, emigrante. Com 64 anos de idade, vivia há mais de 30 nos EUA. Durante a guerra do Vietnã, o templo em que vivia como monge foi destruído e ele foi enviado para um campo

de reeducação. Após o fim da guerra, perseguido religioso, refugiou-se primeiro na Malásia e depois conseguiu exilar-se nos EUA, onde tornou-se um pequeno comerciante.

Terra de oportunidades e de busca de realização de um sonho de sucesso pessoal para tantos, a nação de partida na qual David e Alex vivem deslocados e da qual buscam sair seria os EUA. Destaque-se que em *Rakushisha* e *Azul corvo*, o Brasil é a nação de partida, em que as personagens vivem vidas deslocadas. E, se no primeiro romance, o local de passagem é o Japão, no segundo, o local de chegada preferencial para os deslocados é os EUA, onde muitos acreditam seria realizado o *sonho americano*. Contudo, em *Azul corvo* já havia alguns vislumbres de problemas nesse sonho:

Não conheci Maria Isabel Vasquez Jimenez, mas ouvi falar dela, a mexicana de dezessete anos que morreu devido ao calor colhendo uvas nos campos da Califórnia, sem que lhe dessem água ou sombra. O mês era maio. O ano, 2008. A temperatura corporal de Maria Isabel chegou a 42 graus. [...]

Depois de examinar o corpo de Maria Isabel Vasquez Jimenez os médicos descobriram que estava com dois meses de gravidez. Ela colhia uvas para fabricação de vinho (Ac. 90-91).

Com efeito, os exemplo até então narrados da imigrante mexicana e da família de Carlos mostram que o sonho americano, para muitos, tornou-se um pesadelo. Já em *Hanói*, embora para Trung, Linh, Huong, Luiz e Guadalupe, os EUA sejam vistos como terra de oportunidades, tais não são, nem de longe, encontradas. Menos ainda no caso de Alex e David, cuja nação de partida emerge como desigual em seu interior e agressiva e espoliativa de outras nações, como ocorreu com o Vietnã, levando tantos a se tornarem refugiados e exilados.

Em suma, nota-se na leitura de *Rakushisha*, *Azul corvo* e *Hanói* uma heterogeneidade de deslocamento espaciais: viajantes, turistas, exilados, refugiados, expatriados e emigrantes. Contudo, ao analisar alguns desses deslocamentos com mais atenção, percebe-se que a diversidade de seus tipos e motivos possibilita afirmar, com Bernd, que ocorrem

[...] migrâncias não apenas no sentido geocultural, associadas ao deslocamento físico, à passagem de um território a outro, mas de um deslocamento de natureza ontológica e simbólica, ou seja, deslocamento do sentido e do ser na experiência da alteridade (BERND, 2010, p. 16).

Em última análise, os três romances em estudo de Adriana Lisboa constituem não apenas narrativas de deslocamentos espaciais internacionais, mas também representam

um elenco bastante característico de sujeitos em trânsito, a vivenciar crises de subjetividade, desconexões afetivas e simbólicas. Nesse sentido, constata-se que os deslocamentos estão relacionados a questões como instabilidade e/ou insegurança em suas nações de partida. Assim, os deslocamentos espaciais expressariam a busca de um lugar, mesmo que volúvel, de re-centramento, estabilidade, conexão e segurança.

E em meio a tamanha diversidade, verifica-se que *Rakushisha* segue uma tradição na literatura brasileira de representar brasileiros em deslocamento por locais de passagem estrangeiros, no caso Quioto e Tóquio, como turistas e/ou viajantes que buscam conhecer outras culturas, mas retornam ao Brasil. Já em *Azul corvo* e *Hanói*, além desses dois tipos de deslocamentos, o foco direciona-se para horizontes distintos. Além de exílio e expatriação (que serão considerados com mais detalhes à frente), há, ainda, um tipo de mobilidade pouco explorado, mesmo na vertente das narrativas brasileiras de deslocamento: as desventuras de *crianças de emigrantes* (PORTES, 1996). Isto é, jovens filhos e filhas de estrangeiros nos Estados Unidos, como Vanja e Carlos, Alex e David, que residem fora da nação onde seus pais nasceram. E, sobretudo em *Hanói*, ao representar os deslocamentos afetivos, a solidão, os trabalhos precários e as dificuldades financeiras desses filhos de emigrantes e exilados, exemplos da ambígua condição dos EUA, como terra de oportunidades, que também se constitui como uma nação de partida.

Essas experiências de deslocamentos dos emigrantes e de seus descendentes, nos locais de chegada, ainda são bem pouco narradas na literatura brasileira e, menos ainda, analisadas nos estudos literários relativos a tais narrativas. *Azul corvo* e *Hanói* são, pois, peculiares ao representar os processos de deslocamentos das crianças de emigrantes. Dessa forma, esses dois romances apontariam para uma nova perspectiva dentro da vertente das narrativas de deslocamento. Diria-se que eles representariam não apenas deslocados que saem da nação de partida e as suas peripécias no curto ou médio prazos, mas as dificuldades enfrentadas no médio e longo prazos pelos deslocados e seus descendentes. Assim, seriam narrativas de deslocamento em relação às nações de partida, mas, principalmente, de re-localização problemática nos locais de chegada. Isso permite que se delineiem algumas peculiaridades de uma nova perspectiva na vertente da literária brasileira. Por exemplo, com a atenção principal nas consequências dos deslocamentos de longo prazo e problemas associados aos processos de re-localização com nuances em termos exílio, expatriação e emigração.

Por fim, nesses dois romances, em especial, narradores contam histórias de múltiplos deslocamentos – espaciais, temporais, discursivos e linguísticos – com

referências a variadas crises vivenciadas pelas personagens antes de partirem de suas nações. Além de crises subjetivas, os romances representam uma série de dificuldades relacionadas aos processos de re-localização, adaptação cultural e integração social.

No entanto, em termos transgeracionais, será produtivo considerar, com mais detalhes, variados conflitos que levaram os pais ou avós desses sujeitos deslocados a fugirem de suas terras natais, também por vivenciarem deslocamentos identitários e simbólicos nas nações partidas.

2.3 Nação partida

Pois, mesmo em viagens medidas em colherinhas de café, olhando-se de fora, dos fundos, para os quadros de honra familiares e locais, aprendem-se, com ou sem anestesia, os próprios limites (Flora Sussekind, *O Brasil não é longe daqui*).

Relevante neste momento rever o processo moderno de construção da narrativa da nação. No século XIX, Ernest Renan desenvolve a acepção de nação que se constitui por um consenso efetivado por meio de um *plebiscito diário* (RENAN, 1997 [1882]). Já Benedict Anderson, em *Nação e Consciência Nacional*, defende que a nação seria constituída – principalmente ao longo do século XIX, paralelamente à expansão de periódicos jornalísticos – como uma “comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana” (ANDERSON, 1989, p. 14). A nação seria *imaginada* pois seus membros estabelecem entre si um senso de comunhão, embora não se conheçam entre si, e *limitada*, já que se situa entre fronteiras territoriais definidas. Ela é *soberana* em relação a outras nações e quanto à religião, em *declínio* após o fim dos reinos dinásticos considerados como de orientação divina. Também, imaginada como uma *comunidade*, mediante representações por letrados e escritores – alguns dos principais articuladores de narrativas da nação – que desconsideram a desigualdade e a exploração entre seus membros.

Já Stuart Hall, ao analisar a identidade cultural contemporânea, argumenta que as identidades nacionais formariam-se e transformariam-se como um sistema de representação da cultura de uma nação (HALL, 2003a). Hall enfatizaria que cada nação, no seu projeto de construção, silenciaria diferenças internas e buscaria se estabelecer como possuidora de uma natureza essencial e única. Algo que proporcionaria aos seus membros sentimento de identidade e lealdade territorial, étnica e linguística. Dessa forma,

uma nação se diferenciaria de outras mediante comparações por distinção, bem como pelas diferentes formas como seriam construídas enquanto *Comunidades Imaginadas*¹⁸ (ANDERSON, 1983), através de processos díspares, mas correlatos, de *Invenção das Tradições* (HOBSBAWM; RANGER, 1983). Dessa forma, elas influenciariam e organizariam a concepção que os cidadãos teriam da nação e da identidade nacional, construídas mediante símbolos e representações (ANDERSON, 1989; FRANCO, 1997; PRATT, 1999; SOMMER, 2004).

Ao analisar essas características presentes no processo de constituição da nação, Hall afirma que a identidade cultural deveria ser pensada como um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. As culturas nacionais, por meio de diferentes relações de poder – inclusive o controle dos meios de produções culturais – procurariam *costurar* as diferenças em torno de uma identidade nacional hegemônica. Nesse sentido, haveria uma tentativa de silenciamento das divergências, com a sobrevalorização de convergências em torno de *interesses comuns*, para evitar, ou, ao menos, amenizar insurgências e revoluções, incitadas por grupos mais ativos entre os subalternos e dissidentes.

Desse modo, a criação de um *consenso nacional* ocorreria, tradicionalmente, em momentos históricos em que houvesse necessidade política de silenciar, ocultar, ou apagar (ACHUGAR, 2006) a diferença cultural para constituir uma unidade, via homogeneizadoras e coesivas *narrativas da nação* (BHABHA, 2007), que, pedagogicamente, tenderiam a buscar o silenciamento de *performatividades* divergentes. Em sua crítica as narrativas da nação, Hugo Achugar (2006) afirma que tal modelo implicaria uma ideia de *consenso* em torno de uma comunidade que silencia diferenças, para constituir a identidade, ou seja, narrativas fundadoras em que se busca construir uma identidade nacional pretensamente coesa e homogênea.

Assim, a nação, com sua correlata *identidade* (mediante atuação, também, de intelectuais orgânicos), tenderia a *sobredeterminar* (HALL, 2003b) outras categorias identitárias. Essas sobredeterminações ocorreriam, como já se disse, por meio da ocultação da pluralidade e da diferença cultural. Nas palavras de Silvano Santiago, historicamente,

¹⁸ *Imagined Communities* foi o título original da primeira edição em inglês de 1983 da obra magna de Benedict Anderson. Na primeira tradução em português, de 1989, o título não fazia referência a *comunidade imaginada*, sendo: *Nação e Consciência Nacional*.

[a]s diferenças étnicas, linguísticas, religiosas e econômicas, raízes de conflitos intestinos ou de possíveis conflitos no futuro, foram escamoteadas a favor de um *todo* nacional íntegro, patriarcal e fraterno, republicano e disciplinado, aparentemente coeso e, às vezes, democrático (SANTIAGO, 2004, p. 58, grifos do autor).

Nesse sentido, muitos críticos se questionaram sobre a validade de sustentar um discurso de valorização da nação e de suas práticas de silenciamento das diferenças. Como observado por Hall, embora os grupos que detêm o poder hegemônico almejem constituir essa identidade nacional única, agentes políticos e intelectuais orgânicos (HALL, 2003b) não conseguiriam subordinar todas as formas particularistas da diferença cultural. De certo modo, em cada uma dessas leituras sobre a narração da nação, esta seria aquela voltada para o consenso nacional e o estabelecimento de uma comunidade de interesses comuns, mesmo que a desigualdade prevaleça mediante a atuação da hegemonia classista, *gendrada* e étnica, em termos culturais, políticos, sociais e econômicos.

Além disso, há que se salientar o papel preponderante da literatura com referência à construção da nação. Uma longa tradição estruturada em torno do que Célia Pedrosa (1992) denomina *Nacionalismo Literário*. Pedrosa remete aos romances de Walter Scott na Inglaterra, James Fenimore Cooper nos EUA, José de Alencar no Brasil como exemplos pontuais, entre outros, que teriam “consolidado em princípios do século XIX, sob a égide da visão de mundo romântica, o nacionalismo literário” (PEDROSA, 1992, p. 281). Benedict Anderson também destaca o papel da literatura nesse processo ao apresentar quatro romances *nacionalistas*, de quatro países distintos: Filipinas, Albânia, México, Indonésia (ANDERSON, 1989, p. 34-41). Esse papel da literatura na construção das nações, enfatizado por Pedrosa e por Anderson, exemplifica, portanto, a relevância dos romances no processo de constituição da nação enquanto comunidade imaginada.

Essa relação entre literatura e nação também foi marcada por uma pluralidade de representações literárias: implicitamente pelos *Bildungsroman* (Romances de Formação), a partir de uma chave individualizada de aprendizado e formação cultural, ou mais explicitamente pelos *romances históricos*, por meio de um encontro das *raças*. Assim, considera-se que a literatura teve um papel preponderante na constituição dos sujeitos, das identidades e das nações modernas (cf., nessa perspectiva, FRANCO, 1997; PRATT, 1999; CURY, 2000).

Contestações de referências tradicionais, não apenas em termos das identidades, mas também dos modos tradicionais de representação da nação, seriam cada vez mais frequentes, com a problematização também dos paradigmas literários canônicos e do

nacionalismo literário. Em “Representações Literárias de Nação”, Maria Zilda Cury (2000) analisa produções literárias de vários gêneros e matizes ideológicos, ao considerar modos de narrar a nação, sobretudo ao final do século XIX e início do XX. Cury analisou desde nacionalistas ufanistas, como Olavo Bilac, Coelho Neto e Afonso Celso, até Augusto dos Anjos, Lima Barreto, Raul Pompeia, que expressariam um *discurso dissidente* (CURY, 2000, p. 223). Entre várias representações literárias bastante críticas à nação e ao discurso nacional-ufanista, Cury relembra Lima Barreto, na narrativa *As aventuras do Dr. Bogoloff*, em que o anarquista russo radicado no Brasil declarava:

Pátria, esse monstro que tudo devora, continuava vitoriosa nas ideias dos homens, levando-os à morte, à degradação, à miséria, para que, sobre a desgraça de milhões, um milhar vivesse regaladamente, fortemente ligados num sindicato macabro (LIMA BARRETO, 2001 [1915], p. 18).

Lima Barreto, por exemplo, contestava o nacionalismo literário cívico ao estilo de Bilac. Desse modo, observa-se que o exercício do poder hegemônico e a atuação engajada de intelectuais orgânicos na construção da hegemonia cultural nacionalista não ocorreriam sem críticas e contestações por intelectuais dissidentes.

Nesse sentido, em uma miríade de representações literárias, figuraram-se momentos constitutivos e disruptivos da nação. Desencontros que teriam ocorrido entre culturas formativas colonizadoras, colonizadas e escravizadas, bem como entre governantes e governados, classes dominantes e subalternas, industriais e trabalhadores. Nota-se, nesse contexto, em várias instâncias, uma problematização da nação a partir da literatura e de diversas áreas de estudo como sociologia, história e estudos literários.

Esse quadro, entre outros fatores, leva a discutir recorrentemente se “tradições nacionais continuariam a ter lugar” (MIRANDA, 1997, p. 10) ao final do século XX e início do século XXI, período em que se vive em um tempo de globalização assimétrica, disjuntura global, dispersão do capitalismo financeiro transnacional, bem como de ampliação de uma sociedade pós-industrial. Assim, a globalização, cada vez mais disseminada, com a criação de novas redes de controle supranacional e de *desregulamentação* das prerrogativas nacionais (cf. ABDALA Jr., 2013), intensificaria um processo de crise e descentramento da nação e do nacionalismo.

Por tudo isso, torna-se relevante analisar como, em *Azul corvo* e *Hanói*, vários motivos de deslocamentos internacionais estão associados ao descentramento da nação. Curiosamente, a presença da nação torna-se bastante peculiar nessas obras, pois diversos críticos e estudiosos da literatura têm, nas últimas décadas, considerado que o *ciclo*

nacional na produção literária brasileira contemporânea teria chegado ao fim. Karl Schollhammer, por exemplo, assinala:

Há quinze anos, Heloisa Buarque de Hollanda anunciava o encerramento do ciclo nacional na literatura brasileira, em favor de um interesse crescente pela realidade urbana e de uma perspectiva internacional globalizada que, já na década de 1980, começava a ampliar as fronteiras e permitir aos escritores tratar de questões de fronteira e de espaço, sem a camisa de força das determinações de identidade nacional (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 21-2).

Embora, efetivamente, enfatizem uma perda de relevância da questão nacional na literatura brasileira (HOLLANDA (1992); SCHOLLHAMMER (2009)), a nação continua a ser um tropo recorrente. Principalmente em *Azul corvo* e *Hanói*, nos quais o próprio descentramento da nação revela a permanência, embora fantasmática e crítica, da relevância da questão nacional na literatura brasileira contemporânea. Assim, tal qual já dito, considera-se importante analisar como a narrativa da nação se configura nas duas narrativas supracitadas.

Em várias situações, em *Azul corvo*, Vanja refere-se a uma indiferença quanto à História do Brasil, em sua adolescência:

Na escola, durante as aulas de história do Brasil, tudo era maçante, distante e levemente inverossímil. Eu acompanhava os pombos lá fora enquanto o professor dizia que durante os anos sessenta. Que durante os setenta. Anos setenta para mim eram o *That '70s Show* do canal de programas estrangeiros. (Ac, p. 59-62, grifos da autora)

Contudo, embora houvesse esse desinteresse e alienação na infância, muitas vezes, já na idade adulta, a narradora referencia acontecimentos relativos ao Brasil, ocorridos nos anos 1970 e, também, 1990 e 2000, a exemplo de comentários críticos em relação à atuação de políticos, como os Presidentes Médici, Figueiredo e Collor.

A contraposição entre história vivida e história enquanto disciplina escolar (e, também, em outros momentos, *história oficial* (Ac, p. 115)) ocorre paralelamente à narração de peculiaridades do processo de adaptação nos EUA:

Talvez o professor de história tivesse explicado isso num daqueles dias em que eu acompanhava os pombos lá fora, os pombos sujos de Copacabana e seus arrulhos e suas eventuais patas deformadas. Mas foi Fernando quem sintetizou para mim, enquanto o ônibus quase não sacolejava pelas ruas lisas de Denver. Com a política econômica da ditadura, [...] (Ac, p. 117).

Observa-se nesse trecho uma dissonância entre o que teria interessado a Vanja, a respeito dos anos 1970, e a outra história contada por Fernando. O que a leva a ressaltar: “Era

como se Fernando e eu viéssemos de países distintos” (Ac, p. 68). A narradora vai expondo, então, uma relação problemática e dissonante entre a disciplina *História* e a *história*, como narração da experiência vivida por um dissidente.

A propósito, questionamentos relativos à *História*, enquanto disciplina escolar, e à história enquanto experiência vivida, têm sido considerados por vários pensadores contemporâneos. Sandra Pesavento, por exemplo, defende que “(n)o reverso das afirmações da historiografia tradicional, valores e glórias são questionados, a mostrar quanto o discurso está longe da realidade” (PESAVENTO, 2009, p. 151). Nesse processo, as releituras da história em narrativas ficcionais demonstram um deslocamento do discurso e expressam o papel relevante da literatura na leitura crítica da sociedade e da cultura, sobretudo quanto a períodos conturbados.

Enfim, a alienação da narradora na adolescência, revela como a disciplina História, por estar distante da sua práxis e realidade cotidiana, pouco lhe interessava. Em contraponto, em outro contexto, a história contada por Fernando sobre as experiências vividas nos anos 1970 passa a despertar-lhe a curiosidade e a empatia.

[...] Queria saber tudo o que tinha acontecido com ele, queria ver aqueles dias-fantasmas do seu passado na minha frente, diante dos meus olhos, queria saber se os fantasmas de fato assombravam ou se eles apenas eram fantasmas por falta de alternativa.

Eu estava mesmo querendo falar daquele assunto. Muita gente não estava, era um assunto que ficava melhor fora da história oficial, mas a dúvida às vezes rói como um bicho (Ac, p. 115).

E a partir de então, Vanja escuta e problematiza uma parte da história do Brasil, pela perspectiva de um guerrilheiro do Araguaia: “De todo modo, a história que não havia sido contada começava no primeiro aniversário da Guerrilha do Araguaia” (Ac, p. 243). Essas seriam algumas das referências explícitas à necessidade de releitura da História, por haver uma história *não contada*.¹⁹

No romance, contudo, há outras releituras mais sutis quanto à narração da história, sobretudo, dos anos 1970. Como exemplo, um dos fatores mais valorizados pelos apologistas da ditadura militar é o chamado milagre econômico. A narradora observa como o milagre brasileiro teria funcionado por algum tempo: “Com a política econômica da ditadura, a inflação baixava, a taxa de desemprego baixava, o país crescia” (Ac, p.

¹⁹ A propósito, sugere-se a leitura do importante livro da Prof.^a Eurídice Figueiredo, publicado em 2017, o qual confere à literatura o estatuto de arquivo do período ditatorial. Assim, o texto literário seria responsável por tornar audíveis as vozes silenciadas pela violência da repressão (FIGUEIREDO, 2017).

117)”. Contudo, esse crescimento nacional, marcadamente econômico, denominado, a época, de *Milagre Brasileiro* (Ac, p. 116) – devido aos altos índices de aumento do Produto Interno Bruto (PIB) – teria sido de curta duração e perderia sua força, ainda, na segunda metade dos anos 1970.

Como uma das consequências da falta de oportunidades, brasileiros partem para fora da nação. Nos anos 1970, Abner, avô materno de Vanja, expatriou-se nos EUA com a filha Suzana. Diferentemente de outros deslocados de *Azul corvo*, partiu com “oportunidade de trabalho para ele, surgida através dos contatos dos contatos dos contatos” (Ac, p. 36). Saiu do Brasil já com emprego garantido, para trabalhar para uma empresa texana, sem expressar a pretensão de residir por muitos anos no estrangeiro. De expatriado tornou-se um emigrante, fixando residência nos EUA. Dessa forma, mesmo que tenha experimentado uma vida deslocada, parece ter vivido menos trânsitos espaciais do que a maioria das outras personagens.

Há várias referências dispersas ao longo da narrativa sobre ele, a exemplo da morte da esposa, da preparação para a emigração para os EUA, bem como dos conflitos familiares e da falta de vínculos e contatos com a filha natural Suzana, que estava relativamente próxima dele nos Estados Unidos, enquanto mantinha contatos eventuais com a filha adotiva Eliza, que permanecera no Brasil.

Embora tenha se baseado em uma rede de contatos e solidariedade para conseguir trabalho, aparentemente, Abner não estabeleceu uma rede de afetos, pois os laços com a filha Suzana foram cortados. Não conheceu a neta e, então, cada vez que referia ao avô, Vanja recorria à imaginação:

Eu imaginava meu avô com um chapéu de caubói, vendendo seus conhecimentos de geologia para as empresas de exploração de petróleo no Texas. E um dia sendo picado por uma cascavel mortífera chamada *Crotalus atrox*. Ele tinha um paletó azul e uma faixa de gordura na nuca (Ac, p. 48).

A narradora também cita a aposentadoria e morte do avô no Texas. Ao narrar essa história, ela mistura fatos e *imaginação* para preencher lacunas de uma história cujos detalhes pouco conhecia.

Abner deslocou-se para além das fronteiras nacionais. Contudo, sua chegada e a de Suzana aos Estados Unidos, bem como o processo de adaptação teriam ocorrido em uma situação relativamente privilegiada, menos conflituosa e mais confortável do que os processos vivenciados pela família de Carlos, por exemplo. Isso se deve ao seu vínculo a uma rede de solidariedade não explicitada, mas que, possivelmente, tem relação com sua

formação superior em geologia e qualificação profissional especializada na área de petróleo. O motivo para seu deslocamento, no entanto, é bastante semelhante ao dos pais de Carlos, ou seja, uma das mais recorrentes razões para migrações contemporâneas: a falta de oportunidades de trabalho na nação (de) partida.

Em *Hanói*, a autora, também, apresenta várias referências a um outro deslocado que parte do Brasil nos anos 1970, rumo aos Estados Unidos: Luiz, o pai de David. Como já comentado, Luiz emigrara de uma cidade do interior de Minas Gerais, Capitão Andrade. A pequena cidade fica a cerca de 50 km de Governador Valadares, um dos principais pontos de saída de emigrantes brasileiros para os EUA.

O processo de idealização da América como lugar de oportunidade inicia-se, na região, com a chegada dos estadunidenses, como relata o trecho abaixo:

Os americanos tinham aparecido em Governador Valadares durante a Segunda Guerra, para coordenar os trabalhos de extração da mica. As gorjetas eram em dólar e daí em diante todo mundo sonhava com a terra dos gringos. Era como se tivessem mordido uma isca – uma isca estrangeira com alto valor no mercado (Han, p. 102).

E, com efeito, ao apresentar a história de Luiz, reflete sobre os motivos que levariam tantas pessoas da região de Valadares a emigrarem para os EUA conclui: busca por trabalho e melhores condições de vida. Alguns emigrantes viajavam com visto de turista e, quando o visto expirava, se tornavam ilegais; outros já eram ilegais desde a chegada: “Às vezes apelavam para o passaporte falso e, como no caso de Luiz, para os mexicanos” (Han, p. 102). Ainda próximo ao tempo da narrativa, o sonho americano continuava a ser bastante forte em Governador Valadares. Haja vista que, embora sem sucesso, um dos sobrinhos mineiros de Luiz havia tentado conseguir um visto para ir para os EUA.

Vale lembrar, no caso de Abner e Luiz, que o Brasil do final dos anos 1970 experimentava um momento conjuntural de crise do Estado e da nação, em meio ao esvanecer do *Milagre Brasileiro*, que, em termos econômicos, já estava a perder sua potência. Abner, viúvo e com uma filha pequena, e Luiz, solteiro e sozinho, recorrem à expatriação e à emigração, respectivamente, como alternativa à crise da nação e à falta de oportunidades.

Ressalte-se que a representação desses deslocamentos de Abner e Luiz é bastante peculiar. Nos estudos demográficos, como afirma Camarano, considera-se o Brasil um país de imigração, principalmente até os anos 1930, tendo uma “população fechada até os anos 1980” (CAMARANO et al., 2014, p. 108), quando se iniciaria um processo de emigração bastante intenso. Na ficção, contudo, esse movimento de deslocamento não é

tão similar aos estudos demográficos, que trabalham com dados massivos. Em certo contraponto, há na literatura brasileira contemporânea representações de várias personagens imigrantes que se deslocaram com destino ao Brasil, durante os anos 1940, passando pelos anos 1970 e até o presente, em narrativas de Bernardo Carvalho, Michel Laub, Moacyr Scliar, Tatiana Salem Levy, Milton Hatoum. Nessas narrativas, imigrantes chegam ao Brasil em decorrência de guerras, como a Segunda Grande Guerra Mundial, ou de conflitos localizados, como aqueles do Oriente Médio. Já quanto às emigrações, especificamente em relação aos anos 1970, há poucas representações literárias contemporâneas que fazem referência a deslocamentos para fora da nação. Nessas predomina o exílio político.

Em *Azul corvo* e *Hanoi*, então, Lisboa lança luzes sobre um outro tipo de deslocado que, normalmente, não tem sido tão considerado em relação aos anos 1970. Um expatriado, com formação acadêmica, e um emigrante, sem formação acadêmica ou profissional qualificada partem do Brasil em busca de melhores oportunidades, devido à crise econômica e não à fuga da ditadura. Nesse sentido, as narrações configurariam-se enquanto críticas à nação e ao sistema político e econômico brasileiro estabelecido pelos governos militares e, também, contestação de uma das principais *bandeiras* de defensores da ditadura militar, ao longo das décadas.

Além da expatriação e da emigração, outro tipo de deslocamento narrado por Lisboa é o exílio. Ao narrar as histórias que lhe foram contadas, reticentemente, por Fernando, Vanja ressalta vários episódios da vida de seu *pai*, em diferentes tempos e espaços. Assim, em um misto de *flash forwards* (pois antecipa o que será narrado) e *flashbacks* (pois rememora fatos já citados), recorrentemente, ela apresenta breves sínteses das experiências de deslocamentos em condições precárias vivenciadas por Fernando.

Ele podia trabalhar na lavoura em São João do Araguaia, no Pará, podia sobreviver atrás do balcão de um pub londrino e sob a secura do ar em Lakewood, Colorado. Podia sobreviver a exércitos inteiros e a amores pela metade. [...]. À travessia de fronteiras e de ideologias. [...] Havia nisso seu quê de heroísmo (Ac, p. 26).

Essas e outras experiências são representadas em espiral de forma relativamente dispersa e não-linear.

A história de Fernando é repleta de situações angustiantes e expressa deslocamentos que ocorreram antes, durante e depois da participação no movimento de dissidência à ditadura militar: dissidente político no Brasil (início dos anos 1970); viajante

internacional para a China e intranacional no Brasil – Goiás, Bahia, Pará; deslocado mesmo entre os guerrilheiros do Araguaia, em seus últimos tempos junto aos outros guerrilheiros (primeira metade dos anos 1970); exilado político em Londres (segunda metade dos anos 1970 e início dos anos 1980); emigrante nos Estados Unidos onde foi também um migrante intranacional – primeiro viveu no Novo México e depois no Colorado (entre o final dos anos 1980 e o final dos 2000). Cada uma dessas múltiplas experiências vivenciadas por Fernando expressa tipos distintos de deslocamentos: espaciais, afetivos, subjetivos, ideológicos e identitários.

Essa paradigmática vida deslocada apresenta muitas peculiaridades que mereceriam atenção. Contudo, o foco, neste momento, é na nação partida, e relaciona-se, explicitamente, à condição de Fernando como dissidente. As várias histórias contadas a Vanja mostram que a divergência em relação à ditadura iniciou-se quando ele começou o curso de Geografia na Universidade de Brasília. Uma época em que era

apenas Fernando, um garoto enérgico que falava sem parar, [...] ingressou na Universidade de Brasília como estudante de geografia e se meteu na Ação Popular. Passou pela cadeia uma ou duas vezes, também. Mas não aprendeu a ficar quieto no seu canto e observar a gênese ufanista do milagre brasileiro (que só foi milagroso por algum tempo, e não para todos, conforme ele me explicou, mas não dava para questionar: era mais do que sabido como era doloroso, intensamente doloroso, muitas vezes mortalmente doloroso peitar o *status quo* fardado) (Ac. p. 61, grifos da autora).

Atuando pela *Ação Popular*, Fernando questionava o discurso nacional-ufanista que elegia os militares como alternativa para que o Brasil cumprisse a promessa estampada na bandeira nacional: *Ordem e Progresso*. Ele e seus companheiros não concordam com a *Ordem* imposta pelos militares, nem com o tipo de *Progresso* almejado.

Por não ficar *quieto no seu canto*, foi perseguido e preso, em um momento em que os agentes da ditadura estavam endurecendo na luta contra os opositores e eliminando aqueles que divergiam política e ideologicamente do governo militar. Nesse sentido, após as primeiras atuações e autuações, suas perspectivas ficaram cada vez mais restritas no Brasil, “já não conseguia emprego em lugar algum por causa de sua ficha suja (contra a pátria não há direitos)” (Ac, p. 112). De estudante universitário cheio de sonhos a dissidente sem perspectivas, *progride* para um estágio mais avançado em seu processo de radicalização. A ida para a China e o treinamento em técnicas de guerrilha, sob a tutela do Partido Comunista Chinês (PCC), proporcionaram a sustentação teórica e técnica para que ele e outros companheiros de luta alcançassem o patamar de guerrilheiros maoístas,

considerados pelos militares como traidores da pátria. Ao retornar da China, sua vida ficou ainda mais difícil e arriscada.

Contudo, se era um deslocado em relação ao discurso e às práticas nacionalistas e vivia uma situação de constante instabilidade e risco, mesmo as margens do sistema não deixava de ocupar um *lugar* durante o tempo da guerrilha, pois compartilhava ideais com outros dissidentes. Constituía, assim, algo semelhante ao que Zygmunt Bauman (2005b), para outro contexto, define como comunidades organizadas ao redor de ideias, princípios e interesses afins, em contraposição a comunidades de vida e de destino. Neste caso, as ideias compartilhadas diziam respeito à promoção da derrocada do regime militar e visavam a revolução proletária e comunista no Brasil. Essa revolução seria construída pelo processo de guerrilha na selva, segundo Brauks e Barzotto (2014) (ao analisarem como *Azul corvo* se constituiria como uma *narrativa contra o esquecimento* uma vez que retoma a história da guerrilha do Araguaia e dos conflitos intestinos, entre guerrilheiros e militares) como a ocorrida na Malásia, Angola e Vietnã, nas décadas de 1960 e 1970²⁰.

Fernando, depois de tantos trânsitos, assumiu o codinome Chico Ferradura e participou de uma série de ações da “Guerrilha do Araguaia”. Quando o conflito se intensificava,

[...] comentou com Manuela que, em sua opinião, a guerrilha não tinha como dar certo. [...]
 A superioridade deles, disse Chico.
 Não desanima. Eles não sabem andar pela mata. A gente está aqui faz muito mais tempo. [...]
 Bobagem, disse Chico. A superioridade deles, disse Chico. (Ac, p. 160-1).

Tido até então como “um homem que não tinha medo de nada” (Ac. p. 121), lentamente passa a temer pela vida, perde o senso de comunidade em relação aos outros guerrilheiros e acaba por fugir. “Chico teve medo, pela primeira vez. E aprendeu a arte da desconfiança” (Ac, p. 160). Antecede a fuga da luta armada, no início dos anos 1970, uma série de conflitos interiores e reflexões relativas aos riscos que corriam os guerrilheiros, muitos deles bastante amadores, contra o exército profissional brasileiro.

Havia, também, a desconfiança do guerrilheiro em relação à população local. Como Fernando declarou a Manuela, sua namorada, também guerrilheira:

²⁰ A essa estratégia de *guerrilha na selva*, empregada pelos militantes do PCdoB, que buscavam integrar os comunistas à população local, e, posteriormente, expandir a revolução, a narradora de *Azul corvo* contrapõe outra estratégia denominada como *foquismo*. A diferença maior seria que o foquismo “baseava-se em atos heroicos individuais” (Ac, p. 111). O foquismo, segundo Vanja, fora bem sucedido em Cuba, mas fracassara “na Bolívia, na Argentina e no Peru” (Ac, p. 111).

Eles contratam mateiros. As pessoas se vendem por um nada.

As pessoas se vendiam por um nada. A primeira morte de um guerrilheiro aconteceu [...] graças à denúncia de um camponês conhecido como Cearensinho. Enviado à sua casa para buscar um rolo de fumo, o guerrilheiro Jorge topou com o Exército e foi metralhado. Cearensinho era considerado um amigo (Ac, p. 161).

Sua fuga, portanto, é resultado de um intenso conflito subjetivo. Não são representadas divergências com a ideologia coletiva dissidente que confrontava o patriotismo da “gênese ufanista do milagre brasileiro” (Ac, p. 61), do “Brasil, ame-o, ou deixe-o”, do “Todos juntos, vamos. Pra frente Brasil ...” (Ac, p. 116), e defendia a revolução internacional comunista no Brasil, a partir do viés maoísta da guerrilha na selva. Os motivos para abandonar a guerrilha não surgem, pois, vinculados à descrença na necessidade da luta contra o regime ditatorial-militar. Seus temores, no entanto, não eram compartilhados pelos companheiros e pela companheira Manuela, bastante confiantes no sucesso da guerrilha.

Sua fuga ocorreu enquanto o grupo de guerrilheiros avançava para empreender um ataque:

Chico não chegou mais uma vez bem perto de Manuela. Mateiro habilidoso que era, encontrou seu caminho para fora dali, para longe dali, para longe de tudo, de si mesmo inclusive (Ac, p. 248).

Com efeito, a fuga provocaria uma transformação subjetiva radical e um abandono daquele *eu* dissidente político, ou até *de si mesmo inclusive*. Posteriormente, além do medo que agonizara o guerrilheiro, outro aspecto relevante nas lembranças narradas a Vanja seria a culpa por ter abandonado os companheiros e, sobretudo, Manuela.

A representação dos militares como autores de torturas e arbitrariedades contra os guerrilheiros e, também, contra os moradores do Araguaia, já tem sido problematizada, nas últimas décadas. Contudo, em *Azul Corvo*, outras nuances vão surgindo, através de referências à *traição* por araguienses e, principalmente, da figuração de guerrilheiros como personagens problemáticos, não tão heroicos ou idealizados. Por exemplo, ressalte-se a caracterização de Manuela como ingênua e despreparada para enfrentar o inimigo. E o próprio Fernando, um dos mais bem treinados, foge. Essa representação complexifica ainda mais a história do Brasil, pois na narrativa, a fuga de Fernando é o ápice de um processo de desmistificação, ou ao menos de não idealização, da guerrilha.

Por outro lado, o romance não detalha como, mas Fernando abandona a insegurança vivenciada no Brasil e alcança Londres. Na capital da Inglaterra, inicia uma outra vida, silencia o seu passado e suas angústias e exclui-se de grupos ou comunidades,

quer seja de destino, ou de interesses. Sua vida poderia ser considerada como uma intensificação daquelas *Vidas em trânsito* abordadas por Stefania Chiarelli, ao se referir à ficção de Samuel Rawett e Milton Hatoum. Chiarelli considera a condição duplamente deslocada de várias personagens desses escritores: “Não há mais possibilidade de integração na terra natal (a volta ao lar é sempre uma impossibilidade; quem volta já não é mais aquele que saiu) e persistem estranhamentos com relação ao novo lugar” (CHIARELLI, 2007, p. 31). Fernando é, pois, personagem emblemática de um multideslocamento, mais explicitamente, em sua própria terra e, também, na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Quanto aos EUA, não desenvolveu um sentimento de pertencimento ao local onde viveu por tantos anos. E, desde que se separou de Suzana, não constituiu relacionamentos afetivos de longo prazo. À exceção dos contatos durante seus trabalhos como segurança e como faxineiro, não estabeleceu relações interpessoais duradouras, pelo menos até a chegada de Vanja.

Ao ser indagado por ela sobre um possível retorno ao Brasil, pragmaticamente responde que, com mais de 50 anos de idade, vivendo no estrangeiro desde os anos 1970, “(n)ão tem muita coisa para mim no Brasil” (Ac, p. 197). Seu retorno seria dificultado porque suas experiências profissionais não seriam valorizadas no Brasil dos anos 2000, assim como não o são nos EUA, embora aí a remuneração seja maior. Desse modo, ainda que tenha residência fixa em Lakewood, seria uma personagem a vivenciar múltiplos deslocamentos, pois não tinha um *lugar* nem nos EUA, nem no Brasil.

A propósito, a representação de personagens que se exilaram do Brasil, durante o período da ditadura, tem sido bastante recorrente na literatura nas últimas décadas, a saber: *As Meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles; *O Que é isso companheiro?* (2009 [1979]) e *Crepúsculo do Macho* (1980), de Fernando Gabeira; *Tropical sol da liberdade* (1988), de Ana Maria Machado; *A chave de casa* (2007), de Tatiana Salem Levy; *Amores exilados* (2011), de Oliveira Neto; e *Vidas Provisórias* (2013), de Edney Silvestre. Muitos outros romances tratam direta ou indiretamente do exílio de dissidentes políticos, associado a traumas relativos às torturas e mortes, às dificuldades de adaptação problemática ao local de chegada estrangeiro e, em certo sentido, à inadaptação à *terra natal* quando do retorno. Em meio a essas narrativas, o não-retorno, após a anistia aos dissidentes, ao final dos anos 1970, na narrativa de Adriana Lisboa, difere da maioria das outras *narrativas de exílio*.

Em *Azul Corvo*, Fernando ocupa, ainda, uma posição diferenciada, pois não tem mais contatos, nem com parentes, nem com amigos ou companheiros de dissidência. Se retornasse ao convívio com amigos e colegas poderia ser considerado, até mesmo, um traidor da causa, pelos ex-companheiros e pela ex-namorada (se essa ainda estivesse viva, o que fica sem resposta na narrativa), de quem não tivera notícias, pois muitos desapareceram no Araguaia. Essa desconexão expressa como ele não faria mais parte daquela comunidade de ideais e interesses. Desse modo, a vida deslocada de Fernando foi marcada por traumas e silenciamentos.

De acordo com Leonardo Tonus, em relação a uma poética da expatriação (termo que o pesquisador utiliza em um sentido amplo): “procedimentos de esquecimento ou de neutralização da carga traumática (e) o ocultamento da memória traumática [...] permeiam nossa história e memória coletivas e individuais” (TONUS, 2019, s.p.). Nessa perspectiva, Fernando retoma suas memórias de forma bastante vívida, ainda que cerca de trinta anos depois, no entanto teria ocorrido um longo processo de neutralização e também de ocultamento das agruras associadas ao exílio, aos traumas relativos aos eventos vividos nos anos 1970, que ainda assombram-no nos anos 2000.

Alessandra Pajolla e Leonardo Tonus associam esses traumas vividos nos anos 1970, à acídia, à solidão, a uma imobilidade de Fernando nos anos 2000. Segundo os pesquisadores: “É nessa encruzilhada que Fernando se encontra quando deserta e que vai imobilizá-lo em uma vida solitária e monótona, depois de abandonar a guerrilha” (PAJOLLA e TONUS, 2015). Com efeito, as lembranças da guerrilha permitem considerar que os traumas relativos à experiência da luta armada e à fuga, embora silenciados e temporariamente neutralizados, estão ainda presentes e são bastante intensos.

No entanto, relembre-se que entre a fuga da luta armada e do Brasil e a *vida solitária e monótona*, antes da chegada de Vanja, há uma série de experiências de vida, em meio a uma intensa mobilidade e múltiplos deslocamentos espaciais. Fernando era, antes de tudo, um sobrevivente, que se adaptava com surpreendente capacidade a uma pluralidade de situações. No momento em que narra sua história à Vanja, parece imobilizado, após encontrar certa estabilidade social e financeira, mesmo em trabalhos não muito bem remunerados. Quando é procurado por Vanja, é um homem calejado. Tornou-se *o homem-que-se-acostumava* com as atribulações:

A gente acaba se acostumando, disse Fernando.

Fernando entendia disso. De acabar se acostumando. No final de algum tempo eu já seria capaz de olhar para ele e ver o homem-que-se-acostumava (Ac, p. 25-6).

No entanto, a própria narradora Vanja se questiona se ele sempre fora assim. E a narração das desventuras de Fernando demonstra que não. Seus deslocamentos, durante várias *fases* da vida, expressam a precariedade de uma existência marcada pela subalternidade e pela sobrevivência nas margens do sistema econômico e político. Assim, conforme o contexto, assumiu o papel de: trabalhador na lavoura, mateiro e fabricante de armas, enquanto na dissidência e guerrilha; atendente de bar, no exílio político; segurança e faxineiro, na vida de emigrante. Além disso, estudante aplicado, ativista dedicado, filho relapso, companheiro, amante, pai e amigo. Tantas atividades e papéis sociais expressam um deslocamento subjetivo de longo prazo, transpassado por experiências diferenciadas de descentramento de um sujeito contemporâneo em crise constante, que teria experimentado, em inúmeros sentidos, não uma vida imobilizada, mas sim uma vida deslocada, em termos espaciais, subjetivos, identitários e afetivos. Nesse sentido, após tantas experiências de mobilidade, o Fernando que Vanja conhece é aquele que, após tantos deslocamentos, buscou um lugar de re-centramento, estabilidade e segurança.

Também em *Hanói*, embora com menos detalhes do que em *Azul corvo*, Lisboa alude a personagens exiladas, mas essas de uma outra *nação partida*. Trata-se do vietnamita Trung, um exilado político e religioso. Durante sua juventude, no Vietnã, tornara-se monge budista, asilado em um templo, com uma vida contemplativa. Uma de suas especialidades era a poesia. Contudo, durante a guerra do Vietnã, em que o país foi cindido entre o norte comunista e o sul apoiado pelos EUA, o templo foi destruído. O término da guerra se deu com a derrota dos EUA, cujos soldados saíram do país em 1974. Trung, “com o fim da guerra, foi mandado para um campo de reeducação” (Han, p. 46) e, depois, se tornou um refugiado na Malásia. Após algum tempo, conseguiu exilar-se nos EUA. Essa história de deslocamento do vietnamita, que atravessa *Hanói*, surge paralelamente às histórias de Alex e David que estruturam o romance, em uma narrativa dentro de uma narrativa, dentro de outra narrativa. Em outras palavras, o romance apresenta histórias de deslocados entre outros deslocados.

Ao tempo da narrativa, Trung tinha 64 anos e vivia há mais de 30 anos nos Estados Unidos. Ali, trabalhou inicialmente como ajudante de cozinha, ou *homem-colher* (Han, p. 37) e, depois de alguns anos, abriu um pequeno mercado étnico, no bairro denominado

*Pequeno Vietnã*²¹. As olheiras profundas que pareciam *maquiagem de teatro*, segundo Alex, eram o aspecto visível da experiência de longas horas de trabalho. Uma história peculiar contada a Alex ilustra a vida precária de Trung nos EUA: ao fim do dia extenuante de trabalho, ele “dormia no metrô a caminho de casa e que nunca, nem uma única vez em dezessete anos [...] havia passado da sua estação” (Han, p. 15). E é durante uma dessas viagens de metrô que Trung sofre um problema cardíaco. Durante sua convalescência, enquanto a mãe e a avó de Alex retornam a Chicago para tomar conta do amigo, ela administra o mercado. Recuperado, Trung resolve parar de trabalhar, aposentar-se e muda-se para a cidade pequena e calma do interior, onde viverá em companhia de suas amigas vietnamitas.

Ao longo de seus trinta anos nos EUA, o vietnamita viveu uma condição de deslocamento mais intensa e mais ampla do que a de Alex e David, pois, além de afetivo, social, o seu deslocamento era cultural, religioso, identitário e nacional. E, embora contasse algumas histórias sobre sua vida no Vietnã, antes do exílio, “Trung não falava sobre essas coisas. E pouco falava dos primeiros tempos em seu novo e definitivo país” (Han, p. 37). De modo semelhante ao de Fernando em *Azul corvo*, as experiências traumáticas do exílio ficam submersas e neutralizadas.

Entretanto, diferentemente de *Azul corvo* em que Adriana Lisboa delonga-se na representação dos motivos do exílio de Fernando e na narração de suas desventuras, em *Hanói* não há muitas explicações quanto às situações de conflito, como a destruição do templo budista e da prisão de Trung no *campo de reeducação*, acontecimentos que são apenas aludidos. Com exceção de um trecho situado entre as páginas 35 e 38, quando a narrativa se aprofunda na história de Trung, a maioria das outras dezenas de referências a ele são breves, funcionando, principalmente, para situar sua condição de multideslocado, quer seja em relação ao Vietnã, quer seja nos EUA, primeiro enquanto exilado, depois como emigrante.

Conclui-se, portanto, que a questão dos múltiplos deslocamentos de Trung e de Fernando permitem destacar a permanência do tema do exílio e do descentramento da nação nos dois romances, embora em *Hanói*, de 2013, o tema não seja representado de forma tão aprofundada quanto em *Azul corvo*, de 2010. Tal fato se deveria ao foco de Lisboa, em *Hanói*, de modo mais denso, centrar-se nas desventuras dos deslocados, não em relação à nação partida, locais de nascimento ou criação, mas, sobretudo, nos Estados

²¹“Little Vietnam”

Unidos, local de chegada preferencial de tantos emigrantes, expatriados, exilados, refugiados.

Assim, ao se considerar as questões relativas à nação (de) partida, objetivo deste capítulo, retorna-se à diatribe quanto à nação brasileira, sobretudo em *Azul corvo*. Nesse sentido, ao lado do exílio de Fernando, da execução e tortura de guerrilheiros, configuram-se várias outras críticas pontuais em que se representa o Brasil, várias vezes, como nação partida.

Algumas dessas surgem associadas à atuação dos governos dos presidentes militares Médici e Figueiredo. Uma, inclusive, que englobava todo o regime, em relação ao aumento astronômico da dívida externa: “No ano do golpe militar, a dívida brasileira era de pouco mais de três bilhões de dólares. Em 1985, no fim do governo militar, quando o general Figueiredo pediu a todos que o esquecessem, passava dos noventa bilhões” (Ac, p. 117).

Esses dados, somados a outros elementos, redundam em questionamentos recorrentes a respeito do projeto de crescimento nacional, a exemplo da construção da Transamazônica:

Transamazônicas iniciadas com pompa jamais são concluídas, e o tamanho da ferida pode ser visto até do espaço. [...] Florestas Amazônicas começam a ser desmatadas, organizações não governamentais são criadas em sua defesa. Florestas Amazônicas continuam sendo desmatadas à ordem de uma Bélgica por ano para, basicamente, a criação de gado. O milagre da transubstanciação da floresta em bife. (Soja? Também se transubstancia. É exportada e vira ração para o gado nos países ricos.) (Ac, p. 69).

A Transamazônica foi um dos grandes empreendimentos dos anos 1970 (ao lado da ponte Rio-Niterói) e que se tornaria um dos símbolos maiores da grandeza nacional brasileira e do *sucesso* do governo militar. Nesse caso, a contestação imediata seria quanto à destruição da natureza, uma crítica que atingiria o próprio modelo de crescimento econômico extrativista e agropecuarista, cujas consequências seriam de longo prazo. Uma degradação que se ampliaria pelas décadas subsequentes até o presente da narração, pois as florestas *continuam sendo desmatadas*.

Outra crítica que surge na citação anterior diz respeito à inclusão do Brasil no sistema econômico global, como fornecedor de produtos agropecuários primários, como carne e soja. E, como consequência, contesta-se a inclusão marginal e dependente do país na globalização econômica assimétrica contemporânea, que impulsionaria a constante degradação ambiental da Amazônia. Portanto, observam-se várias nuances, em *Azul*

corvo, de um discurso crítico à nação que se constituiria enquanto um contradiscurso dissidente.

Há, igualmente, várias referências a um discurso nacionalista e, até mesmo, a um certo civismo ufanista, associado a bens simbólicos como músicas e esportes. É o caso, por exemplo, de problemática relação entre futebol e história, como neste trecho: “Seleções de futebol sagram-se tricampeãs, depois tetracampeãs, depois *pentacampeãs*, sabendo que isso ainda não é tudo e que a história continua” (Ac, p. 69, grifos da autora). Desse modo, a narradora destaca a apropriação do futebol como instância simbólica e valorativa da nação, no momento em que problemas sociais e econômicos se agravavam. A concepção do Brasil como o *País do Futebol* ultrapassaria gerações, mas seria enfatizado nos anos 1970 durante a ditadura, como ressaltado no romance:

Uma das coisas mais sensacionais de todas, naqueles dias, era a recente conquista do tricampeonato mundial pela seleção de futebol. Todo brasileiro conhece até hoje a marchinha de Miguel Gustavo, mesmo quem nasceu tempos depois, como eu nasci. Os tais noventa milhões em ação. Todos juntos, vamos. Pra frente Brasil, salve a seleção! De repente é aquela. Corrente pra frente.

Ah, a campanha de setenta! Uma seleção que tinha Pelé, Gérson, Jairzinho, Tostão, Rivelino, que tinha Carlos Alberto Torres como capitão. Uma seleção que nunca teve igual em lugar algum em época alguma (Ac, p. 47)

Dessa forma, paralelamente à narração da história da *Guerrilha do Araguaia* – uma ferida aberta no corpo e na mente da nação –, a narrativa se volta para a exaltação nacional com o futebol e com marchinhas nacional-ufanistas que empolgavam o público.

A propósito, o futebol se constituiu, segundo Livia Magalhães, como *elemento da propaganda oficial* (2013) do estado ditatorial e se converteu em instância simbólica que representava o reconhecimento da nação brasileira no mundo, pois o sucesso esportivo era associado ao *milagre brasileiro*. Assim, a propaganda relativa ao futebol era uma forma de “alimentar a retórica do Estado nacional-desenvolvimentista” (GUTERMAN, 2004, p. 267), de valorizar a identidade nacional e, ainda, de exaltar o governo ditatorial, que buscava melhorar o *status* do Brasil no sistema econômico global.

Com nuances distintas, esse discurso nacionalista seria *transgeracional*, pois atravessaria os anos 1970, por meio de práticas de agentes do estado e de produtores culturais, e alcançaria os anos 1990, no posicionamento laudatório da retornada Suzana, que expressa um discurso cívico-ufanista em relação à nação brasileira:

Quando fomos morar no Brasil, ela se tornou nacionalista. Defensora de todas as coisas pátrias, entre elas a língua que herdamos do colonizador europeu e aclimatamos, e que ela passou a considerar a mais bonita do mundo (Ac, p. 41).

Então, no processo de repatriação, a posição de Suzana poderia servir como um breve contraponto ao contradiscurso dissidente.

Contudo, essa posição é ironizada pela narradora:

Os anos eram os noventa e ela votava para presidente da República, todos os brasileiros maiores de idade votavam para presidente da República, ainda estavam aprendendo a manejar esse grau de civismo, mas um dia chegariam lá, ela dizia. Chegaríamos lá. Se eu não fosse uma criança tão pequena, à época, poderia ter perguntado como, se a primeira coisa que o primeiro presidente eleito democraticamente em três décadas tinha feito, em seu primeiro dia de governo, havia sido confiscar o dinheiro que as pessoas tinham na caderneta de poupança (Ac. p. 41-2).

Desse modo, ao mesmo tempo em que a narradora faz uma crítica ao primeiro presidente eleito pelo voto popular depois da redemocratização (Fernando Collor), e, nesse contexto, questionava as próprias possibilidades da nação brasileira alcançar um certo *grau de civismo*, argui o comportamento e as atitudes nacionalistas da mãe.

Outro aspecto que atravessa gerações e demonstra, em certo sentido, a inviabilidade da nação, é a violência. Essa questão tem sido bastante recorrente em narrativas literárias brasileiras contemporâneas, como salientam críticos como Beatriz Resende (2010), para quem a representação da violência seria um dos principais aspectos que marcariam a produção literária brasileira contemporânea.

Em *Azul corvo*, isso não é diferente, mas há uma variação temporal, ao tratar a violência referente aos anos 1970 e aos anos 2000. Nos anos 1970, ela emerge em meio a fatores conjunturais, de conflitos intestinos e políticos ideológicos. Nesse caso, perpetrada pelos agentes do Estado e pelos dissidentes políticos, tal violência direciona-se a sujeitos específicos que entram em conflito e representam campos políticos divergentes. Já nos anos 2000, a violência seria caracterizada como aspecto estrutural da nação, que atingiria, na prática, a maioria da população brasileira.

Seria uma violência tão disseminada que, inclusive, se tornaria uma das mais fortes razões para que brasileiros emigrantes permanecessem nos EUA. Ressalta a narradora:

Conheci imigrantes brasileiros que tentavam esquecer que eram brasileiros. Arranjavam parceiros americanos, filhos americanos, empregos americanos, guardavam a língua portuguesa dentro da garganta num lugar de difícil acesso e só se orgulhavam de suas origens quando alguém mencionava de modo elogioso o samba ou a capoeira (essa última também, na origem, a luta dos deslocados, dos expatriados, dos arrancados de casa). Ou o *Brazilian jiu-jitsu* dos irmãos Gracie. Fora isso, o Brasil era um lixo. E aliás estava cada vez pior.

Cada vez pior. (Vocês não leem as notícias? Viram o que o tráfico fez lá em São Paulo?) (Ac, p. 95, grifos da autora).

Em suma, ao lado de elementos culturais que seriam fatores de valorização da cultura brasileira em terra estrangeira, a violência urbana – uma insegurança que não provoca deslocamentos apenas do Brasil – emergiria como chaga social que seria, inclusive, argumento para o não-retorno dos emigrantes. Assim, justificava-se, até mesmo, a permanência fora da nação partida, por medo de que, no Brasil, não haveria condições mínimas para sobrevivência.

Nessa perspectiva, mesmo que a narrativa não explicita os motivos da emigração da família salvadorenha de Carlos – para além da busca de melhores condições de trabalho e estudo – um dos principais motivos demográficos para a saída de El-Salvador seria, também, a violência disseminada. Informa a cientista política Mneesha Gellman:

Centenas de salvadorenhos são mortos todos os meses. Em julho [de 2019], o país passou um dia sem assassinato, e isso foi uma manchete. [...] O ministro da Defesa de El Salvador avaliou recentemente que há mais membros de gangues do que soldados em seu país. A perigosa desordem resultante levou 46.800 residentes a pedir asilo nos EUA no ano passado. Arriscar a violência desconhecida da migração em vez da violência garantida em casa é, para muitos salvadorenhos, uma decisão lógica (GELLMAN, 2019,s.p).²²

Como a população de El Salvador, em 2019, é de aproximadamente 6,7 milhões de habitantes, os 46.800 que buscaram asilo representam, em apenas um ano, aproximadamente 0,7% da população salvadorenha. Quanto aos já residentes nos EUA, assinala Bruno Rocha:

As estimativas mais conservadoras afirmam que existem mais de dois milhões e meio de salvadorenhos vivendo nos EUA e as comunidades ativas, de naturais e descendentes de primeira e segunda geração, já ultrapassariam os três milhões e 600 mil (chegando a quase 1% da população estadunidense) (ROCHA, 2018).

Portanto, a população de salvadorenhos residentes nos EUA corresponde a mais de 50% da população residente em El Salvador. Mesmo que a análise refira a 2018, destaque-se que o processo de fuga vem de longa data. Então, a família de Carlos é mais uma, entre

²² “Hundreds of Salvadorans are killed every month. In July, the country went a day without a murder, and it was headline news. [...] El Salvador’s defense minister recently assessed that there are more gang members than soldiers in his country. The resulting dangerous disarray sent 46,800 residents to seek asylum in the U.S. last year. Risking the unknown violence of migration rather than guaranteed violence at home is, for many Salvadorans, a logical decision” (GELLMAN, 2019, s.p.).

tantas, que buscaram a emigração para os EUA como forma de sobrevivência, ante a incapacidade de o Estado controlar a violência estrutural do país.

Em síntese, a discussão dos romances *Hanói* e, sobretudo, *Azul corvo*, girou em torno de deslocamentos, bastante intensos, em várias instâncias subjetivas, afetivas, espaciais, identitárias, nacionais e simbólicas. Sobretudo em *Azul corvo*, os deslocamentos ocorreram ou por a nação ter se tornado um espaço de conflitos internos, ou diante da representação de elementos implícitos e simbólicos, como a contestação do modelo de endividamento ou de crescimento desigual, dependente e não-sustentável, do uso dos esportes e de músicas para manutenção da hegemonia política, ou do ufanismo-cívico acrítico. A partir desses múltiplos aspectos, a narrativa da nação brasileira empreendida por um discurso nacionalista é lentamente desconstruída por um contradiscurso dissidente, que empreende uma releitura da *história oficial* (Ac, p. 116) e em que emerge subjacente um recorrente descentramento da nação, apenas vislumbrado em *Hanói* (2013).

2.4 A permanência da nação em um tempo pós-nacional

A luz da análise elaborada nos tópicos anteriores, paradoxalmente, percebe-se a permanência da nação em duas narrativas literárias brasileiras contemporâneas. A esse respeito, tornam-se relevantes as posições de Buarque de Hollanda (1992) e Schollhammer que ponderavam o “fim do ciclo nacional na literatura brasileira” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 21). Como já destacado anteriormente, muitas foram as contundentes críticas à nação nesses romances de Adriana Lisboa, relativas ao modo como agentes do Estado atuavam contra os dissidentes; e também ao modo pelo qual o Brasil, não apenas durante o regime militar, se configura como uma nação insustentável, com poucas oportunidades mesmo para aqueles que não contestavam o modelo de crescimento econômico. Esse *fim do ciclo nacional* expressaria, portanto, uma desconstrução do nacional, já que as narrativas descolam-se de um discurso nacionalista que marcou, hegemonicamente, a série literária brasileira. No caso de *Azul corvo*, observa-se como múltiplos trânsitos são representados ao lado da representação de uma nação que não é mais o centro de referência, em termos de consenso e coesão nacional, e, também, não é mais imaginada enquanto comunidade.

Conforme observado por Maria Zilda Cury, ao referir-se a produções literárias brasileiras nas primeiras décadas do século XX, de autores como Lima Barreto e Augusto dos Anjos, haveria uma longa tradição de um *discurso dissidente* (CURY, 2000), contra-hegemônico e perdedor, em contraste com a um discurso nacionalista, hegemônico e vencedor. Para além das reflexões de Cury quanto a um histórico discurso dissidente, em *Azul corvo*, a dissidência é expressa na crise dos sujeitos deslocados em sua nação, na forma de conflitos intestinos; na re-leitura da história nacional e na crítica ao modelo de crescimento nacional dependente; e, também, na evasão da descentrada nação (de) partida em busca de re-centramento, de segurança e de estabilidade, por personagens deslocadas. O romance, dessa forma, apresenta um outro viés de um contradiscurso dissidente que rompe com a ideia de coesão nacional, em termos transgeracionais.

Curiosamente, ao mesmo tempo em que as narrativas expressam esse *fim do ciclo nacional* – ou, pode se dizer, nacionalista –, observa-se a permanência da nação. Permanência paradoxal, caso se avalie que a contemporaneidade seria tida, reiteradamente, como pós-nacional. Sandra Almeida contribui para a reflexão sobre esse aparente paradoxo, ao problematizar a concepção de Arjun Appadurai, em *Modernity at Large*, de que o espaço contemporâneo seria transnacional e, ainda mais, *pós-nacional*. Almeida contesta que “apesar de vivermos um momento de imensa mobilidade e trânsito entre povos, países e continentes, o Estado-nação está longe de ser desmantelado ou substituído por uma pós-nação ou trans-nação” (ALMEIDA, 2015, p. 15). Nesse sentido, as considerações a respeito de elementos associados à desconstrução da nação e os motivos de deslocamentos de personagens demonstram como são recorrentes as referências e alusões à nação partida e descentrada.

Desse modo, *Azul corvo* seria mais um contraponto a narrativas da nação e da identidade nacional como realidades unificadas, coesas, homogêneas e positivas. Isto é, em sua representação negativizada da nação, o romance expressaria um contradiscurso dissidente que marca, reiteradamente, o descentramento da nação e o esgarçamento de um projeto de comunidade nacional, como já se comentou. Projeto em que a literatura cumpria um papel bastante relevante: construir a nação como uma *comunidade imaginada* caracterizada como espaço de oportunidades, em meio a um consenso em torno de uma nação coesa e coerente. Dessa forma, mesmo que pelo viés negativo, *Azul corvo* possibilita observar uma permanência contemporânea da nação, como *nosso Estado, que não é Nação* – para lembrar verso da letra de “Perfeição”, música do disco *Descobrimento do Brasil* (1993), da banda Legião Urbana.

Posto isso, a representação da nação em crise, com as problematizações correlatas, possibilitaria identificar, mais do que um discurso pós-nacional, ou transnacional, um questionamento do nacional como elemento positivo, com a presença problemática e distópica da nação, mediante um contradiscurso dissidente que poderia ser considerado, até mesmo, antinacionalista. Nesse sentido, há que se atentar numa outra questão que, no limite, também demonstra a permanência paradoxal da nação e como ela se mantém, em narrativas de deslocamento e re-localizações, um dos centros de referências: as fronteiras geográficas e culturais.

3 – UM LUGAR ENTRE IGUAIS: FRONTEIRAS E RE-LOCALIZAÇÕES

Enquanto ambivalência e assimilação representam o impacto afetivo da imigração sobre o viajante, questões de agência, linguagem e poder também emergem e medem o sucesso ou fracasso do empreendimento (NELSON VIEIRA, *Fora do Brasil*).

Rememore-se a proposta desta tese, os romances *Azul corvo*, *Rakushisha* e *Hanói* seriam narrativas privilegiadas para a reflexão acerca de como sujeitos deslocados, em crise e descentrados, em cada nação (de) partida, buscam re-localizações e re-centramentos fora das fronteiras nacionais. São romances que em meio às sombras do exílio e de múltiplos tipos de violências, ao representarem a nação, desconstroem-na enquanto uma nação (de) partida, cujas personagens deslocadas figuram em uma rede complexa de conflitos e (não)-pertencimentos. Isso em um contexto disjuntivo antinacional em que se representa a nação (de) partida não mais a prover condições mínimas para a sobrevivência de seus cidadãos. É o caso do Brasil e em sentido similar, mas com menor atenção, Vietnã e El-Salvador.

Vale lembrar que os deslocamentos não terminam no momento em que as personagens alcançam os locais de chegada. Nesse sentido, ao considerar diversos eventos de deslocamentos vivenciados por uma pluralidade de personagens em trânsito, problematizam-se nações, fronteiras e lugares. Declara Pierre Ouellet, em *Transportação*:

A mobilidade [...] não é somente transnacional ou transcultural, como se acreditou por tanto tempo com a fundação do fenômeno das migrações baseadas unicamente nos deslocamentos físicos de pessoas e de populações ou baseado na única passagem de valores culturais de um mundo a outro (OUELLET, 2010, p. 385).

Então, após discutir, no segundo capítulo, os principais motivos dos deslocamentos e a permanência das nações, neste terceiro capítulo, a reflexão centra-se na densidade relativa das fronteiras e nas dificuldades associadas aos processos de re-localização. Tais reflexões auxiliam as análises dos problemas relacionados as mobilidades e trânsitos contemporâneos, marcados por múltiplos tipos de deslocamentos, tanto físicos e espaciais, quanto subjetivos, nacionais, culturais e afetivos.

Portanto, na primeira parte deste capítulo, considera-se a questão das fronteiras nos três romances e como as leituras literárias demandam que se revise, criticamente, a concepção contemporânea de um *mundo sem fronteiras*; na segunda parte, analisa-se a relação entre cidadania e língua, com ênfase nos processos de letramento linguístico e a

imposição do monolinguismo nos locais de chegada; na terceira, observam-se deslocamentos de longo prazo, ao destacar-se a presença de híbridos culturais e sujeitos hifenizados nos EUA, com atenção aos problemas associados à re-localização, como o silenciamento das diferenças culturais, a questão dos estereótipos e a hostilidade quanto à hibridação cultural. Por fim, nas considerações finais do capítulo, sempre em contextos de continuidade dos deslocamentos e re-localizações, colocam-se em discussão algumas limitações à negociação e à hibridação cultural e ao entre-lugar.

3.1 Um mundo “com” fronteiras

... se o capital circula, hoje, livremente, em todos os países, o mesmo não ocorre com o trabalho, cujos entraves de circulação são por demais evidentes, continuando nosso mundo a ser marcado por uma globalização desigual e assimétrica (CURY, 2012, p. 13).

Ao se referir a um diálogo entre Gayatri Spivak e Judith Butler, acerca de *Quem canta o Estado-nação?*, Vanderlei Zachi e Sandra Almeida assinalam que “toda essa movimentação, em escala global, tem contribuído também para o esmaecimento das fronteiras nacionais e para o destaque do caráter transitório dessas fronteiras” (ZACCHI e ALMEIDA, 2018, p. 9). Ressalta-se o *caráter transitório dessas fronteiras*, em termos culturais, históricos e linguísticos, de várias formas, em Adriana Lisboa, como exemplifica esta passagem:

Minha mãe ganhava a vida dando aulas de inglês para os mexicanos que migravam de volta para o Novo México – tempos depois de os americanos terem migrado para lá, como ela gostava de dizer. Quem era estrangeiro ali, quem era local? Que língua a terra falava? (Na essência, não falava inglês nem espanhol, porque os povos que estavam ali quando os exploradores e os conquistadores chegaram eram navajo e anasazi e ute. E outros. E outros antes desses. Mas nenhum com o sobrenome de Coronado ou Oñate, nenhum conhecido pela alcunha de Cabeza de Vaca. Ou Billy the Kid.) (Ac, p. 37).

Como se lê, na fala da narradora, de forma sintética se problematiza o estatuto dúbio de estrangeiro, de nativos e de nações, bem como a transitoriedade das fronteiras, a mobilidade das línguas e, em certo sentido, as invenções de tradições.

Ademais, a multiplicidade de deslocamentos e a ampla mobilidade global das personagens de *Rakushisha*, *Azul Corvo* e *Hanói* possibilitam repensar um outro fator enfatizado por Almeida e Zacchi: o *esmaecimento das fronteiras*. Joachim Blatter

também descreve tal *esmaecimento*, mas enquanto um processo em que se estaria “Desfronteirizando os Estados-Nações”²³:

O sistema westfaliano de estados-nação soberanos está sendo desafiado à medida que as administrações nacionais perdem seu "papel de guardiãs dos portões" entre as políticas domésticas e internacionais (BLATTER, 2001, p. 175, grifos do autor)²⁴.

A leitura de Blatter é apenas uma, entre muitas, que expressaram, nas últimas décadas, a proliferação de teorias e críticas transdisciplinares, sobretudo após o colapso da URSS e da queda do Muro de Berlim, da utopia liberal de um *mundo sem fronteiras*. Embora tal leitura pudesse ser pertinente ao espaço restrito da União Europeia – foco da análise de Blatter –, será que ela seria adequada para considerar as fronteiras geográficas ainda existentes ao redor do mundo?

Como esclarece Achille Mbembe, ao discutir esse utópico mundo sem fronteiras, para além da perspectiva kantiana ou individualista liberal (ou neoliberal), “se você tem um passaporte americano, basicamente pode ir aonde quiser. O mundo pertence a você. Mas não é assim que funciona para todo habitante do nosso planeta” (MBEMBE, 2019, s.p.). Talvez haja, nesse sentido, um mundo sem fronteiras, mas apenas para os sujeitos que possuem passaportes, qualificações, recursos e/ou contatos adequados, ou para “o capital, os bens e os serviços” (MBEMBE, op. cit.).

Vários pensadores das ciências sociais, geografia e filosofia (HARDT; NEGRI, 2001; NEWMAN, 2006; MBEMBE, 2019; SANTOS, 2019) tem questionado esse discurso de um *mundo sem fronteiras*. Muitos teóricos discutem uma crença de que a globalização ampliaria as possibilidades de trânsito e a mobilidade das pessoas em termos gerais e globais. Tal crença permanece mesmo que a prática seja cada vez mais distinta, tanto nos estados-nação capitalistas centrais e mais desenvolvidos (a exemplo dos EUA, Inglaterra, Itália, Espanha, França, Austrália), quanto em estados periféricos e em desenvolvimento (a exemplo de Grécia, Romênia, Colômbia, Turquia). Cada um desses estados-nação restringe o acesso aos seus territórios dos trânsitos humanos, ao mesmo tempo que colocam em prática os princípios do neoliberalismo em termos econômicos e ampliam os fluxos de mercadorias, produtos financeiros e a desregulamentação do Estado (ABDALA JR., 2013; DOWBOR, 2017). Defende Manuel Castells:

²³ Tradução livre de “Debordering the Nation-States”, título do artigo de Blatter.

²⁴ “The Westphalian system of sovereign nation-states is being challenged as national administrations lose their ‘gate-keeper-role’ between domestic and international politics” (BLATTER, 2001, p. 175).

Se há uma economia global, deveria haver um Mercado de trabalho global e uma força de trabalho global. No entanto, como muitas de tais afirmações óbvias, tomadas em seu sentido literal, é empiricamente errado e analiticamente incorreto. Enquanto o capital flui livremente nos circuitos eletrônicos das redes financeiras globais, o trabalho ainda é altamente constringido, e continuará a ser no futuro previsível, por instituições, cultura, fronteiras, polícia e xenofobia (CASTELLS, 1996, sp.)²⁵

Haveria, portanto, um seletivo processo de controle de fronteiras, em meio à expansão do capitalismo financeiro transnacional, em relação ao qual as fronteiras financeiras e comerciais se abririam cada vez mais (Embora, na última década, haja ressalvas até mesmo a esse trânsito global, ao se considerar os fortes indícios de que, desde 2016, intensificou-se uma *nova guerra fria*, no momento, ainda comercial e tecnológica, entre EUA e China).

Quanto aos deslocamentos humanos, houve, nos anos 2000, fronteiras relativamente seletivas para expatriados, favorecendo funcionários de empresas transnacionais ou organizações supranacionais sediadas em cidades-globais, principalmente do Ocidente, ou para estudantes e profissionais altamente qualificados provenientes da periferia e da semiperiferia, em um processo de drenagem de cérebros. Ainda que se considerem seletivas, abertas ou porosas, as fronteiras são barreiras, algo que contradiria a concepção idealizada de um *mundo sem fronteiras*.

Declara Avtar Brah, mesmo quanto às fronteiras internas dos países da União Europeia, que foram oficialmente derrubadas, em 1993: “Com a intenção de permitir a livre circulação de capitais, bens, serviços e certas categorias de pessoas” (BRAH, 1996, p. 152)²⁶. Destaque-se o *certas categorias de pessoas* e registre-se que uma das principais razões alegadas por aqueles que votaram pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia, em 2016, o conhecido *Brexit*, foi, justamente, a questão das migrações, sobremaneira aquelas provenientes dos países do Leste europeu para a Inglaterra.

Afinal, nas últimas décadas, para os migrantes empobrecidos, bem como exilados e refugiados, as fronteiras têm sido erguidas cada vez mais altas e sólidas. A propósito, ressalta uma matéria fotográfica do periódico internacional *El País*, em sua versão brasileira: “Barreiras fronteiriças são construídas para evitar a entrada de migrantes, traficantes ou inimigos. Depois da queda do Muro de Berlim, restavam apenas 11 deles

²⁵ If there is a global economy, there should be a global labor Market and a global labor force. Yet, as many such obvious statements, taken in its literal sense it is empirically wrong and analytically mis-leading. While capital flows freely in the electronic circuits of global financial networks, labor is still highly constrained, and will be for the foreseeable future, by institutions, culture, borders, police, and xenophobia (CASTELLS, 1996, sp.).

²⁶ “with the intent of allowing the free movement of capital, goods, services and certain categories of people”

no mundo. Atualmente, a cifra subiu para 70” (*EL PAÍS*, 2017). Com efeito, se apreende que em um mundo reiteradamente qualificado como *pós-nacional e sem fronteiras*, a cada ano ampliam-se as barreiras entre nações.

Um brevíssimo *tour* por algumas das nações da Europa Ocidental e EUA propicia um vislumbre acerca da disseminação de um discurso de densificação das fronteiras nacionais: na França, o partido xenófobo e anti-imigrante *Front National*, liderado por Marine Le Pen, a cada eleição amplia sua margem de votos; na Inglaterra, em 2019, o conservador Boris Johnson, um dos líderes do movimento pelo BREXIT, foi eleito primeiro-ministro e Nigel Farage, líder do eurocético UKIP – Partido da Independência do Reino Unido²⁷ –, que defende, já faz tempo, a saída da União Europeia e o controle mais intenso das fronteiras, foi um dos eurodeputados mais votados; na Itália, o polêmico Matteo Salvini – líder da xenófoba Liga Norte –, quando foi Ministro do Interior, em um governo de coalizão, perseguiu, de forma inclemente, refugiados que tentavam chegar à Europa, via Mediterrâneo, ao fugir de conflitos na Líbia, Egito, Tunísia e Sudão; na Espanha, o partido VOX defende a intensificação dos controles fronteiriços, com o slogan nacionalista *Tornar a Espanha Grade de Novo*, e foi o partido que mais cresceu nas eleições espanholas de novembro de 2019, ao tornar o terceiro com mais representantes no parlamento espanhol; nos EUA, na fronteira sul com o México, Donald Trump e seu MAGA (*Faça a América Grande de Novo*)²⁸ investe cada vez mais na caça aos migrantes, ao promover até a construção de uma barreira de concreto entre EUA e México. Reitere-se que esses governantes ou líderes nacionalistas em ascensão, e seus respectivos partidos políticos, têm, como uma de suas principais bandeiras, a contenção de migrantes, exilados e refugiados.

Assim, há um contexto global no qual se erguem novos muros, com os quais se busca, seletivamente, interromper trânsitos, como se observa no documentário *Fluxos Humanos* (WEIWEI, 2017). Erguidas em espaços de fronteiras, em tantos pontos do mundo, tantas *barreiras* emergem paralelamente e, por vezes, em contraponto à *expansão* da globalização e ao aumento dos deslocados. Barreiras essas construídas para conter aquele *resto* que vem de fora do Ocidente (HALL, 2003a), ou *refugo da globalização* (BAUMAN, 2005a). Conforme os dados da Agência de Refugiados da ONU: em 2019, dos 285 milhões de migrantes internacionais, “85% das pessoas deslocadas estão em países em desenvolvimento” (UNHCR, 2019, s.p.). Deslocados internacionais que,

²⁷ “United Kingdom Independency Party”.

²⁸ “Make American Great Again”.

muitas vezes, não possuem recursos, documentos ou vistos, elementos mínimos necessários para atravessar legalmente as fronteiras dos estados-nacionais. Há, pois, que se reconsiderar a concepção de *Mundo Sem Fronteiras*.

De acordo com David Newman, as “fronteiras deveriam ser vistas por seu potencial de constituir pontes e pontos de contato, por mais que tenham tradicionalmente se constituído como barreiras ao movimento e à comunicação” (NEWMAN, 2006, p. 1)²⁹. Acrescenta, ainda, Newman, que as controvérsias envolvendo o tema salientam o surgimento, nos anos 1990, de várias contranarrativas da *concepção de mundo sem fronteiras*.

Nessa medida, em relação a narrativas literárias brasileiras de deslocamentos, várias das quais arroladas no segundo capítulo, a representação do problema das fronteiras ainda é incipiente. Um dos poucos exemplos é Shirley Carreira e Paulo César Oliveira, que ao analisar obras de Bernardo Carvalho, declaram: “em um mundo marcado pela promessa moderna da mobilidade para todos, intensificada na era da globalização, as personagens do romance [*O filho da mãe*] estão cada vez mais circunscritas a espaços de clausura” (CARREIRA, OLIVEIRA, 2018, p. 44). Ressalte-se que *Reprodução* (2013), também de autoria de Bernardo Carvalho, é outra amostra de representação da complexidade das fronteiras mundiais, bem como *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009) e *Flores Artificiais* (2014), de Luiz Ruffato.

Ao considerar-se tal contexto geopolítico, sociológico e literário, como tem sido a representação desses trânsitos e travessias de fronteiras nos três romances de Adriana Lisboa? E, mais especificamente, ao pensar os objetivos desta tese, será que a representação de fronteiras nos romances da autora reforçaria a perspectiva de um *mundo sem fronteiras*, ou incitaria o debate a respeito?

Observe-se então, *Rakushisha*, em que a narrativa de Haruki se inicia com sua chegada ao Consulado do Japão, no Rio de Janeiro, onde vai requisitar um visto para *atividades culturais*: “Por pouco não impediram Haruki de subir ao décimo andar, onde ficava o Consulado Geral do Japão no Rio de Janeiro” (Rak, p. 14). O quase impedimento foi devido, meramente, à questão do horário, pois faltavam poucos minutos para o fim do expediente burocrático. A tensão e ansiedade com a *visita* ao consulado ocorreu, principalmente, por causa da falta de conexão do ilustrador com a terra de seus antepassados, sobretudo com a língua. Contudo, conseguiu o visto sem mais delongas.

²⁹ “borders should be seen for their potential to constitute bridges and points of contact, as much as they have traditionally constituted barriers to movement and communication” (NEWMAN, 2006, p. 1).

Essa necessidade de pedido de visto para entrar no Japão expõe a permanência de fronteiras, embora elas pareçam ter baixa densidade e ser meramente burocráticas. Quanto à Celina, no caso, não há nenhuma referência à documentação de viagem ou ao modo como ela conseguiu o visto. Assim, para ela, como na situação de Haruki, o visto emerge como mera formalidade, já que obtido em menos de uma semana, possivelmente como turista. A pluralidade de turistas estrangeiros em Quioto também corrobora a perspectiva se não de um mundo sem fronteiras, pelo menos, de que, se seguidos os trâmites legais e burocráticos não haveria muitos obstáculos para aqueles que desejassem atravessar o mundo.

Em outra perspectiva, em *Azul corvo* e *Hanói*, problematiza-se a seletividade e essa baixa densidade das fronteiras. Lembre-se de que os deslocamentos transfronteiriços de Vanja foram bastante variados, com ampla mobilidade transcontinental. Tantos trânsitos demonstrariam o *privilégio* de possuir a cidadania estadunidense e dariam a impressão, à primeira vista, de que ela viveria em um *mundo sem fronteiras*, sem medo de ser presa e deportada a qualquer momento, diferentemente de Carlos e de sua família. Mesmo sem muitos recursos financeiros, ela exercia o direito de ir e vir, para dentro e para fora dos EUA, apesar de o seu retorno ter ocorrido no pós-9/11. Um acontecimento que marcou o acirramento dos controles e da segurança nas fronteiras estadunidenses, devido ao ataque às Torres Gêmeas, em Nova York (NEWMAN, 2006). Desse modo, por ter nascido nos EUA e possuir os *documentos* adequados, pode atravessar fronteiras sem muitos empecilhos.

Ainda que a jovem narradora critique acidamente os “cidadãos do mundo [...] que viajam por esporte” (Ac, p. 41) e se sinta tantas vezes em *lugar nenhum* (Ac, p.12; p. 31), deslocada tanto no Brasil, quanto nos EUA, expressa uma condição deslocada transnacional de alguém que parece viver e viajar como se habitasse um mundo sem fronteiras, em um contexto pós-nacional. A crítica de Vanja a esses *cidadãos do mundo* talvez tenha como alvo aqueles deslocados transnacionais ao estilo de Bernardo Águas, personagem de *Sinfonia em Branco*. Em um de seus encontros com Maria Inês, o cantor internacional declara à amante, “já pensou se eu comprasse um mapa-múndi e começasse a marcar todos os lugares onde já tive alguma namorada? E começou a enumerar: Rio, São Paulo, Curitiba, Londres, Louvain, Paris, Milão ...” (SB, p. 74, reticências da autora)

Em contraste com a condição deslocada privilegiada de Águas e, até mesmo, de Vanja, destaca-se a situação periclitante de Carlos. Migrante ilegal nos EUA, temia

inclusive atravessar fronteiras interestaduais, como exemplifica a reação do jovem el-salvadorenho ao ser convidado para uma viagem do Colorado ao Novo México:

Os olhos do Carlos brilhavam como se alguém os tivesse acendido no interruptor. Mas a preocupação cotidiana o levou a perguntar se não precisava de *papeles* para ir ao Novo México, e se precisasse como é que ia fazer.

O bigode do pai dele falou, num espanhol espremido, que não era para o Carlos ficar dizendo por aí coisas como aquela. As pessoas denunciavam as outras (não, ele não se referia a nós – claro que não – nós éramos amigos – mas o Carlos tinha a língua solta). E num caso desses, no caso de uma denúncia, eles teriam que ir embora. IR. EMBORA (Ac, p. 187, grifos da autora).

Com efeito, além de viver sob o temor de ser preso e deportado, o menino lentamente perdia os poucos vínculos afetivos com sua terra natal, pois não podia, por exemplo, visitar seus avós e primos em El-Salvador. Se regressasse ao seu país, não teria permissão para retornar aos EUA e ficaria separado de seus pais e da irmã.

Ademais, a *preocupação cotidiana* o assombrava, inclusive, em situações corriqueiras, por exemplo quando Fernando estacionou o carro, irregularmente, em um posto de gasolina:

Carlos leu em voz alta VAGAS EXCLUSIVAS PARA CLIENTES TEXACO E 7-ELEVEN. Ficou preocupado porque estávamos ocupando uma vaga e não éramos clientes Texaco nem 7-Eleven. Fernando disse que ele podia ficar tranquilo. Mas ele continuou olhando meio desconfiado ao redor. Talvez imaginasse um policial vindo nos avisar da nossa transgressão e pedindo os *papeles* dos três, enquanto batucava com o cassetete no carro – como nos filmes. Carlos suaria frio, depois choraria e depois seria deportado. Como nos filmes (p. 208-9, grifos da autora).

Como se vê, a ansiedade e o medo faziam parte da vida do salvadorenho.

Diferente de Carlos, a dificuldade de Vanja para entrar nos EUA fora: “comparecer ao guichê de um oficial de imigração e passar pelo chato protocolo das fronteiras” (Ac, p. 259). Enquanto ela, com sua identidade hifenizada, brasileira-estadunidense, portava passaporte e documentos que lhe permitiam transitar entre fronteiras internacionais, sem obstáculos maiores, Carlos fixava-se dentro das fronteiras do Colorado, com temor, até mesmo, de atravessar *fronteiras* interestaduais.

Outra personagem de *Azul corvo* que pode atravessar fronteiras sem muitos obstáculos é Nick: “No ano seguinte, a família dele se mudou, ele saiu da escola, em algum ponto reconsiderou suas ideias, recentemente me falaram que se tornou fuzileiro naval” (Ac, p. 296). Como um militar estadunidense talvez o mundo não fosse, também, um *mundo sem fronteiras*. No entanto, haveria poucas que ele não poderia atravessar e poucas nações que não poderia *visitar*. E quanto aos habitantes das nações hipoteticamente *visitadas*, em muitos casos, receberiam a visita desse estadunidense

mesmo não querendo sua presença. Lembre-se de que os fuzileiros navais estadunidenses, *Marines*, exercem suas atividades em centenas de bases militares ao redor do mundo. Ocorre, portanto, uma seletividade nas fronteiras que emerge como um aspecto bastante produtivo de *Azul Corvo*, que demonstra como as fronteiras são mais ou menos densas ou porosas para *certa categoria de pessoas* (BRAH, 1996).

Em contraste com as experiências de Vanja, as condições precárias e subalternas vivenciadas por Carlos e por sua família levaram-nos a viver *sin papeles* em um mundo repleto de fronteiras, com pouca liberdade de optar por onde estabelecer sua residência, com recursos escassos e a viver sob o signo do medo. Esses aspectos, entre outros, não lhes possibilitaram deslocar-se livremente ou viver sem o temor constante a extradição. Sobretudo em relação a Carlos, cada limitação às liberdades de escolha e de movimento emerge como um contraponto, por vezes irônico, ao discurso hegemônico de um *mundo sem fronteiras* construído ao redor dos deslocamentos espaciais contemporâneos, em tempos de globalização assimétrica.

As experiências de Fernando também expressam a seletividade das fronteiras. Saiu do Brasil primeiro para ser treinado na China e depois, para se exilar na Inglaterra.

Sua viagem até a China de Mao Tsé-Tung tinha começado dez meses antes, e com um propósito bem definido. [...]. De Brasília, onde morava, ele tinha ido para São Paulo, ficado ali por uma temporada, tentando disfarçar as próprias pegadas, e dali a Paris, idem, e então até Pequim (Ac, p. 58-9).

E, no retorno ao país:

Chico [codinome de Fernando] entrou no Brasil pela fronteira com a Bolívia, a pé, depois de passar pela Europa. Fez escalas em várias cidades brasileiras (Ac, p. 62).

Desse modo, a necessidade de esconder o destino à China, na ida, e a proveniência, na volta, demandaram o uso de uma série de ardilosas táticas para atravessar fronteiras. Anos depois, na condição primeiro de exilado foi para a Inglaterra, e depois na de emigrante entrou nos EUA. Mas dificuldades relacionadas a esses deslocamentos não são referenciadas.

Já em *Hanói*, as fronteiras surgem ainda mais seletivas e densas e menos porosas e flúidas. Há, claro, a facilidade de trânsito para turistas estadunidenses no Vietnã, como, por exemplo, a viagem de Alex, Max e Bruno, ao final da narrativa. No entanto, para Luiz, pai de David, as fronteiras estavam fechadas e demandaram uma série de peripécias para que conseguisse entrar nos Estados Unidos.

Embora Luiz tivesse migrado com a intenção de retornar a sua terra natal, a necessidade de documentos aduaneiros, o custo e os perigos da viagem ilegal através das fronteiras do México, bem como o risco de não conseguir voltar, fizeram com que ele fincasse raízes nos EUA. Diferentemente da mãe e da avó de Alex, que haviam conseguido a cidadania americana após prova de língua e de conhecimentos, as dificuldades de Luiz com a língua inglesa impediram-no, inclusive, de tentar conseguir a cidadania. E, caso tentasse e não conseguisse, correria o risco de ser expulso. Isso fez com que vivesse durante décadas em um país no qual tinha poucos contatos.

A sua permanência nos EUA, mesmo com todos os percalços, poderia ser explicada, inicialmente, pela busca de realizar o *sonho americano*; depois, pelo casamento com Guadalupe; e, após se separar dela, pela necessidade de criar David sozinho. Questão é que a vida precária e o medo da fronteira impediram-no de tentar, até mesmo, visitar o Brasil, pois arriscaria a vida ou poderia ser preso e deportado se tentasse novamente atravessar a fronteira de forma ilegal.

Ademais, em *Hanói*, são referenciados outros empecilhos vivenciados por brasileiros para entrar nos EUA, mesmo de forma legal. Como já comentado, próximo ao tempo da narração, um primo de David, proveniente da região de Governador Valadares, tentou conseguir visto no Brasil para entrar legalmente nos EUA. Como reclama, seu visto fora negado, mesmo após ter pago as altas taxas burocráticas.

Também Trung, Linh e Huong enfrentaram várias peripécias nos anos 1970 para chegar aos Estados Unidos, ocasionadas pelo *status* compartilhado de refugiados vietnamitas. No caso, as dificuldades enfrentadas para entrar nos EUA referiam-se a problemas relativos à saída do Vietnã. Nesse sentido, as questões associadas à viagem transoceânica e à entrada nos EUA não são representadas no romance.

Em síntese, a pluralidade de vidas deslocadas por tantas personagens torna-se um dos aspectos principais dos romances de Adriana Lisboa aqui referidos como textos privilegiados para o estudo da representação literária da complexidade das mobilidades contemporâneas e, paradoxalmente, da permanência das fronteiras nacionais.

Por outro lado, na série literária, ao deslocarem-se para além de fronteiras nacionais, muitas personagens ficcionais parecem viver em um utópico mundo sem fronteiras. Embora haja exceções, na ampla maioria das narrativas de deslocamentos brasileiras, as personagens expressam o desejo de sair da nação e, sem muitas delongas,

surgem a viver suas desventuras na Argentina, Portugal, Espanha, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Japão, Noruega, Rússia.

Em termos históricos, ressalte-se que, apesar da lentidão dos trânsitos por navio, a facilidade de atravessar fronteiras nacionais estava presente, por exemplo, em deslocamentos de personagens que se deslocam para fora da nação, desde o século XIX. A propósito, citem-se os romances *Lucíola*, *O Mulato*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Memórias Sentimentais de João Miramar*, e tantos outros. Já na segunda metade do século XX e início do XXI, a velocidade de empreender deslocamentos internacionais aludiriam à exacerbação do processo de globalização contemporânea e aos desenvolvimentos dos meios de transporte. Quanto à facilidade de atravessar as fronteiras, muitas vezes, decorreria da não-problematização do processo de transposição das fronteiras ou da condição social privilegiada dos deslocados representados, tantas vezes, cosmopolitas ricos ou de classe média alta.

Até mesmo romances de Adriana Lisboa, anteriores a sua virada transnacional, que ocorreu a partir da publicação de *Rakushisha*, seguem essa tradição. Assim, em *Fios da memória* (1999), embora a narradora Beatriz Brasil tivesse fincado raízes em um casarão do qual não sairia, no Rio de Janeiro, tios e primos viajam pelo Brasil e, reiteradamente, para o exterior. E os pais da narradora, além de a cada viagem, desde os anos 1960, “espichar-se no hemisfério sul” (LISBOA, 1999, p. 214), ao final da narrativa, que se passa no final dos anos 1990, após uma viagem ao Recife, “partiram direto para o México, era preciso voltar a viajar” (op. cit., p. 216).

Também em *Sinfonia em Branco* (2001), a narrativa se passa no Brasil, mas há uma quantidade extensa de referências a deslocados de passagem fora do Brasil que segue a *tradição do mundo sem fronteiras*: Maria Inês, sua filha Eduarda e seu marido João Miguel, com viagens aos Estados Unidos e Europa, principalmente Itália; o *vecchio* Azzopardi e suas amantes em viagens pela Europa e EUA; uma prima que comprara uma blusa em um *sebo londrino*; o cantor transnacional Bernardo Águas e seu *mapa mundi* pontilhado com suas namoradas; a tia rica que dá de presente um sapato de casamento comprado em Paris para Otacília (mãe de Maria Inês); os pais de Tomás, que se exilaram nos anos 1970, no Chile, a fugir da ditadura brasileira.

E, mesmo que em menor quantidade, em *Um beijo de Colombina* (2003), o narrador referencia uma viagem turística internacional. Antes de conhecer sua companheira-escritora Teresa, ela havia viajado para fora do Brasil, com uma ex-namorada, também de nome Teresa. A professora de ioga

[...] tinha uma filha que morava na Tailândia:

Gozado, comentei quando Teresa me contou.

Não é?, ela concordou.

A gente costuma ouvir dizer que as pessoas foram morar nos Estados Unidos, na Inglaterra, em Portugal, mas nunca conheci ninguém que tivesse ido morar na Tailândia.

Pois é, mas lá é tão bonito, eu e Teresa fomos visitar a filha dela faz dois anos (LISBOA, 2003, p. 20).

Há, em cada um desses exemplos de *Fios da Memória*, *Sinfonia em Branco* e *Um beijo de Colombina*, rápidos *flashes* que são referências a deslocamentos internacionais e transnacionais, mas sem a representação de experiências vividas no estrangeiro, ou de dificuldades associadas à transposição das fronteiras internacionais, de modo semelhante a tradição literária.

Entretanto, destaque-se que há uma relevante diferença em *Azul corvo* e *Hanói*. Ambos os romances representam, mesmo que seletivamente, diversos constrangimentos, em níveis diferenciados, para a travessia de fronteiras nacionais, sobretudo decorrentes do *status social* dos deslocados. Por exemplo, representam alterações nas configurações geopolíticas, desde a guerra fria ao pós-guerra fria e ao pós-9/11, *complexificam* a representação dos trânsitos e das fronteiras. Com isso, demonstram variações nos tipos de trânsitos, bem como o reerguimento ou permanência de fronteiras e, indiretamente, das nações.

Então, se no segundo capítulo se destacaram as fronteiras internas da nação (de) partida, e, neste tópico, a permanência, ou até mesmo a densificação e seletividade das fronteiras internacionais, no próximo tópico se observa um outro tipo de fronteiras. Afinal, conforme declara Pesavento:

[a]s fronteiras são, sobretudo, culturais, ou seja, são construções de sentido, fazendo parte do jogo social das representações que estabelece classificações, hierarquias e limites, guiando o olhar e a apreciação sobre o mundo (PESAVENTO, 2002, p. 36).

Posto isso, para além das considerações acerca das fronteiras geográficas, a análise da representação de fronteiras culturais emerge como essencial para observar as dificuldades de personagens deslocados em busca de um lugar, ou seja, para se re-localizarem e se re-centrarem nos locais de chegada.

3.2 De *lugar nenhum* para um *novo lugar*: re-localizações culturais

[...] a assimilação de uma nova cultura é a chegada a maturidade por aceitar os termos necessários para a sobrevivência. Minha poesia é um estudo desse processo de mudança, assimilação e transformação (JUDITH COFER, apud LAGUE, 2000)³⁰.

Em retrospecto, a perda da mãe e a busca do pai ocasionaram o deslocamento de Vanja, como já se disse anteriormente. Nesse sentido, após a morte da mãe e um processo de luto intenso, ela encontra um nova possibilidade para seguir sua vida, a viagem para fora de sua terra de criação e de *retorno* aos Estados Unidos, sua *terra natal*. Contudo, na vida já deslocada da jovem, o deslocamento espacial e cultural, também, acarreta inúmeros distúrbios.

Depois de obstáculos iniciais para localizar Fernando, ela vai ao encontro dele, para que a auxilie na procura de Daniel, o pai biológico. Fernando mostra-se aberto a recebê-la nos Estados Unidos:

falou de sua vida o necessário, onde trabalhava (como segurança na Biblioteca Pública de Denver), que morava sozinho e que sim, poderia me receber por algum tempo até – até as coisas estarem resolvidas, ou encaminhadas.

Nenhum de nós sabia como as coisas iam se resolver, nem mesmo como iam se encaminhar, ou como íamos encaminhá-las, porque sem um gesto era certo que tudo ficaria do jeito que estava. Mas eu iria para a escola pública em Lakewood por algum tempo e ele me ajudaria naquilo que estivesse ao seu alcance.

[...] Tenho algum dinheiro, eu disse. Minha mãe deixou. Não é muito, mas dá para ajudar em alguma coisa.

Onde come um comem dois, ele falou. A escola é pública. A gente se vira (Ac, p. 86-87).

Para outros textos, afirma Stefania Chiarelli: “No limite, todo estrangeiro se depara com o peso da incapacidade de ler a outra cultura em algum de seus aspectos, seja no plano linguístico ou nas demais práticas culturais” (CHIARELLI, 2007, p. 146). Embora com dupla cidadania, Vanja enfrentará muitas situações relacionadas à dificuldade de *ler a outra cultura*, o que acarreta conflitos e traumas na busca de integração.

A própria narradora explica:

³⁰ “the assimilation of a new culture is the coming into maturity by accepting the terms necessary for survival. My poetry is a study of this process of change, assimilation, and transformation” (CHIARELLI, 2007, p. 146).

Um fenômeno curioso acontece quando você passa tempo demais longe de casa. A ideia do que seja essa casa – uma cidade, um país – vai desbotando como uma imagem colorida exposta diariamente ao sol. Mas você não adquire logo outra imagem para pôr no lugar (Ac, p. 94).

Ampliam-se e intensificam-se, assim, os deslocamentos de Vanja, em suas buscas, tanto exteriores, quanto interiores, em meio a um lugar de encontros e desencontros, além de um risco relativamente alto:

Eu tinha treze anos. Ter treze anos é como estar no meio de lugar nenhum. O que se acentuava devido ao fato de eu estar no meio de lugar nenhum. Numa casa que não era minha, numa cidade que não era minha, num país que não era meu, com uma família de um homem só que não era, apesar das interseções e das intenções (todas elas muito boas), minha (Ac, p. 16).

Essa sua fala refere-se ao deslocamento para um local com o qual não possuía vínculos simbólicos ou afetivos e que se constituía, inicialmente, como um *lugar nenhum*.

Nesse caso, a sua viagem poderia ser considerada ao mesmo tempo como em trânsito por um *não-lugar*, um *lugar algum*, um *entre-lugar*, ou, ainda, um *lugar nenhum*. Os conceitos de *entre-lugar* (SANTIAGO, 1978), *não-lugar* (AUGÉ, 1994), *lugar algum* (BAUMAN, 2005b), cada um a seu modo e a partir de seus diferenciais teóricos e epistêmicos, poderiam ser produtivos para pensar diversos aspectos e peculiaridades de *Azul corvo*. Contudo, explícita e implicitamente, nos próximos tópicos, para analisar esse romance de Adriana Lisboa, apropriou-se da expressão *lugar nenhum*, que é reiteradamente empregada pela narradora. O termo expressa um múltiplo deslocamento: espacial, subjetivo, identitário, afetivo e simbólico.

Essa concepção pode auxiliar a compreensão das idiossincrasias da busca de Vanja por encontrar um lugar e do modo como se constitui na narrativa uma rearticulação simbólica de espaços afetivos, em que esse *lugar nenhum*, aos poucos, se constitui como um *lugar*. Em meio a tal processo, estabelecem-se novos vínculos, mesmo que provisórios, no novo *lugar*. Todavia, faz-se um retorno para se observar a transição do *lugar nenhum* que se tornara o Brasil, ao *lugar nenhum* que foi Lakewood, nos primeiros tempos nos EUA.

Além das referências ao deslocamento físico e simbólico da narradora no Brasil, ocorrem outros deslocamentos no próprio momento de preparação da viagem. Quase uma década depois, ao lembrar sua própria condição deslocada quando se preparava para a emigração para os Estados Unidos, Vanja reflete sobre a experiência vivida e a relativização dos valores:

Eu já estava com a minha única mala pronta. Coloquei tudo o que era importante na mala e ao aprontá-la descobri como a categoria Importante é uma categoria mole. Não se sustenta. [...] Quase tudo o que era importante deixava de ser quando confrontado com um olhar valente, com um olhar jogo do sério (Ac, p. 19-20).

Com efeito, a seleção dos objetos leva a relativização de sua importância e à decisão de levar poucos apetrechos: “As roupas de calor, noventa por cento do meu guarda-roupa, só serviriam durante parte do ano. As roupas de frio seriam insuficientes para o frio: um agasalho de moletom para temperaturas abaixo de zero?” (Ac, p. 21).

Também nas referências a tênis e sapatos se antecipa o deslocamento:

Quantos sapatos fechados você tem? Elisa perguntou. Dois, esses dois tênis, mas um me machuca.

Elisa suspirou. Quanto você calça? Trinta e seis.

Ela foi para o quarto e voltou com um par de sapatos de couro falso, salto ligeiramente alto.

Leve isto aqui, é trinta e sete mas vai servir. Se você tiver alguma ocasião importante e não puder ir de tênis.

Eu não conseguia imaginar que ocasião importante poderia vir a ter. [...] Eu não achava que ocasiões importantes fizessem parte da sua rotina. Mas Elisa, a irmã de criação da minha mãe, queria que eu levasse os sapatos de salto mesmo assim.

A gente nunca sabe, ela disse (Ac, p. 22).

Assim, mesmo os poucos itens que compõem a bagagem são percebidos como inadequados a sua experiência vindoura: a bagagem reduzida, os calçados impróprios, as roupas ineficazes contra o frio. Esse exemplo, simbolicamente, demonstra seu deslocamento. Sandra Almeida destaca, ao discutir narrativas diaspóricas contemporâneas, o papel da “bagagem que se carrega no movimento de trânsito, no sentido material e simbólico, como uma metáfora da condição diaspórica” (ALMEIDA, 2015, p. 152). Tal metáfora da bagagem simbolizaria problemas associados à adaptação da jovem, antes mesmo da viagem começar, e constituiria-se como uma das mais produtivas figurações das atribuições presentes nos processos de deslocamentos e relocalizações.

As desventuras seriam amenizadas pela hospitalidade de Fernando, que estabelece algumas poucas condições: “Fernando me disse: quando chegar da rua, tire o sapato. Assim a casa fica limpa por mais tempo” (Ac, p. 51). No geral, o convívio entre *pai* e *filha* mostra-se bastante harmônico. No entanto, mesmo com todo o apoio possível de Fernando, e com o esforço da jovem para se adaptar às diferenças e integrar-se socialmente, ela não deixa de se sentir uma deslocada no local de chegada. Várias experiências expressam tal deslocamento. Uma bastante peculiar é vivenciada durante

consultas a um dentista, ao observar a foto de uma *família modelo* estadunidense de classe média:

[...] Ele tinha a foto de sua família inteira na mesa. Todos usavam roupas combinando – em vermelho e branco, sobre o fundo de pinheiros nevados, num arranjo para o Natal. Foi a primeira vez que vi uma família reunida para uma foto temática. Todos eram louros, bonitos e sorridentes. Principalmente sorridentes, é claro.

Eu me sentia envergonhada diante daquela foto: não tinha família. Também era americana, segundo os meus papéis, mas em essência era mesmo um produto latino, estava na cara – e no resto – com aquele monte de melanina insistente na pele.

E ainda por cima usava um casaco de ponta de estoque. Quase todas as minhas roupas eram de ponta de estoque. Os modelos que com certeza estariam na coluna *out* das revistas de moda (Ac, p. 55).

Embora a narradora aluda à foto como uma montagem, não empreende uma crítica de quanto poderia haver de representação de papéis (étnicos e etários, de gênero, de classe, de profissão) naquele exemplo paradigmático de uma família estadunidense de classe média – um simulacro do *American Way of Life*, que poderia, inclusive, não coincidir com a realidade material e psicológica cotidiana das personagens *representadas* na foto.

Ademais, essa experiência exacerba o sentimento de inadequação, sobretudo pelo contraste físico que intensifica a alienação, mediante uma das marcas mais visíveis da estrangeiridade: *aquele monte de melanina insistente na pele*. Para compensar tal alienação, pois vivencia uma experiência constante de coisificação por ser “em essência [...] um produto latino”, mesmo com recursos suficientes apenas para a compra de roupas em lojas de ponta-de-estoque, recorre a um tratamento para tentar mudar a própria aparência, a começar, no caso, pelos dentes:

Mas havia esperança. Aquela foto parecia indicar que se eu me tratasse com aquele dentista quem sabe um dia viesse a ter dentes como os de sua família, e dentes como os de sua família poderiam me resgatar de todos os males e me tornar aproveitável para o mundo. As coisas boas de Janis Joplin + as coisas boas da minha mãe, pinçadas de modo criterioso. *Life is good* (Ac. p. 55, grifos da autora).

A passagem acima poderia ser compreendida como bastante irônica, ao problematizar a busca de adaptação cultural por meio da transformação estética, que atenuaria as diferenças mais visíveis por meio de um simulacro. Contudo, expressa, igualmente, angústia e sentimentos de inadequação, bem como o desejo de, ao menos esteticamente, ser incluída e ocultar a diferença.

Além dessa situação, permeia a narrativa uma diversidade de momentos em que se enfatiza um anseio de deixar para trás a identidade brasileira e de, ativamente,

assimilar-se à estadunidense. Um processo de adaptação cultural e integração social vivenciado, em Lakewood, por várias outras personagens mais ou menos integradas aos EUA, entre os quais Fernando, Aditi Ramagiri, Carlos, Nick.

Dessa forma, em meio a longas reflexões, a narradora apresenta diversos motivos que justificariam o afastamento em relação à cultura da terra de origem por brasileiros nos EUA e à assimilação à nova cultura: “Cordialidade. Necessidade. Vergonha. Curiosidade. Ambição. Admiração. Vontade de ser igual. De pertencer ao lugar” (Ac, p. 96). Essa multiplicidade de opções permite vislumbrar uma pluralidade de motivos para justificar as tentativas de integração e de apagamento de aspectos peculiares à identidade brasileira por deslocados brasileiros, sobretudo emigrantes, nos EUA. Em meio aos sentimentos de inadequação e às experiências que enfatizam seu sentimento de alienação e deslocamento, Vanja, ao mesmo tempo, como Nubia Hanciau declara para outro texto e contexto, “reescreve a própria constituição do sujeito a partir das suas diferentes confrontações com a alteridade” (HANCIAU, 2009, p. 267).

Uma constante nesse processo inicial de *confrontação com a alteridade* é o auxílio de Fernando. Ele se torna um tradutor e mediador cultural e auxilia Vanja em sua adaptação, ao destacar nuances e diferenças entre as culturas brasileira e estadunidense:

Não é para você chegar muito perto das pessoas. Fernando havia explicado. Essa coisa brasileira de ficar dando montes de abraços e beijos. Se quiser cumprimentar alguém, aperte a mão. É assim que funciona por aqui (Ac, p. 136).

Desse modo, encontros e confrontos com alteridades intensificam o processo de adaptação de uma subjetividade deslocada.

O papel da literatura na representação desses contrastes identitários, tão intensamente problematizados no romance, tem sido muito frequente. Segundo Hanciau,

[n]a representação literária, Morency aponta para protagonistas que se transformam de sedentários em nômades, viajantes inspirados a descobrir seu papel e função na vida, cujos deslocamentos levam-nos a comparar as sociedades e as culturas, e a refletir sobre a própria identidade cultural. (HANCIAU, 2009, p. 270)

Nesse sentido, além de possibilitar que se ilustre tal leitura, *Azul corvo* representa recorrentes comparações entre sociedades e culturas, bem como reflexões sobre peculiaridades identitárias.

Tais comparações permitem perceber um dos aspectos que Edward Said teoriza como a *dupla perspectiva* de uma vida em contraponto, um dos pontos mais *vantajosos* de ser um exilado:

o exilado vê as coisas tanto em termos do que foi deixado para trás quanto do que é real aqui e agora, há uma dupla perspectiva que nunca vê as coisas isoladamente. Toda cena ou situação no novo país necessariamente se baseia em seu contraponto no país antigo. [...] Uma segunda vantagem do que, na verdade, é o ponto de vista do exílio para um intelectual é que você tende a ver as coisas não simplesmente como são, mas como têm se tornado assim. [...] Finalmente, como qualquer exilado real confirmará, uma vez que você sai de casa, onde quer que você termine, você não pode simplesmente retomar a vida e se tornar apenas mais um cidadão do novo lugar. Ou, se o fizer, há uma grande quantidade de estranhamentos no esforço, que dificilmente parece valer a pena ³¹ (SAID, 1994, 45).

Na visão do intelectual palestino, o exilado observa a sua própria vida a partir de uma *dupla perspectiva*, ou talvez seja melhor dizer *multiperspectiva*, pois o próprio Said considera mais de duas: contrapontística, histórico-social e de estranhamento.

A multiperspectiva da deslocada Vanja torna-se bastante produtiva para observar dificuldades inerentes à adaptação a uma nova cultura. Sua condição de deslocada, em termos positivos, permite entrever diferenças e peculiaridades em seus comportamentos. Em termos negativos, interpela a jovem a suprimir elementos característicos de sua identidade originária, para que alcance a almejada inclusão na sociedade receptora, no mínimo para não gerar situações constantes de constrangimento, desconforto e estranhamento.

Além disso, a partir da mediação e tradução cultural empreendidas por Fernando, a narradora contrasta os comportamentos estereotipados associados aos habitantes de uma cidade do interior dos Estados Unidos, com aqueles de habitantes da segunda maior metrópole brasileira.

No Rio de Janeiro, as pessoas estão sempre esbarrando umas nas outras. Você esbarra nos outros nos corredores dos supermercados, nas filas, nas calçadas, nos ônibus, no metrô. Você não sai da frente quando os outros precisam passar. Os outros não saem da frente quando você precisa passar. Vamos todos pedindo licença e abrindo caminho com o próprio corpo. *Licença*, dizemos, às vezes, e às vezes com tão pouco empenho que a palavra some no interior de si mesma e vira apenas um indistinto *ss-ss*. Vivemos dando

³¹ “[...] the exile sees things both in terms of what has been left behind and what is actual here and now, there is a double perspective that never sees things in isolation. Every scene or situation in the new country necessarily draws on its counterpart in the old country. [...] A second advantage to what in effect is the exile standpoint for an intellectual is that you tend to see things not simply as they are, but as they have come to be that way. [...] Finally, as any real exile will confirm, once you leave your home, wherever you end up you cannot simply take up life and become just another citizen of the new place. Or if you do, there is a good deal of awkwardness to the effort, which scarcely seems worth it” (SAID, 1994, 45).

beijinhos e abraços em quem conhecemos há dez anos e em quem acabamos de conhecer e dizemos oi querido, oi querida (Ac, p. 136, grifos da autora).

Essa *aprendizagem* reiterada e em contraponto faz parte de um processo de letramento cultural e inclui uma variedade de idiossincrasias culturais e comportamentais:

Acariciamos os cachorros que passeiam pela rua com seus donos. No máximo, perguntamos ele morde? depois de verificar o pronome olhando por baixo das pernas do bicho em busca de um par de testículos ou da ausência de um par de testículos. Se o dono diz que não morde, enfiamos sem pedir permissão os dedos no pelo, afoçamos as orelhas, coçamos a barriga do cachorro e é bom, e o mundo é feito essencialmente de superfícies em atrito e troca de calor.

Aqui você peça licença primeiro se quiser fazer festa no cachorro de alguém, Fernando orientou, na primeira vez que vi dois Golden retrievers espumantes com o pelo mais bem cuidado do que o meu cabelo e me atirei sobre eles e eles corresponderam com paixão legítima e a dona me olhou de cara feia. Diga: *May I pet your dog?* Repeti mentalmente para não esquecer: *May I pet your dog* (Ac, p. 136-7, grifos da autora).

Observa-se, em sua fala, que uma situação banal se transforma em uma oportunidade de ensino quanto ao comportamento esperado. Ao mesmo tempo, esse aprendizado pode ser percebido como mais uma experiência em um processo que intensifica a supressão de peculiaridades individuais associadas ao estereótipo de uma pretensa identidade brasileira. Ao longo da narrativa, nesse processo de adaptação comportamental, Vanja foi, na maioria das vezes, uma *aluna modelo* e Fernando um mediador cultural muitas vezes eficiente.

Essas referências que contrapõem as identidades brasileira e estadunidense tornam-se relevantes não apenas por expressar diferenças e choques culturais, mas, principalmente, por demonstrarem como a diferença é *administrada* (ABDALA Jr, 2013) e os estereótipos que informam processos de subjetivação são (re)produzidos. Conforme Homi Bhabha,

o ponto de intervenção deveria ser deslocado do imediato reconhecimento das imagens como positivas ou negativas para uma compreensão *dos processos de subjetivação* tornados possíveis (e plausíveis) através do discurso do estereótipo (BHABHA, 2007, p. 118, grifos do autor).

Nessa perspectiva, ao invés de considerar se o estereótipo produziria uma imagem negativa ou positiva, ao observar sua reiterada presença em *Azul corvo*, salienta-se o apelo aos estereótipos para a re-construção da subjetividade de Vanja. De certo modo, eles operariam como elementos proeminentes nas relações sociais estabelecidas pela narradora e em sua tentativa de remodelar seus comportamentos.

Contudo, paralelamente à reprodução dos estereótipos, há várias situações que poderiam ser compreendidas como problematizações dos mesmos. Isso fica visível no diálogo de Vanja com sua amiga Aditi acerca das culturas brasileira e indiana:

Aditi Ramagiri me perguntava: Como é a vida no Brasil? É verdade que vocês moram no meio da selva? É verdade que é um lugar muito violento e perigoso, uma nação de políticos corruptos e traficantes de drogas? Que língua vocês falam, brasileiro?

Eu perguntava a Aditi Ramagiri: Como é a vida na Índia? É verdade que lá tem um rio onde as pessoas jogam os mortos e tomam banho e lavam as roupas, tudo ao mesmo tempo? É verdade que é a sua família que escolhe com quem você vai se casar? Que língua vocês falam, indiano? (Ac, p. 99-100).

Essa troca de perguntas exporia desconhecimentos de elementos básicos da cultura e da nação de outro deslocado, ao lado da exposição, até irônica, de uma extensa variedade de estereótipos relativos a indianos e a brasileiros. Registre-se, no entanto, que a própria narradora aludira, várias vezes, à corrupção e à violência urbana eram disseminadas no Brasil e justificariam a permanência de emigrantes brasileiros nos Estados Unidos.

Veja-se, então, como seria tênue e, por vezes, ambígua a linha entre a reprodução ou problematização de estereótipos e contraposições entre identidades em *Azul Corvo*: nós e eles; lá e aqui. Tais contraposições tornam-se bastante relevantes nas mudanças comportamentais da narradora e interpelam-na a mudar suas atitudes e tentar adequar-se ao estereótipo do que seria uma estadunidense. Isso em um processo de re-subjetivização percebido por Vanja como essencial para neutralizar características subjetivas e, sobretudo, identitárias que seriam consideradas inadequadas para o novo contexto social e cultural.

Por outro lado, no encontro com tantas alteridades, várias experiências de contatos culturais e sociais podem desestabilizar visões estereotipadas, como ocorre no diálogo inicial entre Vanja e o estadunidense Nick. Logo na primeira vez em que conversam:

Nick passou por mim e me disse *hey* e eu respondi *hey* sem levantar os olhos do lugar onde os havia grudado para fingir desinteresse. Mais tarde ele pediu a caneta e perguntou se também podia desenhar alguma coisa na minha calça, tá, tudo bem, e ele desenhou quatro letras, NICK, e me contou que era ecoanarquista (Ac, p. 141, grifos da autora).

Vanja, recém chegada à escola e ainda em processo de adaptação, embora ceda ao pedido, simula um comportamento bastante recatado, enquanto Nick emerge como um jovem ousado e espontâneo. Observa-se aí uma contestação implícita daqueles estereótipos de brasileiros e de estadunidenses, que Fernando reiteradamente apresentara. A performance

social tanto de Nick quanto de Vanja podem se dar não apenas por questões identitárias, mas também por questões de gênero e de faixa etária. No entanto, a representação de tais atitudes permite que se problematizem parâmetros relacionados a estereótipos como proximidade e distância, calor e frieza, aspectos que contrapõem um *nós*, brasileiros, e um *eles*, estadunidenses.

Afinal, embora vivencie problemas para se integrar e se adaptar, há uma multiplicidade de fatores que auxiliam na integração da jovem e que se relacionam ao lento processo em que Lakewood deixa de ser um *lugar nenhum* para ser, aos poucos, reconstituído como um *lugar* em termos simbólicos e afetivos. Além da amizade com Fernando e Carlos, da consulta ao dentista e da ida frequente à biblioteca, onde tem acesso a uma variedade de autores clássicos e contemporâneos da língua inglesa, a amizade com Aditi Ramagiri rapidamente se fortalece.

Contudo, contraditoriamente, um dos momentos que figura de forma mais intensa a constituição desse laço de amizade entre as jovens torna-se, também, um momento de alienação e exclusão de outro deslocado.

[...] Fernando já havia manifestado sua opinião sobre a escola e seus perigos.

Cuidado com isso de ter que ser popular, ele disse. Fuja dessa palavra. Popular. Fuja também da palavra *loser*. Perdedor. Não diga essas coisas. Não pense nelas. Não divida o mundo entre gente popular e gente impopular, vencedores e perdedores. Essa merda toda.

Depois ele pediu desculpas por ter dito merda.

Em três semanas de aulas eu e Aditi Ramagiri já comentávamos que Jake Moore era um *loser*. Um *big time loser*. Um *mega-loser*, um *loser* de modo tão cabal, completo e definitivo que não havia mais salvação possível para ele. Nem adiantava crescer e virar adulto. Ele seria um adulto *loser* também. Não me lembro exatamente do motivo, mas me lembro que, quando Jake Moore passava, eu e Aditi nos entreolhávamos e dizíamos, baixinho: *loser* (Ac, p. 54, grifos da autora).

E o que seria esse “*loser*. Perdedor”? Ainda que não seja explicitado, parece remeter a um jovem que, mesmo não sendo deslocado espacial, seria um deslocado social, ao não se adequar às redes de sociabilidade e não se submeter aos códigos de conduta e ao sistema social e cultural escolar, excluído e estigmatizado até por duas personagens, também elas, deslocadas, enquanto hifenizadas. A situação também evidencia mais uma vez, o papel de Fernando como mediador e tradutor cultural para Vanja. Entretanto, tal mediação nem sempre seria eficaz, pois, logo após as recomendações, a jovem em sua ânsia por ser popular e se integrar, estereotipa um *outro*.

No geral, no entanto, seu comportamento – que é, em vários sentidos, de uma personagem complexa – não é tão insensível e sem empatia para com outros deslocados. Isso pode ser percebido na sua relação com Fernando, Nick, Aditi ou Carlos. Por exemplo, Vanja age de forma bastante ativa para auxiliar na adaptação cultural e inclusão social do jovem migrante el-salvadorenho, e com suas conversas e curiosidade auxilia Fernando a lidar com as memórias submersas da ditadura brasileira.

Marca o processo de re-subjetivação de Vanja, além das alterações comportamentais, a questão da língua. Reflexões acerca da linguagem em relação a deslocamentos sociais, culturais e subjetivos estão inerentemente vinculadas a problemas na adaptação cultural. Segundo Meyda Yegenoglu:

Preocupações com a linguagem emergem como uma maneira de abordar a questão da identidade dentro da diferença. A perda de si, o passado irrecuperável, a ambivalência da identidade e os problemas de assimilação e alienação no país anfitrião são resolvidos por meio do tratamento das questões da linguagem³² (YEGENOGLU, 2005, p. 145).

Desse modo, observar as peripécias vividas e as estratégias empregadas na apropriação da língua hegemônica no país de chegada pode ser bastante produtivo para perceber a intensidade e os obstáculos do processo de alienação e de conflito por que passa a deslocada.

Em termos gerais, ao considerar o uso cada vez mais recorrente da língua inglesa, Vanja enfatiza a situação prática de migrantes brasileiros que, após viverem algum tempo nos EUA, assimilam-se à nova cultura, ao modo de vida local e à língua.

Conheci imigrantes brasileiros que tentavam esquecer que eram brasileiros. Arranjavam parceiros americanos, filhos americanos, empregos americanos, guardavam a língua portuguesa dentro da garganta num lugar de difícil acesso (Ac, p. 95)

Chama atenção nessa fala o modo como alguns emigrantes exercem uma agência paradoxal, no sentido de ativamente se alienar e neutralizar aspectos peculiares de suas identidades nacionais e culturais de *origem* para se integrarem.

Ao discutir as condições materiais e simbólicas de escritores migrantes nos locais de chegada estrangeiros, Schipper destaca um aspecto que pode auxiliar a compreender a busca por assimilação:

³² “Concerns with language emerge as a way of addressing the question of identity within difference. The loss of self, and unrecoverable past, ambivalence of identity, and the problems of assimilation and alienation from the host country are tackled by means of dealing with the questions of language” (YEGENOGLU, 2005, p. 145).

A maioria dos escritores migrantes desenvolve após a chegada fortes conexões com seu novo ambiente. Eles encontraram um lugar muito mais confortável para morar do que em seus países de origem³³ (SCHIPPER, 2005, p. 116).

Ainda que se enfatize, nesta tese, as dificuldades inerentes ao processo de adaptação e integração, pode-se considerar que, por contraposição, a condição de deslocados na nova terra, mesmo problemática, seria menos traumática do que os *deslocamentos* vivenciado na própria nação (de) partida, como se analisou no capítulo 2.

Acrescenta-se, a esse respeito, que há várias passagens no romance em que se expõe uma progressiva alienação cultural de deslocados com referência à língua da nação de partida. Um momento bastante simbólico dessa alienação que, contrastivamente, também marca o *sucesso* da integração social, ocorre quando o deslocado passa até mesmo a sonhar na *nova* língua e não mais na língua materna.

No início, pensei que isso fosse estratégia de sobrevivência. Talvez fosse. Ou talvez fosse apenas permeabilidade. Depois de algum tempo, dá trabalho se manter íntegro. Continuar sonhando em português quando as outras dezesseis horas do seu dia se pautam pelos colegas de trabalho americanos, pelos vendedores americanos, pelo carteiro mexicano que fala inglês com você, pelo rádio americano, pela tevê americana (Ac, p. 95).

Assim, a desconexão com a língua da nação (de) partida seria ocasionada por fatores pragmáticos e expressaria, de forma material e simbólica, o distanciamento e a neutralização de aspectos culturais associados à identidade nacional de origem.

A própria narradora passara por esse processo ao se esforçar para reprimir marcas da cultura brasileira e da língua portuguesa na qual fora educada. Ao narrar alguns acontecimentos de sua juventude, sobretudo logo após sua chegada a Lakewood, diversas vezes expressa o incômodo de por mais que tentasse esconder sua *origem* não-estadunidense, seria sempre identificada como estrangeira.

Eu ia, por exemplo, comprar um sanduíche. Fazia o meu pedido com o máximo de esmero, lembrando o inglês perfeito da minha mãe, arrumava cada vogal e cada consoante na minha boca com cuidados de feng shui. Dali a alguns instantes a moça no caixa me perguntava de onde eu era. Caramba: como é que os outros escutam na sua fala algum sotaque, se você não escuta? Meus *rs* eram um recôncavo perfeito da língua, meus *ths* eram um toque suavíssimo no interior dos dentes incisivos da mandíbula superior. O que mais me faltava? (Ac, p. 97-98, grifos da autora)

Nessas circunstâncias, na representação de suas experiências de integração, Vanja tenta apagar uma das marcas mais características da estrangeiridade: o sotaque. Para a

³³ “Most migrant writers develop after arrival strong connections with their new environment. They have found a much more comfortable place to live than in their countries of origin” (SCHIPPER, 2005, p. 116).

narradora, mesmo que houvesse uma prática constante da língua, o sotaque emergia sub-repticiamente, contra sua vontade. Essa e outras tentativas de silenciar o sotaque, em uma terra de tantos migrantes, demonstram, de forma candente, a procura por assimilar-se à identidade estadunidense e neutralizar a identidade brasileira. Nesse sentido, a busca pela assimilação, experiência sempre traumática, demandaria grande investimento de tempo e esforço.

Ao final da narrativa, ela destaca o êxito decorrente do esforço de longo prazo:

Tenho um trabalho na Biblioteca Pública de Denver – mas não como segurança. Vendi o Saab 1985 do Fernando e comprei um Saab quinze anos mais novo porque não entendo de carros e pelo menos Saab era um nome familiar. Não sou de falar muito. Mas as pessoas já não ouvem sotaque quando eu falo (Ac, p. 297).

Uma assimilação exitosa que, ao mesmo tempo, levava a menina falante, espontânea e extrovertida na juventude, a tornar-se uma jovem adulta introvertida, que não é mais de *falar muito*. Entretanto, se o sotaque poderia ser neutralizado, as atitudes e comportamentos remodelados, os dentes modificados, uma outra marca mais visível da *estrangeiridade* apontada por Vanja, aquele *monte de melanina insistente na pele* (Ac, p. 55), como já apontado, não podia ser ocultado.

Ainda assim, ela “comemora” ter alcançado sua adaptação à cultura e integração à sociedade estadunidense: trabalho fixo, relativa segurança financeira, compra de um carro, mudança de comportamento, apagamento de muitas das marcas da identidade brasileira, neutralização do sotaque. Cada um desses elementos, um fator significativo no processo de silenciamento da identidade brasileira e de reforço da nova identidade estadunidense. Desse modo, se uma vida deslocada pode ser vantajosa em alguns sentidos, como aqueles apontados por Said (1994), para muitos deslocados, o processo de re-subjetivação não deixa de se constituir como uma série infindável de experiências de repressão subjetiva e identitária.

Assim como outras personagens de *Azul corvo*, Carlos também é representado em um processo de deslocamento e re-localização. A busca por se sentir em um lugar, em terra estrangeira, evidencia-se em sua felicidade ao ser considerado como alguém do Colorado. Veja, por exemplo, o trecho abaixo, relativo à viagem ao Novo México, após conhecer June, (amiga da mãe de Vanja):

Carlos perguntou como é que ela sabia que nós éramos nós, bastante impressionado. E amou June de imediato, por tudo: porque ela sorria, porque

tinha covinhas, porque sabia que nós éramos nós. Mas sobretudo por ter dito que ele era do Colorado. Era isso o que Carlos sentia no fundo do estômago, dos ossos, por trás das unhas, em tudo aquilo que nele fazia as vezes de raiz. No Colorado, algumas pessoas usavam adesivos nos carros com a palavra NATIVO. Uma vez Carlos havia jurado que ao crescer e conseguir seus *papeles* e ter um carro ia comprar um adesivo daqueles. Porque era assim que ele se sentia: NATIVO com montanhas ao fundo. E June só precisou vê-lo para perceber isso, o que era o bastante para que ele a amasse, recíproco, no mesmo instante (Ac, p. 81, grifos da autora)

Ingenuamente, o jovem Carlos acreditava que seria possível se tornar um nativo, ao crescer, jurar fidelidade, conseguir seus *papeles*, comprar um carro e colar-lhe um adesivo. No entanto, lembre-se das palavras de Zygmunt Bauman:

Até mesmo o mais zeloso e diligente dos assimilados voluntários carrega consigo na “comunidade de destino” a marca de suas origens alienígenas, estigma que nenhum juramento de lealdade pode apagar (BAUMAN, 2003, p. 87, grifos do autor).

Em relação a Carlos, podem ser inferidas as dificuldades e problemas potenciais enfrentados pelo jovem migrante na *comunidade de destino*. Uma comunidade em que certos membros marcavam-se com adesivos em que se declaravam *nativos*, de dentro, iguais, em contraste com os *estrangeiros*, de fora, diferentes.

Embora na infância sentisse intensas saudades de El Salvador e sobretudo de sua *abuela* e primos, Carlos cada vez mais se identifica com o novo lugar, em relação ao qual fará uma série de investimentos afetivos e simbólicos, na busca de realizar o desejo maior de integrar-se aos EUA, *terra de oportunidades*. Visto por esse ângulo, Carlos passaria por um processo de re-localização. Para isso, também empreendera uma série de *investimentos* que transformam a relação com sua identidade cultural salvadorenha, seus hábitos, atitudes, comportamentos.

Nesse processo, ao longo da narrativa, enquanto se adapta aos Estados Unidos, distancia-se cada vez mais de sua terra natal.

Carlos disse que um dia também voltava para El Salvador, mas só para visitar, porque agora ele era um *coloradoan*. Ou um *coloradan*. Ou fosse o que fosse. Ele era um NATIVO não nativo. Com montanhas ao fundo (Ac, p. 275, grifos da autora).

Nota-se, portanto, nas colocações de Vanja quanto a Carlos, não só o enfraquecimento dos laços com El Salvador, mas um correlacionado fortalecimento da conexão com a nova terra, principalmente com a natureza do estado do Colorado. Ainda bastante jovem ele chega a declarar que “queria viver e morrer no Colorado” (Ac, p.182). Tal conexão com o local de chegada mantém-se até o início da idade adulta. No presente da narração, já

próximo dos 20 anos, conforme a narradora, sempre que tem oportunidade “vai para as montanhas, como qualquer nativo, íntimo da terra, do clima e suas guinadas” (Ac, p. 295), com o carro emprestado por Vanja.

Entretanto, em contraponto a essa busca por re-localização, o medo da expulsão ronda Carlos e os membros de sua família, uma vez que muitos *sin papeles* poderiam ser separados de suas famílias e enviados de volta a suas terras natais, com as quais, muitas vezes, não possuíam mais vínculos, depois de anos ou mesmo décadas nos Estados Unidos. Em uma reflexão que auxilia a compreender o processo de deslocamento no local de chegada em que se busca a re-localização, ao discutir as dificuldades vivenciadas por migrantes ilegais no início do século XXI, Sandra Almeida salienta que a “ilusão de que esses atores destituídos possam participar de processos econômicos, culturais e históricos, se sobrepõe a dura realidade que desvela o lugar incômodo que esses sujeitos ocupam” (ALMEIDA, 2015, p. 148). Assim, considere-se Almeida e seu estudo de diversos romances na literatura contemporânea em língua inglesa, observa-se que a situação de Carlos e de sua família torna-se *incômoda*, bastante insegura e repleta de angústias. Vivem uma vida deslocada e de risco que assombra o jovem que, por não ter a identidade estadunidense, ou os papéis adequados, pode ser expulso dos Estados Unidos. Ainda que consiga permanecer no país de escolha de seus pais, e que ele cada vez mais considera como seu, sua vida poderá ser difícil e cheia de percalços.

Como já dito nesta tese, além de Lisboa, outros autores brasileiros contemporâneos tem tratado de temas relativos ao desconforto e aos traumas vividos por deslocados sem documentos. Nessa perspectiva, ao analisar as angústias e medos de migrantes ilegais, em relação a *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, Verena Dolle considera que

[...] expõem os lados sombrios da migração através daqueles que, por não terem uma formação internacional, não conseguem se adaptar às exigências de um mercado globalizado, ficando para trás numa luta competitiva que se adivinha cada vez mais feroz pelos postos de trabalhos e pelos rendimentos financeiros (DOLLE, 2018, p. 315).

O trecho acima leva a reflexões produtivas quanto a situação de Carlos e de sua família, que vivem tantas condições adversas nos EUA.

O pai de Carlos trabalhava em serviços de baixa qualificação, por ser um imigrante ilegal, e sua mãe sofria com problemas psíquicos, derivados de um intenso sentimento de deslocamento e alienação social e cultural. A irmã abandonara a família e partira com um

estadunidense mais velho, que conhecera ao trabalhar em serviço de garçom, ao mudar-se para a Flórida.

De certo modo, os problemas, cada vez mais, se ampliam devido à necessidade de a família migrante ocultar sua condição de *sin papeles*. Essa situação leva a família a um processo de contenção forçada e a reprimir a expansividade e extroversão latentes, já que a exposição em local relativamente hostil, marcado por raros atos de solidariedade entre vizinhos, poderia levar à expulsão da família. Portanto, Carlos vivencia uma situação bem mais problemática do que a de Vanja. E em meio a esse intenso deslocamento social, cultural e afetivo, a intervenção dela seria crucial para a integração e adaptação dele nos Estados Unidos.

Um desses problemas seria a questão do aprendizado do inglês por migrantes pobres. Resuma-se, em uma terra tradicionalmente de recepção de tantos tipos de deslocados, os recém chegados contemporâneos como Carlos vivenciam muitos empecilhos para se integrarem e se adaptarem, nos Estados Unidos, sem ter aprendido a língua inglesa e passado por um longo processo de letramento linguístico e cultural. Em outras palavras, se não são competentes no uso do código linguístico e também dos códigos sociais e culturais, os problemas cotidianos avultam. Nesse sentido, Vanja assume o papel de mediadora e tradutora cultural para o amigo. Embora, por óbvio, ele não consiga se tornar um *nativo*, a mediação de Vanja é essencial no processo de inclusão do jovem.

Carlos e Vanja conheceram-se enquanto ela voltava da escola, nos primeiros dias de aula dela nos Estados Unidos. Dois dias após a primeira conversa casual, Carlos a visita e faz um pedido inusitado:

[...] ele bateu à porta da casa de Fernando com um livro em inglês, escrito para crianças bem menores do que ele. Carlos falava inglês muito mal. E não lia quase nada. [...]

Entregou o livro e perguntou se eu podia ler para ele. [...]

Sentamos juntos no sofá com uma distância de um palmo entre nós dois. Comecei a ler (AC, p. 53).

Falante do espanhol, as dificuldades do menino intensificam-se ao se alfabetizar em uma *segunda língua*, neste caso o inglês. Além disso, convive com problemas para sua adaptação às relações sociais, principalmente porque parece não poder contar com alguém que o auxiliasse, no mínimo, com as atividades didáticas.

Desde o início, a amizade, paciência e cuidado de Vanja para com Carlos são tocantes, em um relacionamento afetivo que se torna cada dia mais essencial para a

integração do pequeno migrante. Como exemplo, cite-se o auxílio no processo de estudo e de leitura: “Carlos queria passar depressa a página para ver a figura seguinte. Expliquei: Carlos, você precisa prestar atenção. *You have to pay attention, dude*” (AC, p. 135-136, grifos da autora). Essa passagem emerge como uma entre várias situações (na casa de Fernando, no labirinto do milho, na viagem em busca de Daniel) em que Vanja ensina tanto aspectos culturais, sociais, hábitos e comportamentos, quanto vocabulário e aspectos gramaticais da língua inglesa. Assim, mediante um cuidadoso processo de letramento cultural e de sua presença e conversas, ela auxilia na lenta integração do jovem e na superação de dificuldades de adaptação.

A amizade entre ambos auxilia, em vários sentidos, a superar alguns percalços decorrentes da falta de ações inclusivas para emigrantes pobres não letrados. Para contextualizar essa última questão, cite-se uma ação institucional recorrente nas últimas décadas, de que Carlos sofrerá as consequências: a rejeição da abertura do currículo escolar para atividades de alfabetização e letramento bilíngue, em Inglês e Espanhol, nos EUA. Ora, rejeitar o uso da língua estrangeira pelos emigrantes não fluentes em língua inglesa é *curioso* porque, na contemporaneidade estadunidense, se retira um direito que era bastante usual no passado. De acordo com Claude Goldenberg e Kirstin Wagner (2015), desde o período colonial estadunidense era comum o ensino bilíngue, com exceção de alguns períodos específicos, como durante e logo após a primeira guerra mundial. Dessa forma, segundo os pesquisadores, em grande parte da história dos EUA, estudantes com pouca fluência na língua inglesa foram educados em outros conteúdos acadêmicos em suas línguas maternas, enquanto adquiriam fluência na língua inglesa.

Há vários argumentos – nacionalistas e mais ou menos xenófobos – que justificariam a rejeição ao ensino bilíngue. Entre eles, o de que recursos públicos escassos não deveriam ser canalizados para a educação bilíngue de migrantes ilegais, pois isso criaria um incentivo a mais para o aumento da migração internacional para os EUA. Outra alegação recorrente seria que estadunidenses e migrantes legais pagadores de impostos não deveriam ser obrigados a pagar indiretamente pela educação de ilegais, *sin papeles*, não pagadores de impostos.

Com referência a outra situação geopolítica, mas, de maneira similar, relacionada às agruras sofridas por deslocados de camadas sociais subalternas, vale lembrar aqui as considerações de Silviano Santiago³⁴ em *Cosmopolitismo do Pobre*:

³⁴ Santiago, durante as décadas de 1960 e 1970, viveu e lecionou nos EUA. E, relembre-se, Adriana Lisboa, a autora de *Azul corvo*, vive lá desde o início dos anos 2010.

Não se pode pedir aos Manoéis pobres e cosmopolitas que abdicuem de suas conquistas na aldeia global, longe da aldeia pátria, mas cada estado nacional do Primeiro Mundo pode, isto sim, proporcionar-lhes, a despeito da falta de responsabilidade no plano social e econômico, a possibilidade de não perderem a comunicação com os valores sociais que os sustentam no isolamento cultural em que sobrevivem nas metrópoles pós-modernas (SANTIAGO, 2004, p. 54).

Desse modo, há que se enfatizar que mesmo em *Azul corvo* – um romance cuja perspectiva, no geral, é bastante positiva em relação a possibilidades criadas para os migrantes nos EUA, representa problemas de falta de políticas públicas ativas para recepcionar novos migrantes e integrá-los de forma menos traumática e mais humanizada.

Nessa direção, Silviano Santiago propõe respeito e apoio aos *cosmopolitas* e aos *pobres*, no *primeiro mundo*, e questiona o *isolamento cultural* em que vivem os deslocados. Nesse sentido, a história de Carlos se articula com a questão do aprendizado da língua e do letramento no local de chegada. Uma história que expressa as dificuldades vividas por aqueles que não tem tido o privilégio de serem letrados em línguas estrangeiras em suas nações de partida.

Já Vanja, educada pela mãe, ainda no Brasil, em inglês e espanhol, vivia em um “harmonioso caos linguístico [...] inglês na escola, português em casa e espanhol com os vizinhos” (Ac, p. 129). Desse modo, embora não tenha deixado de enfrentar obstáculos, o conhecimento prévio da língua inglesa facilitou bastante o processo de adaptação da jovem brasileira-estadunidense.

Quanto a Carlos, um deslocado sem esse privilégio, além de todos os percalços até então discutidos, ainda vive com outros estigmas e preconceitos velados. Um surge de onde menos se espera, de maneira sutil como se dá, reiteradamente, com as violências simbólicas. Veja-se este exemplo extraído de *Azul corvo*.

Comecei a sublinhar com o dedo as palavras conforme ia lendo. Carlos se pôs a imitá-las com a voz. Alguns minutos mais tarde, empoleirou a mão no meu antebraço, e deixou-a ali, como um pássaro quente e úmido e um pouco melado. Eu não sabia se ele estava efetivamente entendendo as palavras ou se aquilo era só fingimento, se era só estratégia para que eu continuasse a leitura (Ac, p.136).

Percebe-se que termos como *imitá-las*, *fingimento*, *estratégia*, nessa passagem são utilizados com viés claramente negativo, e referem-se a um sujeito dissimulado e relativamente ardiloso. Algo, no mínimo, curioso, quando utilizado em relação ao jovem salvadorenho, tantas vezes representado na narrativa como ingênuo e espontâneo.

Dessa forma, de modo sutil, lança-se a semente da dúvida, no que se refere a Carlos. Uma dúvida que pode remeter a preconceitos e estereótipos associados aos

emigrantes latinos nos Estados Unidos. Preconceitos nem sempre explícitos, mas expressos por uma outra deslocada, Vanja, que domina não só os códigos linguísticos apropriados ao contexto social e cultural (inglês e espanhol), mas também é culturalmente letrada.

Entretanto, a própria Vanja, em seu processo de letramento cultural praticava atos de imitação semelhante e conscientes. Lembre-se de quando Fernando a orientou sobre como se comportar se encontrasse um cachorro com seu dono nas ruas de Lakewood. Vale repetir aqui citação anterior, em outro contexto: “Aqui você peça licença primeiro se quiser fazer festa no cachorro de alguém, Fernando orientou, [...]. Diga: *May I pet your dog?* Repeti mentalmente para não esquecer: *May I pet your dog*” (Ac, p. 137, grifos da autora). Vanja ouviu com atenção a lição a respeito do comportamento cultural e buscou decorar a expressão linguística adequada ao momento. Em relação a si mesma, não haveria problemas com a *repetição* da frase de interesse e a *imitação*, pois ela compreenderia o sentido dos termos. Já a *imitação* de Carlos não seria adequada, mesmo que seja, também, uma repetição. Uma situação em que, considere-se, a verbalização e repetição seria ainda mais necessária.

Apesar dessa ressalva, em meio às dificuldades de adaptação de Carlos, Vanja e Fernando auxiliam e acolhem o jovem, não só no aprendizado da língua, mas também no processo de socialização e re-localização. As relações afetivas e de pertencimento estabelecidas tornaram a vida deslocada do jovem menos marginal e possibilitaram que mantivesse o sonho de criança emigrante, ainda que fadado ao fracasso, de se tornar um *nativo* do Colorado. Nesse sentido, em *Azul corvo*, tanto no caso de Vanja, quanto de Carlos, representam-se processos de re-localização em que, aos poucos, o local de chegada deixa de ser um *lugar nenhum*, para se constituir como um lugar.

Como nesse capítulo enfatiza-se os processo de re-localização em nações estrangeiras que aos poucos se constituem como locais de chegada, se discute menos os romances *Rakushisha* e *Hanói*. Já que, no primeiro, o foco é em Haruki e Celina em seus deslocamentos pelo Japão, que, como já dito, é um local de passagem. Já no segundo, o foco é em Alex e David, em seus deslocamentos nos EUA, terra em que nasceram. Contudo, mesmo que em *Hanói* não se enfatize tanto a questão do deslocamento linguístico e cultural, uma exceção que vale considerar é a do emigrado brasileiro Luiz.

Como já destacado, Luiz migrou para os EUA e embora não tenha retornado ao Brasil, nunca chegou a solicitar a cidadania estadunidense, entre outros aspectos por sua grande dificuldade no aprendizado da língua inglesa.

Things change, eles diziam, no seu novo país, embora ele não conseguisse fazer aquele som dos *th* e dissesse *tings change*, mas ninguém deixava de entender por causa disso (no caso do número três era mais delicado, ele dizia *tree*, árvore, em vez de *three*, então às vezes relatava, por exemplo, ter visto *tree people* em vez de *three people* [...]) (Han, p. 103, grifos da autora).

A lembrança da estrangeiridade e da incapacidade de dominar a língua, um dos elementos mais relevantes na composição de determinada identidade, foi uma constante em sua vida. A alteração no comportamento de David em relação ao pai demonstra os constrangimentos vividos por Luiz em sua própria casa. Pois, se na infância,

(David, pequeno, rolava de rir, com afetuoso deboche e um toque de superioridade arrogante. *Meu pai viu o povo das árvores!* Quando ele ficou adolescente, a parte afetuosa do deboche sumiu, e os comentários migraram todos para a zona da superioridade arrogante, mas Luiz já tinha aprendido a não se importar. Havia coisas muito mais sérias na vida do que *this*) (Han, p. 103, grifos e parênteses da autora).

O romance não faz referências a desventuras maiores em termos de convívio social e trabalho devido à questão da pronúncia. Contudo, isso não diminui a relevância da situação. Quanto a outros personagens deslocados internacionais de *Hanói*, embora haja alusões a problemas de apropriação da língua, as breves referências não são desenvolvidas ou problematizadas.

Nesse sentido, se em *Azul corvo* a nova língua é um aspecto bastante relevante no processo de re-localização, em *Hanói*, a questão linguística torna-se bem menos candente. Como declara Christine Revus: “aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se outro” (REVUZ, 1998, p. 225). E personagens como Alex e David já são *outros*, mesmo que convivam com as línguas vietnamita e portuguesa em suas casas, desde a infância. Contudo, na escola e demais locais de encontros sociais utilizavam a língua inglesa. Aliás, afirma Newman, “A linguagem continua o único grande limite que, para muitos de nós, continua difícil de atravessar, na ausência de uma forma de comunicação única global e sem fronteiras”³⁵ (NEWMAN, 2006, p. 5-6). E essa fronteira, em certo sentido, pelo menos, esses filhos de emigrantes já haviam ultrapassado. No entanto, há que se destacar que só *ultrapassam* tais limites e são integrados a partir do momento em que utilizam a língua do local de chegada.

³⁵ “Language remains the one great boundary which, for so many of us, remains difficult to cross, in the absence of a single, global, borderless form of communication” (NEWMAN, 2006, p. 5-6).

3.3 Um lugar entre iguais: resistência aos deslocados e à hibridação

... a literatura de emigração quer se afastar de certo mapa que a contrapelo insiste em reaparecer (PIRES, 2014, p. 401).

Neste tópico, considera-se um aspecto bastante controverso: na imigração, a resistência à hibridação cultural, com as tentativas de neutralização da diferença cultural, em locais de chegada de deslocados internacionais. No entanto, antes de observar essa questão, atente-se para a condição liminar de híbridos e hifenizados no multicultural Estados Unidos da América.

Como local de chegada preferencial, o caráter multicultural dos EUA tem sido recorrentemente enfatizado nos romances de Adriana Lisboa. Há, inclusive, referências a muitas personagens que, embora não tenham sido representadas em experiências de trânsito além de fronteiras nacionais, trazem marcas da mobilidade de longo prazo, por seus pais ou antepassados, em seus próprios nomes, sendo personagens hifenizadas e híbridas culturais.

Em *Azul corvo*, algumas dessas personagens são referenciadas por Vanja ao referir-se à festa de aniversário de Aditi Ramagiri: “Eu visualizava Veronica Crump e Leslie Yang e Jessica Martinez e Betty Tajul-Amar na festa de aniversário de Aditi” (Ac, p. 144). À exceção de Aditi, que nasceu na cidade de Columbus, Ohio, não há referências aos locais de nascimento dessas outras personagens, mas três dos quatro nomes remetem a identidades híbridas, dupla e triplamente hifenizadas. Isso quando se considera que seus prenomes são bastante comuns nos Estados Unidos, derivados de nomes anglo-saxões e seus sobrenomes indicam *origens* em continentes diferentes.

No site *Forebears*, especializado na incidência de sobrenomes, constata-se que *Yang*, tradicional sobrenome chinês, aparece como o 7º mais frequente em todo o mundo; *Martinez*, de origem hispânica, ocupa o 74º lugar entre esses mais frequentes, com maior prevalência no México e maior densidade em Honduras; já o sobrenome hifenizado *Tajul-Amar* tem suas origens em dois continentes, Ásia e África, respectivamente – *Tajul* seria mais comum em Bangladesh, com maior densidade na Malásia, enquanto *Amar* teria maior prevalência na Argélia e alta densidade no Marrocos.

Dos sobrenomes das colegas de escola de Vanja, *Crump* é o único de origem anglo-saxã, com prevalência, mesmo que baixa, nos EUA e Canadá. No entanto, embora o sobrenome seja anglo-saxão, o prenome *Veronica* tem origem latina. Já os nomes Evangelina, o nome inteiro da própria narradora, e Aditi Ramagiri marcam as suas

ascendências não-anglo-saxônicas e não-estadunidenses, mesmo se nasceram nos Estados Unidos. Note-se quanto à Vanja, que não há referências ao sobrenome, nem do pai legal, nem da mãe, e quanto a Aditi, o sobrenome expressa a origem indiana da família.

Esses nomes e sobrenomes, hifenizados ou não, remetem a ascendências provenientes de todos os cantos do mundo, bem como, pode-se inferir, possibilitam que se atente nos deslocamentos espaciais ocorridos num período mais distante. Ainda que teóricos da transnacionalidade como Schiller questionem o que se convencionou chamar de *melting pot* ou *salad bowl* estadunidense (SCHILLER, 2004, p. 448), a representação de tais personagens hifenizadas explicitam aquilo que se convencionou chamar de caráter multicultural³⁶ dos EUA, na contemporaneidade, e envolvem hibridações várias: hispano-estadunidense, afro-hindu-estadunidense, sino-estadunidense, hindu-estadunidense, brasileira-estadunidense.

Ao considerar tantas personagens hifenizadas em uma sociedade multicultural, um aspecto interessante a se atentar no romance é a presença de tantas delas a viver em Lakewood, uma cidade suburbana do interior da *América*, com comportamentos ou origens nacionais que expressam uma ampla diversidade cultural constitutiva dos EUA, bem como processos de integração cultural transgeracionais.

Todavia, em meio a tanta diversidade, algumas experiências de deslocamento em *Azul corvo* evidenciam como a integração pode ser repleta de obstáculos no local de chegada, pois a adaptação cultural, já complicada em um ambiente hospitaleiro, não ocorre sem hostilidade, em meio a conflitos subjetivos e intersubjetivos. Conflitos que, embora por vezes sutis, expressam violências simbólicas a que estão sujeitos deslocados em sua busca de constituir um lugar.

Observe, por exemplo, no trecho abaixo a exclusão de Vanja de uma festa realizada na casa da amiga hindu-estadunidense:

Aditi Ramagiri, minha amiga de cara indiana e nome indiano nascida em Columbus, Ohio [...], disse que não ia poder me chamar para a sua festa de aniversário porque sua mãe só deixava que ela chamasse quem já tivesse ido em sua casa pelo menos cinco vezes ou quem em cuja casa ela já tivesse ido pelo menos cinco vezes. A festa era naquele sábado (Ac. p. 144).

³⁶ Segundo Stuart Hall, o termo *multicultural* descreve “as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por toda sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum” (HALL, 2003b, p. 52).

Vanja é excluída da festa, nesse caso, por não estar ainda suficientemente integrada, o que desencadeia uma longa reflexão e a exacerbação de um sentimento de alheamento e distanciamento social por parte da narradora. Para compensar essa exclusão, Fernando a leva a um evento típico da região: um passeio em um labirinto do milho. Uma representação da situação labiríntica incontornável que a jovem deve enfrentar.

Um outro conflito mais explícito ocorre na escola:

Nessa mesma festa em que Nick me beijou, eu estava um pouco antes com um grupo de outras três garotas da escola, e num dado momento fui ajeitar o colar de uma delas, e disse acho que fica melhor assim, e ela me disse não preciso de informações da América do Sul.

Lembro-me da sua voz. Doce e precisa, sua voz-bisturi. *I don't need information from South America* (Ac, p. 296, grifos da autora).

Um parágrafo que se inicia com a relação afetiva com Nick a sinalizar a inclusão, termina com uma rejeição social e a reafirmação de sua estrangeiridade. Em termos narrativos, o acontecimento é ainda mais significativo, pois ocorre nas últimas páginas do romance.

Considere-se a perspectiva de Newman ao discutir problemas associados a deslocamentos transfronteiriços contemporâneos e aos processos de hibridação: “Os espaços de transição criados podem de fato resultar em hibridez e mistura; igualmente, o encontro com o outro pode servir para fortalecer noções de diferença e animosidade³⁷ (NEWMAN, 2006, p. 14). Assim, após narrar tantas desventuras, próprias, de Fernando, de Carlos e de outras personagens, e tantos percalços para se integrar, nas páginas finais, quando a desejada assimilação parecia ter sido alcançada, o registro do comentário da colega contundentemente expressa que, mesmo com a busca ativa de assimilação cultural, a integração social, com efeito, não havia sido alcançada.

Desse modo, se Vanja não se identifica completamente com sua nação de partida, tampouco é aceita como pertencente ao seu local de chegada. Sua hibridez e sua vida deslocada, para além de fronteiras nacionais, sem uma identidade claramente definida, nem sempre é muito bem vinda para aqueles cujas identidades culturais e nacionais, bem como fronteiras, ainda parecem ser relevantes. Defende Roland Walter no que concerne a migrantes contemporâneos:

A construção formal da cidadania se desenvolveu e pode ser conferida hoje em dia com base no lugar de nascimento ou tempo de residência. O reconhecimento formal, porém, não garante ao cidadão a aceitação social na comunidade (WALTER, 2008, p. 39).

³⁷ “The transition spaces which are created may indeed result in hybridity and mixing; equally the meeting of the other may serve to strengthen notions of difference and animosity” (NEWMAN, 2006, p. 14).

No caso de *Azul corvo*, mesmo trilingue e a portar documentos que atestam sua identidade estadunidense, Vanja, na condição de sujeito hifenizado e híbrido cultural, passa por diversas situações que expõem a não-aceitação social em relação a deslocados.

A esse respeito, ao discutir dificuldades inerentes aos processos de adaptação de migrantes, Nelson Vieira destaca que “[a] necessidade de um indivíduo “se fantasiar” noutra identidade social, voluntária ou forçosamente, pode precipitar situações de colisão cultural e violência potencial” (VIEIRA, 2016, p. 53, grifo do autor). Assim, as referências à busca de adequação a construções estereotípicas estadunidenses e a própria violência simbólica presente em suas ações de exclusão de um outro deslocado poderiam ser consideradas como modos pelos quais Vanja, em seu processo de re-subjetivação, empreende uma série de performances. Nelas, vai *se fantasiar* para lidar com uma realidade complexa em um contexto em que almeja se adaptar culturalmente e se integrar socialmente no local de chegada. Isso se dá em uma busca consciente de assimilação que se mostra, tantas vezes, ilusória, já que, ao final da narrativa, não deixa de ter expressamente marcada a sua estrangeiridade. Desse modo, a exclusão da festa de Aditi e a marcação da diferença identitária são simbólicas, principalmente por ocorrerem em relação a festas, momentos que poderiam ser de conagração e de inclusão.

Posto isso, a partir de leituras de teóricos culturais e pós-coloniais, como Homi Bhabha, Stuart Hall e Gayatri Spivak, é possível considerar com Merolla e Ponzanesi que “todas as culturas são inerentemente diaspóricas, rizomáticas e contaminadas”³⁸ (MEROLLA; PONZANESI, 2005, p. 7). Contudo, isso não significa que não haja uma contínua tentativa de apagamentos, silenciamentos, neutralizações e rejeições de peculiaridades e diferenças culturais, quer seja em relação a identidades comunitárias – étnicas, religiosas –, ou nacionais.

Nas últimas décadas houve uma ênfase nos estudos culturais e literários nos trânsitos, diálogos e entre-lugares. Nesse processo, de certa forma: “[n]osso imaginário da virtualidade é povoado por uma sensação de que estaríamos totalmente libertos das limitações físicas da territorialidade” (CURY, 2012b, p. 11). Todavia, ao mesmo tempo em que personagens em trânsito são representados em deslocamentos em busca de liberdade, que não encontrariam tão facilmente nas nações em que nasceram, romances como *Azul Corvo* e *Hanoi* constantemente têm representado uma série de resistências

³⁸ “[a]ll cultures are inherently diasporic, rhizomatic and contaminated” (MEROLLA; PONZANESI, 2005, p. 7).

sociais e políticas aos deslocados internacionais, quer sejam refugiados, migrantes, exilados, expatriados.

Com efeito, a maior ou menor capacidade de assimilação parece derivar do estatuto do personagem em trânsito (migrante, *sin papeles*, refugiado, exilado, expatriado), que marca a forma como o deslocado vai ser recebido no local de chegada, na nação de recepção. Nesse processo, cada uma das personagens em trânsito, conforme seu estatuto e suas características culturais, sofrerá algum tipo de resistência e, para se integrar, precisará, muitas vezes, empreender um trabalho intenso de supressão da diferença cultural.

Assim, ao considerar-se os exemplos de recepção de muitos deslocados nos EUA, pode-se perceber que, ao mesmo tempo em que há uma aparente abertura para o estrangeiro, também ocorrem várias marcas de resistência e hostilidade, tanto explícitas quanto implícitas, por parte dos *nativos*. Isso ocorre em um contexto recorrentemente permeado pela “persistência de desigualdades maquiadas sob o discurso da tolerância” (CHIARELLI, 2007, p. 142), como observado por Chiarelli para outras *Vidas em trânsito*.

Por consequência, talvez seja interessante observar dois aspectos suplementares: a representação de uma resistência aos deslocados que almejam constituir um novo “lugar”, e, até mesmo, a resistência à hibridação cultural. Isso que se ressalta como resistência à hibridação ocorre em *Hanoi*, não apenas em relação aos EUA, mas, também ao Vietnã. Relembre-se que a mãe de Alex, Huong, era filha de um soldado estadunidense com uma vietnamita, Linh. Em sua terra natal Huong, percebeu, diversas vezes, situações de preconceitos em relação aos hifenizados vietnamitas-estadunidenses. Uma dessas histórias, contadas para Alex, é a de um orfanato budista que após a guerra foi fechado e

[...] as crianças foram postas para adoção.

As pessoas vinham escolher como se fossem produtos em uma feira. Levavam primeiro os mais bonitos e saudáveis entre os vietnamitas puros. Depois, os mestiços filhos de soldados americanos brancos. Depois, os vietnamitas feios ou doentes. E por último os mestiços filhos de soldados americanos negros (Han, p. 20).

Essa história curta, entre outras, desvela de modo sintético e direto a resistência aos híbridos e hifenizados.

Outras histórias de preconceito vivenciadas, inclusive, pela própria Huong são apresentadas no romance, como exemplifica este trecho:

As crianças na escola diziam a Huong vá para casa, americana! (Diziam também que Huong tinha doze cus – o insulto padrão, que rimava, em vietnamita, e as crianças achavam delicioso repetir.) Ela acabou desistindo de

frequentar a escola, porque reclamar com os professores não adiantava, e indo ajudar a mãe em tempo integral no campo (Han, p. 79).

Nesse contexto hostil, o *bullying* e o preconceito recorrentes sofridos pela própria Huong a levam a abandonar a escola, uma das poucas possibilidades de sair da condição social precária em que vivia. Tempos depois, mãe e filha, em busca de melhores oportunidades de vida e para fugir do preconceito, partem para a Malásia e depois buscam refúgio nos Estados Unidos.

E se em relação ao Vietnã a resistência era a hibridação étnica, nos Estados Unidos ela era mais ampla, pois Huong se vê diante de uma resistência cultural e social. E mesmo que no multicultural EUA as referências aos preconceitos sofridos não fossem tão explícitas, eles ocorriam em meio a uma série de constrangimentos e exclusões. Sem educação formal, nos EUA ela trabalhara como faxineira e manicure.

Trabalhava quatro vezes por semana no salão, e entre ela e suas clientes não havia palavras, só unhas. Era como se ela e o seu novo mundo realmente só se tocassem com as pontas dos dedos.

Ela mantinha os olhos baixos, fixos na mão da cliente. A cliente maninha os olhos baixos, fixos numa revista (Han, p. 73).

Desse modo, como manicure, fazia um trabalho que era marcado pelo isolamento social, embora demandasse um contato físico constante. Logo, Huong vivera uma vida deslocada. E, assim, ela relata para Alex: “Nunca foi fácil, disse Huong. Nem lá, nem aqui (Han, p. 80). Relembre-se, ainda em *Hanoi*, a frase dita por Luiz: “[h]avia coisas muito mais sérias na vida do que *ths*” (Han, p. 103, grifo da autora), ao ser criticado por sua pronúncia com *superioridade arrogante* pelo, então, jovem David. Infere-se que ele aludia a conflitos e agruras vivenciadas cotidianamente, por um migrante ilegal.

Outros exemplos de deslocamentos nos locais de re-localização poderiam ser citados aqui. Todavia, o que se enfatiza, neste momento, é como os deslocados internacionais, que abandonaram a nação (de) partida em busca de um lugar na terra de oportunidades, acabaram, muitas vezes, por tornar-se deslocados também no local de chegada, ou, ainda, para se re-localizarem, precisaram suprimir ou, no mínimo, ocultar as marcas da diferença cultural.

Assim, ao considerar algumas das atribuições vivenciadas por Vanja, Carlos, Huong e Luiz, em seus processos de integração, conforme representadas em *Azul corvo* e *Hanoi*, vale recorrer a Silvano Santiago que ressalta: “[a] lavagem cerebral que ocasiona a perda de memória do migrante, consequência natural da assimilação identitária

que funciona como rua de mão única” (SANTIAGO, 2016, p. 20). Para Santiago, seria necessário desmistificar os deslocamentos internacionais contemporâneos e demonstrar como os processos de adaptação e integração não se dão sem traumas, sofrimentos e exclusões. Constituiriam, até mesmo, uma *rua de mão única* já que há uma tendência ao silenciamento de diferenças, muitas vezes pelos próprios deslocados, para se integrarem à sociedade do local de chegada.

Em texto seminal publicado em 1971, “O entre-lugar do discurso latino-americano” (SANTIAGO, 1978), o teórico analisara as estratégias de negociação e ambiguidades, assim como a permanência das culturas através de trocas culturais. Naquele momento, em contraposição a modelos de *assimilação passiva*, ele defendia uma assimilação “inquieta e insubordinada” (Op. Cit, p. 20). Isso, em seu texto mais referenciado, e em outros textos da época, em que teorizava acerca de contatos culturais, críticos e teóricos. Dessa forma, em uma época em que era professor nos Estados Unidos, a *via de mão dupla* e as *trocas culturais* seriam metáforas mais recorrentes em seus escritos, para descrever deslocamentos culturais, em relação aos quais “o elemento híbrido reina” (Op. Cit, p. 16), embora “o silêncio seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural” (Op. Cit. p. 17-18).

Já em 2016, Silviano Santiago parece ter uma concepção bem menos positiva sobre a hibridação e as possibilidades de deslocados ocuparem um *entre-lugar*, em seus *deslocamentos reais e imaginários*, ao destacar aspectos como a *assimilação*, a *rua de mão única* e a *lavagem cerebral*. Desse modo, Santiago desmistifica uma idealizada adaptação a sociedades multiculturais por cosmopolitas pobres e enfatiza como, de fato, ocorrem processos de assimilação em que se silenciam as diferenças relativas às identidades culturais periféricas nos centros hegemônicos.

Embora essa resistência à hibridação cultural possa ser constatada em *Hanoi*, no caso de personagens secundários como Luiz, nos Estados Unidos, ou Huong, no Vietnã e nos EUA, em *Azul corvo*, a crítica é bem mais contundente, já que não apenas se alude a problemas e obstáculos vivenciadas pelos ascendentes dos protagonistas, mas há uma representação de um longo e problemático processo de adaptação aos EUA, como na neutralização e no silenciamento das diferenças pela própria narradora. Assim, ao se aprofundar a discussão sobre a resistência à hibridação, recorre-se, sobretudo, a *Azul corvo*.

Em seu processo de assimilação, para adaptar-se à cultura e integrar-se à sociedade estadunidense, uma deslocada como Vanja age, ao mesmo tempo, de forma

ativa e seletiva para neutralizar as marcas da diferença cultural. A própria narradora, ao refletir sobre o processo de integração social de brasileiros nos EUA, dava-se conta de que alguns imigrantes “guardavam a língua portuguesa dentro da garganta” (Ac, p. 95). Esse *guardar a língua*, contundentemente, expõe a necessidade de assimilação à identidade do outro e silenciamento de *marcas* da subjetividade, da língua, da cultura e da identidade estrangeira e deslocada.

Saliente-se que, nessas representações de neutralizações e silenciamentos de aspectos culturais, nem sempre é claro, na narrativa, se trata-se de um elogio da capacidade de assimilação da narradora, ou de uma ironia quanto a essa busca, tantas vezes fadada ao fracasso, de neutralizar as marcas mais visíveis de uma identidade estrangeira em seus contatos cotidianos nos Estados Unidos. Com efeito, embora Vanja assuma, reiteradamente, uma posição crítica explícita em relação a desventuras associadas à nação (de) partida, no que diz respeito à contestação do modelo de desenvolvimento nacional brasileiro; ao questionamento da história oficial relativa à ditadura militar – em uma releitura da história a partir das margens do sistema político-ideológico–; a apropriação de bens culturais como futebol e música e à violência estrutural, quanto ao processo de assimilação, sua posição é bem mais ambígua. Algumas vezes a narradora parece optar por alienar-se e esforça-se ativamente para neutralizar traços *visíveis* e *invisíveis*, materiais e imateriais, de sua identidade brasileira em prol de alcançar uma mítica e estereotípica identidade estadunidense.

Em certo sentido, Vanja reproduz aquela atitude que observara com certo desdém em Fernando, que na juventude fora um guerrilheiro subversivo, “que não aprendeu a ficar quieto no seu canto” (Ac, p. 61), enquanto na idade adulta tornou-se um pacato segurança e faxineiro em uma cidade do interior dos EUA, um *homem-que-se-acostumava* (Ac, p. 26), alguém que mediava e traduzia a cultura local em contraponto a cultura brasileira para a narradora poder se adaptar mais facilmente ao novo contexto sociocultural.

Finalmente, pode-se afirmar que a resistência à hibridação, ou até mesmo hostilidade, problematiza aquele *sonho americano* que leva tantos deslocados a buscar segurança, estabilidade e assentamento nos Estados Unidos da América, mediante processos de re-localização. Dessa forma, mesmo uma personagem trilingue e que possui documentos que a definem como estadunidense precisa reprimir marcas da hibridez cultural, sotaque, comportamentos e atitudes relativos à sua identidade subjetiva e

cultural. Isso em uma busca problemática por estabilidade psíquica e material e por assimilação, mesmo que parcial.

Assim, *Azul corvo* representa um processo bastante complexo de re-subjetivação e re-localização cultural, ao local de chegada em que tantos resistem à *estrangeira*, mesmo àquela que tenta se desnudar das marcas da estrangeiridade e da hibridez. Vanja, ainda que se re-localize e constitua relações sociais, ainda que precárias, não deixa de ser uma personagem deslocada em termos afetivos, subjetivos, simbólicos, nacionais, identitários, culturais. Nesse sentido, a busca por re-localização via deslocamento internacional, embora constituísse uma alternativa para a crise subjetiva da narradora, não provê a desejada estabilidade e segurança que foram motivadores principais do deslocamento inicial da desconstruída nação (de) partida.

Ademais, ao se analisar os deslocamentos, as dificuldades associadas à re-localização, as experiências de exclusão e a neutralização identitária vividas por Vanja, e, também por outros deslocados internacionais em *Azul corvo* e em *Hanói*, percebem-se angústias e traumas associados à busca de um lugar fora da nação (de) partida. Tal análise é condizente com a hipótese desta tese, qual seja: nas narrativas de deslocamentos espaciais de Adriana Lisboa, em meio a uma quantidade significativa de trânsitos internacionais e transnacionais, as personagens buscam por um lugar de relativa estabilidade.

Então, para o estudo de algumas (im)possibilidades de superação de vidas deslocadas em locais de chegada, no próximo capítulo, se empreenderá uma releitura acerca de alguns aspectos caros a teorias críticas contemporâneas, a partir de um olhar contrapontístico: cidades-globais, individualismo, comunidade e família.

4 – UM LUGAR ENTRE DIFERENTES: CIDADE NÃO-GLOBAL E REDES AFETIVAS

Destacados os motivos principais e tipos mais recorrentes de deslocamentos internacionais representados em *Rakushisha*, *Hanói e Azul corvo*, e analisados problemas associados aos processos de re-localização, como hostilidade aos deslocados e resistência aos processos de hibridação cultural, discute-se, neste capítulo, mais alguns fatores dessa ambígua relação entre deslocamentos e re-localizações.

Para tanto, primeiramente, consideram-se, brevemente, concepções de sujeito descentrado e identidades fragmentadas contemporâneas, bem como a relação desses processos com a globalização. No segundo tópico, destaca-se como se representam re-localizações em cidades não-globais. Por fim, na terceira parte, em contraste com a desorganização e dessacralização de vínculos familiares tradicionais, enfatiza-se a busca de re-centramento das personagens em redes afetivas e famílias heterodoxas.

4.1 Sujeitos em deslocamentos e em re-localizações

[...] como viver sem certeza e, no entanto, sem ser paralisado pela hesitação (Bertrand Russell, *A History of Western Philosophy*, 1945).³⁹

Stuart Hall (2003a) sugere caminhos para entender a cisão do sujeito e a fragmentação das identidades culturais em consonância com a globalização contemporânea. Ele analisa o processo de crise do sujeito contemporâneo, ao enfatizar como novas identidades culturais são percebidas e relacionadas aos planos da história, da política, da hibridação, da representação e da diferença. Tal concepção de sujeito *pós-moderno* associaria-se a concepções de identidade na modernidade tardia e implicaria uma posição relacional e dialógica, em “um espectro sem começo nem fim” (HALL, 2003a, p. 33).⁴⁰ Essas construções dos sujeitos e os processos correlatos de hibridação das identidades culturais seriam problematizados pelos descentramentos em relação ao mundo social e cultural e às estruturas tradicionais de referência, como nações, comunidades e famílias.

³⁹ “how to live without certainty, and yet without being paralyzed by hesitation”.

⁴⁰ Em sentido similar, analisando sujeitos em trânsito na contemporaneidade, Leonardo Tonus reflete que eles seriam “atravessados por múltiplas identidades que vivem um constante não pertencimento” (TONUS, 2019, s.p.).

Embora Hall questione a separação reducionista entre modelos históricos de sujeito, a seu modo e com objetivos específicos, estabelece uma distinção entre um *sujeito moderno*, concebido como cartesiano, coerente e centrado, e um *sujeito pós-moderno*, concebido como cindido, deslocado e descentrado. E, em meio a um intenso processo relacional e dialógico de deslocamento, considera o modo como esse sujeito contemporâneo construiria-se, de forma lenta, negociada e conflituosa, em relação à identidade cultural em crise profunda. A análise dessas crises de sujeitos, identidades e nações torna-se fundamental para observar os processos de deslocamentos e relocalizações de sujeitos a experimentar vidas em trânsito e deslocadas na contemporaneidade.

Assim, ao analisar as diferenças entre *processos translocais* do passado em comparação com os ocorridos ao final do século XX, em meio à globalização contemporânea cada vez mais ampla e intensa, Arjun Appadurai (2005) questiona como a expansão do comércio mundial, as intervenções extraterritoriais e os deslocamentos internacionais têm sido parte de um processo translocal, relacionado a rupturas estruturais e conjunturais globais. Tais rupturas seriam ocasionadas, por exemplo, pela intensificação das inovações tecnológicas ocorridas nos séculos anteriores, além de outros fatores que provocaram a ampliação em larga escala das interações globais. Tal processo *disjuntural* – que desestabiliza as estruturas tradicionais de referências – teria papel precípua na corrosão das configurações das identidades e das nações, até então tidas como relativamente estáveis (HALL, 2003a).

Abdala Jr. (2013), por seu turno, situa tal *disjuntura* em relação a transformações recentes no capitalismo. Enfatiza como o capital industrial foi deslocado de seu papel preponderante, nas últimas décadas do século XX, pelo *disruptivo* capital financeiro. Relembre-se que o capital industrial geralmente se associa ao estado a cumprir uma função forte de incentivo e regulamentação do sistema (ao estilo Keynesiano, ou do *New Deal* estadunidense, ou dos estados de bem-estar social europeus ocidentais). Por sua vez, o capitalismo financeiro se relaciona à defesa de um *estado mínimo*, ao menos em termos de bem estar social, de que se exige regulamentação fraca, ou, até mesmo, uma máxima desregulamentação dos mercados e das fronteiras, ao *melhor* estilo *laissez faire*, *laissez aller*, *laissez passer*, *le monde va de lui-même*⁴¹, revisto a partir de uma chave contemporânea neoliberal. Nesse sentido, Abdala Jr. destaca que essas e outras alterações

⁴¹ “Deixe fazer, deixe ir, deixe passar, o mundo segue por si mesmo”

no cerne do próprio sistema capitalista estariam associadas a novas formas de organização, ou de desorganização, do Estado, da Nação, da cultura e do próprio sistema literário nacional brasileiro.

Em meio a tal perspectiva teórica, há uma infinidade de trabalhos críticos que analisam produções literárias que representariam tais condições deslocadas. Considere-se, nessa perspectiva, o *Dicionário das Mobilidades Culturais* (BERND, 2010), tornado referência obrigatória aos pesquisadores que, no Brasil, se aprofundam no estudo das narrativas de deslocamento na literatura contemporânea. No verbete *Circulações urbanas*, Maria Bernardette Porto registra que vivemos “[u]ma época em que a consciência do trânsito e da transitoriedade está presente em nossas reflexões sobre o mundo” (PORTO, 2010, p. 82). As leituras de Porto expressam uma perspectiva hegemônica nos estudos literários que enfatizam os trânsitos de personagens deslocados, a mover-se pelas cidades que Porto denomina *megalópoles globais*.

Contudo, vale lembrar um aspecto enfatizado por Zygmunt Bauman, em *Modernidade Líquida*: “uma nova e numericamente reduzida elite dos residentes do ciberespaço [...] prospera na incerteza e na instabilidade (BAUMAN, 2001, p. 178). Enquanto essa *elite* teria cada vez mais mobilidade, Bauman, um dos pensadores contemporâneos que mais discutiu a fluidez e os trânsitos contemporâneos, destaca que ocorreria uma *busca de assentamento* por parte de migrantes pobres:

As pessoas continuam a ser menos voláteis do que os ciclos de explosão e depressão econômica, e a história dos ciclos passados deixou atrás de si uma longa trilha de imigrantes em busca de assentamento. Mesmo que quisessem embarcar em outra jornada e partir, as mesmas contradições políticas que acabaram trazendo os imigrantes “para dentro” os impediriam de agir (BAUMAN, 2003, p. 93-94, grifos do autor).

Essa *busca por assentamento*, quer seja por vontade própria, quer seja por contingências econômicas ou geopolíticas, ocorreu em diferentes momentos históricos, mas seria observada, sobretudo, na era atual, denominada por Bauman *Modernidade Líquida* (2001). Trata-se de uma época em que há uma expansão gigantesca do número absoluto de deslocados ao redor do mundo. Bauman expressa tal *busca* no subtítulo do livro *Comunidade: busca por segurança no mundo atual* (2003).

De certa forma, já nos anos 1980, Milton Santos também fazia referência a uma busca por segurança.

Quem não pode mover-se periodicamente para obter os novos itens de consumo que a publicidade lhe insinua, acaba saindo de vez. Temos aí um novo motivo para o aumento do número de migrantes para os maiores centros. [...]

Quem pode vai consumir e volta ao lugar de origem. Quem não pode locomover-se periodicamente, vai e fica (SANTOS, 2008, p. 62-3).

Em *Metamorfoses do espaço habitado* (2008 [1988]), Milton Santos, embora discuta, sobretudo, as hierarquias urbanas, as relações campo/cidade e a correlação entre capitalismo, consumismo e migrações, pondera acerca da imobilização relativa de tantos emigrantes, após o movimento inicial. O geógrafo analisa as causas pelas quais muitos deslocados, principalmente migrantes pobres, por falta de opção e de oportunidades, acabam por se fixar nos locais para os quais se locomoveram, na maioria das vezes com sacrifícios e múltiplos obstáculos.

Em perspectivas teóricas distintas, outros pensadores sociais também destacam o desejo dos deslocados de um *lugar estável e definido* no contexto das mobilidades internacionais contemporâneas:

Apenas um olhar superficial ao redor do mundo, da América Central à África Central e dos Balcãs ao Sudeste da Ásia, revelará a situação desesperada daqueles a quem essa mobilidade foi imposta. Para eles, a mobilidade além das fronteiras geralmente representa migração forçada na pobreza e dificilmente é libertadora. De fato, um lugar estável e definido para se viver, uma certa imobilidade, pode aparecer pelo contrário como a necessidade mais urgente⁴² (HARDT; NEGRI, 2001, p. 155).

Hardt e Negri, em uma linguagem tantas vezes contundente, apontam detalhes da busca por “certa imobilidade”, como desejo e necessidade, principalmente, de migrantes forçados ou refugiados. Trata-se, assim, de busca de imobilidade em contraponto a uma mobilidade imposta, derivada de guerras civis e/ou de conflitos étnicos ou geopolíticos.

Enfim, esse foco em uma *busca de assentamento* (BAUMAN, 2003), esse *vai e fica* (SANTOS, 2008), essa *certa imobilidade*, em um *lugar estável e definido* (HARDT; NEGRI, 2001) talvez pareça um pouco destoante do que se considera amplamente nos estudos literários contemporâneos que lidam com narrativas de deslocamento. Já que esses estudos tem focalizado, sobretudo, movimentos, locomoções, migrâncias, mobilidades, deslocamentos e desterritorializações.

Contudo, haveria tanto em discussões teóricas na crítica cultural e social, quanto em representações literárias, como se analisa nesta tese quanto aos romances *Rakushisha*, *Azul Corvo* e *Hanói*, figurações e referências à busca por segurança e estabilidade relativa

⁴² “Just a cursory glance around the world, from Central America to Central Africa and from the Balkans to Southeast Asia, will reveal the desperate plight of those on whom such mobility has been imposed. For them, mobility across boundaries often amounts to forced migration in poverty and is hardly liberatory. In fact, a stable and defined place in which to live, a certain immobility, can on the contrary appear as the most urgent need” (HARDT; NEGRI, 2001, p. 155).

por parte dos deslocados. Nesse sentido, esta tese centra-se na análise da busca de re-localização e de certa *imobilidade* pelas personagens deslocadas. Assim, em meio a uma relação ambígua de amor e ódio de deslocados com relação a nações (de) partidas, haveria uma busca de re-localização nos locais estrangeiros de chegada, mesmo que com muitos constrangimentos. Enquanto os primeiros locais são muitas vezes associados a sofrimentos, dores e traumas, os segundos emergiriam como lugares que prometeriam encontro e realização. Nessa perspectiva, nesses romances, Adriana Lisboa representa deslocados que talvez não prezem tanto assim uma vida de trânsito e de mobilidade permanente, mas estariam em busca de re-centramento e re-localizações para suas vidas deslocadas.

4.2 Cidade não-global e a busca de um lugar

Apesar de, necessariamente, se articular no espaço da antiga metrópole ou de um centro hegemônico, os escritores e escritoras que fazem do espaço transnacional seu território enunciativo desestabilizam esse centro (Sandra Almeida, *Cartografias Contemporâneas*).

Em *Azul corvo* e *Hanói*, por exemplo, os deslocamentos constituem-se como processos constantemente relacionados a re-centramentos, paradoxalmente em cidades não-globais. Isto é, as cidades de chegada figuradas nos romances são marcadamente cidades periféricas ou suburbanas, de porte médio ou mesmo pequenas, mesmo que os personagens nelas tenham se estabelecido, após passarem bastante tempo em cidades globais, como Fernando, em Londres, e Trung, Huong e Linh, em Chicago. Considera-se, nesta tese, que essas cidades não-globais seriam representadas como espaços que propiciariam a construção de redes afetivas e de laços de solidariedade, em contraste com as cidades globais, associadas à desconexão social e intensificação da cisão dos sujeitos e da fragmentação das identidades.

A atenção às *cidades globais* tornou-se bastante recorrente nas análises de narrativas literárias brasileiras contemporâneas de deslocamento, a partir, muitas vezes, das teorizações no campo da geografia por Saskia Sassen (2004), ou ainda, para *cidades cosmopolitas* (ALMEIDA, 2015), *cidades mundiais* (MASSEY, 2007; FRIEDMANN; WOLFF, 1982), *megalópoles globais* (PORTO, 2010), *metrópoles mundiais* (SAHR, 2007) e, ainda, supercidades, cidades alfa, centros mundiais.

Silviano Santiago, ao analisar os deslocamentos de *cosmopolitas pobres*, enfatiza as cidades para onde vão esses deslocados, ao considerar a

díaspóra anárquica de indivíduos ou grupos de familiares – que não são necessariamente vítimas de preconceitos ou várias formas de perseguição – duma região pobre do país, ou duma nação conturbada, para as metrópoles mais endinheiradas do mundo ocidental (SANTIAGO, 2016, p. 15).

Cidades globais, cosmopolitas, metrópoles mais endinheiradas, megalópoles, ou outras denominações, abrangem peculiaridades teóricas, epistêmicas e disciplinares, ou transdisciplinares que respondem a racionalidades específicas. No entanto, em comum, cada uma remete a cidades que se tornaram centros financeiros, econômicos e culturais de influência e repercussão ampla no processo de globalização assimétrica contemporânea, além de locais privilegiados para a chegada de tantos deslocados.

Observe-se com mais atenção a conceituação de *cidade global* proposta por Saskia Sassen, uma das teóricas mais citadas em estudos literários que privilegiam a temática⁴³. Para Sassen, a cidade global “tem emergido como uma plataforma parcialmente desnacionalizada para o capital global e para a mais diversificada mistura de pessoas de todo o mundo”⁴⁴ (SASSEN, 2004, p. 168). Ao associar múltiplas vertentes da globalização e o surgimento de novas redes tecnológicas, com a crise contemporânea do estado-nação, a autora defende que: “A globalização e a digitalização tem trazido consigo uma separação incipiente da autoridade exclusiva sobre território e pessoas que há muito temos associado ao Estado-nação”⁴⁵ (Op. Cit. p. 168). Sassen interpreta essa crise do estado-nacional para além de uma perspectiva economicista e macrorrelacional, com atenção nas microrrelações e ênfase na expansão das possibilidades de atuação das *cidades globais*.

Na perspectiva de Sassen, analisar tais microrrelações possibilitaria a percepção do surgimento de novos atores e sujeitos políticos, em âmbitos locais, nacionais e globais, na atual fase da globalização. Sujeitos políticos e institucionais, as próprias cidades globais, ongs transnacionais e organismos supranacionais (como a ONU, o FMI e o Banco Mundial) participariam de um processo que minaria a autoridade e contestaria, sobremaneira, o Estado-Nacional.

Assim, complexificações do sistema global e transnacional e o surgimento de formas de contestação dos modos tradicionais de exercício do poder pelos estados-nação ocorreriam a partir de várias instâncias, mas talvez haja maior visibilidade e possibilidade

⁴³ O primeiro livro em que Sassen desenvolve o conceito de *Cidades Globais* foi publicado em 1991. No geral, até o momento da escrita desta nota, só essa obra tinha 18.426 referências, no site *Google Scholar*.

⁴⁴ “has emerged as a partly denationalized platform for global capital and for the most diverse mix of people from all over the world” (SASSEN, 2004, p. 168).

⁴⁵ “Globalization and digitization have brought with them an incipient unbundling of the exclusive authority over territory and people we have long associated with the nation-state” (Op. Cit. p. 168).

de insurgência, como também de negociação, nas *ciudades globais*, cerca de 40 ao redor do globo. Em síntese, o termo *ciudades globais* expressa uma atenção a cidades que exerceriam expressiva influência cultural, econômica, além de que receberiam e canalizariam uma amplitude de investimentos e negócios, e, ainda, intensificariam o fornecimento de serviços especializados.

Nessas cidades globais, pode-se considerar que a agência de sujeitos e de organizações supranacionais poderia ocorrer, mas a partir de novas possibilidades de negociação, ainda que sempre a partir de parâmetros assimétricos, inseridos em uma associação complexa. Nesse sentido, considere-se que enquanto os estados-nacionais são cada vez mais enfraquecidos e descentrados, as cidades globais são compreendidas como lugares de negociação em que seria possível a atuação dinâmica de novos sujeitos políticos, entre outros fatores, pela proximidade desses sujeitos das instâncias de decisão.

Hall destacaria que essas inter-relações assimétricas entre o local e o global estariam marcadas cada vez mais intensamente, ao final da segunda década do século XXI, pela questão conflituosa entre *The Rest and The West* (2003a), ou seja, por um conflito latente entre aqueles deixados à margem (*o resto*) e o Ocidente (*The West*). Um *Ocidente expandido*, saliente-se, que seria constituído por nações capitalistas avançadas, como Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Itália, e outros estados-nacionais da Europa Ocidental, além de Israel, Japão, Canadá, Austrália. Nações que sediam a maioria das grandes corporações transnacionais e que seriam os locais de chegada preferencial dos representados em tantas narrativas contemporâneas. Nações ocidentais que exerceriam o poder de fato nas relações internacionais, a partir de um pretenso imperativo moral, mesmo que não tenham direito a tal poder.

Já aquele *resto* seria composto, mormente, por nações periféricas (que não conseguem exercer seus poderes de direito), semiperiféricas (com poder relativo, devido a estar, em sua maioria, entre os 20 estados-nação mais ricos do mundo, e também entre os mais populosos, ou extensos, como os que constituem o BRICS (acrônimo de Brasil, Rússia, China, Índia, África do Sul) e por uma *multitude* (HARDT e NEGRI, 2001) de sujeitos marginalizados, precarizados, desalentados que talvez ainda acreditem no discurso de um idealizado *mundo sem fronteiras* e da *Terra de Oportunidades*. *Cosmopolitas Pobres*, para usar os termos de Silvano Santiago, que não aceitariam mais estar à margem do Ocidente, destituídos dos direitos mais fundamentais na nação (de) partidas e nas periferias destroçadas, tantas vezes, pelo próprio Império Contemporâneo,

sobretudo a partir da segunda metade do século XX (vide Palestina, Coreias, Vietnã, Irã, Iraque, Afeganistão, Líbia, Ucrânia, Síria, Iêmen).

Nas análises de muitos críticos sociais, culturais e literários, consideram-se descentramentos de nações, de identidades tradicionais, de sujeitos modernos e, até, da literatura nacional, ou seja, parece que *Tudo que é sólido desmancha no ar* (BERMAN, 2012). Nesse contexto global *disjuntural*, aqueles sujeitos que constituem aquele *resto*, apontado por Hall, almejam deslocar-se para as nações capitalistas avançadas ocidentais, como já recorrentemente apontado, e para nações que foram, no passado, em sua maioria, sedes de impérios coloniais, e em que se situam, no presente, a maioria das *idades globais* (SASSEN, 2004).

Tais cidades se tornariam, cada vez mais, locais de passagem ou de chegada preferencial de emigrantes, exilados, turistas e outros deslocados. Paralelamente a esse processo, emprega-se o conceito *cidade global* recorrentemente em análises a partir de leque transdisciplinar, que inclui perspectivas que colocam em diálogo: geografia, relações internacionais, economia política, sociologia, teoria crítica, estudos culturais, estudos literários.

Em relação a *narrativas de deslocamento*, por exemplo, Carlos Vieira afirma que elas “revelam que o espaço ficcionalizado pelos autores é a cidade-global que compartilha tanto a configuração do espaço cosmopolita quanto as mesmas formas de exclusão” (VIEIRA, 2014, s.p.). Em sentido semelhante, ao analisar narrativas de deslocamento de João Gilberto Noll, Marcos Brasileiro conclui: “[as] novas realidades a que os personagens de Noll se deparam, geralmente em torno dos grandes centros urbanos, provocam um abalo no quadro de referência do sujeito” (BRASILEIRO, 2010, p. 84-5). Outra estudiosa da literatura contemporânea, embora com foco na literatura em língua inglesa, Sandra Almeida também destaca os locais de chegada de deslocados, ao analisar, sobretudo, trânsitos para *idades cosmopolitas* (2015, p. 141-190) como Nova Iorque e Londres.

De modo similar, a partir de múltiplos exemplos de estudos literários, haveria uma predominância de considerações quanto à figuração de trânsitos por personagens de países periféricos para Nova Iorque, Los Angeles, Londres, Paris, Berlim, Tóquio, Madri, Roma, São Paulo. Seriam tantos os trânsitos para tal tipo de cidades, em nações da Europa, nas representações literárias brasileiras contemporâneas, que Verena Dolle (2018) chega a generalizar que, em contraposição a um *sonho americano*, muito presente no século XX, se configuraria um *sonho europeu* em narrativas brasileiras do século XXI.

Entre muitas narrativas brasileiras, há exemplos de deslocamentos para: Berlim e Londres, em *Cinzas do Norte* (HATOUM, 2005); Nova Iorque, em *Até o Dia em que o Cão Morreu* (GALERA, 2007); Berlim, em *Toda Terça* (SAAVEDRA, 2007); Los Angeles, em *Algum Lugar* (VIDAL, 2009); Londres, em *A maçã envenenada* (LAUB, 2013). Algumas das personagens principais desses romances deslocam-se sem a pretensão de deixar definitivamente o Brasil. E a maioria, bastante cedo, retornou à nação (de) partida, geralmente, por não alcançar o sucesso material e profissional que almejava no local de chegada escolhido.

Essas considerações iniciais poderiam denotar que as narrativas de Lisboa, *Rakushisha*, *Azul corvo* e *Hanói*, ao tematizarem deslocamento para cidades não-globais, destoariam da maioria das narrativas de deslocamentos. O que seria um equívoco, pois, curiosamente, embora nem sempre enfatizado pela fortuna crítica acerca das narrativas de deslocamentos, não são apenas para cidades globais que se deslocam muitas personagens contemporâneas. Há, também, múltiplos exemplos de personagens deslocados que acabam por ter cidades de menor porte como locais de chegada. Isso acontece em romances como *Dois Irmãos* (HATOUM, 2000); *Berkeley in Bellagio* (NOLL, 2002); *Mongólia* (CARVALHO, 2003); *Budapeste* (HOLANDA, 2003); *O sol se põe em São Paulo* (CARVALHO, 2007); *A chave de casa* (LEVY, 2007); *Cordilheira* (GALERA, 2008); *O livro de Praga* (SANT'ANNA, 2011); *Deserto* (KRAUZ, 2013); *O inventário das coisas ausentes* (SAAVEDRA, 2014). Deslocados que podem até passar por cidades globais, mas transitam, sobretudo, por cidades do interior, de pequeno ou médio porte.

Mesmo em um romance como *Flores Artificiais* (2014), de Luiz Ruffato, em que se representa o mundo como extremamente fluído, com trânsitos amplos e representações de deslocados internacionais e transnacionais por países nos quatro cantos do mundo, a maioria das personagens, mesmo que voltem a se mover, ou desapareçam, se estabelecem preferencialmente em cidades não-globais: Juiz de Fora e Petrópolis, Brasil; Toulouse, França; Havana, Cuba; Bonn, Alemanha; Dili, Timor Leste. E, assim como em *Azul corvo* e *Hanói*, também em *Lorde* (NOLL, 2004), *O filho da mãe* (CARVALHO, 2009), *Neve Negra* (NAZARIAN, 2017) figuram-se deslocados internacionais, de vários tipos, a re-localizar-se, indefinidamente, em cidades-não globais.

Mesmo nos romances de Adriana Lisboa publicados antes de sua virada transnacional, que não são considerados nesta tese, estritamente, como narrativas de deslocamentos e re-localizações, há personagens que se estabelecem, muitas vezes, em

idades não-globais: em *Fios da Memória*, os pais da narradora em Cozumel, no México; em *Sinfonia em Branco*, o *Vecchio Azzopardi*, em uma vila na Toscana; em *Um beijo de Colombina*, a filha da ex-namorada de Teresa, na Tailândia.

Em *Azul corvo*, além de Vanja, também Carlos e sua família re-localizam-se em cidades do interior. Primeiro em Lakewood e, no final da adolescência de Carlos, enquanto ele permaneceu na cidade, os pais deslocaram-se para Tallahassee, com o objetivo de viver próximos de Dolores – irmã mais velha de Carlos. Tallahassee, embora seja a capital da Flórida, não tinha nem 200 mil habitantes em 2019, longe de poder ser considerada uma *Cidade Global*. Já Abner, o avô materno de Vanja, em sua vida deslocada, passou muitos anos no interior dos EUA, mesmo após a aposentadoria. Tão no interior que morreu após ser picado por uma cascavel, em uma região agreste do Texas. De modo semelhante a outros personagens de *Azul corvo*, Fernando traz marcas de uma vida deslocada, marginal e subalterna, tanto em termos subjetivos como espaciais, de exílio e de emigração. Em relação aos múltiplos deslocamentos vividos, os locais em que residiu, foram, principalmente, cidades não-globais. No Brasil, viveu em Goiás, Brasília, interior da Bahia, Araguaia. Quando se exilou, residiu por alguns anos em uma das principais cidades globais. Contudo, tempos depois, emigrou para os Estados Unidos, onde morou em cidades do interior como Albuquerque, no Novo México, Aurora e Lakewood, pequenas cidades do interior do Colorado, onde se assentou.

Mesmo a poliglota Suzana, com toda mobilidade experimentada não seria uma deslocada espacial típica. Já que, nos EUA, se deslocaria por cidades de porte pequeno ou médio, e não por cidades-globais. Em Albuquerque, construiu relações de pertencimento e afeto principalmente com outras personagens deslocadas, como June, zuni-estadunidense-britânica, e Isabel, porto-riquenha-estadunidense, e com Daniel, chicano-marfinense. Estes que seriam outros deslocados internacionais a residir em cidades não-globais.

Há outras personagens no romance que residem ou deslocam-se por cidades não-globais, a exemplo do cunhado de Carlos, descendente de irlandeses, o avô paterno de Vanja, que era mexicano, além daquelas personagens híbridas e hifenizadas, descendentes de deslocados: Leslie Yang, Jessica Martinez, Betty Tajul-Amar, Aditi Ramagiri. E, ainda, há a própria Vanja. Por mais que se desloque, fixou residência em uma cidade periférica, mesmo com a possibilidade de ser uma cidadã do mundo, e em meio a uma vida de mobilidade e de deslocamentos. E, ainda mais, se estabeleceu em um estado simbolizado por um dos principais ícones da *América Profunda*, as Montanhas

Rochosas – lugar tão simbólico de estabilidade e de segurança, que tanta ojeriza e repulsa trazia ao estadunidense Nick e que tanto atraía o respeito do el-salvadorenho Carlos.

Assim, em suma, em *Azul corvo*, em meio a tantos deslocamentos internacionais, ocorre uma busca de re-centramentos: Fernando, ao se fixar em Lakewood, depois de exilar-se em Londres e migrar para os EUA; Abner, que estabeleceu residência no Texas; Suzana, depois de viver em trânsito nos EUA e retornar ao Brasil; Carlos, que procurou se tornar um *nativo* do Colorado; os pais de Carlos que, após os primeiros anos no Colorado, mudaram-se para a Flórida; e a própria Vanja, mesmo que atravessasse fronteiras, eventualmente, estabeleceu sua residência em Lakewood.

Embora não na mesma proporção, em *Rakushisha*, há também ênfase em uma cidade não-global, ao configurar-se, até mesmo, uma certa dicotomia. Nos deslocamentos de Haruki e Celina pelo Japão, embora tenham ficado um tempo juntos em Quioto, esse é apenas citado. No entanto, quando se separam, há algumas contraposições relevantes entre os trânsitos de Celina, por Quioto, e de Haruki, por Tóquio. Na antiga capital do império japonês, cidade moderna e, ao mesmo tempo, tradicional, com aproximadamente 1,5 milhão de habitantes, em 2019, Celina encontra uma cidade relativamente acolhedora, inclusive para viajantes insólitos como ela. Uma cidade onde os visitantes e turistas são recebidos com sorrisos e palavras de afeto em seus passeios por museus, bibliotecas e centenários templos religiosos. Já em Tóquio, cidade global hipermoderna, com, em 2019, cerca de 9,2 milhões de habitantes (e em torno de 37 milhões em sua área metropolitana)⁴⁶, atual capital do Japão, Haruki vive em movimento frenético, com relações sociais mínimas, apenas as protocolares, a exemplo dos contatos previamente agendados por seu editor brasileiro.

Um aspecto que salienta a contraposição entre as cidades são os ruídos dissonantes de Tóquio, cidade cosmopolita, global e barulhenta, em contraponto aos sons harmoniosos associados à cidade de Quioto, com sua chuva amena e os sinos cadenciados dos templos. Talvez a harmonia, hospitalidade e amenidade encontradas em Quioto sejam umas das principais razões relacionadas ao modo como Celina consegue se re-localizar, ao ter tempo, calma e distanciamento para escrever seu diário, rememorar sua vida, revisitar seus traumas e rever suas prioridades.

Além de Tóquio, de certa forma, Quioto também é contraposta, ainda que não diretamente, a outra cidade global, Rio de Janeiro, onde tanto Celina quanto Haruki

⁴⁶ Dados disponíveis em: <http://worldpopulationreview.com/world-cities/>, acesso em 19/10/2019.

viviam suas vidas deslocadas e instáveis. Uma cidade caótica em que, no caos urbano, inclusive, Alice morrera em um acidente de trânsito. Isso posto, o andar a pé, e principalmente, de bicicleta pelas ruas da cidade emerge como uma metáfora que marca a diferença entre os dois tipos de cidades. Enquanto vivia na conturbada cidade do Rio de Janeiro, Alice só era autorizada a andar de bicicleta em parques ou no interior, quando Celina e Marcos viajavam para a casa dos pais dele. Anos depois, Celina andar­á bastante a pé e de bicicleta pelas ruas de Quioto e pelos caminhos que levam aos templos, museus e a *Rakushisha*, a cabana dos caquis caídos. Desse modo, em várias perspectivas, há uma forte dicotomia: insegurança, deslocamento, descentramento, medo e morte nas ruas do Rio de Janeiro, instabilidade e velocidade, em Tóquio, que se contrapõem a uma certa segurança, re-localização, re-centramento, coragem e vida, em Quioto.

Essa dicotomia ocorre até mesmo em *Sinfonia em Branco*. Há dezenas de referências a deslocamentos de Maria Inês, João Miguel e tantos outros viajantes e turistas internacionais, em meio a trânsitos para Londres, Nova York e Paris, mas, majoritariamente, as personagens deslocam-se para cidades não-globais: vila na Toscana, passeios por Veneza e Florença, na Itália; exílio em Santiago do Chile; entre outras. Cada um desses são exemplos de deslocamentos de passagem, principalmente, por cidades não-globais. Quanto a outra cidade não-global, Jabuticabais, mesmo que fosse associada ao trauma do incesto e do abuso de Clarice por seu pai e à negligência de sua mãe, após a morte dos pais, mais Clarice se afastava da pequena cidade, mais se descentrava. O que se agrava quando ela deixa Jabuticabais e se abandona ao excesso de drogas na periferia do Rio de Janeiro. Seu retorno traumatizado para Jabuticabais marcará um re-centramento e, de certa maneira, um reencontro. Algo semelhante ao que ocorre com a cosmopolita Maria Inês que, ao passar por uma crise de meia-idade, em um período que seu casamento parece entrar em seus atos finais, também vai para a pequena cidade para decidir sobre seu futuro. Assim, os re-centramentos e re-localizações de Clarice, Maria Inês e, até mesmo de Tomaz, ocorrem todos na pequena cidade do interior.

Há, também, embora talvez com menos intensidade, contraposições entre cidades globais e cidades do interior em *Hanoi*. Huong e Linh, após anos em Chicago, deixam a cidade para se *aventurar* em uma cidade do interior dos EUA. O motivo, de acordo com Alex, era que “elas ficavam confusas na cidade grande, com o ritmo, com o barulho, com a falta de espaço, e nem duas décadas as haviam amolecido nesse sentido” (HAN, p. 16). A explicação, por fim, era que provinham de um *país rural*. Desse modo, mesmo após viver por mais de 20 anos em Chicago, sentiam um intenso desconforto e desconexão na

cidade global. Tempos depois, Trung também se deslocará para a cidade do interior, após se recuperar do ataque cardíaco que o afastara do trabalho.

No romance, há múltiplas experiências de alienação e deslocamento das personagens, devidos à falta de conexões na cidade global. Linh e Huong viveram décadas em Chicago praticamente não estabeleceu relações fora do pequeno círculo familiar. Anos depois, ao se deslocar para o interior:

Huong arranhou emprego no centro recreativo da cidadezinha de quinze mil habitantes, onde ganhava oito dólares por hora. Entre todas as coisas possíveis, prováveis e improváveis, sua nova vizinha era viúva de um veterano da guerra do Vietnã (a Guerra Americana) (Han, p. 17, ênfase da autora).

Embora com um salário muito baixo, pelos padrões estadunidenses, ela vai construir relações de afeto e amizade. A viúva do militar, inclusive, tomará conta da casa de Huong, quando ela voltar a Chicago para ajudar Trung, e o receberá, também, com bastante cuidado e afeto.

Dessa forma, nos romances de deslocamentos de Adriana Lisboa, e inclusive em *Sinfonia em Branco*, há uma contraposição marcante entre as cidades de grande porte e as cidades do interior, com a ênfase nos trânsitos para cidades não-globais. Situação que problematiza a ênfase marcante na fortuna crítica, concernente às narrativas de deslocamento. Uma ênfase tão predominante que Carlos Vieira, ao analisar *O filho da mãe* (CARVALHO, 2009) e *Lorde* (NOLL, 2004), chega a declarar que “os viajantes, bem como suas representações literárias deslocam-se entre continentes desterritorializados e cidades globais” (VIEIRA, 2014, sp). Contudo, ainda que nos trânsitos representados em *Lorde* e *O filho da mãe* as personagens passam por cidades globais, os locais em que se estabelecem são Liverpool, na Inglaterra, e São Petersburgo, na Rússia, respectivamente.

Muitos estudos a respeito da literatura contemporânea enfatizam como personagens que migraram, exilaram-se ou expatriaram-se experimentam vidas deslocadas também nos locais de chegada, principalmente em cidades cosmopolitas. Citem-se, por exemplo, as leituras de Sandra Almeida, em *Cartografias Contemporâneas*, e a tese de Carine Marques, *Narrativas de Deslocamento no Espaço e Tempo*⁴⁷. Marques analisa textos de escritoras provenientes de quatro diásporas distintas – Bangladesh, Síria, Índia e Nigéria – e focaliza, predominantemente, os conflitos relacionados ao modo como “[a] maioria dos sujeitos retratados nos romances se sente deslocada e alienada no país

⁴⁷ Do original em inglês: *Narratives of Displacement in Space and Time*.

anfitrião”⁴⁸ (MARQUES, 2017, p. 167). Isto é, ressalta experiências de alienação, instabilidade e deslocamento das personagens no local de chegada *escolhido*, majoritariamente *ciudades cosmopolitas*.

Embora também enfatize trânsitos e deslocamentos para *megalópoles globais*, as reflexões de Maria Bernardette Porto (2010), lidas a contrapelo, podem auxiliar a compreender por que motivos há tantas personagens que, ao evadirem-se de nações descentradas, deslocam-se para cidades não-globais. Pois, como afirma Porto, no que diz respeito à mobilidade na *megalópole global* contemporânea, essa seria “uma cidade caótica e fragmentada [...], uma cidade estilhaçada que não sabe sequer juntar seus cacos” (PORTO, 2010, p. 81) ou, ainda, “metonímia de um país encajado em seus problemas” (Op. Cit., p. 82). Na maioria dos casos, nos romances de Adriana Lisboa, as personagens representariam subjetividades em crise que deixam suas nações devido a desconexões e instabilidades de ordem política e social. Nesse caso, seria coerente não se deslocarem para cidades-globais que se encontram associadas a níveis intensos de desconexão social, isolamento individual e fragmentações de experiências.

Talvez, diferentemente do que considera Porto, nem todos os *destituídos de referências estáveis* queiram “se reelaborar sem cessar” (PORTO, p. 82). Talvez, em relação ao “abalo no quadro de referência do sujeito” (BRASILEIRO, 2014, p. 84-5) que Marcos Brasileiro identifica como aspecto característico de *narrativas de deslocamento* contemporâneos para cidades globais, alguns deslocados queiram se re-centrar e re-localizar.

A propósito, salienta Wolf-Dietrich Sahr, ao considerar a construção do lugar por migrantes:

Para o migrante, o antigo sistema de referência cultural era geralmente dependente de práticas cotidianas de longa data, relações sociais confiáveis, valores morais aceitos de modo geral, estruturas linguísticas conhecidas, elementos estéticos familiares e competência artística e técnica comum⁴⁹ (SAHR, 2007, p.323).

Especificamente nas narrativas contemporâneas de deslocamentos e re-localizações que constituem o corpus desta tese, as perdas de *referências estáveis* por sujeitos descentrados teriam como contraponto à busca por segurança e estabilidade. Nesse sentido, as cidades

⁴⁸ “Most subjects portrayed in the novels feel dislocated and alienated in the host country” (MARQUES, 2017, p. 167)

⁴⁹ “For the migrant, the old cultural reference system was usually dependent on long time everyday practices, reliable social relations, generally accepted moral values, known language structures, familiar esthetic elements, and common artistic and technical competence” (SAHR, 2007, p.323).

não-globais poderiam ser mais adequadas a um processo de re-localização e (re)constituição de relações afetivas, práticas cotidianas e valores compartilhados.

No que diz respeito à busca de estabilidade e segurança, em *American Road Narratives*, Anne Brigham relembra as seguintes palavras de Suzanne Cook: “Um interesse crescente em experiências de viagem que fornecem conexões – conexões com a família, conexões com o ambiente natural e conexão com a própria América”⁵⁰ (COOK apud BRIGHAM, 2015, p. 2). Mesmo que não cite deslocados internacionais, mas pessoas em trânsito no interior dos Estados Unidos, de acordo com Brigham, haveria uma busca de conexão por sujeitos traumatizados com as recorrentes crises contemporâneas. Sobretudo no pós-9/11, houve, segundo Cook, uma ampliação significativa de estadunidenses que empreenderam viagens turísticas, sobretudo de carro, para monumentos e parques nacionais, que simbolizariam certezas, solidez e segurança. Dessa forma, em contextos de crise, contrapondo-se à desconexão e instabilidade que seriam características da contemporaneidade, talvez seja razoável considerar que muitos sujeitos deslocados podem estar em busca de referências mais estáveis de pertencimento e almejarão encontrá-las não nas caóticas e fragmentadas cidades globais, mas talvez em menos problemáticas cidades não-globais.

Em um processo semelhante aquele em que se busca um lugar na cidade não-global, surge um aspecto relativamente surpreendente em relação à série literária brasileira, como se discutirá no próximo tópico: a família emerge como uma alternativa para aqueles que almejam a inclusão, a integração social e que as suas diferenças não sejam estigmatizadas. Portanto, deslocados tentam re-construir um lugar em meio a redes afetivas e famílias heterodoxas.

4.3 Famílias heterodoxas e redes afetivas: um lugar entre diferentes

Demos um jeito de reorganizar o sentido das coisas, de reencontrar um sentido para as coisas, de acomodar os nossos afetos (Adriana Lisboa, *Todos os Santos*).

⁵⁰ “A growing interest in travel experiences that provide connections – connections to family, connections to the natural environment and connection to America itself” (COOK apud BRIGHAM, 2015, p. 2).

Na literatura brasileira, a problemática da família tem sido um tema recorrentemente representado, sobremaneira, em uma tradição crítica e negativa. Em uma perspectiva de longa duração, embora foque produções contemporâneas, posteriores ao modernismo, que incluiria, *Azul corvo*, Anderson da Mata faz um breve levantamento da representação da instituição familiar na série literária. Ele enfatiza a “mudança no modo de encarar o casamento” (MATA, 2012, p. 79) que ocorreria entre a representação romântica e a naturalista e realista. Esclarece Mata,

Essa mudança está relacionada a uma das faces das crises que farão a instituição familiar sofrer abalos ao longo do século XX. Se a representação do caráter de convenção social começa a ganhar espaço na literatura sem lugar para redenção, deve-se remarcar que a retomada da individualidade dentro do espaço doméstico também é um fenômeno da modernização da estrutura familiar ao longo do século XX (MATA, 2012, p. 79).

Com efeito, para Mata, haveria uma transição da representação da família enquanto alegoria da nação, pela constituição dos laços sociais de longo prazo, através de um amor genuíno, como no romantismo de Alencar, a exemplo de *Iracema* (1865), para a representação do casamento como convenção social, por exemplo, em *O Cortiço* (1888), de Aluísio Azevedo, ou nos romances finais de Machado de Assis. Mata salienta a história de representação da família por meio de alguns casos paradigmáticos e na generalização silenciosa, por exemplo, que mesmo em José Alencar haveria romances que poriam em xeque o casamento, como em *Senhora* ([1875]), por exemplo, em que Aurélia, para se vingar do ex-noivo, que a menosprezara na juventude, *compra-o* como marido.

Outro exemplo de análise de um crise da família, a partir de uma leitura panorâmica de vários textos de autoria feminina, como de Clarice Lispector, Raquel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Lya Luft, Helena Parente Cunha, Adelia Prado, e outras, a crítica Elódia Xavier ressalta que

[a] narrativa brasileira do Modernismo para cá é rica de representações de conflitos de natureza familiar, sendo a família um motivo muito explorado; sobretudo a família nuclear burguesa dessacralizada pelo discurso crítico modernista (XAVIER, 2013, p. 9).

Ainda segundo Xavier, embora a família surja de modo multifacetado, haveria o “intuito de desvelar a falência de seus valores” (Op. Cit, p. 18), com a dessacralização da *família nuclear burguesa*.

Pode-se considerar que a leitura de Elódia Xavier, ao apontar o Modernismo como momento de *dessacralização* literária da família, deixaria de lado uma história de representação da crise da instituição familiar, bem anterior. Cite-se que romances de

autoria feminina, como *Úrsula* (2004 [1859]), de Maria Firmina dos Reis, e *Falência* [1901]), de Júlia Lopes de Almeida, já haviam dessacralizado a família tradicional de modo arrasador, mediante a representação de casamentos arranjados e traições múltiplas.

Além de muitas outras representações literárias de crise da família, nos romances de Adriana Lisboa, de formas diversas, essa crise também é uma constante. Reconsiderem-se alguns aspectos já anteriormente aludidos, para observar de que modo narra-se a instituição familiar tradicional, aparentemente, em seus estertores, mediante a quebra dos vínculos familiares, em múltiplos níveis.

Mesmo que não sejam parte do *corpus* principal desta tese, em *Fios da Memória* (1999) e *Sinfonia em Branco* (2001), tal *dessacralização* da família já era extensamente perceptível. No primeiro romance de Adriana Lisboa, *Fios da Memória*, Beatriz Brasil narra a genealogia da *Família Brasil*. A narração da história familiar inicia-se com as peripécias de Eustáquio Miranda, em sua busca da fortuna, ainda em Portugal, antes de sua migração para o Brasil. Miranda, após trazer a esposa para o Brasil, fez fortuna como cafeicultor e tornou-se um dos novos Barões do Império. Será nas margens da família formal e legal, fora dos laços sociais e afetivos do casamento, que se inicia a *Família Brasil*, com o nascimento de uma menina, em decorrência do estupro continuado da escrava africana Joaquina pelo barão cafeicultor. *Fios da Memória* segue, então, a história dos descendentes de Joaquina até o final do século XX. Nesse sentido, a família/nação Brasil fora estabelecida, desde sua origem, a partir da exploração. E, mesmo conseguindo ascensão social ao longo de quase dois séculos, dispersa-se ao final do século XX. Isso quando a maioria da família estendida, pais, tios e primos da narradora Beatriz Brasil partem do *Bairro Brasil*, no Rio de Janeiro, para São Paulo, Recife, México e Israel. Ao final do romance, a narradora se torna uma reclusa e isola-se ainda mais para narrar a história da família. O romance talvez possa ser considerado como uma alegoria da nação, mas não em uma perspectiva de constituição de laços sociais, mas sim da sua dissolução decorrente de inúmeros problemas e crises.

Já em *Sinfonia em Branco*, a narrativa tem como um dos desencadeadores da trama, também, o estupro continuado, no caso da submissa Clarice por seu pai. Violência sofrida, aparentemente, com o conhecimento da mãe, cujo sonho de um casamento modelo fora frustrado fazia tempos, em virtude das atitudes pragmáticas e comportamentos pouco românticos do marido. Como decorrência da violação, a família lentamente se fragmenta, primeiro, com a saída de casa de Clarice e, depois, de Maria

Inês. Posteriormente, a morte da mãe por câncer e o assassinato do pai⁵¹ colocam duas lápides sobre essa família problemática. Em relação à Clarice, o trauma decorrente do estupro a levava a um casamento com o namorado da adolescência Ilton Xavier. De fato, o casamento, que ocorrera logo após o retorno do Rio de Janeiro onde concluíra o ensino médio, parece ter funcionado mais como motivo para não viver na casa paterna, do que por amor ou vontade de constituir uma família. Assim, a impossibilidade de se manter casada, mesmo em um casamento aparentemente modelar e sem conflitos, surge inerentemente associado aos abusos que sofrera. Após a morte do pai, há um divórcio inexplicável para quase todos, à exceção de Maria Inês, que conhecia sua história desde que, ainda muito jovem, presenciara a irmã ser violentada pelo pai.

Além do fim da família nuclear dos pais e da família de Clarice, a de Maria Inês também não deixa de passar por uma série de crises. Na adolescência, a rebeldia da jovem, que já era latente, se intensifica quando foi estudar no Rio de Janeiro. E mesmo antes de seu casamento com o primo João Miguel, ela manteria um relacionamento extraconjugal com o artista plástico Tomás. E terminado esse, ela teve outros, assim como João Miguel tivera – no exemplo dele, tanto hetero quanto homossexuais. Não só esse elenco de personagens principais, mas também o *vecchio* Azzopardi, pai de João Miguel, e um primo deste, também terminaram seus casamentos em divórcios e conflitos mais ou menos intensos.

Portanto, as narrativas de *Fios da Memória* e *Sinfonia em Branco*, de várias formas, giram ao redor de múltiplos conflitos familiares, em meio a uma tradição de dessacralização da família nuclear tradicional. As outras narrativas de Lisboa, que constituem o *corpus* deste estudo, embora não tão expressamente relacionadas à crise da família, apresentam, também, uma série de conflitos e problemas associados aos núcleos familiares.

No caso de *Rakushisha*, vivendo no Rio de Janeiro, Celina

[p]ensava a distância em sua avó bordadeira. Era fácil pensar nela, a avó nascida em Nazaré da Mata, que havia criado 23 filhos. Desses, só cinco tinham saído de sua própria barriga. Os outros eram filhos das outras seis mulheres de seu marido (Rak, p. 21).

Se a família já se mostrara como problemática desde o tempo de seus avós, no caso dos pais de Celina, só há referências muito breves à mãe, que vivia no Recife. E se o

⁵¹ O pai morre pela queda de uma pedreira para onde fora levado e empurrado por Maria Inês, sob o olhar complacente de Clarice.

deslocamento de Celina ocorre, inicialmente, com sua saída do Nordeste para o Rio de Janeiro, intensifica-se, sobretudo, devido à morte de sua filha, ao ocasionar o término do casamento com Marcos, o isolamento social e, posteriormente, a viagem ao Japão. Após essa viagem em companhia de Haruki, Celina continua só, embora vislumbre-se uma possível reconciliação com Marcos.

Se quanto à Celina o deslocamento será diretamente motivado pela crise familiar, no caso de Haruki não haveria uma relação tão direta entre a família e os deslocamentos. No entanto, uma leitura a contrapelo permitiria considerar que tanto em relação à Yukiko, quanto ao pai, o espectro da crise da família está presente. Acerca dos pais de Haruki, há poucas referências, como a seguinte:

Você ia ficar feliz, velho, ele pensou, esquecendo-se de que não chamava o pai, em vida, de você. Nem de velho, aliás. Talvez a morte permitisse um outro tipo de intimidade, algo da sem-cerimônia que ele havia (havia?) tentado conquistar em vão durante quarenta anos [...]. De repente o pai era um amigo [...] (Rak, p. 16).

Esse trecho expõe a distância entre pai e filho. Uma distância que é *rompida* apenas após a morte do pai, quando Haruki se preparava para viajar para o Japão. Já quanto a sua mãe, não há informações. Isso expressa uma ausência ainda mais intensa.

Um dos motivos que parece levar Haruki ao Japão seria a retomada dos vínculos ancestrais japoneses, mas não por uma necessidade intrínseca, mas sim devido à tentativa de se reconciliar, ao menos simbolicamente, com Yukiko, para quem os valores e a cultura japonesa seriam bastante caros. No relacionamento entre Yukiko e Haruki, o romance faz outra referência, embora indireta, à família em crise, pois ela era casada com outro. Nesse sentido, a possibilidade de se aproximar da tradição cultural nipônica (que ele recusara expressamente até então) mediante a aceitação do convite para trabalhar na ilustração do *Diário de Saga* e viajar ao Japão, surge vinculada à relação extraconjugal com Yukiko, com a qual se reconectará ao final da narrativa.

Assim, em *Rakushisha*, tanto relativamente a Celina quanto a Haruki, as referências diretas e indiretas à família emergem em meio a uma série de crises e conflitos, e outros problemas relacionados às famílias que, inclusive, intensificam ou motivam os deslocamentos subjetivos vivenciados pelas personagens. Algo que acaba ocasionado a necessidade de trânsito para, de certa forma, lidar com os traumas decorrentes, também, de crises familiares.

E a família fragmenta-se, também, em *Azul Corvo*. A respeito dos avós de Vanja, o rompimento dos vínculos se dá por causas naturais, isto é, as mortes do cônjuge.

Mortes que terão consequências inversas. Logo após o falecimento de Maria Gorete, Abner parte com a filha Suzana para os EUA; enquanto a morte do mexicano Jesus, leva a expatriada estadunidense Florence, mãe de Daniel, a retornar com os filhos para os EUA e interromper sua vida de deslocamentos internacionais.

As outras famílias descritas no romance passam por crises menos óbvias. Suzana e Fernando, que viviam juntos nos EUA, separam-se sem um motivo aparente. Quanto ao relacionamento com Daniel, Suzana a encerrará também sem que o leitor saiba quais os motivos. June, amiga de Suzana, também terá dificuldades para manter relações afetivas, primeiro separou-se do homem com quem teve um filho, depois de uma namorada, com a qual viveu por algum tempo. No momento em que se encontra com Vanja, Fernando e Carlos, ela vivia sozinha, tendo apenas contatos eventuais com o filho. A outra amiga de Suzana, a porto-riquenha Isabel, vivia sozinha quando conheceu Vanja, depois de terminar um relacionamento com um homem que, por muito tempo, fora seu amante em Albuquerque, enquanto mantinha um casamento em Seattle, com mulher e filho. Mortes, separações, divórcios, casos extraconjugais, eis a tônica da maioria das famílias com as quais Vanja tem contato ao longo de *Azul Corvo*.

Mesmo o casamento dos pais de Carlos passa por uma série de desventuras, constantemente assombrado pelo risco de fragmentação da família, por motivos vários: pelo fantasma da deportação, por serem *sin papeles*; pela fuga da filha Dolores para se casar; pela crise psíquica da mãe de Carlos, que, em decorrência do sentimento de deslocamento nos Estados Unidos e do medo de ser separada definitivamente dos filhos, sobretudo da filha, entra em colapso. Os pais de Carlos se mantêm unidos, até o fim da narrativa, e com a segunda migração, para a Flórida, reúnem-se com a filha e com seu marido americano. Contudo, a reunificação da família não é completa, pois Carlos permaneceria no Colorado. A família, nesse caso, não tem uma reconstituição total, mas, também, não se dissolve, diferentemente da maioria das outras. Desse modo, em relação aos outros romances de Lisboa, *Azul Corvo* amplifica a *dessacralização* da família que, na maioria de seus exemplos, sobrevive enquanto ruína, em um contexto de deslocamentos e re-localizações.

Em *Hanói*, não é diferente. Embora por motivos distintos, tanto a família de David quanto a de Alex não configuram mais um modelo nuclear. A mãe de David, Guadalupe, após alguns anos de casamento, separa-se de Luiz e deixa com ele o filho ainda pequeno. Os motivos principais não são expressos, para além da necessidade de se afastar da família, havendo alusões a uma doença mental. Quanto a Luiz, embora ele crie David

sozinho, morrerá antes do tempo da narrativa. Não há aprofundamento sobre as causas da morte do pai.

Já no que diz respeito a Alex, a trajetória de sua família também é marcada por impossibilidades. A avó, Linh, fora mãe solteira, após um relacionamento com um soldado americano no Vietnã. Huong, por algum tempo, esteve casada, mas seu marido Benjamin morreu quando Alex ainda era muito jovem, e ela foi criada pela mãe e pela avó materna. E a própria Alex, ainda adolescente, tornou-se mãe solteira de Bruno, em um caso extraconjugal com Max, que era casado e tinha outros filhos.

Em meio a essas desconstruções da família nuclear, ressalte-se a morte ou ausência como recorrentes na ascendência de personagens das narrativas de Adriana Lisboa. Em termos de doenças, há quase uma epidemia em relação às mães: em *Azul Corvo*, as doenças mortais de Suzana e de sua mãe, Maria Gorete, e a doença mental da mãe de Carlos; em *Hanói*, Guadalupe também é marcada pela doença; e até mesmo em *Sinfonia em Branco*, há o câncer fatal de Otacília e a morte da mãe de João Miguel;

E, quanto aos pais, não faltam crises, ausências e mortes, por exemplo: em *Rakushisha*, o pai de Haruki falecera, o pai de Celina não é referenciado, seu avô tivera pelo menos 18 filhos fora do casamento, e Marcos fora responsabilizado pela morte da pequena Alice; em *Azul Corvo*, Abner rompe relações com Suzana e morre no Texas, o pai de Fernando é ausente, e Daniel apenas se encontra com Vanja episodicamente, após se conhecerem; em *Hanói*, tanto Luiz, pai de David, quanto Benjamin, pai de Alex, faleceram, enquanto Max, pai de Bruno, escondido da família *oficial*, visita o filho apenas uma vez por mês; e quanto a *Sinfonia em Branco*, Afonso Olímpio morre pelas mãos da filha, o vechio *Azzopardi* vivia ausente, em viagens internacionais e o pai de Tomás exilara-se nos anos 1970. Portanto, com poucas exceções, a maioria dos progenitores de personagens principais ou secundárias estiveram ausentes, abandonaram filhos e filhas, ou faleceram.

Todavia, embora haja uma alta incidência de crises familiares, não há um padrão geral e único. Mesmo assim, as relações familiares analisadas expressam como a família, nos romances de Adriana Lisboa, reiteradamente, é representada de forma negativa, em crise e em meio a uma série de conflitos, doenças e abandonos. Para outro contexto, vale lembrar as palavras de Stefania Chiarelli, quanto a *Vidas em trânsito*, em Milton Hatoum e Samuel Hawet, em que é recorrente a “visão desidealizada da família, que aparece como parte de um passado que não pode existir mais, reafirmada na ideia de ruína” (CHIARELLI, 2007, p. 111).

Nesse sentido, Adriana Lisboa segue uma tradição de representação da ruína e da crise da família nuclear burguesa, a exemplo da literatura produzida por mulheres destacada por Elódia Xavier (2013). E essa crise da família assola as personagens tanto no Brasil, quanto nos locais para os quais se deslocam, pois, nos vários exemplos citados, percebe-se que a questão não está relacionada apenas com a nação (de) partida, mas, também, é constante nos locais de chegada dos deslocados.

Marcus Oliveira (2016) assinala, a partir de Doris Sommer e de outros críticos, que haveria uma relação simbólica de contiguidade entre família e nação que perpassaria *Rakushisha*, *Azul Corvo* e *Hanói*. No entanto, a que se perguntar de qual nação seriam metonímias essas famílias dessacralizadas representadas nesses romances, pois ocorre a desconstrução das nações e das famílias brasileiras, vietnamitas, salvadorenhas e, até, estadunidenses. Nesse sentido, a falência das famílias e a crise das nações atravessam tempo e espaço.

Em suma, os deslocados sofrem com problemas associados a suas nações (de) partidas e aos locais para os quais se deslocam, devido à já analisada permanência das fronteiras, da resistência aos deslocados e à hibridação cultural. Além disso, enfrentam uma intensa dificuldade de re-localização, também, decorrente de crises associadas à família que não se constitui como fator de estabilidade e segurança. Isso tudo, contrariamente às pretensões de um modelo idealizado na literatura brasileira de outras épocas.

Com efeito, essa dessacralização da família parece ser mais um dos elementos a corroborar uma leitura bastante recorrente acerca da contemporaneidade: o hiper-individualismo contemporâneo. Um dos aspectos de destaque em teorias da pós-modernidade seria a ênfase na solidão e isolamento do sujeito contemporâneo em meio a um contexto de relacionamentos fragilizados e efêmeros e, sobretudo, de solidão, narcisismo e de individualismo exacerbado.

A esse respeito, citam-se os seguintes teóricos: Marc Augé em sua *etnologia da solidão nos Não-lugares* (1994); Zygmunt Bauman e sua série de livros teóricos sobre a *Modernidade Líquida* (2001), a exemplo da reflexão *Sobre a fragilidade dos laços humanos*, em *Amor Líquido* (2004); ou, ainda, Gilles Lipovetski, que, entre outros aspectos, enfatiza o narcisismo e individualismo na *Era do Vazio* (2005). Para esses teóricos, os relacionamentos contemporâneos seriam marcados de modos diversos por individualismo, narcisismo, hedonismo, fragilidade, liquidez, instabilidade,

evanescência, efemeridade etc. No extremo, cada um desses teóricos expressa que haveria certa fuga da busca de constituição de relacionamentos sólidos e estáveis, quer seja no médio ou longo prazos. Ou seja, entre várias concepções, algumas contraditórias entre si, subjetividades contemporâneas experimentariam constrangimentos, cada vez mais intensos, em se vincular a instituições e comunidades, bem como de estabelecer vínculos interpessoais duradouros.

Neste ponto, vale lembrar os parâmetros de um *individualismo total*, teorizado por Giles Lipovetsky como característicos de subjetividades contemporâneas: hedonismo exacerbado, narcisismo individualista, efemeridade das experiências, apatia em relação a questões sociais e políticas (LIPOVETSKY, 2005). Para o pensador francês, tais aspectos interpretados em a *Era do Vazio* estariam presentes nos processos cada vez mais intensos de personalização dos sujeitos.

Ressalte-se que esse individualismo narcisista pareceria coadunar com as análises até aqui empreendidas nesse tópico, cuja ênfase tem sido nos ambivalentes deslocamentos de lugares e de instituições, como a família (e, até mesmo, como discutido no capítulo 2, nos deslocamentos em relação à nação). Nesse sentido, personagens deslocadas, quer seja nos deslocamentos pós-2000, como Celina e Haruki, Vanja e Carlos, quer seja quanto a deslocamentos nos anos 1970 e 1980, como de Abner, Fernando e Suzana, Luiz, Trung, Linh e Huong, parecem sentir uma intensa dificuldade de se associarem ou de manterem vínculos afetivos interpessoais, principalmente familiares

No entanto, ao menos acerca dos romances de Adriana Lisboa aqui analisados, poderia-se problematizar se as experiências dos sujeitos contemporâneos estariam tão eminentemente relacionadas a tal narcisismo e individualismo. Isto é, um dos problemas da generalização quanto ao *individualismo total* contemporâneo ocorreria, principalmente, mediante a leitura de representações de experiências de deslocamentos e re-localizações por personagens em trânsito entre um *lugar nenhum* e um *lugar*, como já discutido anteriormente. Dessa forma, no processo de constituição de um novo *lugar*, via tentativas nem sempre exitosas de adaptação cultural e integração social, alguns dos deslocados estabeleceriam vínculos afetivos socioculturalmente significativos, mesmo que não em termos de famílias tradicionais. Isso, sobretudo, com outros deslocados (espaciais, culturais, afetivos), com os quais estabelece redes afetivas, em suas buscas por segurança e estabilidade. Tal processo, apesar de provisório, permitiria que eles constituíssem e percebessem aqueles *lugares nenhuns* como, enfim, *lugares*.

Assim, embora ocorra um recorrente rompimento de vínculos familiares tradicionais, há referências a um tipo de relação interpessoal baseado não em laços de sangue, em *comunidades de vida e destino*, ou na assinatura de um contrato matrimonial, mas, sobretudo, na constituição de conexões afetivas de amizade, solidariedade, hospitalidade. Desse modo, esses relacionamentos, muitas vezes, constituirão afiliações que serão definidas pelo tão vilipendiado termo *família*, mesmo que utilizado *sob rasura*. Isso ocorre, por exemplo, na busca de estar junto a uma *família*, ainda que sem laços consanguíneos, como será expressado por Vanja,

nós quatro éramos, de repente, essa grande família improvável, multinacional, cheia de línguas diferentes e sotaques diferentes para as mesmas línguas. Nossas idades eram em tese meio incompatíveis, nossas preocupações e ocupações idem, nossos passados talvez nos identificassem como animais de espécies distintas, resultados de processos evolutivos distintos, e no entanto ali estávamos. Com um monte de risos fáceis (p. 213-4).

June, Fernando, Vanja, Carlos são esses quatro deslocados internacionais que participam desse encontro *familiar*, que acontece durante a busca por Daniel, em um momento de intensa alegria e confraternização. Momento que atenua o recorrente sentimento de deslocamento vivenciado pela narradora.

Já em *Hanói*, enquanto caminha com David e com Bruno, Alex divaga:

Poderiam fazer de conta que eram uma família. Se um deles era quase latino, o outro quase negro e a outra quase asiática, isso apenas apontava para alguma coisa pouco ortodoxa que não dizia respeito a ninguém (Han, p. 155).

Ela idealiza a constituição de uma família peculiar. E, ainda que por um tempo relativamente curto, os três constituirão essa família. Essas duas referências à família, uma *pouco-ortodoxa*, outra *improvável*, ocorrem logo após jantares que funcionam como momentos gregários, de confraternização, entre pessoas de identidades tão distintas. Dessa forma, a recorrência da utilização rasurada do termo *família* para qualificar as relações interpessoais entre essas personagens não deixa de ser expressiva, também, da relevância que os romances de Lisboa têm dado à questão da amizade, sobretudo não institucionalizada, mediante a construção de relacionamentos familiares que se poderiam denominar *heterodoxos*. Nessa medida, mesmo que a família tradicional surja tão vilipendiada e quase sempre desestruturada, essa reapropriação do termo *família*, paradoxalmente, torna-se um elemento chave para compreender a busca por estabilidade e segurança pelas personagens e a possibilidade de constituição de um *lugar*.

Nessa direção, cabe, aqui, rever algumas situações familiares. Em *Hanói*, David já tivera relacionamentos afetivos problemáticos com os pais, com uma noiva e com os

membros de uma banda de jazz em que ele era trompetista. Todavia, essas relações romperam-se muito cedo. Quando descobre estar com um câncer terminal, o abandono do trabalho e a busca de um lugar para morrer acabam por levá-lo a ter mais tempo para a construção de vínculos afetivos. Assim, após conhecer Alex e passarem a conviver, inicialmente como amigos, depois como amantes, a entrega de ambos a um relacionamento fadado a se encerrar brevemente é surpreendente e tocante.

Também surpreendente é a hospitalidade incondicionada de Alex que se dispõe a receber alguém que pouco conhecia, até então, para morar em sua casa, com ela e com seu filho. O narrador menciona, mas não se aprofunda no drama do agravamento da doença de David e nas atribulações pelas quais Alex passará para cuidar de seu amante. Contudo, Alex, que já tinha tantas obrigações cotidianas, assume outra ainda mais demandante: cuidar de um David cada vez mais dependente.

Quase no fim, em seus meses de vida, sem as obrigações de um trabalho estafante e sem significado, David construirá outras relações de amizade. Por exemplo, com outro músico, Xavier, e, também, com o filho de uma ex-vizinha, para quem dará aulas de música. Xavier é um aposentado com quem David se encontra por acaso em um parque na cidade de Chicago. Depois de alguns encontros e da insistência de David, ele voltará a tocar seu violão acústico em um inusitado duo no parque:

David tirou o trompete do estojo. Tocou as primeiras notas de “Maiden Voyage”.

Ah, mas que maravilha, Xavier disse. Sim, “Maiden Voyage”! Mas que maravilha.

Lá menor com sétima, baixo em ré, David disse, entre um sopro e outro.

Eu me lembro, Xavier disse. Eu ainda me lembro (Han, p. 228, grifos da autora).

“Maiden Voyage” remete ao início da última viagem de David e, ao mesmo tempo, essa passagem, bastante singela, expressa a confraternização e o fortalecimento de uma bela amizade que traz *nova vida*, também, a Xavier, por meio da música. E embora o duo não dure muito, deixa algumas tênues marcas de sua passagem: “Algumas pessoas que atravessaram o parque viraram a cabeça, depois seguiram o seu caminho” (Han, p. 228).

Também em *Azul Corvo* emerge uma família heterodoxa, com a constituição de vínculos afetivos interpessoais inesperados. O romance representa relacionamentos marcantes também fora dos padrões da família tradicional em várias esferas, como nas conexões estabelecidas por Suzana nos Estados Unidos. Quando Vanja retorna aos EUA, Fernando, June e Isabel, amigos de Suzana, cada um a seu modo, auxiliarão a jovem Vanja em busca do pai. Desse modo, embora várias vezes a narradora faça alusão ao

temperamento difícil de Suzana, ela constituiu amizades que atravessaram décadas e resistiram à distância e a sua própria morte.

Quanto ao caso de Vanja, já amplamente analisado, em meio a outros contatos interpessoais nem sempre hospitaleiros e solidários, saliente-se a hospitalidade e solidariedade de Fernando. Algo que a possibilita deslocar-se para e nos Estados Unidos integrar-se lentamente e constituir um novo *lugar*. Gestos de hospitalidades que terão reciprocidade na atenção de Vanja as histórias traumáticas de Fernando como guerrilheiro. Algo semelhante ao que ocorreu em relação a Carlos, que é recebido com hospitalidade e solidariedade, por Fernando e Vanja, nessa *família heterodoxa*. Como exemplo de fortalecimento dos vínculos afetivos entre sujeitos tão diferentes, vale lembrar o passeio dos três ao labirinto num milharal:

Carlos caminhava pelos corredores do labirinto escavado no milharal como se de fato pudesse ficar perdido ali, e para todo o sempre. Segurava minha mão. E olhava nos meus olhos de tempos em tempos, como se verificasse a minha confiabilidade.

Eu fazia o que ele esperava de mim: fingia que o perigo era real e estava em nossos calcanhares, a morte acenando num milharal num subúrbio de Denver (AC, p. 145-6)

A passagem é bastante significativa, em *Azul Corvo*, por representar um momento de um processo recorrente de figurar a construção de um lugar comum e solidário por deslocados. Um processo figurado simbolicamente, sobretudo, na passagem em que ambos os jovens deslocados seguem juntos, de mãos dadas, a conversar e se auxiliar em busca de uma saída do labirinto.

Diferentemente das considerações de Octavio Paz, acerca do *Labirinto da Solidão*⁵² (1981 [1950]), em que, por exemplo, os mexicanos, mais especificamente, os *pachucos* nos EUA, estariam em uma condição de permanente solidão em um labirinto, com a exacerbação do sentimento de deslocamento do sujeito em espaços sociais e culturais tantas vezes hostis à diferença, em *Azul corvo* emerge uma outra imagem associada ao labirinto: a da solidariedade.

Interessante retomar, aqui, a imagem canônica do labirinto: o mito do Minotauro de Creta. Teseu, para atingir o centro do labirinto e matar o Minotauro (a quem todos os anos eram entregues sete moças e sete rapazes da tribo de Teseu), dependerá da ajuda da sagaz Ariadne, que lhe fornece uma espada e um longo fio que o guiará a saída do labirinto, após o herói enfrentar o Minotauro. Tanto a ação de Teseu, que arrisca sua

⁵² *El labirinto de la soledade*

própria vida para salvar os jovens de sua tribo, quanto a de Ariadne, que o auxilia, expressam grande solidariedade.

Não tão épica, mas singela é a solidariedade entre Vanja e Carlos, que ocorre em vários momentos: na procura pela saída do labirinto de milho; na busca pelo pai de Vanja (em que Carlos acompanha-a, mesmo com medo de atravessar as fronteiras interestaduais, ser preso por policiais e enviado de volta para El Salvador); na ajuda de Vanja a Carlos, ao ensinar-lhe inglês. Sem que os jovens almejem compensação, essas várias ações demonstram situações labirínticas, enfrentadas com companheirismo e amizade.

Vista por esse ângulo, em uma perspectiva de leitura em contraponto, talvez se possa problematizar algumas das generalizações de Gilles Lipovetsky quanto ao narcisismo, hedonismo e individualismo contemporâneos. Isto é, nessas narrativas de deslocamentos e re-localizações, ao se refletir acerca dos processos de busca de um lugar, observam-se muitas situações em que deslocados somente conseguiram constituir novos lugares, mesmo que às margens da sociedade estadunidense, mediante a conexão com outras personagens também deslocadas.

Zygmunt Bauman foi um dos teóricos que mais analisou a questão dos relacionamentos na contemporaneidade:

Nenhuma das conexões que venham a preencher a lacuna deixada pelos vínculos ausentes ou obsoletos tem, contudo, a garantia da permanência. De qualquer modo, eles só precisam ser frouxamente atados, para que possam ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem — o que, na modernidade líquida, decerto ocorrerá repetidas vezes (BAUMAN, 2004, p. 9).

Realmente, não há garantia de permanência, mas será que estariam, em geral, as relações tão *frouxamente atadas* assim? Será que seriam tão fácil e rapidamente desfeitas? Em contraposição a esses relacionamentos e amores líquidos, as relações afetivas de Fernando, Vanja e Carlos, de Alex e David, e, até mesmo, de Celina e Haruki, constroem *famílias heterodoxas* em que os amigos se apoiam, de diversas maneiras, para navegar entre tantas experiências de crise e de deslocamentos, em meio à busca por um lugar para se re-localizarem, em um entorno tantas vezes hostil.

E, em alguns casos, essas conexões parecem ter uma longevidade que, inclusive, supera a morte. Vanja escreverá a sua história com Fernando, bem como a história deste na Guerrilha do Araguaia; Alex irá ao Vietnã não apenas para conhecer a terra de seus

antepassados, mas também para prestar uma espécie de tributo a David. Assim, em Adriana Lisboa, não apenas nesses dois romances, aqui estudados com mais detalhes, mas também em *Rakushisha*, observa-se a construção de relacionamentos afetivos interpessoais e interdependentes⁵³, fora dos parâmetros restritos da família ortodoxa, nuclear e tradicional. Nesse sentido, acredita-se que essas narrativas possibilitem vislumbrar um caminho do meio que permita repensar a condição paradoxal dos sujeitos contemporâneos ao largo da dicotomia identidade *versus* individualismo.

Um caminho poderia ser a possibilidade de os sujeitos deslocados, em contato com outros de condição semelhante, mas com diferentes pontos de partida, constituírem-se enquanto singularidades, mediante relações de amizade, solidariedade e hospitalidade. Para Hanciau, em outro contexto, a singularidade seria “um dos principais valores da vida” (HANCIAU, 2009, p. 277) que poderia se configurar como contraponto aos frequentes riscos de supressão e silenciamento de diferenças culturais e sociais, para adequação a discursos identitários (nacional e familiar, mas também de classe, de gênero, racial). Também, contrapõe-se ao isolamento em um individualismo narcisista, exacerbado por experiências vividas por sujeitos socialmente desconectados de redes de suporte, principalmente familiares. Desse modo, os processos de construção do ser enquanto singularidade e diferença em meio a uma *familia heterodoxa*, com interesses, valores e princípios afins, talvez possa ser vislumbrado como elemento necessário para a constituição de um lugar, tão recorrentemente buscado nessas narrativas de re-localização.

E essas singularidades emergem por meio da amizade, hospitalidade e solidariedade entre deslocados, mediante alguns recursos bastante peculiares de que se valem várias dessas personagens para constituírem essa rede de suporte, por exemplo, conversa e escuta. Nesse sentido, por meio de troca de experiências e de revelações de assuntos bastante íntimos e particulares, deslocados trocam histórias, experiências e narrativas, em momentos de compartilhamentos de vivências, nos quais afloram singularidades e diferenças.

A esse respeito, *Azul corvo*, além das conversas em que Fernando operava como um mediador e tradutor cultural para Vanja, há também longas conversas com digressões

⁵³ Em meio a várias crises da família nuclear e tradicional burguesa, esses relacionamentos não-ortodoxos, provendo um lugar de amizade e solidariedade, são também, em vários sentidos, representados em *Fios da Memória* (1999), *Sinfonia em Branco* (2001), *Um beijo de Colombina* (2003) e até no mais recente *Todos os Santos* (2019).

relativas aos conflitos vivenciados por Fernando antes e durante a Guerrilha do Araguaia. Lembre-se de que o acesso às memórias subterrâneas e traumáticas de Fernando e sua narração não é espontaneamente facultado pelo personagem, mas sim ocorre ante a insistência de Vanja para conhecer melhor a história do ex-guerrilheiro e, ainda, a outra história da nação em que ela vivera dos 2 aos 13 anos.

A narração advém, portanto, de conversas entre os dois, iniciadas durante a busca pelo pai da narradora enquanto viajavam de carro, quando o romance assemelha-se a uma *road narrative*. As longas conversas na estrada, nas paradas para almoço e nas noites em hotéis de beira de estrada – alguns daqueles *não-lugares* destacados por Marc Augé (1994) –, ou ainda durante viagens de ônibus entre Lakewood e Denver, criam condições para que as memórias subterrâneas, neutralizadas por décadas, aflorem. Assim, nessas conversas, em momentos de relativo ócio e relaxamento, Fernando expõe uma história que fora silenciada. Paralelamente, enquanto essas memórias emergem, a relação de amizade entre eles se fortalece. Em conversas íntimas, articulam-se os traumas e conflitos concernentes à luta armada e aqueles da narradora.

Ao revisitar as propostas de Italo Calvino do que seria a literatura porvir, no século XXI⁵⁴, Ricardo Piglia acrescenta uma sexta, que Calvino não tivera tempo de apresentar: a da literatura como espaço de deslocamento. Tal proposta diria respeito ao modo como, por meio da narração literária, se abriria um “lugar para o outro falar. A literatura seria o lugar em que é sempre outro que vem a dizer” (PIGLIA, 2001, p. 3)⁵⁵. Nessa perspectiva, a narração por Vanja provocaria um *deslocamento* que possibilitaria que a história de Fernando e a de outros guerrilheiros fosse narrada. Desse modo, seria conhecida uma outra história da nação brasileira. Embora se distinga da concepção de deslocamento espacial e subjetivo que se tem considerado preponderantemente na presente tese, a concepção de deslocamento empregada por Piglia (como distância e troca de lugar, mediante a narração) pode ser bastante produtiva para se pensar essa relação entre a narradora e o personagem, em que ela, primeiro por meio da escuta e depois da escrita dessa outra história, abre um espaço para que Fernando fale e os leitores possam ouvir uma história silenciada.

⁵⁴ Piglia observa que embora a ideia original seriam seis propostas, expostas em palestras, Calvino morreria antes de apresentar a última palestra e a última proposta, que, segundo Elena González (2012), seria concernente a *consistência*.

⁵⁵ “lugar para que el otro pueda hablar. La literatura sería el lugar em que siempre es outro el que viene a decir” (PIGLIA, 2001, p. 3).

E as conversas voltarão a ocorrer em outros momentos, quando, surpreso com a curiosidade de Vanja, Fernando indaga-lhe: “Você está mesmo querendo falar desse assunto. Eu estava” (Ac, p. 115). O processo de narração ocorre cerca de 30 anos após os acontecimentos do Araguaia, e a narração, por Vanja, aproximadamente nove (9) anos depois de ela ter ouvido as histórias. Sobre essas conversas, Fernando pede sigilo: “não preciso te dizer que essas coisas têm que ficar entre nós, preciso?” (Ac, p. 198). Ela respeita, parcialmente, a vontade dele e narra a história apenas após a morte de seu *pai*, intercalada a sua própria e à de Carlos. Essa troca de histórias constitui-se como mais um dos sentidos em que se constrói uma rede de suporte entre deslocados, havendo, no caso, um *deslocamento*, com uma abertura para a escuta atenta, a conversa franca e a narração de experiências, mediante as quais emergem revelações de traumas e angústias, amplia-se a intimidade e solidifica-se a amizade intergeracional.

Ao considerar-se as relações interpessoais e interdependentes entre tantas personagens, observa-se, nesses romances de Adriana Lisboa, a construção de possíveis, ainda que provisórias redes afetivas, em que o isolamento, o individualismo e a solidão talvez sejam menos generalizados e mais relativos do que Lipovetsky define ao caracterizar os processos de personalização na *Era do Vazio*.

Por outro lado, percebe-se, nos romances da autora, simultaneamente, e paradoxalmente, em meio a uma crise de vínculos e de referências familiares tradicionais, a recorrência de um aspecto bastante curioso: a permanência da família como referência e necessidade. Isto é, reiteradamente, embora a família nuclear e tradicional seja exposta quase sempre em seus estertores, não deixa de haver uma constância, a busca pelas protagonistas por reencontrar-se em uma família, quer seja no modelo nuclear, quer seja em um tipo não usual, quer seja no mundo real, ou, até mesmo, na fantasia.

Esse desejo já estava presente nos finais dos três primeiros romances de Lisboa. Em *Fios da Memória* (1999), após a narração da longa construção e dissolução da família Brasil, no curto capítulo final, a reclusa Beatriz Brasil encontra o amor e a amizade nos braços de um amante fictício. Já em *Sinfonia em Branco* (2001), depois de vidas marcadas por desencontros, Clarice e Tomás suprimem suas dores, se unem para além da relação de amizade e parecem constituir um novo casal. Em *Um beijo de Colombina* (2003), após a morte misteriosa de sua companheira Teresa, o narrador parece prestes a suicidar-se no final do penúltimo capítulo. Contudo, no último capítulo há um surpreendente retorno da companheira desaparecida.

Nas narrativas de deslocamentos e re-localizações, também ocorre o reiterado retorno da família. Em *Azul corvo*, mesmo após ser criada apenas pela mãe e *fracassar* em sua busca pelo pai, Vanja reescreve a história de sua *família*.

Não sei se quando ele chegou em Albuquerque [...] Não sei se ele e minha mãe se abraçaram com a força da falta que sentiam um do outro, ou que pensavam sentir, ou que precisavam sentir porque em muitos casos a falta faz companhia. Não sei se ele foi para a cama com ela ou se ela apenas preparou uma sopa ou um chá e os dois se sentaram diante da árvore de Natal para tomar a sopa ou o chá e depois ela o ajudou a arrumar os lençóis e o cobertor no sofá da sala.

No ano seguinte ele já não foi para Albuquerque no Natal. E dois anos depois minha mãe e eu voltamos para o Brasil. Era para ser definitivo.

No caso dela, foi (Ac, p. 93-4).

Essa passagem, repleta de não saberes, surge reescrita ao final da narrativa.

Quando ele chegou em Albuquerque [...], [Fernando] e minha mãe se abraçaram com a força da falta que sentiam um do outro. Ele foi para a cama dela. Mas tarde, no meio da madrugada, ela preparou uma sopa e os dois se sentaram diante da árvore de Natal para tomar a sopa.

Era para ser definitivo. E foi (Ac, p. 298).

Com essa reescrita que transforma as dúvidas em certezas, nos últimos parágrafos, Vanja encerra sua narrativa e expressa o desejo de que Fernando tivesse permanecido com elas, no momento em que fora visitá-las no primeiro Natal de vida da menina. Desse modo, mesmo após a morte de Suzana e de Fernando e, em contraposição à provisoriedade dos relacionamentos, ela desejava que sua história pudesse ser reescrita e reencenada, e que ela pudesse ter vivido sua juventude em meio a uma família nuclear e estável.

Essa busca por um re-centramento, mediante a união familiar, está presente, também, em *Hanói*. Alex, em meio a uma série de dificuldades no trabalho, na faculdade e na criação do filho, após a morte de David, acaba por, curiosamente, entrever uma nova família. Assim como ao final de *Azul Corvo*, também o parágrafo final de *Hanói* remete à constituição de uma *nova* família: “E os três desceriam juntos para tomar o café da manhã, em que haveria arroz frito, macarrão e panquecas de banana. E sairiam para conhecer Hanói” (Han, p. 238). Portanto, mesmo que a história de David já houvesse se encerrado, algumas páginas antes, o final de *Hanói* abre a possibilidade de uma outra história de família: Alex e Bruno, agora acompanhados por Max. Um recomeço mediante uma viagem para o outro lado do mundo, Hanói, quando Alex experimenta o “orgulho em segurar a mão de Max” (Han, p. 232). O futuro fica em aberto, com a indefinição sobre a continuidade dessa nova família, ao retornarem aos Estados Unidos. No entanto, independentemente do que acontecerá depois, o desfecho da narrativa expressa o desejo da reunião das personagens como se fossem uma família.

E, embora de uma forma menos direta, o final de *Rakushisha* também deixa vislumbrar a possibilidade de re-estabelecimento do relacionamento afetivo entre Celina e Marcos, ou, até mesmo, de Yukiko e Haruki. Em ambos os casos, em *Rakushisha*, portanto, há, ao final da narrativa, uma abertura para a possibilidade de (re)constituição de vínculos afetivos, ou talvez, de re-construção de laços familiares.

Em resumo, ao lado da representação de tantas famílias ortodoxas problemáticas, desventuradas, dessacralizadas e em crise, Adriana Lisboa recupera a família e os relacionamentos como possibilidades, ainda que improváveis e, por vezes, incongruentes, de re-centramentos e re-localizações.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS: NARRATIVAS DE DESLOCAMENTOS E RE-LOCALIZAÇÕES

O “além” não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado [...] Inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos no meio do século, mas, neste *fin de siècle*, encontramos-nos no momento de trânsito em que passado e presente se cruzam para produzir figuras complexas de identidade e diferença, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão (Homi Bhabha, “Locais da cultura”, reticências do autor).

[...] à margem do épico sem entendê-la necessariamente como o oposto do compromisso, para pensar inclusive o que pode haver de político (Paloma Vidal, *Mar Azul*).

Um dia, no nosso país – esse que ficou para trás sem que tenhamos conseguido colocar outro no lugar –, o tempo era ainda de delicadeza. E era Dia de Todos os Santos (Adriana Lisboa, *Todos os Santos*).

Ao discutir a representação de viajantes na série literária brasileira, Maria Isabel Edom Pires (2014) identifica quatro tipos característicos em *momentos de narrativas de deslocamento*: viajantes-naturalistas europeus no Brasil, sobretudo no século XVIII, na literatura não-ficcional; viajantes mundanos brasileiros na Europa, no século XIX; imigrantes no Brasil, no século XX; e brasileiros emigrados, com níveis diversos de consciência de exílio e de contato com a clandestinidade, na contemporaneidade. Após caracterizar rapidamente os três primeiros, Pires analisa quatro romances que ilustrariam viajantes, em um sentido amplo, na *literatura de emigração*: *Lorde* (2004), de João Gilberto Noll; *Algum lugar* (2009), de Paloma Vidal; *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato; e *Azul corvo* (2010), de Adriana Lisboa. Em contraste com os *momentos* anteriores, essas representações de viajantes emergiriam em “paisagens rasuradas, distanciando-se do cenário pitoresco, da implantação das ideias liberais, da construção da nação” (PIRES, 2014, p. 401). A pesquisadora segue a reflexão de Paloma Vidal ao considerar que tais narrativas representariam como a “viagem [...] não facilitaria o encontro do eu, mas encaminharia o personagem ao estranhamento e à deformação” (Op. Cit., p. 392). Ainda segundo Pires, em comum, tais romances configurariam personagens em condições de clandestinidade, *não-lugar*, instabilidade, estrangeiridade, desapego, desvinculação de raízes, modelos de família e de nações.

Curiosamente, a análise de Pires sobre o romance de Lisboa é bem sucinta se comparada à dos outros três romances citados. Um aspecto que talvez explique o tratamento mais ligeiro dado à *Azul corvo* se coadunaria com a perspectiva que se

desenvolveu nesta tese: romances de Lisboa, muitas vezes, embora representem a instabilidade dos sujeitos deslocados contemporâneos, tratam tal deslocamento de modo menos traumático e desconstrutivo do que outras narrativas contemporâneas. Nesse sentido, como defende Sara Brandellero, a prosa de Lisboa “vai na contracorrente da estética neo-naturalista que caracteriza uma tendência significativa da ficção brasileira contemporânea transgressiva e socialmente engajada”⁵⁶ (BRANDELLERO, 2008, p. 133). Ou, como querem Diego Fascina e Wilma Coqueiro, agora se referindo a *Hanói*, as narrativas de Lisboa se “diferenciam das dos muitos escritores contemporâneos ao abordar o deslocamento espacial nem sempre de forma negativa” (FASCINA; COQUEIRO, 2016, p. 125).

Relembre-se, nessa perspectiva, um viés argumentativo tantas vezes enfatizado pela fortuna crítica de Adriana Lisboa: a leveza. Leveza, saliente-se, é a primeira proposta para a literatura do novo milênio, desenvolvida por Italo Calvino, em 1985, ao lado da rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade, junto da qual Ricardo Piglia (2001) incluiria, ainda, a proposta do *deslocamento*. Embora represente tantas dissonâncias e problemas associados às experiências de deslocamentos contemporâneos, Lisboa as narra de modo que seu lado traumático e violento não suprime a leveza e a novidade do olhar estrangeiro em relação à diferença cultural. Talvez seja justamente esse olhar novo e estrangeiro sobre traumas, dores e violências, advindo dos deslocamentos, que possibilite representar de forma diversa, neste caso, de forma não tão negativa, as experiências paradoxais vivenciadas pelos deslocados em seus novos lugares.

Uma *leveza* que não deixa de ser questionada por estudiosos como Júlia Neves (2015). Ela enfatiza, especificamente em relação a *Hanói*, que a representação da melancolia e da alienação de deslocados se arriscaria a reproduzir estereótipos e preconceitos. Já a sofisticação estilística da narração dos deslocamentos no tempo mental e no espaço urbano ocultaria os conflitos e as desigualdades sociais vivenciados pelos deslocados, em sociedades multiculturais. Embora haja que amenizar tal questionamento, como se demonstrou ao longo desta tese, ainda que nem sempre socialmente engajadas e transgressoras, de forma explícita e, majoritariamente, implícita, as narrativas de Lisboa representam uma série de críticas sociais e culturais: à violência do estado-nacional; ao soerguimento de fronteiras geográficas e culturais; à hostilidade quanto aos deslocados; à resistência à hibridação; ao imperialismo estadunidense; e a tantas outras questões

⁵⁶ “runs against the grain of the neo-naturalist aesthetic that characterizes a significant trend in contemporary socially engaged and transgressive Brazilian prose fiction”.

políticas. Questões que emergem, de modo tangencial, como causas subjacentes para as crises subjetivas por que passam as personagens em um contexto disjuntural e globalizado, mesmo que em cidades não-globais.

Nesse sentido, vale enfatizar a leitura de Lyslei Nascimento⁵⁷, para quem tal leveza, em termos de literatura, não condiz com o sentido do termo no senso comum, mas se constituiria como possibilidade de “ver a face da Gorgona a contrapelo”, como na leitura desenvolvida por Calvino em suas *propostas*. Ou, ainda segundo Nascimento, a leveza seria configurada como um *voo do pássaro*, que exige um trabalho árduo e esforço intenso, mas que parece *leve*, para quem observa, pois expressa “um olhar que não é direto, mas a contrapelo”.

Posto isso, nas narrativas de Adriana Lisboa aqui analisadas, com dicção e estrutura bem diferentes, observa-se uma série de experiências disruptivas relacionadas aos deslocamentos internacionais, em meio a problemas de pertencimento à nação em crise e a dificuldades nos trânsitos pelas caóticas cidades globais, com suas violências, seus ruídos e trabalho alienado, bem como famílias desestruturadas, dificuldades para construir laços interpessoais e para manter relacionamentos afetivos. Contudo, enquanto em obras de João Gilberto Noll, conforme observa Schollhammer (2009, p. 32), essas experiências levam as protagonistas, cada vez mais, à errância, à perambulação, à perda de sentidos e ao *esvaziamento de projetos*, muitas das personagens de Adriana Lisboa buscam re-construir sentidos e re-estabelecer referências, mediante viagens e deslocamentos.

Relembre-se a proposta da presente tese, considera-se que uma série de elementos em *Rakushisha*, *Azul corvo* e *Hanói* possibilita perceber como, paradoxalmente, em um mundo tido, cada vez mais, como líquido, globalizado, repleto de des-territorializações e de crises das nações, das identidades e das comunidades, muitas personagens se deslocam em busca de re-localizações, em lugares, mesmo que incertos, de estabilidade, segurança e re-centramento.

Assim, por mais que sejam representados problemas nos processos de adaptação cultural e integração social, de hibridação e de tradução cultural em sociedades multiculturais, verifica-se, nas narrativas de Adriana Lisboa, aqui estudadas, em meio à indeterminação, ao indecível e à perda de referências e de sentido, a busca, mesmo, por vezes, frustrada e problemática, de um lugar. Dessa forma, a leveza e a sutileza, embora

⁵⁷ Essa leitura da Profa. Dra. Lyslei Nascimento e as citações seguintes dizem respeito a arguição de defesa da tese.

tantas vezes melancólicas, possibilitam que se compreendam esses romances não apenas como *narrativas de deslocamento* ou *literatura de emigração*, mas também como *narrativas de deslocamentos e re-localizações*.

Cabe assinalar, porém, que há diferenças na representação dos deslocamentos nas narrativas da autora, tanto entre as narrativas analisadas, como em relação a muito do que tem sido narrado na série literária brasileira, em sua tradição e na contemporaneidade, e, também, em relação às discussões de grande parte da crítica literária contemporânea. Algumas questões, apontadas desde o primeiro capítulo desta tese, atravessaram e auxiliaram a compreensão dessas diferenças, a saber: a permanência da nação em tempos tidos como pós-nacionais; a presença de fronteiras geográficas e culturais em meio a um pretense *mundo sem fronteiras*; a hostilidade em relação aos sujeitos deslocados, enquanto se ampliam os deslocamentos internacionais; a resistência à hibridação cultural em sociedades multiculturais; os trânsitos para cidades não-globais, enquanto as cidades globais e cosmopolitas surgem, por vezes, representadas como *não-lugares* que intensificam os deslocamentos e a fragmentação das identidades; a hospitalidade, solidariedade e amizade entre deslocados em um contexto no qual tanto se enfatizam o hiper-individualismo narcisista e a competitividade; o anseio, em meio à falência da família tradicional, pelo retorno à família nuclear; e, correlacionado a cada um desses aspectos ambivalentes e variáveis, a reiterada busca por um lugar de estabilidade e segurança por tantos deslocados. Por tudo isso, os romances em tela se constituem como narrativas de emigração, de descentramentos e de deslocamentos, e, ao mesmo tempo, narrativas de re-centramentos e de re-localizações.

Assim, há que se recuperar algumas das diferenças e semelhanças analisadas ao longo desta tese, dos romances de Adriana Lisboa entre si e destes em relação à série literária. Diferenças que marcam a poética lisboana. Antes, todavia, vale lembrar, que se emprega, nesta tese, o termo deslocamento em sentido amplo, sendo que, a cada um dos capítulos e, até mesmo, dos tópicos, ampliou-se o leque de seus sentidos, para analisar multideslocamentos: espaciais, nacionais, culturais, linguísticos, identitários, subjetivos e afetivos.

Isso posto, em “Deslocados em busca de um lugar”, apresenta-se “Uma biografia em construção”, composta de um breve levantamento da atuação de Adriana Lisboa no campo literário, destacando-se seus trabalhos como tradutora, romancista, autora de literatura infanto-juvenil, poeta, pesquisadora e professora, com atenção ao seu

deslocamento para viver fora do Brasil, nos Estados Unidos, ao final da primeira década do século XXI.

Enquanto isso, em uma revisão da “Fortuna crítica em deslocamento”, com foco em *Rakushisha*, *Azul corvo* e *Hanói*, observa-se uma multiplicidade de temas pesquisados em diversos textos, entre teses, dissertações, artigos e outros trabalhos acadêmicos, acerca desses e de outros romances de Lisboa – *Fios da Memória* (1999), *Sinfonia em Branco* (2001) e *Beijo de Colombina* (2003). Foi traçada uma revisão do estado da arte necessariamente parcial, pois, ressalte-se, constam das referências bibliográficas, em tópico específico acerca da fortuna crítica, uma seleção de 50 textos que analisam a obra da escritora, em um dos mais extensos (mesmo que não exaustivo) levantamentos de fortuna crítica sobre a autora elaborado até o momento. Entre muitos temas referencie-se a intertextualidade entre os romances e textos de outros gêneros literários (poemas, *haicais*), outras mídias e artes (sobretudo música e pintura), representações de experiências cotidianas, de diálogos entre gerações, e, ainda, temas como luto, morte e exílio, reflexões existenciais, questões de gênero, construções de memórias, narrações de viagens, deslocamentos, identidades culturais, além de diáspora, sujeitos hifenizados, hibridação e tradução cultural. Em diálogo com essa leitura do estado da arte, em termos quantitativos e temáticos, trabalha-se nesta tese com algumas questões nem sempre consideradas na fortuna crítica, ou, ao menos, rearticulam-se temas associados aos trânsitos para fora da nação, bem como analisam-se deslocamentos e re-localizações, nos locais de chegada.

Para isso, em “Narrativas de deslocamentos e a nação (de) partida”, delinea-se uma tipologia dos deslocamentos espaciais contemporâneos, em termos de emigração, exílio e expatriação, com atenção na oscilação e instabilidade desses conceitos. Ademais, enfatizou-se como, em termos demográficos, em contraponto à tradição de ser uma nação construída por imigrantes e outros deslocados, o Brasil tem se constituído, nas últimas décadas, cada vez mais, como uma nação de emigrantes.

Já em “Deslocamentos e a série literária”, referenciam-se vertentes da literatura brasileira em que se narram trânsitos para dentro e, sobretudo, para fora do Brasil. Nesse sentido, primeiro, enfatizam-se os “deslocados na própria terra” e, a seguir, a *literatura migrante*. Em relação a esta, delinea-se a vertente da *literatura imigrante*, com a elaboração de um rol não exaustivo de representações de migrantes turco-libaneses, judeus, japoneses, entre outros. Posteriormente, aponta-se uma diversidade de narrativas que constituem a vertente das *narrativas de deslocamentos* para fora da nação, com

exemplos destas emergindo desde o século XIX, embora foque-se na série literária brasileira no século XXI, com a referência a romances que representam emigrantes, e exilados, e, diversamente, turistas, viajantes mundanos, expatriados e estudantes internacionais.

Após tal levantamento, predominantemente referencial e descritivo, aborda-se a questão de como o Brasil, nos romances do *corpus*, constitui-se como uma “Nação (de) partida”. Na análise, observa-se em que medida *Rakushisha*, *Hanói* e *Azul corvo* narram múltiplos tipos de deslocamentos relacionados a experiências distintas de mobilidades (como viagem, emigração, exílio e expatriação). Ao se considerar o Brasil e, ainda, El Salvador e Vietnã, cada um como uma “nação de partida”, empreende-se um levantamento de várias personagens deslocadas, por motivos diversos. Contudo, considere-se, aqui, alguns aspectos peculiares e diferenciais entre elas e em relação à série literária. Assim como personagens de romances anteriores de Lisboa supracitados, em *Rakushisha*, Celina e Haruki se deslocam para fora da nação em viagens, inicialmente, para turismo e para trabalho, respectivamente. Contudo, embora siga a longa tradição das narrativas brasileiras de referenciar deslocamentos para fora da nação, em *Rakushisha*, há um maior aprofundamento quanto aos efeitos identitários, subjetivos e afetivos dos deslocamentos nas personagens, sobretudo, em termos de autoconhecimento, re-centramento e re-localizações subjetivas, sociais e, até, identitárias. Quanto à *Azul corvo* e *Hanói* constata-se que se diferenciam tanto da tradição, quanto de *Rakushisha*, *Fios da Memória*, *Sinfonia em Branco* e *Beijo de Colombina*, pois as personagens, além de se deslocarem para fora da nação brasileira, também partem de outras nações, como El Salvador e Vietnã e, inclusive, do local de chegada preferencial de tantos deslocados, os Estados Unidos. Nessas saídas, mesmo se regressam à nação de partida, esse retorno, na maioria das vezes, é apenas temporário, porque, com poucas exceções, os deslocados (quer sejam migrantes, expatriados ou exilados) vivem e alguns, até mesmo, morrem fora da nação onde nasceram.

Já em “Nação Partida”, expande-se a análise das razões para os deslocamentos, mas foca-se, mais especificamente, em questões relativas a problemática da comunidade imaginada nacionais. Isso, ao se ressaltar múltiplos elementos que figuram a desconstrução da nação, sobretudo quanto ao Brasil, mesmo que não somente. Essa crise não surge de modo explícito em *Rakushisha*, todavia, emerge de modo candente em *Azul corvo*. Neste, entre as problematizações da nação partida e cindida, há releituras da história como disciplina e enquanto versão *oficial*, no que concerne a fatos e

acontecimentos, em contraponto à história contada por um dissidente político; referências a uma série de conflitos, como aqueles decorrentes da dissidência político-ideológica, com foco na repressão da Guerrilha do Araguaia; questionamentos quanto ao nacional-ufanismo, que se apropria de bens simbólicos, por exemplo, música e futebol; bem como contestação de um modelo de crescimento nacional, delineado como social e politicamente excludente, ambientalmente não-sustentável e economicamente fracassado, em médio e longo prazo. *Azul corvo*, nesse sentido, figura de forma bastante complexa e, até mesmo, engajada um contradiscurso dissidente, em oposição a um discurso nacional-ufanista, ao explorar diversas razões pelas quais o Brasil teria se tornado uma “nação partida”, de onde, por motivos diversos, personagens saem exilados ou expatriados. Já *Hanói*, embora apenas aluda à crise da nação, não deixa de expor motivos que levam personagens a emigrarem do Brasil e se exilar do Vietnã. Mesmo que de modos diferenciados, ou seja, um representando de forma mais e outro menos complexa, tanto em *Azul corvo*, quanto em *Hanói*, trânsitos ocorridos nos anos 1970 derivam de estar a nação partida, em decorrência de conflitos político-ideológicos que levam personagens à emigração, à expatriação, ao exílio e ao refúgio. Essa é mais uma faceta dos deslocamentos em Adriana Lisboa: o nacional.

Concernente a tal narração de conflitos associados à nação, constata-se “A permanência da nação em um tempo pós-nacional”, principalmente em *Azul corvo*. Isso em um tempo no qual estudiosos da literatura brasileira defendem que o ciclo nacional estaria encerrado. Contudo, como se enfatiza, nas análises, muitas personagens, além de serem deslocadas, em várias instâncias subjetivas, identitárias, estão em processo de deslocamentos para fora da nação, também, pela razão de esta ter se tornado uma nação (de) partida, constituída como inviável, espaço de conflitos, exploração, violência, desesperança e insegurança. Nesse sentido, entende-se o “fim do ciclo nacional na literatura brasileira” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 21) como uma ampliação do descolamento entre nação, identidade nacional e literatura. Ou seja, em *Rakushisha*, *Hanói* e, sobretudo, *Azul corvo*, Adriana Lisboa segue uma tradição na série literária, que pode ser observada em Lima Barreto e muitos outros autores, desde o início do século XX, a problematização da nação enquanto uma experiência fracassada. Muitas narrativas, nessa direção, se configurariam como dissidentes, pois, cada vez mais, se tornariam um meio de contestação da hegemonia nacional e não de sua manutenção, bem como constituiriam um campo, em tantos exemplos, de questionamentos do consenso nacional e dos silêncios acerca das opressões, repressões e torturas executadas em nome da

preservação da nação e de suas instituições fundantes. Desse modo, explicitamente em *Azul corvo* e implicitamente em *Hanói* e *Rakushisha*, a literatura de Adriana Lisboa figura clausuras e rasuras em uma malfadada comunidade imaginada brasileira. Todavia, embora o ciclo nacional, ou melhor, nacionalista, pareça ter chegado ao fim, em seu lugar não se iniciaria um ciclo pós-nacional, pois, mesmo em narrativas de deslocamentos para fora da nação, esta permanece, paradoxalmente, presente, ainda que de modo fantasmático e negativizado, em um contradiscurso dissidente e, quiçá, até mesmo, antinacionalista.

Após salientar um rol tão extenso de motivos para múltiplos tipos de deslocamentos para fora da nação, em “Um Lugar entre iguais: Fronteiras e Re-Localizações”, se foca em outras atribuições vividas por essas personagens deslocadas e outra permanência, a das fronteiras geográficas e culturais. Nessa perspectiva, em “Um mundo “com” fronteiras”, perante um tempo de globalização assimétrica intensa, discute-se a concepção de *mundo sem fronteiras*, conceito dos mais recorrentemente empregados, na contemporaneidade, em tantos estudos literários que se debruçam sobre a vertente de deslocamentos na literatura brasileira. E a investigação dos romances de Adriana Lisboa possibilita considerar várias nuances das travessias de fronteiras. Há semelhanças com o modo tradicional de representação desse trânsito, figurado, desde o século XIX, por, geralmente, cosmopolitas ricos ou, nas últimas décadas, de classe média, que resolvem viajar e, *voilà*, surgem vivendo suas aventuras e desventuras em locais de passagem, cidades cosmopolitas e globais, como é o caso de *Fios da Memória*, *Beijo de Colombina* e, principalmente, *Sinfonia em Branco*, em que não há sequer referências a contratempos associados à transposição de fronteiras. Já em *Rakushisha*, ocorre certa problematização, mas esta diz respeito, quando muito, aos trâmites burocráticos para aquisição do visto. Entretanto, quanto à *Azul corvo* e *Hanói*, novamente se observam nuances, pois, de forma complexa, representam diversos tipos de travessias, desde aquelas de deslocados que transpõem as fronteiras sem quaisquer impasses, demandando, *aparentemente*, apenas o ato volitivo, até aquelas travessias em que, para sair da nação (de) partida, personagens arriscam, inclusive, suas vidas ao atravessar fronteiras ilegalmente. Estes, muitas vezes, tratam-se de sujeitos menos privilegiados em termos de condições legais, financeiras ou de pertencimento à determinada camada social, que vivem sob o signo do medo de serem presos e extraditados a qualquer momento. Assim, a partir da análise de vicissitudes nas travessias de fronteiras – por turistas, expatriados, emigrantes, refugiados e exilados, que enfrentam níveis distintos de dificuldades – questiona-se o uso generalizado do conceito

de *mundo sem fronteiras*, ao se escrutinar como as fronteiras são seletivas e relativamente densas para muitos daqueles que desejam alcançar a *terra dos sonhos e das oportunidades*.

Além de embaraços vividos por certos tipos de deslocados para transpor fronteiras nacionais, em “*De lugar nenhum para um novo lugar: re-localizações culturais*”, discute-se uma série de questões relativas, ainda, à travessia de fronteiras, mas agora culturais, e a dilemas associados aos processos de re-localização, quando as personagens alcançam o local de chegada, preferencialmente os Estados Unidos, em curto, médio e longo prazo. Há, aqui, mais em *Azul corvo*, menos em *Hanói*, uma interessante diferença quanto à série literária. Durante outros momentos históricos, majoritariamente, referenciavam-se deslocamentos de curto ou médio prazo, por meio de viagens para turismo ou estudo, não se atentando, para os conflitos de média e longa duração enfrentados por sujeitos deslocados no exterior (sendo que grande parte dos conflitos aconteciam após o retorno à nação). Com exceções, deslocamentos de curta ou média duração predominam, até mesmo, na vertente contemporânea das narrativas de deslocamentos fora da nação. Para ilustrar mais essa peculiaridade, enfatize-se que *Azul corvo* e *Hanói* simbolizam processos de deslocamentos e re-localizações de, ao menos, três gerações de deslocados originários da diáspora brasileira, vietnamita e mexicana, e duas da salvadorenha. Decorrente desse fator transgeracional, não tão comum nem na vertente contemporânea, nem na tradição das narrativas de deslocamentos brasileiras, emerge outro quesito ainda mais produtivo para se definir esses dois romances como *narrativas de deslocamentos e de re-localizações*: a figuração de personagens dupla ou triplamente hifenizadas. Lembre-se de que, como discutido em “*Nação de partida*”, Vanja nasceu nos EUA e é filha de uma mãe brasileira e, conquanto tenha sido registrada por um brasileiro, seu pai biológico era duplamente hifenizado, pois nascera na Costa do Marfim, filho de uma mãe estadunidense e de um pai mexicano. Nesse sentido, embora não soubesse, durante a maior parte da história, Vanja é triplamente hifenizada: mexicana-marfinense-brasileira-estadunidense. *Hanói* também figura, ao menos, três gerações de deslocados, com atenção em dois descendentes de emigrantes e refugiados, respectivamente, as personagens hifenizadas Alex, vietnamita-estadunidense, e David, brasileiro-mexicano-estadunidense.

Assim, nesses romances de Adriana Lisboa, há diferenças não apenas no que diz respeito à tradição, mas, também, quanto à ampla maioria das narrativas de deslocamentos contemporâneas e, inclusive, a outras da própria autora. Isto é, sobremaneira nesses dois em tela, representam-se personagens híbridas culturais em um processo cada vez mais

amplo de deslocamentos e de re-localizações. Ademais, de modo bastante extenso e intenso, configuram-se atribulações e desventuras de híbridos e hifenizados, tais quais, em síntese, empecilhos para aquisição da língua e da cidadania, e, no caso específico de *Azul corvo*, impasses nos processos de tradução e de letramento linguístico e cultural, neutralização de marcas identitárias da nação (de) partida – como língua, sotaque e cultura –, comportamentos e atitudes, e, inclusive, tentativas de mudanças de aparência. Além disso, ocorre uma ambígua figuração de estereótipos, pois nem sempre se explicita sua contestação ou o reforço daqueles concernentes aos deslocados nos locais de chegada. Nesse sentido, obras de Lisboa representam um complexo processo de re-localizações, mediante adaptação cultural, integração social e constituição de um lugar.

Em “Um lugar entre iguais: resistência aos deslocados e à hibridação”, discute-se como, mesmo com tanto empenho, em vários momentos, personagens deslocadas, híbridas e hifenizadas de *Azul corvo*, predominantemente, e de *Hanoi* sofrem com violências, sobretudo, mas não somente, simbólicas, figuradas mediante demonstrações de preconceitos e situações de exclusão social, até em momentos gregários, como festas, por não serem *nativos*, ou não estarem suficientemente integrados ao local de chegada. Nesse sentido, vale retomar uma interessante distinção na produção crítico-intelectual de um dos mais relevantes pensadores da hibridação e da tradução cultural, Silviano Santiago. Se em 1971, auge do pós-estruturalismo, o teórico analisava os contatos culturais em termos de *hibridação, via de mão dupla e trocas culturais*, em 2016, Santiago não expressaria uma visão tão idealista da hibridação cultural e do lugar ocupado por deslocados, principalmente *cosmopolitas pobres*, em seus *deslocamentos reais ou imaginários*, já que os processos de integração social e adaptação cultural são caracterizados por termos não tão positivos, como *assimilação, rua de mão única e lavagem cerebral*.

Como se argumenta na tese, a resistência aos deslocados, à hibridação e aos hifenizados, em narrativas de Lisboa, e a problematização dos deslocamentos contemporâneos e dos processos de negociação e tradução cultural, por Santiago, não implicam que os locais de chegada não sejam hibridizados culturalmente e repletos de personagens hifenizadas; contudo, significam que há uma resistência relativamente xenófoba e cada vez mais sombria quanto a deslocados, preponderantemente no que concerne aos *cosmopolitas pobres*. Nesse sentido, deslocados que deixam a nação (de) partida em busca de um lugar de re-centramento e de re-localização, acabam por sofrer nos locais de chegada, com outros processos de deslocamentos identitários, sociais,

culturais e subjetivos. Para superá-los, mesmo que apenas parcialmente, empreendem uma série de neutralizações, silenciamentos, rejeições e, ressalte-se, apagamentos de marcas da diversidade e de signos da diferença cultural. Isto é, esses locais de chegada poucas vezes se constituem como terras de oportunidades e como locais de acolhida de deslocados internacionais e cosmopolitas pobres. Nesse sentido, constata-se que apesar da tenacidade de tantos deslocados, há uma longa série de limitações quanto à práxis da negociação, da tradução e da hibridação cultural.

Enquanto isso, em “Um lugar entre diferentes: cidade não-global e redes afetivas”, mesmo que deslocados vivenciem multideslocamentos também no local de chegada, consideram-se outros quesitos concernentes à busca de um lugar. Desse modo, em “Sujeitos em deslocamentos e em re-localizações”, investiga-se de que forma a globalização assimétrica, a facilitação das mobilidades e dos trânsitos contemporâneos e os abalos nos quadros de referências tradicionais – como nação, comunidade e família, cada um a seu modo – intensificam os processos de descentramentos e deslocamentos de sujeitos contemporâneos. Explora-se que esse contexto disjuntural leva o sujeito, ao experimentar uma vida deslocada em sua nação (de) partida, a sair em busca de um lugar entre diferentes. Contudo, contrariamente às análises de muitos pensadores, em uma perspectiva liberal, que louvam o *fim da história*, o *pós-nacional*, o *mundo sem fronteiras* e os *trânsitos sem fim*, várias personagens deslocadas, sobretudo em *Azul corvo* e *Hanói*, mas também em outros romances de Lisboa, buscam um lugar afetivo, de assentamento e de pertencimento em comunidades de interesses afins, ou seja, lugares com mais segurança e estabilidade para se re-localizarem.

Para averiguar essa direção paradoxal tomada pelos romances de Adriana Lisboa, em “Cidade não-global e a busca de um lugar”, em contraponto a estudos literários e teorias críticas que têm analisado deslocamentos quase que exclusivamente para cidades-globais, investiga-se como em Lisboa, em todos os seus romances, e não apenas nas denominadas, nesta tese, *narrativas de deslocamentos e re-localizações*, constata-se que as personagens partem em busca desse lugar não nas cidades globais, mas sim em cidades não-globais. Isto é, ao invés das cidades globais, centros administrativos, financeiros, culturais e políticos, as personagens – mesmo que vivam por certo tempo em Londres, Chicago ou Rio de Janeiro – tendem a se deslocar para cidades do interior, de menor porte. Na série literária brasileira, a vertente das narrativas de deslocamentos, sem dúvida, foca extensivamente em deslocamentos para antigos centros dos impérios velhos e novos. De certo modo, tal aspecto também é preponderante em narrativas contemporâneas da

vertente em discussão, pois, predominantemente, os deslocamentos são rumo a cidades globais e cosmopolitas, em viagens a turismo ou trabalho, procura por formação intelectual, educacional e/ou cultural ou exílio político-ideológico. Majoritariamente, na série literária, quando ocorrem deslocamentos para o interior, esses surgem, sobremaneira, para adicionar uma cor local, em certo contraponto entre cidades pequenas e metrópoles, ou, inclusive, na antiga dicotomia campo *versus* cidade. Adriana Lisboa, por sinal, em seus primeiros romances, não destoava dessa tradição, com referências a deslocamentos para Londres, Milão, Nova York, Paris e, até, pontos turísticos na Tailândia, em Cozumel (México), Jabuticabais (interior do estado do Rio de Janeiro), Córsega (ilha francesa no Mar Mediterrâneo). Curiosamente, várias narrativas contemporâneas de deslocamentos na literatura brasileira do século XXI têm representado deslocados fora da nação, não mais apenas viajantes, turistas e estudantes internacionais, mas também expatriados, diaspóricos, exilados, que rumam para um outro tipo de destino, como cidades de pequeno e médio porte no interior da Argentina, Uruguai, Cuba, Porto Rico, Canadá, Córsega, Suécia, Hungria, Turquia, Israel, Líbano, Vietnã, Timor Leste, Mongólia, Japão, Rússia. Em Adriana Lisboa, a partir de *Rakushisha*, os locais de passagem ou de chegada das personagens passam a ser destinos menos tradicionais ou turísticos. E, posteriormente, em *Azul corvo* e *Hanoi*, tal processo se amplia, com personagens em busca de um lugar em uma cidade não-global. De um modo relativamente dicotômico, em contraponto às cidades globais – locais relacionados ao caos e à violência urbana, à insegurança existencial, à fragmentação de experiências, à desconexão social e ao isolamento individual – personagens lisboanas, em grande número, escolhem cidades não-globais, como local de chegada, à procura de reatar ou construir relações afetivas mais estáveis, estabelecer redes de solidariedade e laços sociais mais duradouros, compartilhar valores e ideais, sobretudo com outros deslocados, e reconstituir uma família, mesmo que heterodoxa. Entretanto, conforme se ressaltou anteriormente, quer seja nas cidades globais, quer seja nas cidades não-globais, percalços nos processos de integração social e adaptação cultural complexificam a busca por segurança e recentramento fora da nação (de) partida, já que relações comunitárias e sociais mais estáveis demandam uma série de silenciamentos e neutralizações de aspectos subjetivos, culturais e identitários.

Por fim, em “Famílias heterodoxas e redes afetivas: um lugar entre diferentes”, explora-se como Adriana Lisboa figura o abalo em mais um dos quadros de referência do sujeito, a família. Consta-se que, no geral, a autora segue uma longa tradição de

dessacralização da instituição familiar, que alguns estudiosos da literatura brasileira situam na transição entre o romantismo e o realismo, outros no modernismo à brasileira. De qualquer forma, em quaisquer desses momentos, há exemplos de narrativas paradigmáticas, canônicas ou emergentes, que põem em xeque os valores associados à família nuclear burguesa e ao casamento. E os romances de Lisboa, de modos variados, desde *Fios da Memória* até *Hanói*, também expõem a família em seus estertores. Isso, por meio de uma multiplicidade de elementos que metaforizam a falência da instituição familiar, mediante rompimentos de vínculos afetivos por motivos diversos: casos extraconjugais, separações, mortes, estupro incestuoso, assassinatos e conflitos congêneres. Tal figuração pareceu, inicialmente, corroborar a perspectiva de que, da modernidade à contemporaneidade, haveria, cada vez mais, um processo de personalização ou de singularização que exporia um exacerbado individualismo narcisista. Contudo, ressalte-se, em contraponto à tal leitura, principalmente nas narrativas de deslocamentos e re-localizações, *Rakushisha*, *Azul corvo* e *Hanói*, há uma recorrente busca de construção de redes afetivas, permeadas por hospitalidade, por vezes incondicionada, solidariedade, amizade. Redes constituídas em curto, médio ou longo prazo que possibilitam discutir não apenas a ênfase crítica e teórica no individualismo contemporâneo, mas, também, a concepção de liquidez das relações afetivas e amorosas, na contemporaneidade. Nessa perspectiva, ao final da tese, saliente-se como, curiosamente, os desfechos desses romances de Adriana Lisboa representam, paradoxalmente – embora cada um com suas peculiaridades – uma ânsia pela (re)constituição de famílias, reais ou imaginárias, ainda que heterodoxas, fora dos padrões da tradicional, burguesa e nuclear instituição familiar. Em relação à maioria da série literária brasileira, essa dupla ação, paradoxal, de simultaneamente dessacralizar e resgatar a família, torna-se mais um entre tantos elementos que simbolizam a busca de um lugar de re-centramentos e de re-localizações, por personagens em deslocas.

Nesse sentido, em relação à vertente das *narrativas de deslocamentos* na série literária, tanto na tradição, quanto na contemporaneidade, e entre romances da própria escritora, nunca é demais salientar que há muitas diferenças e contraposições nessa poética dos deslocamentos e re-localizações de Lisboa, por mais que algumas vezes, nessa tese, tenha-se enfatizado tantas semelhanças e similaridades. Exemplifique-se com um brevíssimo rol de diversos e peculiares motivos para os deslocamentos das personagens principais, mediante a figuração de uma multiplicidade de modos de buscar um lugar, em suma: Haruki transpõe fronteiras para conhecer a si mesmo, reencontrar-se com aquela

que perdeu e a com a sua identidade hifenizada; Celina viaja para ressignificar o sentido de sua vida; Fernando se exila para ter possibilidades de sub-viver; Vanja se move à procura do pai e de um novo lugar para recomeçar; Alex se desloca para prestar um tributo final ao amante e para escapar, mesmo que apenas momentaneamente, de uma vida atribulada e estafante e, talvez, encontrar suas raízes; David almeja, mediante a viagem, um lugar para viver seus últimos dias. Assim, personagens de origens múltiplas, deslocadas fora da nação (de) partida ou mesmo do local de chegada, vivenciam processos múltiplos e complexos de re-localizações contemporâneas.

Em última análise, cada um desses deslocamentos, mais ou menos nostálgicos, melancólicos, leves, brutos e delicados expressa uma poética de deslocamentos e de re-localizações na maior parte não-dicotômica. Poética que não simplifica experiências, mas – em meio a crises de nações, dissoluções de comunidades, fragmentações de identidade, dessacralizações de famílias e descentramentos de sujeitos – expressa múltiplas faces dos deslocamentos e das, correlatas, re-localizações – espaciais, nacionais, identitárias, culturais, linguísticas, subjetivas e afetivas, – bem como, cada um a seu modo, uma busca de um lugar.

REFERÊNCIAS

Referências Literárias: Adriana Lisboa

- LISBOA, Adriana. *Os fios da memória*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISBOA, Adriana. *Sinfonia em Branco*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013 [2001].
- LISBOA, Adriana. *Um beijo de colombina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- LISBOA, Adriana. *Rakushisha*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014 [2007].
- LISBOA, Adriana. *Azul corvo*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014 [2010].
- LISBOA, Adriana. *Hanói*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013.
- LISBOA, Adriana. *Todos os santos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

Referências Literárias: Outras

- ALENCAR, José de. *Lucíola*. Rio de Janeiro. Edições Melhoramentos, s.d. [1862].
- ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Klick Editora (1997[1875]).
- ALMEIDA Júlia Lopes de. *A Falência*. Rio de Janeiro: Oficinas de Obras d’*Tribuna*, 1901. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000169.pdf>>. Último acesso: 21/03/2020.
- ALMINO, João. *Enigmas da Primavera*. Rio de Janeiro: Ed. Record. 2015
- AMADO, Jorge. *A Descoberta da América pelos Turcos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1992].
- ANDRADE, Oswald de. *Memórias Sentimentais de João Miramar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971 [1924].
- AZEVEDO, Aloísio. *O Mulato*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. [1881].
- AZEVEDO, Kathleen de. *Samba Dreamers*. Tucson: The University of Arizona Press, 2006.
- BUARQUE, Chico. *Budapeste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BUARQUE, Chico. *Irmão Alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014
- CARVALHO, Bernardo. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

- CARVALHO, Bernardo. *O sol se põe em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CARVALHO, Bernardo. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009
- CARVALHO, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CONY, Carlos Heitor. *Romance sem palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CUENCA, João Paulo. *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FUKS, Julian. *A Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- GABEIRA, Fernando. *O Que é isso companheiro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [1979].
- GABEIRA, Fernando. *Crepúsculo do macho*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.
- GALERA, Daniel. *Até o Dia em que o Cão Morreu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [2003].
- GALERA, Daniel. *Cordilheira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Editora Ática, 1977 [1875];
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1989].
- HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HATOUM, Milton. *A noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- IZHAKI, Flávio. *Amanhã não tem ninguém*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- KRAUSZ, Luis S. *O desterro: memórias em ruínas*. São Paulo: Tordesilhas, 2011.
- KRAUSZ, Luis. S. *Deserto*. São Paulo: Benvirá, 2013.
- KRAUSZ, Luis S. *Bazar Paraná*. São Paulo: Saraiva, 2015.
- LEVY, Tatiana Salem. *A chave de casa*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- LEVY, Tatiana Salem. *Dois Rios*. Rio de Janeiro: Record, 2011
- LEVY, Tatiana Salem. *Paraíso*. RJ. Foz, 2014
- LAUB, Michel. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LAUB, Michel. *A maçã envenenada*. São Paulo: Companhia as Letras, 2013.
- LEGIÃO URBANA. *Perfeição*. In: *Descobrimento do Brasil*. Guarulhos, São Paulo: EMI, 1993

- LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *As aventuras do Dr. Bogoloff*. São Paulo: Expressão Literária, 2001 [1915].
- MACHADO, Ana Maria. *Tropical sol da liberdade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- MACHADO DE ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1994 [1881].
- MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1994 [1899].
- MACHADO DE ASSIS. *Esau e Jacó*. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1994 [1904].
- MACHADO DE ASSIS. *Memorial de Aires*. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1994 [1908].
- MIRANDA, Ana. *Amrik*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SALIM, Miguel. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- NAKASATO, Oscar F. *Nihonjin*. São Paulo: Benvirá, 2011.
- NAZARIAN, Santiago. *Neve Negra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- NOLL, João Gilberto. *Bandoleiros*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.
- NOLL, João Gilberto. *Berkeley em Bellagio*. São Paulo: Objetiva, 2002.
- NOLL, João Gilberto. *Lorde*. São Paulo: Francis, 2004.
- OLIVEIRA NETO, Godofredo. *Amores exilados*. Rio de Janeiro: Record, 2011
- RAWET, Samuel. *Contos do Imigrante*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004 [1956].
- REIS Maria Firmina dos. *Úrsula*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004 [1859].
- RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. São Paulo: Editora Saraiva, s.d. [1888].
- RUFFATO, Luiz (Org.). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Editora Record: Rio de Janeiro, 2004.
- RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- RUFFATO, Luiz. *Flores Artificiais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SAAVEDRA, Carola. *Toda Terça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAAVEDRA, Carola. *Paisagem com Dromedário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- SAAVEDRA, Carola. *O inventário das coisas ausentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SAAVEDRA, Carola. *Com armas sonolentas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SANT'ANNA, Sérgio. *O livro de Praga: narrativas de amor e arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SANTIAGO, Silviano. *Stella Manhattan*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017 [1985].
- SANTIAGO, Silviano. *Viagem ao México*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- SCLIAR, Moacyr. *A majestade do Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SILVESTRE, Edney. *Vidas provisórias. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013*.
- TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973
- VIDAL, Paloma. *Algum lugar*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- VIDAL, Paloma. *Mar Azul*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- VIGNA, Elvira. *Nada a Dizer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- VIGNA, Elvira. *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Referências Gerais

- ABDALA Jr., Benjamin. Os sistemas literários nacionais, o cânone literário e a crítica hoje. In: NORONHA, Jovita et al. (Org.) *Disciplina, cânone: continuidade e rupturas*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2013, p. 33-48.
- ACHUGAR, Hugo. Direitos de memória, sobre independências e Estados-Nação na América Latina. Tradução de Lyslei Nascimento. In: *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 221-249.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ALMEIDA, Sandra. *Cartografias Contemporâneas: espaço, corpo, escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres: Verso Editions, 1983.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- APPADURAI, Arjun. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 2005.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Tradução Maria Lúcia Pereira. Lisboa: Bertrand, 1994.

BAPTISTA, E. A., CAMPOS, J. e RIGOTTI, J. I.R. Migração de retorno no Brasil nos quinquênios 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010. In: *Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP. Águas de Lindóia/SP, p. 1-19, 2012. Disponível em: <abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1914/1872>. Último acesso: 08/08/2019.

BARROS, Carlos Juliano. Com medo de ameaças, Jean Wyllys, do PSOL, desiste de mandato e deixa o Brasil. Folha de São Paulo, 24/01/2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/com-medo-de-ameacas-jean-wylllys-do-psol-desiste-de-mandato-e-deixa-o-brasil.shtml>>. Último acesso: 25/07/2019.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005a.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005b.

BERND, Zilá. *Dicionário das mobilidades culturais: percursos formativos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

BLATTER, Joachim K. Debordering the world of states: Towards a multi-level system in Europe and a multi-polity system in North America? Insights from border regions. *European Journal of International Relations*. nº 7, vol.2, p. 175-209, 2001.

BOURDIEU. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.

BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. London: Routledge, 1996.

BRASILEIRO, Marcos. *Deslocamento e Subjetividade em João Gilberto Noll*, Silvano Santiago e Bernardo Carvalho. Doctoral Dissertation Faculty of Graduate School of the Minnesota University. July, 2010. Disponível em: <<https://conservancy.umn.edu/>

bitstream/handle/11299/95906/Brasileiro_umn_0130E_11303.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Último acesso: 05/09/2020.

BRASILEIRO, Marcos. Narrativas de Deslocamento na Literatura Brasileira Contemporânea. In: *The Postcolonialist*, Vol. 2, Number 1, June 25, 2014. Disponível em: <<http://postcolonialist.com/arts/narrativas-de-deslocamento-na-literatura-brasileira-contemporanea/>>. Último Acesso: 3/11/2019.

BRIGHAM, Ann. Introduction. In: *American Road Narratives: Reimagining Mobility in Literature and Film*. Virginia: University of Virginia Press, 2015, p. 1-18.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; FERNANDES, Daniele. A população brasileira e seus movimentos ao longo do século XX. IN: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). *Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?* Rio de Janeiro: Ipea, p. 81-116, 2014.

CARNEIRO, Flávio. *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

CARREIRA, Shirley; OLIVEIRA, Paulo César. Escritas migrantes: deslocamento e identidade na narrativa brasileira contemporânea. *Aletria: revista de estudos de literatura*. Belo Horizonte: POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG, v. 28, n. 2, p. 35-50, 2018. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/issue/viewIssue/630/252>>. Último acesso: 05/08/2019 18:22.

CASTELLS, Manuel. *The rise of the network society*. Oxford: Maxwell. 1996

CHIARELLI, Stefania. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablume, 2007.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões – Campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Laemmert e C. Editores. 1902. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2163>. Último acesso: 05/07/2018 18:12

CURY, Maria Zilda. Representações Literárias de Nação. In: REIS, Eliana; PEREIRA, Maria. *Literatura e estudos culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000, p. 213-227.

CURY, Maria Zilda. Novas geografias narrativas. *Letras de hoje*, v. 42, n. 4, p. 7-17, 2007. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/25530950.pdf>>. Último acesso: 30/02/2020.

CURY, Maria Zilda. Mobilidades literárias: migração e trabalho. In: *Ipotesi – Revista de Estudos Literários*, v. 16, n. 1, p. 11-20, 2012b. Disponível em: <<http://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/25737>>. Último acesso: 04/07/2019

CURY, Maria Zilda. Poéticas da precariedade. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 41, p. 33-46, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2316-40182013000100003&script=sci_arttext>. Último Acesso: 27/02/2020.

CURY, Maria Zilda. Le corps féminin en exil: *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy. In: BESSE, Maria Graciete et al. *Exilance au féminin dans le monde lusophone (XXe-XXIe siècles)*. Collection "Littérature lusophone". Paris: Éditions Hispaniques, 2017, p. 113-120.

CURY, Maria Zilda e ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Immigrant and Ethnic-Minority Writing in Brazilian Literature: A Fundamental Presence. In: SIEVERS, Wiebke; VLASTA, Sandra (ed). *Immigrant and Ethnic-minority writers since 1945: fourteen national contexts in Europe and beyond*. Leiden/Boston: Brill/Rodopi, 2018, p. 77-105.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Ed. Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DERRIDA, Jacques. *Of grammatology*. JHU Press, 2016 [1967].

DERRIDA, Jacques. La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines. Conférence prononcée au Colloque international de l'Université Johns Hopkins (Baltimore) sur Les langages critiques et les sciences de l'homme, le 21 octobre 1966. Disponível em: <<https://redaprenderycambiar.com.ar/derrida/frances/structure.htm>>. Último acesso: 23/03/2020 19:23.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: *A escritura e a diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 229-249.

DIAZ-ZAMBRANA, Rosana. De fantasmas y hecatombes: los viajes espectrales de fines de milênio. In: *The Colorado Review of Hispanic Studies*. Vol. 3, p. 153-160, 2005.

DOLLE, Verena. Do 'sonho americano' ao 'sonho europeu': o romance de emigração *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato. *Literatura e Sociedade*, v. 23, n. 28, p. 298-316, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i28p298-316>. Último acesso: 08/08/2019.

DOWBOR, Ladislau. *A era do capital improdutivo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2017. Disponível em: <<https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2019/10/folder-2019-final-2.pdf>>. Último acesso: 18/07/2018.

FIGUEIREDO, Eurídice. Herança judaica e autoficção em Tatiana Salem Levy. In: *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 179-189.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A Literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

FRANCO, Jean. The nation as Imagined Community. In: McCLINTOCK, Anne; MUFTI, Aamir; SHOHAT, Ella (eds.) *Dangerous liaisons: gender, nation, and postcolonial perspectives*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1997, p. 130-137.

FRIEDMANN, J., WOLFF, G. World City Formation: An Agenda for Research and Action. *International Journal of Urban and Regional Research*, n. 6, p. 309-44, 1982. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/a>>. Último Acesso: 08/08/2019.

GELLMAN, Mneesha. US will send migrants to El Salvador, a country that can't protect its own people. In: *Theconversation.com*. October 10, 2019. Disponível em: <<https://theconversation.com/us-will-send-migrants-to-el-salvador-a-country-that-cant-protect-its-own-people-124475>>. Último acesso: 14/04/2020 15:43

GILROY, Paul. A Cat in a Kipper Box, or The Confessions of a “Second Generation Immigrant”. In: PONZANEZI, Sandra, and MEROLLA, Daniela (ed.). *Migrant Cartographies: new cultural and literary spaces in post-colonial Europe*. Lexington Books, Lanham and Oxford, 2005, p. 79-92.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. In: *Tintas*. Quaderni di letteratura iberiche e iberoamericane, v. 2, p. 199-221, 2012. Disponível em: <<http://riviste.unimi.it/index.php/tintas>>. Último acesso: 11/02/2019.

GOLDENBERG, Claude; WAGNER, Kirstin. Bilingual education: Reviving an American tradition. *American Educator*, v. 39, n. 3, p. 28, p. 28-45, fall 2015. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=EJ1076564>>. Último acesso: 19/03/2019.

GONÇALVES DIAS. *Correspondência Ativa de Antônio Gonçalves Dias*. Anais da Biblioteca Nacional, Vol. 84, 1964. Rio de Janeiro: Div. de Publicação e Divulgação, 1971 [1845], p. 42. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1964_00084.pdf>. Último acesso: 11/02/2019.

GOMES. Gínia Maria. Migração e exílio em *Nihonjin*, de Oscar Nakasato, e *Os húngareses*, de Suzana Montoro. Brasa.org. 2015, p. 1-14. Disponível em: <<http://www.brasa.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/07/G%C3%ADnia-Maria-Gomes.pdf>>. Último acesso: 15/03/2019.

GONZÁLEZ, Elena Palmero. Deslocamento/Desplacamento. BERND, Zilá. *Dicionário das mobilidades culturais: percursos formativos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 109-128.

GREEN, Nancy L. Expatriation, Expatriates, and Expats: The American Transformation of a Concept. *The American Historical Review*, V 114, Issue 2, 1 April, p. 307–328, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1086/ahr.114.2.307>>. Último acesso: 21/02/2019.

GUTERMAN, Marcos. Médicos e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, PUC-SP, São Paulo*, v. 29, n. 01, p. 267-279, 2004. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9958>>. Último acesso: 25/07/2019.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP & A. 2003a.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine Laguardia et all. Belo Horizonte: Ed UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003b.

HANCIAU, Nubia Jacques. Escrituras e migrações. In: WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. (Orgs). *Mobilidades Culturais: agentes e processos*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2009, p. 265-283.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Empire*. Harvard University Press, 2001.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.) *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995 [1936].

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

IRISH, Jennifer Erin. Constructing Self in the Brazuca Narrative: US Brazilian Identity, Memory and Home in Samba Dreamers. In: *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, 6.2, p. 1-19, 2016. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/2tw4d9n0>>. Último acesso: 11/3/2019

JAMESON, Fredric. *Postmodernism, or, the cultural logic of late capitalism*. Duke University Press, 1991.

LAGUE, Ian (Ed.). *Elements of Literature*. Austin et al: Holt, HINEHARY and Winston, 2000.

LEHNEN, Leila. Introduction: Voices of Contestation. In: *Citizenship and crisis in contemporary Brazilian literature*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 01-21.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, São Paulo: Manole, 2005.

LISBOA, Adriana. *Ocidente, Oriente e a experiência do vazio*. X Congresso Internacional da Abralic. O lugar da Filosofia na Teoria da Literatura. 2008. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/>>. Último Acesso em: 12/09/2019.

LISBOA, Adriana. Adriana Lisboa – com leveza e profundidade. [Entrevista concedida a] Márcio Vassalo. *Agência Riff*. 27 out. 2011a. Disponível em: <<http://www.agenciarriff.com.br/site/NoticiaEntrevista/ShowEntrevista/33>>. Último acesso em: 21/04/2020 as 16:36.

LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000 [1965].

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988 [1979].

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Tese de Doutorado em História – Departamento de

História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/257>>. Último acesso em 10/06/2019

MARQUES, Carine Pereira. *Narratives Of Displacement In Space And Time: A study of Brick Lane, The Girl in the Tangerine Scarf, The Lowland and Americanah*. Tese de Doutorado: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. Belo Horizonte: FALE - UFMG, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AQCJA8>>. Último acesso em 08/07/2019.

MASSEY, Doreen. *World city*. Cambridge: Polity Press, 2007.

MBEMBE, Achille. A ideia de um mundo sem fronteiras. *Revista Serrote*. Tradução de Stephanie Borges. Instituto Moreira Salles, n. 31, Maio, 2019. Disponível em: <<https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/>>. Último acesso: 28/08/2019 18:37.

MEROLLA, Daniella; PONZANESI, Sandra. Introduction. In: PONZANEZI, Sandra; MEROLLA, Daniela (ed.). *Migrant Cartographies: new cultural and literary spaces in post-colonial Europe*. Lexington Books, Lanham and Oxford, 2005, p. 1-52.

MIRANDA, Wander Melo. As fronteiras internas da nação. In: *Cânones e Contextos*. Rio de Janeiro: ABRALIC, p. 417-424, 1997.

MORA ORDÓÑEZ, Edith. Del sueño americano a la utopía desmoronada: cuatro novelas sobre la inmigración de México a Estados Unidos. In: *Latinoamérica*. Revista de Estudios Latinoamericanos, n. 54, p. 269-295, 2012.

NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Brasília: Senado Federal, 1998 [1899].

NASCIMENTO, Érica. *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/pt-br.php>.> Último acesso: 25/07/2019.

NEWMAN, David. The lines that continue to separate us: borders in our borderless' world. *Progress in Human geography*, 30, v.2, p. 1-19, 2006. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1191/0309132506ph599xx>>. Último acesso: 03/05/2019, 15:54.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Nós e eles: relações culturais entre brasileiros e imigrantes*. São Paulo: FGV Editora, 2006.

OUELLET, Pierre. Transportação. BERND, Zilá. *Dicionário das mobilidades culturais: percursos formativos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 371-388.

PAZ, Octávio. *El labirinto de la soledad* - Postdata y Vuelta a El laberinto de la soledad. Madri: Fondo de Cultura Económica de España, 1981.

PAMPLONA, Isadora. Quantos brasileiros vivem fora do país? In: *DW Brasil*, 22.06.2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/quantos-brasileiros-vivem-fora-do-pa%C3%ADs/a-44338466>>. Último acesso: 15/03/2019 17:27

PEDROSA, Célia. Nacionalismo Literário. In: JOBIM, José Luis. *Palavras da Crítica*. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1992, p. 277-306.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar estrangeiro. In. NOVAIS, Adauto (Org.). *O Olhar*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988, p. 361-7.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cruzamentos de *Brasis* imaginários (Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda e Erico Veríssimo). In: WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. (Orgs). *Mobilidades Culturais: agentes e processos*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2009, p. 143-153.

PIGLIA, Ricardo. Una propuesta para el nuevo milenio. In: *Margens – Caderno de Cultura*. Belo Horizonte, Mar del Plata, Buenos Aires, n. 2, p. 1-3, 2001.

PORTES, Alejandro. Preface. In: PORTES, A. (org.). *The new second generation*. New York: Russel Sage Foundation, 1996.

PORTO, Maria Bernardette. Circulações urbanas. BERND, Zilá. *Dicionário das mobilidades culturais: percursos formativos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 67-86.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Gutierrez. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

RENAN, Ernest. O que é uma nação. Tradução de Samuel Titan Jr. *Plural: Sociologia USP*, SP. n.4, p. 154-175, 1 Sem. 1997 [1882].

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Casa da Palavra, 2008.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira num mundo de fluxos. *Terceira Margem*, v. 14, n. 23, p. 103-112, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10951>>. Último acesso: 25/07/2019.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998, p. 213-230.

ROCHA, Bruno. El Salvador e a integração forçada com os Estados Unidos. In: *IHUOnline*, nº 524, 18/6/2018. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7333-el-salvador-e-a-integracao-forcada-com-os-estados-unidos>>. Último acesso: 14/04/2020 15:47.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

RUSSELL, Bertrand. Preface. In: *A History of Western Philosophy and Its Connection with Political and Social Circumstances from the Earliest Times to the Present Day*. Simon & Schuster: New York, 1945, p. IX-XII. Disponível

em: <<https://ia801905.us.archive.org/4/items/TheHistoryOfWesternPhilosophy/HistoryOfWesternPhilosophy-BertrandRussell.pdf>>. Último acesso: 15/04/20

SAHR, Wolf-Dietrich. The construction of a migrant's place. A deconstructive approach in cultural geography. HEIDEMANN, Heinz; SILVA, Sidney Antonio (Orgs.). *Migração: nação, lugar, dinâmicas territoriais - Simpósio Internacional -1999*. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 323-332.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, São Paulo, Revista do Centro de Estudos da Migração, São Paulo, número especial, 21 p., jan. 2000.

SAID, Edward. *Reflections on Exile and Other Essays*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1994.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, p. 9-26, 1978.

SANTIAGO, Silviano. Porque e para que viaja o Europeu?. In: *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco. 2002, p. 221-240.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

SANTIAGO, Silviano. Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre. IN: CHIARELLI, Stefania e OLIVEIRA NETO, Godofredo (Orgs.). *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7letras, 2016, p. 15-32.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um mundo sem fronteiras? In: *Outras Palavras*. 09/05/2019. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/boaventura-um-mundo-sem-fronteiras/>>. Último acesso: 28/08/2019 18:47.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. São Paulo: Edusp, 2008 [1988].

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SANTOS, Tatiana Sena. *A república consignada: literatura e comunidade no Brasil*. Tese de Doutorado ao Pós-Lit da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AJLGZX>>. Último acesso: 28/09/2019 15:43.

SASSEN, Saskia. The Global City. In: NUGENT, David, VINCENT, Joan (Ed.). *A Companion to the Anthropology of Politics*. Blackwell, 2004, p. 168-178.

SCHILLER, Nina Glick. Transnationality. In: NUGENT, David; VINCENT, Joan. *A Companion to the Anthropology of Politics*. Blackwell, 2004, p. 448-467.

SCHIPPER, Mineke. One Bangle Does Not Jingle: Cultures, Literatures, and Migration in a Globalizing World. In: PONZANEZI, Sandra; MEROLLA, Daniela (Eds.), *Migrant Cartographies: new cultural and literary spaces in post-colonial Europe*. Lexington Books, Lanham and Oxford, 2005, p. 111-121.

SCHMIDT, Rita T. Escrevendo gênero, reescrevendo a nação: da teoria, da resistência, da brasilidade. In: DUARTE, Constância et alli (Orgs.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, v. 1, 2002, p. 32-44.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHWANTES, Cíntia. Narrativas de formação contemporânea: uma questão de gênero. In: DALCASTAGNÈ, Regina & LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (orgs.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2010. p. 105-113.

SCHWARZ, Roberto. Ideias Fora do Lugar. In: *Ao Vencedor as Batatas*. Forma Literária e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1981, p. 13-28.

SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Tradução: Gláucia Renate Gonçalves e Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TONUS, Leonardo. A poética de um expatriado. (Entrevista concedida a) Márwio Câmara. In: *Rascunho*. Edição Online, Edição 225, Janeiro de 2019. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/a-poetica-de-um-expatriado/>>. Último Acesso: 11/03/2019.

TORRES, Sonia. *Nosotros in USA: literatura, etnografia e geografias de resistência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

VAN ROMPAY-BARTELS, Ingrid. *Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo: Famílias nipo-brasileiras e as experiências de vida entre o Brasil e o Japão*. Tese de Doutorado. Latin-American Studies, Institute for History, Faculty of Humanities, Leiden University, 2015. Disponível em: <<https://openaccess.leidenuniv.nl/handle/1887/32077>>. Último acesso: 25/07/2019.

VIEIRA, Else. R. P. Introdução. A literatura da diáspora brasileira: lócus institucional e percursos editoriais dos escritores. In: VIEIRA, Else. R. P. (Org). *Escritores da diáspora brasileira: ações editoriais e processos de alteridade*. Belo Horizonte: Mazza Editores. 2015, p. 19-40.

VIEIRA, Carlos Henrique. Deslocamentos e desterritorialização em duas narrativas contemporâneas. *Mafuá*. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 21, s.p., 2014. Disponível em: <<https://mafua.ufsc.br/2013/deslocamentos-e-desterritorializacao-em-duas-narrativas-contemporaneas/>>. Último Acesso: 11/03/2019.

VIEIRA, Nelson. Fora do Brasil – globalização e deslocamento na literatura brasileira contemporânea: migração transnacional e luto cultural. IN. CHIARELLI, Stefania e OLIVEIRA NETO, Godofredo (Orgs.). *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7letras, 2016, p. 48-63

WALTER, Roland. Mobilidade Cultural: o (não-)lugar na encruzilhada transnacional e transcultural. In: *Interfaces Brasil/Canada*. V. 8, n. 1. Fundação Universidade Federal do Rio Grande; ABECAN - Associação Brasileira de Estudos Canadenses. Rio Grande: FURG/ABECAN, p. 37-56, 2008.

WEIWEI, Ai. *Human Flow*. Amazon Studios, 2017. Disponível em: <<https://www.humanflow.com/>>. Último acesso: 17/11/2018.

XAVIER, Elódia. A representação da família no banco dos réus. In: *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 1, n. 1, p. 7-20, 2006. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/download/1013/874>>. Último acesso: 01/03/2020.

YEGENOGLU, Meyda. From Guest Worker to hybrid immigrant: Changing themes of German-Turkish Literature. In: PONZANEZI, Sandra; MEROLLA, Daniela (Eds.), *Migrant Cartographies: new cultural and literary spaces in post-colonial Europe*. Lexington Books, Lanham and Oxford, 2005, p. 137-150.

ZACHI, Vanderlei; ALMEIDA, Sandra. Prefácio – Cantar a nação, encenar a teoria crítica. In: SPIVAK, Gayatri; BUTLER, Judith. *Quem canta o Estado-nação?: língua, política, pertencimento*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 2007, p. 5-14.

Outras referências

AGÊNCIARIFF. Adriana Lisboa é autora da agência Riff. *Agência Riff*. 4 jul. 2011. Disponível em: <<http://agenciariff.com.br/site/noticiaentrevista/ShowNoticia/70>>. Acesso em: 17 jul. 2019. FOREBEARS. Disponível em: <<http://forebears.io/>>. Último acesso: 08/08/2019

EL PAÍS. Os Muros do Mundo: 21 fronteiras históricas. Edição online de 27/02/2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/27/album/1488207932_438823.html>. Último Acesso, 25/02/2017.

FNLIJ. Livros premiados 2006, produção 2005. Disponível em: <<https://www.fnlij.org.br/site/premio-fnlij/livros-premiados/item/151-pr%C3%AAmio-fnlij-2006-produ%C3%A7%C3%A3o-2005.html>>. Último acesso: 07/03/2020 15:50.

JOSESARAMAGO. *Aberto período de candidatura para o prêmio José Saramago 2019*. Disponível em: <<https://www.josesaramago.org/aberto-periodo-de-candidatura-para-o-premio-literario-jose-saramago-2019/>>. Último Acesso, 25/02/2017.

UNHCR – The UN Refugee Agency. *Figures at a Glance: Statistical Yearbooks*. ONU, 2019. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html>>. Último acesso: 25/07/2019.

Referências: Fortuna Crítica sobre Adriana Lisboa

ARMONY, Adriana. O estranho e a concha: espaços do exílio em Adriana Lisboa. *Letrônica: Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*. Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 316-326, jul-set 2018. Disponível em: <<http://revistas.eletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/>>. Último acesso em: 13/03/2020, 15:39.

ARRUDA, Ramon Limeira Cavalcanti de. "*A cicatriz da passagem*": luto e viagem em Rakushisha, de Adriana Lisboa. 2018.. Dissertação de Mestrado em Literatura — Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/33745>>. Último acesso: 24/03/2020 15:16

AZEVEDO, Luciene. Estratégias para enfrentar o presente: a performance, o segredo e a memória. 2004. Tese de doutoramento (Literatura comparada) – Instituto de Letras, UERJ, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/read/12798805/a-performace-o-segredo-e-a-memoria-grupo-de-estudos-em->>. Último acesso: 24/03/2020 15:52

BARRETO, Luiza. *Narrativas migrantes: deslocamentos em Azul-corvo*, de Adriana Lisboa e *Terra estrangeira*, de Walter Salles. Dissertação de Mestrado em Letras/Português-Literaturas. Instituto de Letras - Universidade Federal Fluminense: RJ, 2017. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/3794/1/1.%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20LUIZA%20Vers%C3%A3o%20final.pdf>>. Último acesso: 11/04/2020, 10: 43.

BERND, Zilá, SOARES, Tanira. Modos de transmissão intergeracional em romances da literatura brasileira atual. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 18, n. 3, p. 405-421, set-dez, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2016000300405&script=sciabstract&tlng=pt>>. Último acesso: 07/03/2020 15:43

BRANDELLERO, Sara. Family secrets and national trauma in the work of Adriana Lisboa. *Journal of Iberian and Latin American Studies*, vol. 14, n. 2-3, p. 133-140, 2008. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14701840802544017>>. Último acesso: 24/03/2020 10:12

BRUNO, Neila Brasil. A recepção crítica da obra de Adriana Lisboa. *Revista Investigações*, Recife, v. 32, n. 1, p. 300-318, julho 2019a. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/download/240809/33352>>. Último acesso: 26/02/2020, 15:30.

BRUNO, Neila Brasil. *Profissão Escritor: A trajetória literária de Adriana Lisboa* (um estudo de caso). Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019b. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/31532/1/TESE%20-%20NEILA%20BRASIL%20BRUNO%20-%20PPGLITCULT%202019.pdf>>. Último acesso: 19/03/2020, 15:37.

BRUNO, Neila Brasil. A Internacionalização da Carreira de Adriana Lisboa: Aspectos e Impactos no Processo de Profissionalização. Congresso Internacional da ABRALIC, anais do Congresso, p. 1525-1533, 2018. Disponível em:

<http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547559798.pdf>. Último acesso: 19/03/2020, 15:41.

BRAUCKS, Noraci. A diáspora interamericana em *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa. Dissertação de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD): Dourados, MS: 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1550/1/NoraciCristianeMichelBraucks.pdf>>. Último acesso: 14/03/2020, 15:52.

BRAUKS, Noraci e BARZOTTO, Leoné. Uma narrativa contra o esquecimento: a história da Guerrilha do Araguaia (1972-1975) em *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa. In: *Revista Memorare*, v. 1, n. 2, p. 142-156, abr. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.19177/memorare.v1e22014142-156>>. Último acesso em: 26 mar. 2018.

BRAUCKS, Noraci e BARZOTTO, Leoné. Romance e poesia em *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa. *Estação Literária*, Londrina, v. 14, p.121-134, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/seer/index.php/estacaoliteraria/article/view/25891>>. Último acesso: 02/03/2020, 15:45

CAIXETA, Sheila C. Memória e identidade em narrativas de migrantes: *A chave de casa* de Tatiana Salem Levy e *Azul-corvo* de Adriana Lisboa. *Anais do SILEL*, Uberlândia: EDUFU, Vol. 3, n. 1, p. 1-5, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_921.pdf>. Último acesso: 04/03/2020, 16:03.

CAIXETA, Sheila C. Memória e identidade em narrativas de migrantes: *A chave de casa* de Tatiana Salem Levy e *Azul-corvo* de Adriana Lisboa. Dissertação de Mestrado: Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/16118>>. Último acesso: 04/03/2020, 17:03.

CASTRO, E. C. A memória, seus fios e tramas: dois livros de Adriana Lisboa – *Os fios da memória* e *Azul corvo*. *Cerrados*, v. 20, n. 31, p. 157-168, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26054/22873>>. Último acesso: 28/03/2020 16:12.

COQUEIRO, W. S. A representação da identidade feminina no mundo globalizado do século XXI: uma leitura de *Azul corvo* de Adriana Lisboa. *Todas as musas*, ano 4, n. 2, p. 145-153, jan-jun, 2013. Disponível em: <https://www.todasasmusas.com.br/08Wilma_Santos.pdf>. Último acesso: 17/04/2020 10:46.

COSTA, Ana Amélia G.. *Novos territórios da escritura: reflexões sobre exotismo e identidade* em Amélie Nothomb e Adriana Lisboa. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

COSTA, Ana Amélia. G. *Rakushisha: Heterotopias, não-lugares e silêncio*. *Letrônica*, Vol. 7, nº 1, p. 351-365, jan./jun., 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrio.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/16656/11666>>. Último acesso, 20/03/2020, 18:18.

CURY, Maria Zilda. Cartografias literárias: *Tsubame*, de Aki Shimazaki e *Rakushisha*, de Adriana Lisboa. *Interfaces Brasil/Canadá* - Revista Brasileira de Estudos Canadenses,

Vol. 12, n. 1, p. 17-34, 2012a. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/7201>>. Último Acesso: 01/03/2020 16:22.

DALCASTAGNÈ, R. Deslocamentos urbanos na literatura brasileira contemporânea. *Brasiliana: Journal of Brazilian Studies*, v. 3, n. 1, p. 31-47, 2014. Disponível em: <<https://tidsskrift.dk/bras/article/download/17592/15497>>. Último acesso: 17/04/2020 10:48.

DIAS, João Paulo M. Costurando os retalhos: Um beijo de colombina, de Adriana Lisboa. In: *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea 3*. UFRJ, Editora Torre, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/17167>>. Último acesso: 17/03/2020 17:56.

DUTRA, Paula Queiroz. *Entre a dor e o silêncio: a violência contra a mulher em romances contemporâneos*. Tese de Doutorado em Literatura – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/35677>>. Último acesso: 25/03/2020 15:19

FASCINA, Diego e COQUEIRO, Wilma. Os deslocamentos identitários em Hanói, de Adriana Lisboa. *Kaliope*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, v. 12 n. 23, p. 123-136, 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/kaliope/article/view/31349>>. Último Acesso: 11/03/2020, 16:21.

FÉLIX, Regina R.. Tom, volume e arranjo no chiaroscuro da memória: *Sinfonia em branco*, de Adriana Lisboa. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. n. 37, p. 93-103, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n37/2316-4018-elbc-37-93.pdf>>. Último acesso em: 27/03/2020.

FERREIRA, Geniane . A representação da personagem feminina em "Azul Corvo", de Adriana Lisboa. *Revista Espaço Acadêmico*, Universidade Est. de Maringá, Paraná, n. 208, ano XVIII, p. 32-40, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/43056/751375138286>>. Último Acesso: 28/02/2020, 15:40.

HARRISON, Marguerite Itamar. Spheres of Simultaneity in Adriana Lisboa's Novel *Hanói*. In: *Brasil/Brazil*. UFRGS, vol. 32, nº 60, p. 75-88, 2019. <<https://www.seer.ufrgs.br/brasilbrazil/article/download/99321/55577>>. Último Acesso: 28/03/2020, 15:30.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. O Romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários: (2010-2014), *Estudos de literatura brasileira contemporânea, Brasília*, n. 50, p. 424-443, jan./abr., 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n50/2316-4018-elbc-50-00424.pdf>>. Último acesso em: 11/08/2019.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. 25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 24, p. 176-181, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/view/article/2161>>. Último Acesso em: 12/08/2019.

LEAL, Virgínia. *As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero*. Tese de Doutorado: Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2008. <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/3569>>. Último acesso: 20/03/2020, 19:20.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. O gênero em construção nos romances de cinco escritoras brasileiras contemporâneas. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (org.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

LOPES, Denílson. *A delicadeza: estética, experiência e paisagens*. Brasília: Ed. UNB, 2007.

MATA, Anderson. Como vai a família? As reconfigurações da instituição familiar no imaginário do romance brasileiro contemporâneo. In: *Iberic@l Revue d'études ibériques et ibéroaméricaines*, nº 2. Paris: Univ. Paris-Sorbonne, Paris IV, p. 77-86, 2012. Disponível em: <<http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-09.pdf>>. Último acesso: 15/03/2020, 17:09.

MCNEE, Malcolm, Adriana Lisboa and the Delicate Task of Mourning. *Metamorphoses*, v. 24, n 1-2, p. 181-187, Spring & Fall 2016.

NASCIMENTO, Lyslei. Arguição da Banca de defesa da Tese: *Em Busca de um Lugar*. 21/08/2020

NEVES, Júlia B.. Um sentido para o fim: espaços migratórios e melancolia em *Hanói*, de Adriana Lisboa. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Universidade de Brasília: Brasília, n. 45, p. 139-157, jan-jun, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3231/323138448009.pdf>>. Último acesso: 09/03/2020, 14:41.

OLIVEIRA, Marcus Rodolfo Bringel de. A metonímia do pertencimento em Adriana Lisboa: identidade nacional e familiar em *Azul-corvo*, *Rakushisha* e *Hanói*. Mestrado em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas - Instituto de Letras da Universidade de Brasília: UNB: Brasília. 2016. Disponível em: <[http://repositorio.se.df.gov.br/bitstream/123456789/768/1/2016_MarcusRodolfoBringe de Oliveira.pdf](http://repositorio.se.df.gov.br/bitstream/123456789/768/1/2016_MarcusRodolfoBringe%20de%20Oliveira.pdf)>. Último acesso: 26/02/2020, 15:30.

PAJOLLA, Alessandra, e TONUS, Leonardo. A resignificação do “viver-junto”: a idiorritmia em *Azul-Corvo* (2010), de Adriana Lisboa. *Revista Língua & Literatura*, n. 17, n. 29, p. 35-46, 2015. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/2398>>. Último acesso: 18/03/2018,

PINHEIRO, Samuel e D'ANGELO, Biagio . As coisas como caquis caídos: a poética do haicai e a filosofia de Keiji Nishitani em *Rakushisha*, de Adriana Lisboa. *Revista Cerrados*, n. 44, ano 26, p. 113-129, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/download/13700/12023>>. Último Acesso: 17/03/2020.

PIRES, Maria Isabel Edom. Em viagem: sobre outras paisagens e movimentos no romance contemporâneo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 44, p. 389-403, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n44/a19n44.pdf>>. Último Acesso: 09/03/2020 15:36.

REIS, Marina. Identidade e pertencimento em *Azul-Corvo* de Adriana Lisboa. Examensarbete, Institutionen för spanska, portugisiska och latinamerikastudier, Stockholms Universitet: Stockholms, 2015. Disponível em: <<https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:848981/FULLTEXT01.pdf>>. Último acesso: 05/03/2020 16:26

RIBEIRO, Renata R. “A realidade obedecia a uma outra escala”: Realismo Afetivo em *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa. *Revista Alea*. Estudos Neolatinos, Rio de Janeiro, Vol. 21, nº 1, p. 111-133, jan-abr 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2019000100111&script=sci_abstract&tlng=es>. Último acesso: 03/03/2020, 16:05.

SANTOS, Leonardo. *Figurações da morte em Azul-Corvo e Hanói de Adriana Lisboa*. Dissertação de Mestrado: Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense: Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/3018/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Leonardo%20Pereira%20dos%20Santos.pdf>>. Último acesso: 12/03/2020, 15:39

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Mirian Cardoso da. De nômades e exilados: (re)construção de identidades em *Rakushisha* e *Hanói*, de Adriana Lisboa. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós Graduação em Letras) - Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/mcsilva.pdf>>. Último acesso: 26/02/ 2020, 15:38.

SILVA, Mirian Cardoso, e ZOLIN, Lúcia Osana. Entre fragmentações identitárias e estruturais: o romance contemporâneo de Adriana Lisboa. *Veredas*: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 30, p. 147–160, jul./dez. 2018: Disponível em: <<https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/557>>. Último acesso: 27/02/ 2020, 15:38.

SOARES, Tanira. *Tessituras da memória*: lembrar, narrar e ressignificar. Doutorado em Memória Social e Bens Culturais Universidade La Salle, Canoas, RS, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1253/1/trsoares.pdf>>. Último acesso: 07/03/2020 15:51.

TOMASINI, Julia. Literatura brasileira em espanhol: novos caminhos da tradução. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa. Fundação Biblioteca Nacional – MinC, 2013. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/producao/documentos/literaturabrasileira-espanhol-novos-caminhos-traducao>>. Acesso em: 17/03/2020 15:01.

VALÉRIO, Alessandra e SILVA, Regina. Das raízes viajantes ao nomadismo imobilizador: escalas da mobilidade humana na literatura brasileira contemporânea. *Revista Língua & Literatura*, V. 15, n. 24, p. 101-122, 2013. Disponível em:

<<http://www.revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/download/850/1560>>. Último Acesso: 18/03/2020 15:04.

VEJMELKA, Marcel. *Viagens e leituras japonesas em Rakushisha, de Adriana Lisboa. Brasiliana – Journal for Brazilian Studies*. Vol. 3, n.1, p. 313-334. Jul. 2012. Disponível em: <<https://tidsskrift.dk/bras/article/download/16742/15485>>. Último Acesso: 18/03/2020 15:04.

VIDAL, Paloma. De baratas, moluscos e peixes. Sobre *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa. In: CHIARELLI, Stefania; DEALTRY, Giovanna; VIDAL, Paloma (org.) *O futuro pelo retrovisor: inquietudes da literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 350-357.

ZOLIN, Lúcia Osana. Estratégias de subjetificação na ficção contemporânea de mulheres: exílio, migração, errância e outros deslocamentos. *Acta Scientiarum: Language and Culture*. Universidade Estadual de Maringá (UEM): Maringá, v. 40, n. 2, p. 1-9. Jul-Dec, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/download/41656/pdf>>. Último acesso em: 17/03/2020, 16:03

ANEXOS

Anexo A: Referências de Entrevistas de Adriana Lisboa

LISBOA, Adriana. Adriana Lisboa. [Entrevista concedida a] Ana Sousa Dias. *RTP Arquivos*. Lisboa, 27 dez. 2003b. (48m07s). Disponível em: <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/adriana-lisboa/>>. Acesso em: 21/04/2020.

LISBOA, Adriana. Adriana Lisboa: Entre mundos distantes. [Entrevista concedida a] Rogério Miranzelo. *O Tempo Magazine*. 28 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/diversão/magazine/entre-mundos-distantes-1.279119>>. Último acesso em: 21 ago. 2019.

LISBOA, Adriana. Adriana Lisboa. [Entrevista concedida a] Suzana Uchôa Itiberê. *Isto é Gente*, n. 580, 25/08/2010, 2010b. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/istoegente/edições/580/artigo189292-1.htm>>. Último Acesso em 16/03/2020, 16:36.

LISBOA, Adriana. Ficção de Adriana Lisboa lança um olhar estrangeiro sobre o mundo. [Entrevista concedida a] Luciano Trigo, em 27 de outubro de 2010, 2010c. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2010/09/27/897/>>. Último acesso em: 21/04/2020 as 16:36.

LISBOA, Adriana. Adriana Lisboa. [Entrevista concedida a] Christian Schwartz, editada por Luíz Henrique Pellanda. *Paio! Literário. Jornal Rascunho*, Curitiba, n. 217, nov. 2011b. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/adriana-lisboa/>>. Último acesso: 16/03/2020, 17:01.

LISBOA, Adriana. Entrevista com Adriana Lisboa. [Entrevista concedida a] Amanda Mendes Casal. *Belas Infêis*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 213-220, 2013a. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/9554>>. Último acesso: 16/03/2020, 17:21.

LISBOA, Adriana. *Silêncios que falam*. [Entrevista concedida a] Miguel Pestana. 21 jan. 2013 [2013b]. Disponível em: <<http://silenciosquefalam.blogspot.com.br/2013./01/entrevista-escritorabrasileiraadriana.html>>. Último acesso: 05/11/2019.

LISBOA, Adriana. “No fundo estamos todos lidando com o tempo que nos resta”. *Diário Regional*. [Entrevista concedida a] Fernando de Oliveira depoimento [30 de junho, 2013].

LISBOA, Adriana. “Tem alguma coisa de oriental na minha forma de pensar”: depoimento. [Entrevista concedida a] Hélder Beja. *Ponto Final*. Macau, 27 de setembro, 2013. Disponível em: <<https://pontofinalmacau.wordpress.com/2013/09/27/tem-alguma-coisa-oriental-na-minha-forma-de-pensar/>>. Último acesso: 21/04/2020.

LISBOA, Adriana. Entrevista. *Tag blog*. 27 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.taglivros.com/blog/entrevista-adriana-lisboa-existo-existo-existo-tag-livros/>>. Acesso em: 04 jan. 2019

LISBOA, Adriana. Escrita poética de Adriana Lisboa coloca dois novos livros na praça.[Entrevista concedida a] Guilherme Sobota, *O Estado de São Paulo*. 20/08/2019. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,escrita-poetica-de->

adriana-lisboa-coloca-dois-novos-livros-na-praca,70002974196>. Último acesso:
20/03/2020 19:25

Anexo B: Referências - Resenhas críticas não-especializadas, blogs e apresentações

CIMENTI, Jaime. O romance de Adriana Lisboa sobre pertencimento. 22/10/2020. Disponível em: <<https://www.jornaldocomercio.com/site/noticia.php?codn=44209>>. Último acesso: 23/04/2020 10:00

COSTA, Sara Figueiredo. *Azul corvo* de Adriana Lisboa. Crítica. Revista *Time Out*. Disponível em: <<https://www.portoeditora.pt/espacoprofessor/livraria-do-professor/ficha-do-produto/azul-corvo?id=12944935>>. Último acesso em: 10/04/2020, 10:08.

COSTA, Vilma. O elogio do encontro. *Rascunho*, nº 161, edição: agosto 2013. Disponível em: <rascunho.com.br/o-elogio-do-encontro/>. Último acesso em: 23/04/2020 09:56.

LEONES, André de. *Hanoi*. In: *André de Leones*, 24/7/2018. Disponível em: <andredeleones.com.br/2018/07/24/hanoi/>. Último Acesso: 23/04/2020 15:54.

LIMA, Eliana F. C. O Metadiscorso de Adriana Lisboa: Literatura já. *Literatura em vida*. 15/08/2010. Disponível em: <<http://literaturaemvida2.blogspot.com/2010/08/o-metadiscorso-de-adriana-lisboa.html>>. Último Acesso: 23/04/2020 15:54.

LOPES, Carlos Herculano. A ficção instigante de uma bela romancista. *Jornal Estado de Minas*, 10 mar. 2004. Disponível em: <http://www.adrianalisboa.com.br/resenha_aficcaoinstigantedeumabelaromancista.html>. Último Acesso: 22/04/2020 15:23.

MACIEL, Nahima. *Azul corvo* narra o encontro de uma adolescente e um ex-guerrilheiro nos EUA, 2010. *Correio Brasiliense*. Brasília, 31/10/2010. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/10/31/interna_diversao_arte,220736/azul-corvo-narra-o-encontro-de-uma-adolescente-e-um-ex-guerrilheiro-nos-eua.shtml>. Último acesso em: 11/04/2020

MOUTINHO, Marcelo. “Um beijo de colombina: a beleza triste de um quase nada perdido na memória”. *Jornal do Brasil*, 21 abr. 2004. Disponível em <<http://www.marcelomoutinho.com.br/resenhas/2007/04/umbeijodecolombina.php>>. Último acesso em: 13/04/2020

PINTO, Manuel de Costa. “Afogamento às avessas”. Folha de S. Paulo, 20 mar. 2003. Disponível em <<http://www.adrianalisboa.com.br/resenha/afogamentoasavessas.html>>. Último acesso em: 12/04/2020

RIBEIRO, Fábio G. *Sinfonia em branco*, de Adriana Lisboa. *Blog da Boutique*, 9 out. 2013. Disponível em: <blogdaboutique.blogspot.com/2013/10/sinfonia-em-brancode-adriana-lisboa.html>. Acesso em: 11 jul. 2018.

SÁ, Sergio de. Delicadeza de Adriana Lisboa nas narrativas curtas de *Caligrafias*. In: O Globo, Prosa & Verso, 24.12.2004.